RENATA BEATRIZ B. ROLON

No fundo do mato virgem nasceu uma literatura: história e análise de obras
direcionadas para crianças e jovens em Mato Grosso

**SÃO PAULO
2014**

RENATA BEATRIZ B. ROLON

**No fundo do mato virgem nasceu uma literatura: história e análise de
obras direcionadas para crianças e jovens em Mato Grosso**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria dos Prazeres Santos Mendes.

**SÃO PAULO
2014**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria dos Prazeres Santos Mendes. (USP)

Profa. Dra. Yasmin Jamil Nadaf. (FAPEMAT)

Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha. (USP)

Profa. Dra. Marinei Almeida. (UNEMAT)

Profa. Dra. Fabiana Buitor Carelli. (USP)

A meu pai (*in memoriam*), por ter me ensinado a cuidar da família.

À minha mãe, pelo seu amor e companheirismo.

Ao João Paulo, meu filho amado.

AGRADECIMENTOS

Ao Isaac Ramos, meu companheiro e interlocutor por excelência e com quem aprendi a ler e ver poesia.

À Professora Doutora Maria dos Prazeres Santos Mendes, minha orientadora, por sua generosidade em aceitar conhecer os aspectos de uma cultura, de uma arte literária diferentes daquelas que lhes eram mais próximas.

À Yasmin Nadaf, pela generosidade intelectual, orientação e disposição sem limites.

À Fabiana Buitor Carelli, pela leitura minuciosa e discussões esclarecedoras.

À Maria Zilda da Cunha, querida professora, por tecer e apresentar-me novas trilhas literárias.

À Marinei Almeida, pelas conversas e trocas.

Aos colegas de trabalho e alunos dos cursos de Letras da Escola Superior Batista do Amazonas e da Universidade Federal do Amazonas.

À Maristela Guimarães, pela amizade e dedicada correção textual.

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que lhe agradeço é sua fineza de atenção.

João Guimarães Rosa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo I

FIGURA 1	Capa e folha de explicação da Revista <i>Leituras Católicas</i> . Comédia “Caduquices de Avó” e a primeira parte de “O castelo de Lisle”	40
FIGURA 2	Capa e folha de apresentação da Revista <i>Leituras Católicas</i> com a publicação do drama “O Sinal Misterioso”	44
FIGURA 3	Capa da comédia “Educação Moderna	47
FIGURA 4	Capa e folha de apresentação do drama “O Último Pelotão”	49
FIGURA 5	Primeira página do jornal <i>A Juventude</i>	58
FIGURA 6	Página do Jornal <i>A juventude</i> . “Seccão infantil”	63
FIGURA 7	Primeira página e página interna do jornal <i>A Juventude</i> . Colunas “Anjinhos” e Charadas novíssimas	64
FIGURA 8	Página interna do jornal <i>A Juventude</i> . Editoriais sobre fatos históricos regionais e nacionais	65
FIGURA 9	Primeira página e página interna do jornal <i>O Pequeno Mensageiro</i> . Nomes dos alunos e seus respectivos desempenhos ao final do bimestre	68
FIGURA 10	Página com jornal alertando sobre os perigos da leitura	69
FIGURA 11	Páginas internas dos jornais <i>O Pequeno Mensageiro</i> : conto “Sono eterno” e de <i>O Liceu</i> , para o conto “Os dois meninos”	71

Capítulo II

FIGURA 12	Capa e contra capa de <i>Isso é coisa de Pirata!</i> , de Wander Antunes. Registros do apoio e patrocínio recebidos	91
FIGURA 13	Ilustrações de Wander Antunes para <i>Isso é coisa de Pirata!</i>	93
FIGURA 14	Capa e contra capa de <i>Ele era de outro mundo</i> , de Lucinda Persona. Primeiro livro da autora direcionado ao público infantil	94
FIGURA 15	Ilustrações de Wander Antunes para <i>Ele era do outro mundo</i>	95
FIGURA 16	Capa e contra capa da segunda versão de <i>A fábula do Quase Frito</i> , de Ivens Scaff	97
FIGURA 17	Ilustrações de Wander Antunes para <i>A fábula do Quase Frito</i>	98
FIGURA 18	Capa e contra capa de <i>O papagaio besteirento e velha cabulosa</i> . Apoio e patrocínio recebidos	100
FIGURA 19	Ilustrações de Wander Antunes para <i>O papagaio besteirento e a velha cabulosa</i>	101
FIGURA 20	Capa do livro <i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	102

FIGURA 21	Ilustrações das páginas do livro <i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	103
FIGURA 22	Capa do livro <i>Aventuras de Mundinho, o quati curioso</i>	108
FIGURA 23	Capa do livro <i>Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural</i>	109
FIGURA 24	Capa da revista <i>Menina pantanal e a galerinha ecológica</i>	110
FIGURA 25	Capa do livro <i>Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar</i> . Na contra capa destaque para nomes dos patrocinadores	112
FIGURA 26	Capa e contra capa do livro <i>Conferência no Cerrado</i> , com o registro para os fomentos recebidos	114
FIGURA 27	Ilustração de Ricardo Leite para <i>Conferência no Cerrado</i>	115
FIGURA 28	Capa do livro de poemas <i>Arco-íris</i>	116
FIGURA 29	Ilustrações do livro de poemas <i>Arco-íris</i>	117
FIGURA 30	Capa do livro <i>Bugrinho, que menino é esse?</i> Na capa consta o nome do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso	120
FIGURA 31	Ilustrações de Marcelo Velasco para <i>Bugrinho, que menino é esse?</i>	121
FIGURA 32	Capa e contracapa de <i>O homem que sujou o céu</i> . Nome da Secretaria Estadual de Cultura, indicando o incentivo recebido	123
FIGURA 33	Ilustrações de Bendito Nunes para <i>O homem que sujou o céu</i>	124
FIGURA 34	Capas da 1ª e da 2ª edição de <i>Uma maneira simples de voar</i>	127
FIGURA 35	Ilustração de Marcelo Velasco para a 2ª edição de <i>Uma maneira simples de voar</i>	128
FIGURA 36	Capa e contracapa de <i>O menino órfão e o menino rei</i> . Secretaria Estadual de Cultura patrocinou 35% da publicação	129
FIGURA 37	Foto-ilustração das páginas de <i>O menino órfão e o menino rei</i>	131
FIGURA 38	Capa do livro <i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i> . Nome da empresa que patrocinou a publicação	132
FIGURA 39	Ilustrações das páginas de <i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	133
FIGURA 40	Ilustração das páginas de <i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	134
FIGURA 41	Capa e contra capa de <i>Candimba</i> . Registro dos recursos da Lei Municipal de Incentivo à cultura de Cuiabá	136
FIGURA 42	Ilustração das páginas de <i>Candimba</i>	137
FIGURA 43	Ilustração das páginas de <i>Candimba</i>	138

FIGURA 44	Ilustrações de <i>Candimba</i>	138
FIGURA 45	Ilustração de <i>Candimba</i>	139
FIGURA 46	Capa da 3ª edição do livro <i>A árvore que chorou</i>	145
FIGURA 47	Ilustrações das páginas da 3ª edição de <i>A árvore que chorou</i>	146
FIGURA 48	Capa da 2ª edição do livro <i>Agadoisó</i>	148
FIGURA 49	Ilustrações das páginas da 2ª edição de <i>Agadoisó</i>	149

Capítulo III

FIGURA 50	Capa do livro <i>Uma aventura em Mato Grosso</i> , o primeiro direcionado a crianças e jovens no Estado	161
FIGURA 51	Ilustrações presentes no livro <i>Uma aventura em Mato Grosso</i> . No canto das páginas, assinatura da ilustradora	164
FIGURA 52	Ilustrações presentes no livro <i>Uma aventura em Mato Grosso</i> . No canto das páginas, assinatura da ilustradora	167
FIGURA 53	Capa do livro <i>As meninas e o sabiá</i>	176
FIGURA 54	Ilustrações do livro <i>As meninas e o sabiá</i>	179
FIGURA 55	Ilustração da última página e da contra capa. Na última, texto verbal narra o que está ilustrado na contracapa	184
FIGURA 56	Capa do livro <i>A cidade sem Sol</i>	197
FIGURA 57	Ilustrações do livro de <i>A cidade sem Sol</i>	198
FIGURA 58	Ilustração de <i>A cidade sem Sol</i>	208
FIGURA 59	Ilustração do livro. Capítulos “O acidente” e “O minhocão”	214
FIGURA 60	Capa da 2ª edição do livro <i>Uma maneira simples de voar</i>	216
FIGURA 61	Folha de guarda	217
FIGURA 62	Página do sumário do livro	218
FIGURA 63	<i>Ilustração do livro. Capítulo “O povo da água”</i>	223
FIGURA 64	<i>Ilustração do livro. Capítulo “O povo da água”</i>	224
FIGURA 65	Ilustração do livro. Capítulo “A palavra poderosa”.	227
FIGURA 66	Ilustração do Capítulo “Uma fita de cabelo e uma velha”.	229
FIGURA 67	Ilustração do livro. Capítulo “O velho que respondia”.	231
FIGURA 68	Ilustrações da obra. Capítulo “Estórias de Amis”.	233

RESUMO

Esta tese focaliza a formação do campo literário direcionado a crianças e jovens, em Mato Grosso e perfaz o surgimento de um cânone contemporâneo. Para isso, adotamos os estudos teóricos de Bordieu (1996, 2012) e Candido (2000). As implicações do postulado teórico desses críticos foram valiosas, a partir do momento que nos permitiu perceber a posição do autor literário e avaliar o valor e a pertinência de suas obras em determinadas configurações sociais. Primeiramente, apresentamos um estudo sobre a História da Literatura infanto-juvenil mato-grossense, a partir dos primeiros textos literários direcionados a esse público, publicados em periódicos como *A Juventude* (1916 a 1917), ou em jornais escolares como *O Pequeno Mensageiro* (1920) e *O Liceu* (1930), os quais foram responsáveis por ações e pela representação da criança dentro desse universo da escrita. Além disso, foram mapeadas mais de 70 obras infanto-juvenis para se chegar a um primeiro quadro de 26 (vinte e seis) publicadas por editoras em Mato Grosso. Levamos também em conta as obras de autores que publicaram fora do Estado como Antônio de Pádua e Silva e Aclyse de Mattos. Análises mais profundas foram feitas a partir do que consideramos marcos da produção local, a saber: Dunga Rodrigues, *Uma aventura em Mato Grosso* (1984); Maria da Graça Campos, *As meninas e o sabiá* (1987), primeiras obras da literatura infanto-juvenil mato-grossense após a divisão do Estado, e Lucinda Persona, *A cidade sem Sol* (2000) e Ivens Scaff, *Uma maneira simples de voar* (2006), representativos da produção contemporânea. Foram verificadas as tendências estéticas, os temas, as formas e os recursos visuais que moldaram essas obras, assim como a incidência dos níveis estéticos e utilitários. Suporte teórico fundamental, neste último capítulo, são os estudos de Mendes (1994), necessários para detectar os nossos parâmetros de análise. A conjunção da História e da Crítica literária, embasada nas análises de obras direcionadas ao público infanto-juvenil, é a força motriz deste estudo.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil mato-grossense. Campo literário. Utilitário. Estético. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This thesis is concerned with the formation of the literary field directly to children and young in Mato Grosso and, make up the beginning of a contemporary canon. With this view, we adopt the theoretical studies of Bordieu (1996, 2012) and Candido (2000). The implications of the theoretical postulate of these scientists were valuable which allowed us to recognize the position of literary author and estimate the value and relevance of their works in certain social settings. Foremost, we present a study about the History of Mato-grossense children's Literature, from the first literary texts directed to this audience, published by periodic like *A Juventude* (1916 to 1917) or in school newspaper like *O Pequeno Mensageiro* (1920) and *O Liceu* (1930), they were responsible for actions and for the representation of the child within this writing universe. Furthermore, were mapped more than 70 children and youth works to achieve to the first chart with 26 (twenty-six) printed by publishers in Mato Grosso. We also consider the works that their authors have published in other place out of state like Antônio de Pádua e Silva and Aclyse de Mattos. Deeper analysis were made from what we consider mark of the local production, videlicet: Dunga Rodrigues, *Uma aventura em Mato Grosso* (1984); Maria da Graça Campos, *As meninas e o sabiá* (1987), first works of the mato-grossense children's literature after the separation of the State and Lucinda Persona, *A cidade sem sol* (2000) and Ivens Scaff, *Uma maneira simples de voar* (2006), typical of contemporary production. The aesthetics trends, themes, forms and the visual features which shaped these works were verified, so well as the incidence of aesthetics levels and utilities in these productions. Fundamental theoretical support. In the last chapter, there are the studies of Mendes (1994), required to detect our analysis parameters. The conjunction of the History and the Book review, grounded in the analysis of works directed to children and youth, is the driving force of this study

Keywords: Children and youth literature from Mato Grosso. Literary fiel. Utilitarian. Aesthetic. Contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I CAPÍTULO: A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL MATO-GROSSENSE: OUTRA PARTE DA HISTÓRIA	20
1.1 Panorama dos primeiros registros	20
1.1.1 Panorama histórico das práticas culturais: livros, leitura e leitores	22
1.1.2 Nas redes culturais materializam-se as primeiras letras na Província	24
1.1.3 As instituições de ensino e o teatro em terras mato-grossenses	28
1.1.4 Os textos cênicos do Padre Raimundo Pombo: representação primeira da infância nas letras em Mato Grosso	37
1.1.4.1 “Caduquices de avô”	39
1.1.4.2 “O Sinal Misterioso”	44
1.1.4.3 “Educação Moderna”	46
1.1.4.4 “O Último Pelotão”	49
1.2 Por uma imprensa em Mato Grosso: a formação do leitor infanto-juvenil	53
1.2.1 <i>A Juventude</i>	58
1.2.2 Os jornais escolares em Mato Grosso	66
1.2.2.1 <i>O Pequeno Mensageiro e O Liceu</i>	68
1.3 No início da caminhada: primeiras constatações	74
II CAPÍTULO: PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DAS TRILHAS EDITORIAIS DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL EM MATO GROSSO	77
2.1. Nas trilhas editoriais: a produção de revistas e livros	77
2.2. As editoras voltam-se para o universo infantil	85
2.2.1 Editora Tempo Presente	89
2.2.1.1 <i>Isso é coisa de Pirata!</i>	91
2.2.1.2 <i>Ele era do outro mundo</i>	94

2.2.1.3	<i>A fábula do quase frito</i>	96
2.2.1.4	<i>O papagaio besteirento e a velha cabulosa</i>	99
2.2.1.5	<i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	101
2.2.1.6	<i>Um pouco das revistas</i>	104
2.2.2	Tanta Tinta Editora	107
2.2.2.1	<i>Coleção Mundinho</i>	107
2.2.2.2	<i>Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural</i>	109
2.2.2.3	<i>Menina Pantanal e a galerinha ecológica</i>	110
2.2.2.4	<i>Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar</i>	111
2.2.2.5	<i>Conferência no Cerrado</i>	113
2.2.2.6	<i>Arco-íris – Poemas infantis</i>	116
2.2.3	Entrelinhas Editora/ Central do Texto -Carrion & Carracedo Editores	118
2.2.3.1	<i>Bugrinho, que menino é esse?</i>	120
2.2.3.2	<i>O homem que sujou o céu</i>	122
2.2.3.4	<i>Uma maneira simples de voar</i>	126
2.2.3.5	<i>O menino órfão e o menino rei</i>	129
2.2.3.6	<i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	131
2.2.4	Unicen Publicações	135
2.2.2.4.1	<i>Candimba</i>	135
2.2.5	Editora Ideias	139
2.2.5.1	<i>Ideias que geram ideias: a produção de Robson Rocha</i>	140
2.2.5.2	<i>A árvore que chorou</i>	144
2.2.5.3	<i>Agadoisó</i>	147
2.2.6	Trilhas mapeadas: breves considerações	150
III	CAPÍTULO: NO FUNDO DO MATO VIRGEM NASCEU UMA LITERATURA	154
3.1	Percorrendo as trilhas desbravadas: horizontes éticos e estéticos	154
3.2	Nas múltiplas trilhas	157
3.3	De ponto em ponto cria-se um conto, entoa-se um canto	160
3.3.1	<i>Uma Aventura em Mato Grosso, de Dunga Rodrigues</i>	160
3.3.2	<i>As meninas e o sabiá, de Maria das Graças Campos</i>	175
3.3.3	<i>A literatura juvenil de Antônio de Pádua e Silva</i>	187
3.3.3.1	<i>Guerra no Pantanal</i>	188
3.3.3.2	<i>Selva e chuva</i>	189
3.3.3.3	<i>Na terra da confusão</i>	190

3.3.3.4 <i>O gato que amava Girl</i>	192
3.3.4 Aclyse de Matos	194
3.3.5 <i>A Cidade Sem Sol</i> , de Lucinda Nogueira Persona	195
3.3.5.1 Nas sendas do literário: encantamento e metalinguagem em <i>A Cidade sem Sol</i>	198
3.3.5.2 O Velho do Mar: e foi assim que aconteceu	207
3.3.5.3 No reino das águas claras: contar é preciso	210
3.3.6 <i>Uma maneira simples de voar</i> , de Ivens Cuiabano Scaff	212
3.3.6.1 A obra e a sua composição: diálogos com o imaginário	215
3.3.6.2 A descoberta do sítio: viagem por caminhos que se cruzam	222
3.3.6.3 O velho contador e a menina perguntadeira: nos caminhos da memória	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
REFERÊNCIAS	245
ANEXOS	254

INTRODUÇÃO

A literatura infantil e juvenil mato-grossense nos séculos XX e XXI é uma produção recém nascida na práxis historiográfica. O seu mapeamento revela-se uma atividade macro, exercício difícil, quando se trata de uma literatura criada à margem do cânone dos grandes centros, em searas críticas e literárias pouco ou quase nada exploradas.

Todavia, a motivação para desenvolver um trabalho que contribua com a escrita de mais um capítulo da História da Literatura Infanto-Juvenil Brasileira segue em frente. Não por meio de paixão por um dado autor ou pela região geográfica, mas por um grau de objetividade, pelo que sabemos, necessária a um crítico e/ou historiador. Nesse sentido, para um estudo mais efetivo do material literário, selecionamos um *corpus* e com ele estabelecemos alguns critérios.

A nossa pesquisa tem como um dos objetivos verificar como se estrutura a literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso e a formação do sistema literário local. Um dos critérios foi o de fazer um recorte elegendo um conjunto de obras, de autores e de produtores conscientes de que estão fazendo literatura para receptores ou destinatários específicos. Nesse sentido, tomamos a decisão de não incluir a literatura infanto-juvenil de Manoel de Barros nesse estudo. Entendemos que o poeta, mato-grossense de nascimento, desde seu primeiro livro voltado a esse público, *Exercícios de ser criança* (2000), já estava incluído nos manuais e estudos críticos sobre literatura infanto-juvenil brasileira. Essa obra fez parte do PNL (Plano Nacional de Leitura) do MEC, com uma altíssima tiragem. Seu outro livro intitulado *O fazedor de amanhecer* (2002) ganhou um Jabuti. Acrescenta-se a isso o fato de que toda a sua obra saiu por grandes editoras como Record, Salamandra e Leya. Por isso, de posse de todos esses dados entendemos que esse autor faz parte do cânone.

A partir da concepção de que a literatura comporta um complexo de atividades que se estende para além da obra, focalizamos nosso estudo em produções de autores que atuaram ou atuam na cena literária mato-grossense como personalidades sociais, produtores culturais ou que têm, de alguma forma, na sua atividade literária, estratégias de atuação e projetos estéticos-ideológicos para desenvolver a literatura direcionada ao

público infanto-juvenil. Para a feitura dessa parte da pesquisa adotamos os estudos teóricos de Pierre Bordieu (1996, 2012) e Antonio Candido (2000). As implicações do postulado teórico desses críticos foram valiosas, a partir do momento que nos permitiu perceber a posição do autor literário e avaliar o valor e pertinência de suas obras dentro de determinadas configurações sociais. Muito material artístico infanto-juvenil mapeado e posteriormente analisado atinge uma maturidade estética, o que não impede que questões econômicas e relações sociais, culturais e políticas, que formam o capital simbólico, continuem determinando a posição e a circulação do autor e da sua obra.

Quando pensamos na formação do sistema (CANDIDO, 2000), do campo literário (BOURDIEU, 1996) vemos a necessidade de rastrear a gênese e o desenvolvimento da literatura a qual será aludida, sem perder de vista os dados histórico-culturais e artísticos que, direta ou indiretamente, atuam ou atuaram em sua criação. No decorrer do percurso, recorreremos a extensa e variada pesquisa documental, a fim de localizar, reunir e analisar informações sobre as primeiras manifestações artísticas no Estado em que a figura da criança, as representações da infância, da mocidade se fazem presentes. Para tanto, foi necessário descobrir em que momento, na produção artística local, ocorreu o direcionamento para esse público. Várias veredas foram se evidenciando, algumas sequer vislumbradas no início de nossa pesquisa.

Na averiguação de todo o processo que envolve a literatura infanto-juvenil em Mato Grosso, observamos, a partir da década de 90, o surgimento de editoras que possuem em seus catálogos livros com esse direcionamento. Por ser uma literatura praticamente desconhecida do grande público, muitas vezes dentro do próprio Estado, optamos por apresentar as capas e algumas páginas com as ilustrações das obras selecionadas¹. Nosso objetivo não é o de fazer um estudo analítico sistemático das ilustrações, da sua convergência com o texto verbal, tampouco do papel do ilustrador na recepção do texto literário. A intenção é de se fazer um registro apontando os traços, as formas, os estilos e técnicas que comprovam a identidade visual presente nesses livros. Feitas essas ressalvas passamos à apresentação dos capítulos que compõem o nosso estudo.

O Capítulo I denominado “A Literatura infantil e juvenil no Brasil Mato-Grossense: outra parte da história” apresenta o panorama dos primeiros registros e o panorama histórico das práticas culturais, ressaltando o elo entre livros, leitura e leitores.

¹ A tarefa de escaneamento de todos os livros e textos cênicos apresentados nesse trabalho foi realizada por nós.

Foi nos jornais do início do século XX, em solo mato-grossense, que a imprensa publicou os primeiros textos literários direcionados ao público juvenil que ora se formava. Há subseções feitas para revelar o papel das instituições de ensino e o teatro em terras mato-grossenses. Nesse cenário destacamos os textos cênicos do Padre Raimundo Pombo, que trazem a representação primeira da infância nas letras em Mato Grosso. Nas peças “Caduquices de avô”, “O Sinal Misterioso”, “Educação Moderna” e “O Último Pelotão”, registramos a abordagem de assuntos e valores considerados interessantes e necessários para a formação dos jovens na escola, fator que tangencia a imagem do ser infantil. Outro ponto do fio de Ariadne que se desenrola nesse capítulo é a imprensa escolar em Mato Grosso, a qual contribui sobremaneira para a formação do leitor. Os jornais *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*, apresentados visualmente em meio a nossas análises, exercem um importante papel. Como suporte crítico-teórico recorremos, com mais frequência, aos estudos de Arroyo (2011), Coelho (2010), Magalhães (2001), Nadaf (2002), Póvoas (1994) e Silva (2010). O capítulo é finalizado com a apresentação das nossas primeiras constatações sobre esse percurso histórico que pretendeu rastrear a gênese da literatura infanto-juvenil em terras mato-grossenses.

O **Capítulo II**, intitulado “Panorama histórico-social das trilhas editoriais do livro infantil e juvenil em Mato Grosso”, mostra a produção de revistas e livros e como as editoras se voltam para o universo infantil. Conforme será verificado, construímos um quadro que resume a movimentação das editoras no Estado, bem como o registro do número de obras que receberam algum tipo de incentivo. Trata-se de um retrato incisivo, apresentado para situar o leitor nessa seara literária. Os exemplares analisados nesse capítulo e que compõem esse quadro foram catalogados e adquiridos por nós e datam de 1980 a 2012.

Apresentamos as publicações da Editora Tempo Presente e destacamos *Isso é coisa de Pirata!* (1996), *Ele era do outro mundo* (1997), *A fábula do Quase Frito* (1997), *O papagaio besteira e a velha cabulosa* (1999) e *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (1996). Da editora Tanta Tinta Editora ressaltamos os títulos *Aventuras de Mundinho – O quati curioso*, (2006), *Cuiabá: 2 novelas* (2006), *Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural* (2007), *Conferência no Cerrado* (2008), *Menina Pantanal e a galerinha ecológica* (2008), *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2010) e *Arco-íris – poemas infantis* (2010). Da Entrelinhas Editora/ Central do Texto -Carrion & Carracedo Editores registramos *Uma simples maneira de voar* (2006), *Bugrinho, que menino é esse?* (2008) *O menino órfão e o menino rei* (2008), *A*

mamãe das cavernas e a mamãe loba (2012) e *O homem que sujou o céu* (2012). Na sequência citamos a Unicen Publicações e dela o título infanto-juvenil *Candimba* (2002).

A última a ser abordada, mas não menos importante, é a Editora Ideias. Nadando na contramão da corrente, a Ideias, ainda que, sem possuir o Estado como mecenas, mostra-nos como tem superado os obstáculos e como tem buscado dar as suas edições direcionadas a crianças e jovens projetos gráficos cada vez mais modernos. Obedecendo ao nosso corte temporal, de 1980 a 2012, abordamos os contos *A árvore que chorou* e *Agadoisó*, ambos publicados em 2010.

Esse mesmo capítulo, que trouxe uma carga expressiva de informações, depois das trilhas mapeadas, apresenta breves considerações conclusivas a partir da catalogação dos livros editados e publicados por editoras mato-grossenses. Na construção do referido capítulo buscamos respaldo em importantes pesquisas como as de Almeida (2012), Lajolo e Zilberman (2002), Mello (2005), Mützenbergl (2006), Nadaf (1993), além das teorias de Candido (2000) e Bourdieu (1996, 2012). Um cuidadoso trabalho editorial, com traços artísticos bem elaborados aproxima a literatura infanto-juvenil desse Estado com a dos demais. É uma literatura que busca sua consolidação como produção artística e intelectual brasileira.

O **Capítulo III**, “No fundo do mato-virgem nasceu uma literatura”, percorre as trilhas desbravadas apresentando horizontes éticos e estéticos. Suporte teórico fundamental, no capítulo em questão, são os estudos de Mendes (1994), necessários para detectar os nossos parâmetros de análise.

Definidos os parâmetros críticos, nas múltiplas trilhas, são analisados primeiramente, os livros *Uma Aventura em Mato Grosso*, de Dunga Rodrigues e *As meninas e o sabiá*, de Maria da Graça Campos. Obras importantes, marcos no início da produção direcionada a crianças e jovens no Estado. Fechando esse momento da análise, apresentamos um quadro com um resumo dessas duas obras, revelando o seu potencial de interpretação para a produção do conhecimento histórico, assim como suas peculiaridades, modos e formas.

Ainda no citado capítulo, enfocamos que, passada a fase inicial da publicação do primeiro livro infantil-juvenil na década de 1980, pós-divisão de Mato Grosso, essa literatura se estabelece definitivamente dentro do cenário local e intensifica o número de obras e autores. Os temas são diversos. Seguem, ao mesmo tempo em que divergem, das

tendências literárias em voga no Brasil e em outros sistemas literários. Em meio a toda essa movimentação cultural-literária, registramos na história dessa produção os nomes de Antônio de Pádua e Silva e Aclyse de Mattos, imprescindíveis para visualização do ciclo de amadurecimento que abarca a literatura local.

Na sequência, construímos subseções para analisarmos as obras *A Cidade Sem Sol*, de Lucinda Nogueira Persona e *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Cuiabano Scaff. Mostramos que em seus construtos há encantamento, magia e metalinguagem. Verificamos elementos suscetíveis de indagações, de busca, de controvérsias e de complexidade. A literatura contemporânea desses dois autores dialoga com outras literaturas, de diferentes sistemas literários. Oferecem ao leitor diversidade de temas, de estilos e de recursos e, por intermédio do diverso, reinventam-se, sem perder os emblemas que lhes caracterizam e anunciam. Por isso, para elucidarmos toda a contemporaneidade presente nos textos citados, construímos mais subseções para apresentar a estória do personagem Velho do Mar e dizer que no reino encantado de Atlântida, a cidade sem sol de Lucinda Persona, contar é preciso.

O último destaque foi dado a Ivens Scaff que dentre os autores estudados, é o que possui maior número de títulos direcionados ao público infanto-juvenil. Recorremos as teorias sobre o imaginário e sobre a memória, nesse caso pensando na memória prodigiosa daqueles que têm algo a para contar. Destacamos a descoberta de um lugar encantado, o sítio, mais um dos tantos outros lugares que compõem o mapa criado pela literatura. Nesse espaço a imaginação é soberana. A figura do velho e/ou a abordagem do folclore local revelam novas nuances. Surgem outras impressões, originadas pela presença da voz de um narrador ou das muitas vozes da narrativa. Os mundos e as infâncias são reinventados, através de uma abordagem crítica e, conseqüentemente, da visao dos elementos regionais que tendem a ser universalizados.

CAPÍTULO I

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL MATO-GROSSENSE: OUTRA PARTE DA HISTÓRIA

1.1 Panorama dos primeiros registros

Pára, contempla, observa: não são miragens
 De um mundo perdido no tempo ou no sonho,
 Em que a vida brincasse de fazer coisas imensas e misteriosas.
 Não é uma terra fora da Terra e do presente,
 Visão, alegoria, fábula.
 É o aqui e o agora de um Brasil que é teu e desconheces.
 [...]
 Olha bem, olha mais.
 Cada imagem é uma história
 E cada história um aviso, um anúncio, uma anunciação.
 [...]
 Do sétimo dia da criação e tudo é novo como
 O primeiro raio de sol
 Ao amanhecer.

Carlos Drummond de Andrade

Contar a história da literatura infantil e juvenil produzida em Mato Grosso é tarefa árdua. Traçar um panorama dessa literatura requer incluir questões inerentes à História do Brasil, que envolvem a expansão territorial do país, seus diferentes tipos humanos, suas diferentes culturas, modos, arte, além de seu processo de desenvolvimento econômico e educacional. É também considerar que a memória individual e coletiva determina os rumos desses caminhos tecidos por um fio condutor que apresenta e representa uma individualidade.

Todorov em *Los abusos de la memória* (2000, p.16) postula que “a memória, como tal, é forçosamente uma seleção: alguns aspectos de sucesso serão conservados, outros imediata ou progressivamente marginalizados, e logo esquecidos”. A memória e suas utilizações despertam o interesse de vários campos do conhecimento. Possui um caráter paradoxal, pois é, ao mesmo tempo, um fenômeno individual e coletivo. Agrega passado e presente. É lembrança e esquecimento. No universo memorialístico, o vivido e o imaginado, o refutado e o selecionado condicionam o indivíduo num processo de esgotamento e enriquecimento das lembranças.

Na concepção de Todorov, a memória pode ser vista como um conjunto de sensações e sentimentos individuais. Para criar uma lembrança é preciso “a vontade, o consentimento, o raciocínio, a reação, a liberdade” (2000, p.23). Por isso, memória não é somente lembrar. Nela estão contidas vontades, criatividade e, sobretudo, finalidades. Envolve diversos fatores e características que irão auxiliar na constituição da identidade, do sujeito e das comunidades. Em uma época na qual o homem necessita de referências, de se posicionar diante do outro, ele escolhe o que irá ser narrado, seleciona fragmentos que compõem as narrativas as quais remetem ao seu passado.

Diante da complexidade dos textos que estruturam a literatura infantil, em tempos de memória fugidia, a arte literária torna-se um instrumento útil. Tanto a narrativa oral quanto a escrita são ferramentas capazes de potencializar o fluxo das lembranças e da criação. Na literatura, encontramos caminhos que indicam como o homem pode depreender, por intermédio da linguagem inventiva e dinâmica, o passado e suas intermitências. Atentamos que na lembrança está o mote para que o homem teça suas narrativas e refaça sua história. É oportuno frisar que lembrar o passado significa buscar múltiplas vozes, evocar imagens que revelam mais do que fatos. Essas imagens reveladas desvelam valores, crenças, desvelam vidas.

Conscientes ou não, os autores que produzem em Mato Grosso tomam para si a tarefa de contar as primeiras histórias para um leitor que representa o futuro e que simboliza a continuidade. Eles privilegiam fragmentos e ações, visando, em alguns momentos, a manutenção de um passado de honra e glória. Investem nas lembranças, já selecionadas, na tentativa de consolidar a memória coletiva e de preservar uma identidade que se faz diante de uma afirmação de qualidades peculiares.

Para entendermos melhor esse trajeto, necessário para a construção e análise do panorama da literatura infantil e juvenil em Mato Grosso, é importante conhecermos a história do desenvolvimento dos estados periféricos, no que tange aos aspectos singulares de sua colonização, a exemplo do que ocorreu nesse Estado.

Nessa perspectiva, neste primeiro capítulo, objetivamos rastrear a gênese e o desenvolvimento dessa literatura sem perder de vista os dados histórico-culturais que, direta ou indiretamente, atuam ou atuaram na criação literária local. O estudo dessa produção, desconhecida do grande público, precisa vir à tona. Na certeza de que o Brasil possui uma história cultural múltipla, diversa e conflituosa, torna-se oportuno mostrarmos

como ocorre a produção de livros e, conseqüentemente, a prática de leitura nesse espaço geográfico, mas não sem antes verificarmos o processo no restante do país.

1.1.1 Panorama histórico das práticas culturais: livros, leitura e leitores

Há cinco mil anos ocorreu o surgimento dos primeiros suportes específicos para os textos. Placas de argila, blocos de pedra, madeiras e outros serviram para os mais diversos tipos de registros considerados importantes para a vida em sociedade. Com o passar dos tempos, a invenção do papiro e do pergaminho modificou as forma de registros, passando aos manuscritos gravados à tinta. Contudo, a invenção do papel, surgido no século II, alterou toda a forma de registros e impressos.

Na idade média, manteve-se a hegemonia da cultura manuscrita. Coube à igreja católica o papel de manter todo o conhecimento produzido. Destaca-se o trabalho dos copistas, religiosos que reproduziam, copiando a mão textos que deveriam ser preservados.

Com o surgimento da cultura impressa amplia-se o alcance dos textos escritos. Por volta do século X registram-se os primeiros sinais para a produção de impressos, mas é no final da idade média (século XV) que a técnica de impressão aperfeiçoada e desenvolvida pelo alemão Johannes Gutembrg agiliza e barateia a produção de textos. Nesse processo, modificam-se a circulação e legitimação da obra e do próprio conceito de autoria. A criação que ocorria na oralidade passa a se materializar em páginas impressas, fator esse que exigia uma forma de expressão mais cuidadosa, no que diz respeito à escrita.

Em toda a Europa ocorreu o aumento do número de textos em circulação e do de leitores que ficou conhecido como “fúria de ler”. Lia-se desde obras poéticas a notícias econômicas e comerciais. Essa nova prática determina a socialização da leitura e integra a prática cotidiana do homem europeu (LYONS, *apud* CAVALLO e CHARTIER, 2002).

Em meio a essa prática leitora/consumidora surge um importante fenômeno: o folhetim. Esse gênero inicialmente aparece nos rodapés dos jornais como crítica dramática e se expande na França, na primeira metade do século XIX. Assim nasce o

romance-folhetim. Tratava-se de texto que trazia a ficção em partes. Em agosto de 1836, uma novela picaresca de autoria anônima, *Lazarillo de Tormes*, de meados do século XVI, inaugura essa prática. Do texto anônimo até a produção de escritores consagrados, esse tipo de romance contribuiu para formar um público leitor ávido por histórias de aventura e de romance.

No Brasil, a atividade impressa ocorreu tardiamente. Somente com a vinda da família real, em 1808, através de uma ordem régia, é que surge o primeiro jornal publicado e editado em terras brasileiras, o que ajuda a estabelecer um tipo de produção cultural. Uma forma de público é engendrada que, a passos lentos, se articula, vindo a ganhar personalidade e nomeando nova classe letrada e/ou leitora. Segundo Lajolo e Zilberman (2002, p. 77), o aparelho cultural brasileiro se define através de “anônimos leitores de folhetim e os assíduos frequentadores de teatro [...] intelectuais, homens de letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhotas capazes de leitura”.

A Colônia sofria com a falta de escolas, bibliotecas, livrarias, jornais e editoras, por isso a literatura percorria difícil caminho para seu estabelecimento. Na lista das primeiras publicações da Imprensa Régia consta *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, em 1810; e *O Uruguai*, de Basílio da Gama, em 1812. Todavia, maior número de títulos é do interesse da Coroa. Destacam-se leituras recomendadas aos alunos da recém-criada Real Academia Militar. Com isso, surge, no estudo da história editorial no Brasil colônia, a aliança livros-escola. “Os títulos sugerem o novo interesse pelo papel educativo que a leitura pode cumprir. Livros e matéria impressa começam a se tornar menos estranhos na vida brasileira”, ressaltam Lajolo e Zilberman (2002, p. 109).

Nos anos de 1820 e 1821, graças à abolição da censura prévia e do fim do monopólio estatal da imprensa, ocorrem mudanças positivas e significativas para a cultura escrita e, conseqüentemente, para a solidificação do sistema literário. Nesse contexto, surge, em 1836, a revista *Nitheroy – Revista Brasiliense*, mesmo sendo redigida e editada na França, promove em suas páginas espaços para discursos de conquistas culturais e independência estética. O primeiro número traz um artigo intitulado “Discurso sobre a história da literatura do Brasil”, assinado por Gonçalves de Magalhães. Ainda que precários os meios de produção intelectual no Brasil, os poetas da época reivindicavam mais espaço para os “homens das letras” e a atividade editorial começava a se desenvolver. Autores antes anônimos agora tinham seus nomes conhecidos pelo público e passavam a integrar o cânone literário recentemente estabelecido. Para Lajolo e

Zilberman (2002, p. 130), “o sistema literário estava mais solidificado e institucionalizado, a ponto de viabilizar a circulação de obras entre escritores e leitores”.

A literatura brasileira foi ganhando impulso. Em 1843 é publicado o primeiro romance, *O filho do pescador*, de Teixeira e Souza e, no ano seguinte, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. A produção e circulação desse gênero introduzem práticas de leitura, as quais serão definidoras das letras. Novo grupo de leitores começa a manifestar gostos, hábitos e expectativas. Trata-se do público leitor feminino, ampliado graças às mudanças de comportamento. Tal fato não passa despercebido dos escritores e editores, posto que na estética romântica são marcantes os recursos que servem para encantar e seduzir o público feminino, fator que decreta a consolidação do gênero e de todo o aparato cultural da época.

1.1.2 Nas redes culturais materializam-se as primeiras letras na Província

Em 13 de maio de 1808, quando do aniversário do Príncipe Regente, em Mato Grosso, foi implantada a imprensa, com o objetivo de imprimir a legislação e papéis diplomáticos. Mais tarde, em 26 de julho do mesmo ano, ao Decreto Imperial foi emendada uma declaração de que uma das principais motivações para a implantação da imprensa na Província seria servir de auxílio à expansão da educação pública.

Em 1821, a liberdade de imprensa movimentou a província de Mato Grosso que mantinha como veículo de divulgação o jornal goiano *A Matutina Meiapontense*. Esse veículo reservava duas colunas a Mato Grosso: “Província de Mato Grosso” e “Miscelânea Cuiabanense”. O primeiro periódico a ser impresso em Cuiabá foi *Themis Matogrossense* (1839). Na sequência, teriam sido editados, até o início do século XX, mais de 40 jornais².

Nadaf (2002), na linha de investigação do papel da imprensa no Estado, analisa a presença dos folhetins, gênero importantíssimo para a formação do público leitor de literatura. Observa que a imprensa mato-grossense, mesmo tendo reservado o rodapé dos

² Dados extraídos de MENDONÇA, Rubens de. *História do jornalismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1963. SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Miscelânea Cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2000.

jornais (o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão) para a publicação de folhetins, não seguiu os mesmos rumos da imprensa francesa e nem carioca. Destaca que, contrariamente a presença quase que hegemônica dos romances-folhetins nas citadas matrizes, não era de costume, na imprensa da Província (depois Estado), a publicação maciça desse gênero. Mostra que estes ocupavam um espaço onde também se discutia política, escrevia-se sobre história regional, educação, religião, saúde etc. Além disso, havia lugar para a publicação de poemas, cartas, texto teatral, entre outros gêneros, motivo que levou a pesquisadora a denominar esse espaço de “rodapé das miscelâneas”, tamanha a sua diversidade (NADAF, 2002, p. 65).

No que tange à formação do panorama cultural letrado nesse Estado, é importante citar o nome do historiador Rubens de Mendonça. Em seu livro *História da literatura mato-grossense* (1970), revela que o primeiro livro escrito em Cuiabá é de autoria de Barbosa de Sá (1775), português de nascimento. Trata-se de uma publicação artesanal que registra a fundação da cidade e marca o início do ciclo cronístico mato-grossense no Brasil Colônia. Literatura de informação, sem mérito literário.

Ainda na esfera da cultura letrada, passada a fase do ciclo dos cronistas, Mendonça registra o ciclo das investigações científicas, no final do século XVIII e início do XIX. Observa que se trata de registros, anotações de estudo e reconhecimento de viajantes que objetivavam explorar a terra desconhecida, além de consolidar a ocupação portuguesa em terras que, segundo já descreviam os cronistas, possuíam fabulosas minas de ouro. Aponta que a produção denominada literária teve início com a produção poética de José Zeferino Monteiro de Mendonça, poeta nascido em Lisboa. Todavia, segundo o historiador, Antônio Augusto Ramiro de Carvalho (1833-1891) teria sido o primeiro poeta “genuinamente” mato-grossense.

Durante todo o século XIX não há registros de obras literárias impressas em Mato Grosso. Esse fator restringe o acesso à leitura literária, comprova a falta de livros e retarda a formação de um público leitor.

Para discorrer sobre a história das práticas culturais em Mato Grosso, deve-se voltar ao século XVIII. Naquela época, o teatro tinha um papel preponderante para o desenvolvimento cultural da região. Trazido pelos portugueses, vindos das regiões de Minho e Traz-os-Montes, tornou-se atividade de destaque na Capitania. Moura (apud PÓVOAS, 1994, p. 31), pesquisador do teatro em Mato Grosso, ressalta que as peças

surgem “em precárias condições e incipientes condições sociais”. O pesquisador registra forte presença dessa prática. Destaca que no período de 1727 até o último ano do século XVIII são documentadas apresentações de pelo menos 80 peças, enquanto que, na mesma época, em todas as outras Capitanias registravam-se menos de cinquenta. Moura (1976, *apud* PÓVOAS, p. 33) afirma ainda que

No arraial pioneiro, elevado à vila apenas dois anos antes, já se documentavam representações teatrais, vinte e dois anos antes da instalação da Capitania. Enquanto isso, outras vilas e cidades brasileiras, na época perto de completar dois séculos de existências, teriam que esperar ainda muito tempo para possuir vida teatral

A grande adesão ao teatro pela população da Capitania confere importância social e cultural a todas as representações teatrais, ainda que não se tenha conhecimento do registro escrito dessas peças³. Grandes festejos ocorriam em diversos momentos, fosse pela chegada de autoridades ou de imagens religiosas, tudo era motivo para celebrações. Estas, quase sempre, eram representações teatrais públicas. Por ocasião da chegada a Cuiabá do Capitão-General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, em 17 de setembro de 1796, foram representadas seis comédias. Em outras ocasiões, também pela chegada de autoridades, foram apresentadas óperas, farsas e dramas (PÓVOAS, 1994).

Branco, negro e pardo tomavam parte nas representações, que eram realizadas em “tablado público” na praça principal de Cuiabá, onde até mesmo crianças participavam. Desse modo, percebemos a adesão intensa ao teatro, fator que possibilita, em 1869, a organização de uma companhia de acionistas, organizada pelo Dr. De Lamare, para dotar Cuiabá de um teatro: “dava esperanças o teatro, porque os cuiabanos, não obstante estarem muito longe das boas escolas, manifestavam, contudo, grande gosto pela arte dramática”. (MOUTINHO, 1869, *apud* ALENCASTRO, 2012).

Toda essa efervescência cultural, duradoura e profícua tem como resultado a criação, em maio de 1877, da “Sociedade Dramática Amor à Arte”, com 62 sócios de

³ Em fins do século XIX foram encontrados manuscritos que traziam registrados aspectos das peças teatrais encenadas no período colonial. Os textos, datados de 1790, de autoria de D. Diogo de Toledo, trazem informações acerca das representações realizadas em Vila do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Há menção ao trabalho dos atores, a detalhes do figurino e dos cenários, a participação da população etc. As anotações de Diogo de Toledo são consideradas pelos historiadores como sendo as primeiras observações críticas sobre teatro no Brasil.

camarotes e 98 de plateia. Os espetáculos promovidos por essa Associação foram interrompidos somente em 1894, em virtude do desabamento do edifício. A primeira apresentação de teatro profissional na Província ocorreu em 27 de agosto de 1885. Toda movimentação em torno das produções teatrais desaparece com a entrada do século XX, “momento em que o teatro entra em decadência no Estado, ficando restrito ao teatro salesiano, encenado nas escolas”, destaca Magalhães (2001, p. 36).

A ascensão do gênero dramático em terras mato-grossenses pode ser comprovada nos jornais de Cuiabá. A *Tribuna* (04/11/1886) destaca que o teatro recebe o legado de manter, através de sua arte, a moral e os bons costumes e que na referida cidade são encenadas “ingênuas apresentações teatrais”. A *Província de Mato Grosso* estampa que o espetáculo de 8 de julho de 1888 contou com a presença do presidente da Província, juntamente com sua família e com a “poderosa concorrência das mais peregrinas belezas que formam o encanto da nossa sociedade e, sobretudo, com o mimoso *bouquet* da sociedade cuiabana”. Esses registros servem para ilustrar como era composto o panorama cultural da Província e reafirmar a utilidade desse gênero para a consolidação das práticas culturais vigentes. Conforme cronistas da época, o teatro contribuía para o progresso da cidade e da cultura local, o que pode ser constatado em um dos comentários publicados, o qual afirma que graças ao amor e a arte “o coração dos cuiabanos vão pouco a pouco subjugando-se à simpática e justa causa do progresso” (*A Província de Mato Grosso*, Cuiabá, 08/07/1888).

Importante papel foi exercido pelas associações culturais fundadas em Mato Grosso. Várias agremiações, no decorrer do século XIX, destinavam-se a promover as artes cênicas, música e literatura, além de fomentar encontros e conferências, nos quais se discutiam política, arte e aspectos da geografia e história do Brasil e do Estado. Siqueira (1997, p. 94) faz referência às principais agremiações e cita datas de suas fundações: Sociedade Teatral (1867); Sociedade Dramática Amor à Arte (1877); Clube Literário (1882); Sociedade Terpsicore Cuiabana (1883); Sociedade Literária Cuiabana (1884); Escola Dramática (1893); Clube Minerva (1897) e Sociedade Internacional de Estudos Científicos (1899).

Ainda com relação às associações culturais, destacam-se “Sociedade Recreativa Clube Internacional” (1904); “Grêmio Literário Álvares de Azevedo” (1911), que objetivava a publicação dos textos de seus integrantes em uma revista local, e “Grêmio Feminino Júlia Lopes” (1918), que congregava as moças e senhoras da sociedade

cuiabana, as quais se dedicavam ao cultivo das letras. Antes mesmo de sua instalação, esse grupo de mulheres criou, em dezembro de 1916, uma revista, *A Violeta*, para a “divulgação do seu ideário” e “cultivo das letras femininas e patricias”. A Revista circulou por longos anos findando-se no começo da década de 1950. Pelo prestígio que teve e pelo longo período de existência, *A Violeta* armazena o mais legítimo e significativo volume da escrita de autoria feminina de Mato Grosso, e tem sido referência obrigatória para os estudos de gênero na região, resultando, desde a sua estreia até a atualidade, em desdobramentos variados apresentados em formas de dissertações, teses e artigos científicos que centraram suas atenções no discurso dessa imprensa feminina mato-grossense e no perfil de suas colaboradoras⁴.

1.1.3 As instituições de ensino e o teatro em terras mato-grossenses

A criação de instituições de ensino é fator decisivo para que pressupostos modernos educacionais e literários se materializem no cenário mato-grossense. Em 1858, foi criado o Seminário da Conceição, transformado, posteriormente, no primeiro estabelecimento de ensino secundário da Província. Esse estabelecimento, vocacionado para a formação clerical, “servia ainda como espaço de formação secundária para aqueles que desejassem prosseguir nos estudos superiores”, ressalta Siqueira (1997, p. 87). Entretanto, foi somente em 1875 que se instalou a primeira Escola Normal, de efêmera duração, informa Póvoas (1994).

Na formação do cenário educacional da província de Mato Grosso, é importante mencionar as criações do Liceu Cuiabano (1880) e do Colégio Salesiano São Gonçalo (1894), instituições que exerceram papel relevante para a sociedade mato-grossense. Em agosto de 1894, cerca de um mês após a chegada em Cuiabá, os salesianos abriram o curso primário no Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo, com mais de 200 matriculados. Esses colégios, em sua maioria, funcionavam como internatos. Os alunos

⁴ A respeito do Grêmio Literário Júlia Lopes e de sua revista, *A Violeta*, Yasmin Nadaf publicou o livro *Sob o signo de uma flor. Estudo da revista A Violeta*, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

contavam com atividades extracurriculares como teatro, educação física e religiosa, além de oficinas de alfaiataria, carpintaria, curtição, ferraria e tipografia.

Para Póvoas (1994, p. 13), trata-se de “extraordinária oficina de trabalho e centro de irradiação cultural”. Nesse período, os investimentos na educação vinham do Estado e da Igreja (grande parte do material escolar vinha de congregações religiosas italianas). O resultado disso é que o início da história da educação em Mato Grosso está atrelado à vinda de autoridades religiosas para a Província e suas missões civilizatórias, fortalecendo, assim, a atmosfera necessária para a efetiva implantação de uma prática leitora. Acrescenta-se ao fato de que se encontravam efetivadas a ação e participação dos salesianos em importantes órgãos educacionais e culturais.

Nesse quadro, surge Dom Aquino Corrêa. Cuiabano de nascimento, esse religioso tem presença marcante nas esferas social, religiosa, política e cultural de Mato Grosso. Em 1917, foi eleito presidente da Província, passando a ser o único membro da igreja católica a ocupar tal cargo. Em seu governo expandem-se manifestações artísticas, culturais e atividades da intelectualidade cuiabana, momento também em que surgem os primeiros grandes escritores mato-grossenses do século XX e quando a literatura começa, de fato, a existir de forma mais contínua no Estado.

Um estudo mais detalhado a respeito da movimentação literária e cultural em Cuiabá, durante o governo de Dom Aquino Corrêa, aponta para um conjunto estético-literário onde fazem parte jovens estreantes no mundo das letras. É elucidativo informar que, na constituição desse momento literário em Mato Grosso, aparece uma literatura voltada para a valorização da Pátria/Região, da Moral e da Religião. A respeito desse período da história da literatura, Nadaf (2002) afirma:

Impulsionados pelo citado afã civilizatório e de refinamento sociocultural, estes produtores literários tinham um projeto de Estado soberano e grandioso, em virtude de suas riquezas naturais, capaz de vencer as maiores adversidades, decorrentes do isolamento geográfico e esquecimento por parte do governo nacional. Como consequência, movimentaram a vida cidadina ora fundando associações históricas e literárias, ora proferindo palestras e debates de caráter científico, entre outras ações extensivas dos seus discursos publicados no rodapé dos periódicos. (NADAF, 2002, p. 172).

Ainda sobre esse período, com mais detalhes, queremos focalizar a fundação de duas entidades renovadoras do cenário político, social e cultural da região, no momento de suas aparições. Referimo-nos ao Instituto Histórico de Mato Grosso, depois Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que surgiu em 1919, e ao Centro Mato-grossense de Letras, posteriormente Academia Mato-Grossense de Letras, instalado em 1921. Do Capítulo I, do Estatuto do Centro Mato-Grossense de Letras⁵, extraímos e transcrevemos as metas traçadas para a literatura no Estado:

Artigo 1º – O Centro Mato-grossense de Letras, com sede na cidade de Cuiabá, tem por fim promover e incitar a cultura literária no Estado de Mato Grosso.

Artigo 2º – O Centro, além de outros meios que se lhe deparem, consentâneos à realização de seus fins, deligenciará:

I – Ativar o estudo da língua vernácula pelo conhecimento dos bons autores e melhorar, quanto possível, a cultura geral, intensificando a luta contra o analfabetismo;

II – Desenvolver o estudo da literatura nacional, particularmente das suas manifestações em Mato Grosso, realizando para esse fim conferências públicas na sua sede, as quais versarão, de preferência, sobre a vida e a obra dos intelectuais mato-grossenses e sobre as tendências da Arte no Estado.

III – Cultivar as belas letras nas suas diversas expressões, propugnando pela educação artística e literária, quer mediante vulgarização dos trabalhos já publicados, quer pela impressão de obras inéditas de reconhecido merecimento;

IV – Criar e manter na sede social, uma biblioteca, especialmente constituída de obras literárias, que interessem a Mato Grosso;

V – Entreter regular e assídua correspondência com sociedades congêneres, para a permuta de publicações, de maneira que torne conhecido fora do Estado o movimento intelectual em Mato Grosso;

VI – Organizar festas artísticas e literárias, auxiliando todas as iniciativas deste gênero que se revelem merecedoras de apoio;

VII – Estimular e amparar as tendências regionalistas na literatura, pelo estudo dos costumes, expressões artísticas e variantes dialetos em Mato Grosso;

VIII – Favorecer e propagar o estudo retrospectivo do folclore mato-grossense;

IX – Impulsionar a arte teatral no Estado, já em seu aspecto material – fundação de uma casa adequada às diversões cênicas; já, e principalmente, no seu aspecto intelectual, despertando vocações de artista, autores e atores.

X – Trabalhar em harmonia com outras associações similares, existentes ou que forem criadas no Estado.

XI – Instituir e manter o culto cívico, iniciado pela organização de uma galeria glorificadora de varões notáveis pelo saber e dedicação a Mato Grosso ou vinculados à história mato-grossense por quaisquer manifestações de atividade intelectual;

XII – Publicar, semestralmente, uma Revista de Letras e Artes, na qual serão editados, de preferência, trabalhos originais dos sócios ou inéditos de escritores mato-grossenses.

⁵ Estatutos do Centro Mattogrossense de Letras. *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, a. I, t. I, 1922, p. 73-74.

Também selecionamos trechos do discurso de Dom Aquino Corrêa proferido na solenidade de instalação do Centro Mato-Grossense de Letras, no dia 7 de setembro de 1921. O orador evidencia o compromisso da Instituição: unir beleza e moralidade para produzir a literatura que surgia no Estado. Do referido citamos:

[...].

Si a par do senso estético e a ele harmonicamente vinculado, não coexistisse no homem o senso moral, ou si o belo falasse exclusivamente à inteligência, sem nada solicitar a vontade e o desejo, então, Senhores, não haveria negar que o campo da arte fosse, de todo em todo, alheio ao da moral, porque onde não entra a vontade, é princípio fundamental da ética, não se concebe o moral nem o imoral.

Mas acontece evidentemente o contrário, e, portanto, a arte, por mal nosso, é capaz de ofender, como ofende, por vezes, a moral, perdendo, em tal caso, a própria essência, porque rompe nos espíritos bem formados, esse prazer harmonioso de todas as faculdades da alma, que ela, por natureza e definição deve produzir.

Bem inspirado nestes princípios, o Centro Mato-grossense de Letras se propõe a fazer uma literatura que não respeite a moral, mas a edifique, exalte e sublime. Nosso fim é cultivar as belas letras, que tão sugestivamente são também chamadas boas letras.

Não queremos a literatura das pornografias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e afrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, amiúde, sobre a família e a sociedade, os mais tremendos infortúnios. (...)

Façamos uma literatura que eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das letras, não o veneno rosé da pornéa, nem os perrexos do erotismo fácil e enervante, mas sim as ambrosias e os néctares dos entusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroísmos que glorificam toda uma raça.

Façamos uma literatura que professe cavaleiramente a bela divisa de um dos nossos homens de letras: *aedificabo!* literatura, que saiba edificar a grandeza moral da Pátria, atraindo ao bem os corações ainda mais brancos e refratários, como a dourada lira de Amphião, sob o encanto mágico das suas melodias, arrastava as pedras de Beocia, para a construção dos legendários muros de Tebas.

Será esta a mais perfeita atuação do lema que hoje se grava no frontão do Centro Mato-grossense de Letras: através da beleza literária, a beleza moral da virtude e do caráter: *Pulchritudinis studium habentes* [os estudiosos da beleza].⁶

Definitivamente estava selado o pacto. A literatura deveria ser moldada dentro de padrões pré-estabelecidos pela “coligação Igreja-Estado-Instituições histórica e literária”, revela Nadaf (2002, p. 176). Não obstante, esta ligação eufórica e moralizadora é claramente assumida pelos porta-vozes da grande literatura, homens das letras que tomam

⁶ CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. O Centro Mattogrossense de Letras. *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, a. I, n. I, 1922. p. 21-22 e 24.

para si a missão artístico-educativa. O cumprimento do que trazia o Estatuto e do que pregava o discurso do Bispo constitui o modelo a ser seguido.

Retornando à discussão sobre a organização do sistema educacional ligado à ordem religiosa salesiana, ocupamo-nos por informar a respeito do teatro praticado naquelas instituições de ensino e o seu importante papel pedagógico.

Na primeira metade do século XX, é considerável a movimentação dos alunos em torno dessa atividade artística. Todavia, é fundamental esclarecermos que, embora não ocupe o mesmo prestígio e a mesma expressão dos séculos XVIII e XIX, a importância desse gênero reside na ressonância estilística e temática que irá exercer sobre a literatura, que começa a ser produzida no Estado, destinada às crianças e jovens em Mato Grosso no início da década de 1980. Importante lembrar que isso representa mais de um século depois do seu surgimento no Brasil.

Defendemos a tese de que a literatura infanto-juvenil começa a se configurar através das peças teatrais encenadas naquelas escolas salesianas. De caráter didático e moralizante, cumprimento à ideologia dominante, essas produções eram direcionadas, principalmente, ao público (crianças e jovens) que frequentava os estabelecimentos escolares.

Francisco Mendes (*apud* MAGALHÃES, 2001, p. 38) registra que, por ocasião da criação do Colégio Santa Catarina de Sena, em 1905, foi exibida a peça de quatro atos, *A cega de nascimento*, e que foi mantido o hábito pela Instituição de realizar sessões regulares durante o ano letivo. Antes, porém, de aludirmos à relação teatro, escola e literatura infantil-juvenil, continuaremos a observar a relevância do gênero dramático em Mato Grosso.

Esse teve sua época áurea no período colonial. Com um número diverso de apresentações e gêneros (comédia, tragédias, óperas etc.), essa atividade artística, segundo Silva (2010, p. 73), servia aos interesses da Coroa posto que “para dominar economicamente a região, era necessário dominá-la também culturalmente”. Para esse pesquisador “foi pensando nessa perspectiva que os portugueses introduziram nas colônias o gosto pelo teatro, que, sem dúvida, teve uma importância crucial na política de dominação” (*idem, ibidem*).

Do século XVIII para a primeira década do XIX, o teatro continuou a se desenvolver e manteve sua popularidade. Após efetuarmos pesquisas em jornais do século XIX, no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, NDIHR⁷, localizado em Cuiabá, encontramos importantes informações sobre a atividade cênica produzida no Estado. Na leitura e análise de alguns números desses periódicos, destacamos curiosidades, costumes e ações que elucidam o pulsar da vida social local. As letras impressas nos periódicos nos permitem fazer um diagnóstico pertinente dos períodos e das manifestações culturais a que estamos aludindo.

No periódico *A Liça*, “jornal político e noticioso”, encontramos que a maioria das apresentações destinava-se apenas aos associados mantenedores dos grupos de teatros. Havia uma recomendação dirigida aos primeiros para que em seus camarotes “não consentissem o ingresso de seus filhos ou tutelados no recinto da platéia, a fim de ficar ela somente ocupada pelos respectivos sócios” (*A Liça*, Cuiabá, 20/06/1885).

Nesse mesmo jornal, confirmando a popularidade dessa arte em Mato Grosso, encontramos nota da Sociedade Dramática Amor à Arte. Nela se solicita que as pessoas não mais compareçam aos ensaios do “theatro”, o que era costume. Destaca-se na nota que o grande número de observadores nessas ocasiões, “acanhavam sobremaneira algumas figuras que no palco ficam inteiramente constrangidas”, além de tirar também “toda a importância da obra no dia em que for ella representada” (*A Liça*, Cuiabá, 05/05/1885). Em outro periódico, faz-se referência à presença de agregados: “Senhores sócios chefes de família não lhes é permitido levarem mais de um criado ou criada para seus camarotes” (*A Situação*, Cuiabá, 04/09/1877).

Em *A Tribuna*, jornal dedicado aos interesses morais e materiais da Província, que circulou de 1885 a 1890, há notas e informativos correspondentes a outras sociedades dramáticas. Uma delas, a Sociedade Dramática Particular União Militar, é citada em vários números desse jornal. Por exemplo, informa ao público sobre as peças que serão encenadas. Na seção “ANNUNCIOS”, consta que ela “levará em scena no dia 1 de Maio entrante, á benefício da mesma, as comedias: - “O amôr fingido ou o velho logrado, -

⁷ O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional possui um expressivo acervo constituído de reproduções em microformas, digitais, referências virtuais, imagéticas, orais e acervo impresso bibliográfico de obras raras, com cerca de aproximadamente 2.000 volumes e um considerável acervo de periódicos. O NDIHR foi criado pela Resolução CD. 66/1976 - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso.

Verduras da mocidade, - As saias nas calças e as calças nas saias – e Tão bom é o pai como o filho”. (*A Tribuna*, Cuiabá, 28/04/1887).

Essas atividades teatrais igualmente aconteciam no interior da Província, em cidades como Poconé, Corumbá e Ladário. Esta última, na época, fazia parte do distrito de Corumbá. Atualmente, ambas fazem parte do Estado de Mato Grosso do Sul. Há registros de que nas referidas cidades existiam companhias teatrais as quais apresentavam grandes espetáculos em espaços específicos. São informados nos periódicos os valores dos bilhetes, vendidos a 2\$000 – platéia, 1\$000 gerais e \$500 crianças. (*A Tribuna*, Cuiabá, 14/04/1887); (*A Opinião*, Corumbá, 26/09/1878).

Nos periódicos do século XIX é possível encontrar notícias que demonstram a importância da presença da atividade cênica e que determinam a correlação entre a arte e acontecimentos cotidianos da época. Exemplo disso é o anúncio da Sociedade Amôr á Arte que, em comemoração ao aniversário do juramento da constituição, anuncia que irá apresentar, no Theatro S. João, “o importante drama *Espinhos e Flores* e a comedia *Atribulações de um estudante*”. Ainda que “nessa solene ocasião, em que vae-se comemorar um dos grandes factos da nossa historia política, serão distribuidas três cartas de liberdade á três victmas da nefasta instituição negreira [...]” (*A Liça*, Cuiabá, 22/03/1885).

Em outra publicação verificamos que as apresentações de espetáculos no “teatrinho do Colégio S. Gonçalo” destinavam-se a “alunos e alunas de todos os colégios públicos e particulares da capital dessa província e aos menores dos Arsenais de Guerra e da Marinha”. Aproveita para propagar o “primeiro espetáculo de gala”, também no “teatrinho do Colégio S. Gonçalo”. (*O Republicano*, Cuiabá, 01/08/1897).

Entre 1916 e 1917, surge um importante jornal, *A Juventude*, “periódico literário, crítico, esportivo e noticioso”. Nele se destaca a constante presença de atividades cênicas no Estado. Observamos que esse Periódico é o primeiro que direciona parte do seu conteúdo aos jovens das principais cidades do Estado.

Nos números consultados (*A Juventude*, Cuiabá, 19/04; 17/05; 28/06 e 01/10 de 1917) podem ser vistas propagandas diversas como de livraria, que anuncia recebimento de novos livros de romances e poemas; anúncio de vendas de animais; oferta de aulas particulares de “matemática e francez” e outros. Na coluna denominada “Secção infantil” encontram-se charadas, concurso de pergunta e resposta. Chama atenção a coluna

intitulada “Anjinho”, que traz notas de falecimentos de crianças e jovens. Diante de toda essa miscelânea, foi possível verificar a publicação de contos. Na verdade, pequena prosa literária curta direcionada ao público juvenil. Há também poemas dedicados à escola, à pátria e às moças da sociedade. Tais aspectos e nuances serão mais bem desenvolvidos no item sobre a imprensa infanto-juvenil do Estado, ainda nesse primeiro capítulo.

Retomando o assunto teatro, comprovamos, nos mesmos números do Periódico citado, a continuidade do destaque na vida social das cidades. Isso pode ser percebido em *A Juventude*, de 28/06/1917: “Hoje as 19 horas será levado ao palco do Theatro do Lyceu Salesiano o lindo drama historico *Os jovens cruzados*, em 3 extensos actos e seguido de uma hilariante farça. É de se esperar que haja uma grande enchente”.

A arte cênica e a arte literária serviam a propósitos pedagógicos e utilitários. Os principais responsáveis eram salesianos, seja na produção de peças de autores locais ou na dramatização de textos literários. Para Póvoas (1994, p. 35), “foi no Colégio Salesiano São Gonçalo que teve início uma brilhante fase do teatro estudantil”. Silva (2010, p. 80) revela que “as apresentações eram levadas ao palco nos pátios das escolas e nas praças públicas, de modo que, além dos parentes dos alunos e professores, a sociedade em geral, amante da arte, podia ter acesso a elas”.

Diante desse breve quadro de implantação e presença do teatro na antiga Província, defendemos que a arte cênica é a força motriz que irá impulsionar os demais procedimentos relacionados às instituições educacionais, aos indivíduos e às produções artísticas. Especificamente, referimo-nos à literatura infanto-juvenil. Mesmo que tardiamente, é a partir daquelas peças teatrais realizadas nas escolas, com fins pedagógicos e moralizantes, que a literatura direcionada a crianças e jovens produzida em Mato Grosso irá se moldar a partir do começo da década de 1980, em pleno século XX.

Escritores mato-grossenses contemporâneos podem alegar não ter conhecimento do conteúdo dessas peças, todavia o que queremos afirmar, neste momento da pesquisa, é que a contribuição do teatro para a vida literária e cultural do Estado é de fundamental importância. A partir dessa constatação, levantamos duas hipóteses correspondentes à produção da literatura infantil e juvenil em Mato Grosso. A primeira delas volta-se para o fato de que a coligação literatura-moral pedagógica ressoará, de modo variado, na produção inicial dos autores que escrevem para crianças e jovens. Isso ficará marcado na produção de Maria Benedita Deschamps Rodrigues, Dunga Rodrigues, no seu *Uma*

aventura em Mato Grosso (1984), considerado o marco do surgimento dessa literatura e em *As meninas e o sabiá* (1987), de Maria das Graças Campos, o segundo livro publicado no Estado com o mesmo direcionamento. Nessas obras, analisadas por nós no terceiro capítulo da tese, já poderemos verificar, como diferencial, a recorrência ao mundo do mito e do faz de conta, ainda que para justificar uma forma de ensinamento.

A outra hipótese levantada e defendida, trabalhada também no terceiro capítulo, diz respeito à relação passado/presente nas obras dos escritores contemporâneos que formam o *corpus* da pesquisa. Queremos mostrar que esses autores encontraram um clima propício para divulgar seus livros, porque já havia um hábito de leitura inicialmente formado pela imprensa escolar e fomentado pelo teatro. Agora, afastam-se cada vez mais da linha pedagógica-moralizante, buscando procedimentos para assegurar o caráter ficcional, inventivo e transgressor da literatura. Tentaremos averiguar a incidência dos elementos estéticos ou utilitários nas produções artísticas selecionadas.

Não queremos aqui falar em influência. Os autores contemporâneos não foram influenciados pelos textos que se publicavam na imprensa escolar ou pelo teatro de Padre Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz, Padre Pombo, o mais importante dramaturgo salesiano de Mato Grosso. Acreditamos em um engendramento de reflexões sociais e ideológicas que ecoam em projetos futuros e na tomada de consciência do caráter cultural do fenômeno literário. É a partir daí que iremos contrastar as escritas do passado com as do presente.

Agora, voltando a contar a história da literatura infantil e juvenil, destacamos que a presença das escolas salesianas e de outras formas e/ou espaços culturais, além de aspectos políticos articulados aos processos de escolarização, é condicionante para futuras mediações entre autor, obra e público. O período do teatro salesiano pode não ter sido longo, assim como não ser grande o número de peças encenadas, talvez em face de novas tecnologias que surgiram no século XX⁸ e que chegaram a Cuiabá e principais cidades do interior, no entanto há de se considerar alguns fatores que são determinantes na formação do campo literário regional.

⁸ No decorrer da pesquisa com periódicos, encontramos, nos jornais do início do século XX, a publicação de programas de filmes para o final de semana. Na nota do Cinema Parisien temos: “Os empresários deste cinema escolheram para a função de hoje um bem variado programa a que publicamos: A Guerra ao Norte da França – filme da actualidade, Para lavar a Honra – drama em 5 actos, desempenhado pelos melhores artistas da fabrica *Nordisk*, Poder Misterioso – drama sensacional [...]. (*A Juventude*, Cuiabá, 01/11/1917).

Em nossas pesquisas, constatamos uma relação direta entre formação de leitores e escola e a contribuição do teatro para o fortalecimento da leitura e da produção literária infantil e juvenil em Mato Grosso. Diante do contexto dessa formação, fomos levados a interrogar formas artísticas do passado na tentativa de compreensão da arte no presente. A interlocução entre os fundamentos da educação salesiana no Estado e as artes cênicas promoveu o surgimento de uma literatura escolar, literatura essa intimamente ligada ao aparecimento da produção direcionada às crianças e jovens.

1.1.4 Os textos cênicos do Padre Raimundo Pombo: representação primeira da infância nas letras em Mato Grosso

Padre Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz é considerado o principal dramaturgo do Estado. Esse sacerdote salesiano passou parte de sua vida em Corumbá e Campo Grande. Em Cuiabá, integrou-se à comunidade do Colégio São Gonçalo, destacando-se como pregador, professor, diretor do colégio e escritor, cujas obras teatrais detinham grande popularidade. Presidiu o Conselho de Educação e foi membro da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a cadeira número 4, que primeiro pertenceu a Dom Aquino Corrêa. Morreu em Cuiabá, em 29 de julho de 1996, aos 82 anos.

Das obras dramáticas produzidas pelos salesianos em meados do século XIX e na primeira metade do século XX, apenas as de Padre Pombo foram editadas. Magalhães (2001, p.107) cita três comédias: “Caduquices de avô”; “A múmia de Tibiriçá” e “Educação moderna”, e dois dramas: “O sinal misterioso” e “Herói hodierno”. Ainda referente ao teatro salesiano, Silva (2010) menciona que as obras de Pombo, produzidas entre 1950 e 60, traduzem os ideais religiosos e os preceitos da educação católica salesiana. Ademais, relata o autor em sua investigação sobre o teatro salesiano que poucas peças, além das de Pombo, foram encontradas.

As obras citadas e analisadas por Magalhães (2001) e Silva (2010) estão disponíveis ao público e fazem parte do acervo da Biblioteca Rubens de Mendonça, localizada no Palácio da Instrução, em Cuiabá. Durante pesquisa *in loco*, digitalizamos esses textos cênicos com o objetivo de verificarmos a presença, ou não, nesse material, da criança e do adolescente no teatro salesiano. A abordagem aos assuntos e valores

considerados interessantes e necessários para a formação dos jovens na escola marca a produção artística de Pe. Raimundo Pombo e tangencia a imagem do ser infantil. Acrescenta-se a isso a incorporação de caráter pedagógico, cívico-moral e religioso. Tal procedimento nos textos cênicos desse autor é o mesmo antes utilizado pelos que escreviam textos literários para esse público, no final do século XIX e início do XX.

Lajolo e Zilberman (1985, p. 29), analisando os primeiros passos da literatura infantil no Brasil, afirmam que essa literatura traz em seu bojo uma continuidade do que marcou a literatura para crianças na Europa sem, contudo, deixar de responder a exigências locais. Para as autoras, compenetrados numa missão educativa e didática, os escritores, no Brasil, produziram obras que traziam em seu bojo um discurso patriótico e ufanista e, a exemplo da literatura não infantil, exaltavam a natureza e a paisagem local. Dessa maneira, no período do seu surgimento, tanto no plano temático quanto no da linguagem, a literatura infantil brasileira também assume o papel de manter valores, atitudes e ensinamentos, além de se manifestar com limpidez, correção linguística e eloquência.

No início da escolarização brasileira (do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato), os paradigmas vigentes continuavam sendo, conforme resume Gregorin Filho (2010, p. 16)

o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de culturas a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo e de alma em conformidade com os preceitos cristãos.

Na década de 1950, o teatro, em outros estados brasileiros, é o movimento que traz novidade à infância. Coelho (2010) cita o fato de que no Rio de Janeiro ocorrem dois movimentos que marcaram historicamente a arte cênica: “O tablado (teatro amador que propõe uma nova consciência de fazer teatro)” e a realização do 1º Congresso Brasileiro de Teatro. Nesse evento, Júnior Gouveia apresenta a comunicação: “O Teatro para Crianças e Adolescentes – Bases Psicológicas, Pedagógicas, Técnicas e Estéticas para a sua Realização” (COELHO, 2010, p. 278). Diante da pertinência das propostas apresentadas, transcrevemos parte do conteúdo da comunicação:

[...] é necessário chamar a atenção para o fato de que, enquanto o Teatro para adultos deve ser encarado pelo aspecto cultural, o Teatro para crianças e adolescentes só pode ser considerado como educativo – o que nos obriga imediatamente a colocá-lo no âmbito da Pedagogia. Além disso, fato ainda mais importante é que este gênero de Teatro não consiste apenas em formar, para o futuro, um público adulto de boa qualidade, mas implica também determinadas influências psicológicas de alcance muito maior do que se pensa usualmente. E isto porque todos os acontecimentos do palco passarão a fazer parte do subconsciente das crianças, constituindo ‘engramas’ e contribuindo para a formação daquele fabuloso depósito mais ou menos inconsciente de ideias e de emoções, e que terá posteriormente uma tremenda participação na inteligência, na sensibilidade e no comportamento do homem adulto. [...] Constatou-se, porém, que as experiências pessoais imaginadas podem também servir para exercitar e desenvolver as emoções, desde que constituam verdadeiras experiências acompanhadas de participação efetiva. Podemos, pois valer-nos de experiências imaginárias – ou ‘vicariantes’ – para, através de expressões emocionais, encarar de perto todas as relações e reações humanas. E o melhor elemento de que dispomos para isso é o Teatro. (GOUVEIA, *apud* COELHO, 2010, p. 278).

Desse modo, observamos que a produção de Padre Pombo representa todo o engajamento do projeto civilizatório e das campanhas de alfabetização promovidas pela intelectualidade do final do século XIX. Protagonista no cenário cultural literário de sua época, suas obras sintetizam os modelos de comportamento ao leitor perante os homens, a pátria, a família e a igreja. A herança deixada pela literatura de caráter pedagógico-moralizante repercute no teatro do salesiano, em plena década de 1950. Naquela década, ocorre a expansão da imagem e começa a circular as revistas em quadrinhos nos grandes centros culturais brasileiros. Surgem os primeiros debates acerca das reformas no campo de ensino, e autores de literatura direcionada a crianças e jovens – na verdade movimento iniciado na década de 1940 – redescobrem a fantasia e a imaginação.

Na tentativa de compreensão dessas produções, analisaremos, a seguir, as quatro peças do referido teatrólogo que foram editadas e cujos exemplares estão disponíveis aos pesquisadores na Biblioteca Rubens de Mendonça, em Cuiabá.

1.1.4.1 “Caduquices de avô”

Na peça *Caduquices de avô*⁹, comédia datada de fevereiro de 1955, são apresentados dois enredos. Em um é mostrada a hilária situação que envolve o avô, importante político local e seu empregado Mané-vem-cá; em outro se revelam os conflitos entre o avô e seu neto. O garoto, devido aos excessos de liberdade em que é criado, traz vários transtornos à família. Essa situação alude aos prejuízos causados quando a criança não recebe a educação devida, ou seja, a educação predominante nos colégios católicos salesianos. Com 02 (dois) atos e 13 (treze) cenas é considerada por Silva (2010) como peça teatral curta. O texto foi impresso na cidade de Niterói, na Revista *Leituras Católicas*, nº 781, em junho de 1955, juntamente com a peça “O castelo de Lisle”.

Fig. 1: Capa e folha de explicação da Revista *Leituras Católicas* com a publicação da comédia “Caduquices de Avô” e a primeira parte de “O castelo de Lisle”.

No estudo da referida comédia, logo na folha de apresentação dos personagens, fica evidenciada a caracterização da criança: “Edgar: netinho do senador, de pouca idade”. O protagonista, como nas outras peças do autor apresentadas na sequência deste

⁹ Na Revista onde a peça foi publicada há uma folha de explicação que indica o processo de criação da obra. *Caduquices de Avô* é a única peça de Pombo em que o autor apresenta tais informações.

trabalho, apronta suas travessuras com o avô e com o empregado da família. Mas, gradativamente, fica evidenciado seu verdadeiro caráter. Nas primeiras cenas conhece-se o protagonista por intermédio do senador, pessoa muito direita e carinhosa com o neto e que só o enxerga como um garotinho inocente, obediente e aplicado aos estudos:

- Acabo de escrever uma carta ao Dr. Policarpo meu inteligentíssimo filho, contando-lhe as proezas de Edgar, meu netinho. [...] Edgar que é aquilo que pode existir de mais extraordinário no mundo... O pequeno é deveras interessante; é mesmo inteligente, e me diverte com as suas brincadeiras, que parecem mais de um homem maduro do que de criança. Os senhores acharão que eu digo isso por ser avô; mas verão se de fato, o menino é, ou não inteligente (POMBO, 1955, p. 9-10).

Toda essa “bondade e inteligência” não engana o empregado Manuel, homem simples, sem instrução, matuto, mas capaz de perceber que falta caráter ao garoto. Essa caracterização do personagem Manuel, chamado por “Mané-vem-cá”, além do seu modo de falar, serve como ponto alto do humor da peça. A comicidade está tanto no modo como fala o personagem quanto na falta de comunicação que há entre ele e o senador.

“Mané-vem-cá” é um personagem caricatural. Trata-se de um empregado que pode ser visualizado como um antigo escravo, preto velho, ignorante, porém perspicaz. Essas características facilitam-lhe no ato de distinguir o real comportamento de Edgar, netinho do senador. Representantes de camadas sociais bem distintas esses dois personagens têm seus diálogos marcados por desencontros e clichês:

Senador: - E a compra?

Manuel: - Carne verdi não tem tem.

Senador: - Como não há carne verde no açougue?

Manuel: - Nhor não, eu arreparei bem e tudas carne que vi lá era vremêia. Não vi nenhuma verdi.

Senador: - Manuel, carne verde quer dizer carne nova, carne fresca, o contrário de carne seca...

Manuel: - Voismecê não dixe...

Senador: - Não me fale mais voismecê, fale Vossa Excelência.

Manuel: - Tá.

Senador: - E o resto?

Manuel: - Garrafa de madeira não tem. Oiêi prú riba di tudo quanto foi pratilêra e as garrafas que eu vi era tudas di vidro.

Senador: - Que disparete. Vinho madeira é vinho genuíno português.

Manuel: - Voismecê, isto é, vossainsulência não dixe.

Senador: - E a outra garrafa?

Manuel: - Outra garrafa Voismecê, isto é, vossainsulência não dixe que era pra mim (Põe a garrafa vazia sobre a mesa). Parati...

Senador: - Mas que fez você Parati é a última essência da cana. É o puro caldo de cana que se toma como aperitivo antes da feijoada...

Manuel: - Por que voismecê, isto é, vossainsulência não dixe logo “pinga” Agora é tarde, seu encomendadô, ela já subiu. (Mostra a cabeça). Tá aqui...

(POMBO, 1955, p. 36-37)

Na história da literatura infantil brasileira confirmamos uma vertente para a estereotipização do negro: fiel, passivo, subalterno, engraçado, supersticioso e que gosta muito de “beber pinga”. Não por acaso o empregado do senador é a caricatura dos velhos negros¹⁰ e, assim como antes, é ele quem entretém o público, posto que os acontecimentos ocorridos entre ele e o patrão são os que mais suscitam risos na plateia.

A existência de estereótipos nas histórias destinadas ao público infantil evidencia o pensamento de muitos autores que não consideravam o negro como um “tema poético”, fator que funciona como justificativa para o processo de marginalização dos povos vindos de África. O posicionamento do dramaturgo, em plena década de 1950, constrói, no imaginário infantil-juvenil, um conceito desfavorável, negativo, em relação ao outro. Nas reflexões de Bernd (1988, p. 11), o termo estereótipo deve ser entendido como uma “generalização apressada” de uma característica individual. Sua formulação pode estar tanto na ignorância do formulador como na tentativa consciente de “dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação”.

Em ato contínuo, o imaginário movimenta imagens, saberes e desejos. Movimenta também conflitos, distorce ideias e cria mundos paralelos. Nessa linha de raciocínio, a construção de estereótipos desfavoráveis aos personagens negros que habitam as histórias para crianças, desde as narrativas orais que circulavam no Brasil colônia, as cantigas de ninar, as cantigas de rodas até a produção do início do século XX, nega o passado histórico, pois nutre o imaginário infantil com uma imagem deturpada da nossa racialidade.

Oportuno observarmos que, ao contrário do personagem Manuel, o garoto possui perfil idêntico ao de outros personagens meninos, nas demais peças de Padre Pombo. Seu comportamento inconsequente, suas travessuras são entendidos como falta de uma educação mais rigorosa, nada além do que umas boas chineladas não resolvam. As

¹⁰ Na folha de apresentação da peça, consta Manuel (Mané-vem-cá): empregado, de idade madura.

diabruras do menino representam atividades meramente lúdicas: tocar a campainha na casa das pessoas e sair correndo, ou pintar a caricatura de capeta no rosto do avô quando este dormia. Nada disso compromete por completo seu caráter. A correção aplicada pelos mais velhos visto aqui como algo positivo, dá um jeito no problema. A mensagem que fica é a da necessidade de disciplinar as crianças, como também da importância de que elas recebam uma educação orientada para a consolidação dos valores dos sistemas herdados. Na última cena, temos uma importante representação desse pensamento:

Senador: – Nada de pena nem de misericórdia, traga-no de qualquer maneira...
 Manuel: (Entra trazendo Edgar que de defende com unhas e dentes, grita, morde, protesta, dá socos, xinga Manuel como à cima)
 Pronto seu dotô. Aqui está o anjinho de voismicê.
 Senador: (Ao povo) Senhores o pepino se torce enquanto está pequeno. Com licença. (Sai).
 Edgar: (Defendendo-se e choramingando) Vou falar pra papai... seu vira-lata...
 Manuel: (Quando o senador vai buscar a chinela) - Não resta dúvida... O MENINO É INTELIGENTE... vou escrever ao Dr. Policarpo contando mais essa...
 Senador: (Entra com o chinelo) ...
 Cai o Pano
 (POMBO, 1955, p. 55)

Dessa maneira, seguindo tendência conservadora, em *Caduquices de avô* encontramos uma situação que determina uma pessoa ou grupo; tidos como “ideal”. Representado pelo garoto, o tipo ideal corresponde a ser oriundo de família tradicional, branco, cristão, física e mentalmente perfeito, inteligente e esperto. Em função disso, entendemos que ao qualificar, caracterizar e descrever a criança e seus contornos ideais, o teatro escolar de Padre Pombo prepara terreno para a literatura infantil em Mato Grosso. É essa literatura que irá construir o mundo correspondente à infância através de narrativas, ainda que formulando, nos primórdios, modelos de padrões e comportamentos.

Os valores e padrões podem ser encontrados desde a primeira peça que analisamos de Padre Pombo. São marcas que persistirão latentes na criação literária posterior. Os rumos das novas produções têm sua gênese no teatro escolar, no texto cênico, como tem sido afirmado ao longo desse estudo. Reiteramos que se trata de um teatro baseado na intencionalidade pedagógica, no saber através do estudo, caminho entendido como necessário na preparação do homem para a vida.

1.1.4.2 “O Sinal Misterioso”

Fig. 2: Capa e folha de apresentação da Revista *Leitura Católica* com a publicação do drama “O Sinal Misterioso”.

A peça *O Sinal Misterioso*, drama em 05 (cinco) atos e 33 (trinta e três) cenas, apresenta o protagonista Érico, jovem órfão “de 13 a 15 anos”, que há apenas seis semanas está sendo cuidado pelo Padre Paulo. A peça, publicada na Revista *Leitura Católica* nº 818, em outubro de 1958, foi impressa na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Possui 13 personagens com falas e “vários outros que não falam”, conforme consta na folha de apresentação.

Ao construir o personagem Érico, o autor organiza uma trama que envolve e engana o expectador. Érico é apresentado como mal comportado, garoto “endemoninhado”, odiado pelos outros personagens que o consideram um ladrão. Isso pode ser comprovado em trechos de diálogo como: “[...] isto é que se chama gatuno e sem vergonha. Ladrão de marca maior, descarado e mentiroso, atrevido, petulante [...] Aquilo precisa é de água benta. (POMBO, 1958, p. 28). Porém o Padre sempre defende o menino, pois ele acredita na redenção das pessoas. Assim se manifesta o personagem Padre Paulo, que acolhe o jovem: “Sr. Norris é injusta a sua pretensão. Há seis semanas

apenas, que encontrei esse pobrezinho, órfão de pai e mãe, estendido diante de minha porta, enregelado e desacordado” (p. 09). No decorrer da ação, descobre-se que Érico não era nada daquilo que estava sendo apresentado. O garoto quando pegava algo escondido era para dar aqueles que tinham fome. Seu intuito era apenas o de praticar a caridade. Conforme Silva (2010, p. 94), “o expectador, portanto, toma a consciência de que Érico não era um menino mau, pois já possui pistas suficientes para colocá-lo no patamar de protagonista herói”.

É por passagens como essa que defendemos que a peça de Padre Pombo atua como veículo de transmissão de ensinamentos de valores morais e éticos. Ao longo das cenas podem ser percebidos vários símbolos ligados ao cristianismo e outros à cultura popular. Nesse contexto, fundamenta-se a religião católica e a noção, para o expectador, do bem e do mal, o que possibilitaria a compreensão de valores básicos da conduta humana ou convívio social. Trata-se de clara alusão a ordem religiosa da qual fazia parte o dramaturgo. Ele utiliza a arte cênica para expressar os valores vigentes de uma época.

Na sequência, o personagem Érico com comportamento bondoso e fiel surpreende o expectador/leitor, que faz ideia contrária do rapaz. Ao longo dos atos vão sendo apresentados outros personagens com Vovô e Chiquinho, pessoas ajudadas pelo protagonista. Na verdade, Chiquinho, exposto como “criança de 9 a 10 anos”, é primo de Érico. Ele também é órfão de mãe e o pai está preso. Tal afirmação pode ser comprovada na seguinte passagem: “Vovô: [...] É verdade, depois que teu pai foi prêso, tua mãe morreu de desgosto e ficamos nós dois sofrendo, não é meu bem?” (POMBO, 1958, p. 18).

O garoto, ao final da peça, morre para salvar o Padre da fúria de seu pai, chefe de um bando local. O sacrifício de Chiquinho dá ao personagem o papel de herói trágico e mantém a supremacia da educação moral e religiosa. Assim, visualizamos como a infância era socialmente apreendida. Na arte cênica de Padre Pombo materializa-se a expressão de uma visão da infância e seus contornos na relação com o adulto. Define-se um repertório de ações e comportamentos atribuídos à criança, os quais buscam funcionar como mapa que deveria sinalizar a inserção no mundo do leitor/espectador infantil.

Observamos uma linguagem carregada de diminutivos. Padre Pombo, com esse recurso, procura reproduzir o que seria a forma de a criança falar: “Viva o Chiquinho... Eis outro frango (mostra a garrafa). Um canequinho, para Chiquinho tomar um golinho,

deste vinhozinho, gostozinho do Sr. Totoninho”. (POMBO, 1958, p. 19). A infantilização da fala, recurso muito utilizado por autores de narrativas infantis demonstra a intenção de “tocar mais de perto o pequeno leitor e passar-lhe a mensagem pretendida”. Nessa perspectiva, cria-se uma linguagem “edulcorada e artificial: com diminutivos (sem justificativa); [...] repetições de clichês e lugares comuns, sem nenhum dinamismo lúdico” (COELHO, 2010, p. 273).

Através desses recursos a obra procura reproduzir normas e comportamentos socialmente valorizados, o que não quer dizer que tais comportamentos estejam efetivamente presentes no cotidiano da criança a quem o texto cênico se dirige. Na análise dessa produção, deparamo-nos com representações sobre a infância, segundo a égide do período e da formação do autor. O conceito de infância nas práticas literárias em Mato Grosso, especificamente no teatro salesiano, modela o comportamento do leitor infantil que se forma, inculcar-lhe corretos preceitos morais através da transmissão de lições modelares, a exemplo do que ocorre com a literatura moral e cívica do início do século.

1.1.4.3 “Educação Moderna”

Na comédia “Educação Moderna”, Padre Pombo promove uma inversão de ideais cristãos para poder criticar os novos modos com que as famílias estavam educando seus filhos. A peça, sem data de publicação, constitui-se em 02 (dois) atos e 18 (dezoito) cenas. Editada pela gráfica das Escolas Profissionais Salesianas, em Cuiabá, é dedicada a autoridades eclesiásticas e a membros do Conselho Federal de Educação. Trata-se, sobretudo, de uma crítica à interpretação equivocada da vida moderna.

Basicamente, ocorre uma falsa aceitação de novos preceitos e paradigmas. Nesse contexto, as orientações que os pais dispensavam aos seus filhos estão ultrapassadas. Nos novos tempos deve-se seguir a “educação moderna”, abandonar os antigos mestres. As novidades trazidas pelo progresso ocupam o lugar das velhas formas e métodos. Em uma parte do diálogo cênico encontramos:

Zé - Mandamentos da Lei de Deus? Meu pai disse que eles têm mais de 4000 anos e que já estão caducos...que são antiquados...

Tuca – Mas isso não está direito.

Zé - Como não está direito; se meu pai não obedece a Deus, eu é que lhe devo obedecer? (POMBO, s.d., p. 02).

Gradativamente, fomos observando a permanência de protagonistas adolescentes. Isso pode ser comprovado desde a apresentação das personagens: “[...] Zeca, menino de 13 e 14 anos. [...] Teco, o menor de todos possivelmente, [...], Tuca, da mesma idade de Zeca. [...] Juca, da mesma idade dos outros dois. Chico regulando com a maioria. Joca, da mesma idade dos demais”. Logo somos informados de que as primeiras cenas se desenrolam no quintal de uma casa, na cidade de Corumbá, no mês de agosto. Os diálogos iniciais aludem ao comportamento de jovens estudantes que, munidos de virtudes e moral cristã, exemplificam aqueles que recebem a educação devida. Notemos:

Zé: - [...] e vou logo buscar meus livros, pois está quase na hora de ir para o meu querido colégio. Não quero chegar atrasado.

Jo: (entusiasmado) - Você é mais do que um anjo, meu filho; você é um querubim, um serafim... (abraço-o efusivamente). - Vá meu filho, vá para a sua escola [...]. (POMBO, s.d., p. 02).

O enredo se organiza a partir de um contraponto entre tradição e modernidade. As situações apresentadas retratam acontecimentos e métodos ocorridos nos “novos tempos”. Como em um jogo de faz de conta, o dramaturgo critica os métodos tradicionais mantidos pelas famílias conservadoras e pelas escolas religiosas. Exalta o progresso, a quebra de hierarquias, o abandono as convenções sociais e a não valorização dos mandamentos cristãos, deixando a impressão que a educação tradicional, mais rígida, deve ser substituída por padrões modernos. A esse respeito Silva (2010, p. 103) comenta:

Fig. 3: Capa da comédia “Educação Moderna”

Na contramão de outras peças, *Educação Moderna* parte de uma situação positiva para desencadear situações negativas, causadas pela modernidade e pela influência do capitalismo. Assim, as crianças são apresentadas como exemplos de virtudes e moral cristã, conceito esse que vai sendo destruído a cada cena do texto.

Os personagens meninos demonstram ao leitor/espectador seus péssimos comportamentos. Suas ações desqualificam seus caracteres. Retratados como garotos “endiabrados”, eles matam as aulas, mentem para os seus pais e roubam galinha dos vizinhos, mas somente com a aproximação do final da peça é que se poderá entender que tudo aquilo é culpa da educação moderna, da falta de limites e irresponsabilidade que a modernidade induz as pessoas. Nessa produção, notamos que as travessuras dos garotos, que poderiam ser entendidas um comportamento natural dentro de suas faixas etárias, servem apenas de motivo para a permanência da orientação ideológica dominante. Trata-se de um comportamento inconsequente e destrutivo, que deve ser combatido. A esse respeito, analisando produções infantis da década de 1940, Coelho (2010, p. 273) ressalta:

Na efabulação, predominam as travessuras sobre as aventuras. Isto é, propõem-se aos leitores não uma experiência vital transformadora (a Aventura), mas atividades meramente lúdicas e inconsequentes (travessuras). Ao mesmo tempo, incentivam a obediência, a ordem e a permanência (pelo desestímulo às situações aventureiras que levam ao rompimento das estruturas já estabelecidas).

Desse modo, o que se percebe com o decorrer da análise é uma produção que ainda não se desvencilhou da orientação pedagógica. Munido de um realismo estreito, o texto cênico de Padre Pombo, também direcionado às crianças e jovens, possui as mesmas fórmulas estilísticas dominantes nas décadas anteriores, que visam a clareza e a aceitação da moral, mantendo assim uma concepção rigidamente disciplinadora e punitiva.

Acompanhando o desenrolar da ação, chegamos ao momento em que os pais dos garotos acabam por reconhecer a falência dos métodos educacionais modernos e recorrem ao clássico cinturão para corrigirem os desvios de suas crianças. A peça termina deixando a mensagem de que nada é mais eficaz do que os métodos tradicionais. Evidencia-se o fundo essencialmente religioso, educativo e exemplar. Os valores oriundos das sociedades tradicionais sobrepõem-se aos apelos mais progressistas que ecoavam nos novos tempos. Tempos esses em que se projetam um tipo de educação e um tipo de arte

que abrem caminhos para nova mentalidade, momento em que a criança e o jovem são vistos como seres em formação, que devem ser orientados no sentido de alcançar plenitude em seus diferentes estágios de desenvolvimento.

1.1.4.4 “O Último Pelotão”

Fig. 4: Capa e folha de apresentação do drama “O Último Pelotão”.

Drama em 05 (cinco) atos e 57 (cinquenta e sete) cenas, publicado pelas Escolas Salesianas de Cuiabá, “O Último Pelotão” (1964)¹¹ segue a mesma linha das demais peças. Dedicada a autoridades da igreja e a algumas pessoas externas, apresenta como

¹¹ Não encontramos o ano de publicação da peça, mas na dedicatória consta a data de 7 de outubro de 1964. Segundo Silva (2010, p. 98), “pode-se considerar o ano de 64 como a data de publicação de “O Último Pelotão, tendo em vista que em todas as outras peças do autor o ano que data a dedicatória é o mesmo ano da publicação do texto”.

enredo um período de repressão militar. As cenas se desenvolvem em um país vizinho à Cortina de Ferro¹² e são marcadas pela constante luta entre capitalismo e socialismo.

Em “O Último Pelotão” as personagens principais são oito garotos com idade que variam de 11 a 15 anos. Os perfis dos meninos: “Zezinho – 11 a 12 anos. Não deve ser muito desenvolvido. Ronaldo – 14 a 15 anos, chefe. Augusto – o menor. Jones, Luis, Carlos, Antonio, Fernando – de 12 a 15 anos”. É esse grupo que se une para criar um pelotão de defesa em favor da fé cristã. Os meninos representam os guerreiros de Cristo que lutam pela verdadeira fé, por isso deveriam ser vistos como modelos de ação a serem copiados pelos demais.

Essa obra de Padre Pombo se particulariza por um aspecto: a inserção de acontecimentos referentes ao período de repressão militar na Europa. Há na trama a presença de um grupo de comunistas que confabula contra a igreja. O clima de conspiração é recorrente para que depois tudo seja transformado graças às atitudes dos heróis meninos, que fazem da igreja seu quartel general.

Com comportamento de pessoas adultas são os garotos que integram o “último pelotão” e, por isso, eles são incumbidos de dar proteção aos padres contra os comunistas. Tal caracterização mostra-os como indivíduos ideais, como os heróis e personagens românticos que representavam somente qualidades e virtudes. Essa vertente presente no texto cênico de Padre Pombo está em histórias francesas e italianas, que foram adaptadas para a inserção do nacionalismo presente na literatura infantil brasileira. A esse respeito, Lajolo e Zilberman (2002, p. 33) revelam:

Tanto a história francesa quanto a italiana têm crianças como personagens centrais, as quais, através de variadas situações e aventuras, vão desenvolvendo amor à pátria, sentimento de família, noções de obediência, prática das virtudes civis. São crianças modelares, cuja presença nos livros parece cumprir a função de contagiar de iguais virtudes e sentimentos seus jovens leitores.

¹² Esse termo designa a política de isolamento lançada pela União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial, durante a chamada Guerra Fria e que envolveu uma censura rígida e grandes restrições na deslocação de pessoas. A expressão “Cortina de Ferro” identificou o conjunto dos países europeus de regime comunista.

Em meio a essa ação nobre, patriótica e, sobretudo, religiosa aparecem cenas que produzem situações lúdicas e cômicas. O clima de tensão inicial é desconstruído quando ficam evidentes que as armas das crianças são a fé e instrumentos que não ferem ninguém. Constatemos:

Jones: - E como serão as armas?
 Ronaldo: - Baratas, que não façam barulho, não matem, nem arranquem sangue.
 Antonio: - Que armas difíceis e sem graça.
 Jones: - Eu garanto o revólver do papai.
 Augusto: - Eu, também, pai tem um 38 fantástico.
 Ronaldo: - Nem 38, nem 39, nem 40; os revólveres de seu pai fazem barulho?
 Augusto: - Fazem
 Ronaldo: - Não matam?
 Todos: - Matam
 Ronaldo: - Então não servem. Pois as nossas armas não devem fazer barulho e nem matar.
 Carlos: - O melhor é a funda; pedra não custa caro, e papai tem uma câmara velha de caminhão, que dá para armar todo o nosso pelotão e ainda sobra elástico para amarrar os prisioneiros.
 [...]
 Luiz: - Não faz sangue mas cria galos. Vamos fazer uma criação de galinhas. (POMBO, 1964, p. 06).

Seguindo a linha de representação do herói menino, os personagens mantêm seus comportamentos inalterados. Quando se pensa que os integrantes do pelotão irão pegar em armas e machucar alguém, o texto cênico muda de tônica e as ações dos personagens ganham um contexto de brincadeira. Momentos de ludismo e exemplos de boa conduta acompanham o enredo que já caminha para o seu fechamento. No diálogo entre os personagens, fica evidenciada a proposta direcionada ao leitor/espectador que é levado a imaginar que o ser humano só tem um lado bom e, que, se tem um sentimento mal será necessariamente mau, como os comunistas.

Nesse sentido, a exemplo do que prevalecia em muitos contos infantis, o teatro salesiano em Mato Grosso é o responsável pela formação de uma hierarquia de valores, de um universo de referências que contribui para moldar comportamentos e influenciar mentalidades. Constrói-se a sensação de um mundo da infância onde tudo é possível e o bem prevalece sempre. O espectador dessa arte é levado a acreditar que as crianças e os jovens devem ser criaturas perfeitas, guiadas por ideais nobres e altruístas: liberdade, fraternidade, sacrifício, coragem, justiça, moral e paz. De acordo com Magalhães (2001, p. 110):

[...]. A supremacia da educação moral e religiosa se encontra presente em todos os textos de Padre Raimundo Pombo da Cruz, mesmo porque suas peças eram representadas dentro das escolas salesianas e, obviamente, atendiam aos interesses pedagógicos dessa comunidade. Comuns as cinco peças, temos, além do caráter didático moralizante que caracteriza todos os textos analisados, o insistente confronto entre o novo e o antigo e a superioridade da religião católica e de seus representantes em relação aos demais personagens.

No fechamento do drama é enfocado, mais uma vez, os preceitos da educação religiosa tradicional assim como a valorização de atos cívicos. Os garotos entoam o hino “Marcha soldado cabeça de papel, se não marchar direito vai preso pro quartel”, como também se ajoelham virados para a imagem do menino Jesus em ato de agradecimento, cena essa que encerra o espetáculo.

Depois de lidas as peças de Padre Pombo e verificado como se apresentam as personagens infantis e o próprio direcionamento ao público infanto-juvenil, compreendemos que a função utilitário-pedagógica é a grande dominante. As obras atendem a uma exigência da própria estrutura do teatro escolar salesiano. Desse modo, a contemplação e/ou representação de símbolos sagrados, de ética e virtude no texto cênico são os mais vivos testemunhos dos atravessamentos históricos e ideológicos e suscitam uma radiografia expressiva do posicionamento da criança e do jovem no Brasil mato-grossense, nas décadas de 1950-60.

Ocupando o lugar dos livros infantis e juvenis esse teatro é uma prática cultural elucidativa do modo como foram desenvolvidas emoções, sensibilidade, comportamento, costumes. Amostra viva das relações e reações humanas, o teatro de Padre Pombo configura-se como um importante elemento de atuação sobre o espírito do destinatário ou do espectador que se prepara para a efetiva circulação da literatura infantil e juvenil no Estado.

Seguindo uma linha temporal, visualizamos a presença da literatura infantil e juvenil nos grandes centros do Brasil e se torna inevitável a comparação com o teatro salesiano em Mato Grosso. No contexto nacional, nas décadas de 1930-40, após o surgimento de Monteiro Lobato, há um tipo de literatura que se mantém na linha conservadora. Segundo Coelho (2010, p. 272), é um momento de combate às “mentiras”, às “irrealidades” e às “falsificações” da literatura e da arte em geral, a ponto de os livros

de Lobato serem “proibidos em colégios religiosos, sob a acusação de perniciosos a formação da criança”.

A arte cumpre o papel de veículo de mensagem em favor dos interesses de um grupo, de ideologias e filosofias. Toda a contestação gerada repercute diretamente na arte brasileira e, no que concerne à literatura infantil, são confirmados diferentes posicionamentos. Surgem, nesse gênero, livros puramente patrióticos e educativos que repelem a imaginação. Eles possuem, como temática principal, a servidão e a obediência.

Naquele momento, havia uma aceleração do processo de modernização do país. “Saúde e educação apresentavam-se como importantes metas a serem alcançadas, a fim de remover os resíduos do atraso herdado das fases anteriores da história”, afirmam Lajolo e Zilberman (2002, p. 51). Na busca dessa modernização, os escritores brasileiros terminaram por adotar posturas contraditórias e aparece nas letras a ênfase ao nativismo.

O teatro de Padre Pombo, direcionado a crianças e jovens, munido de um realismo estreito e valores éticos cristãos e pedagógicos, assume postura ideológica de décadas anteriores, gerando imagens que representavam a ideologia nacionalista daqueles períodos. Somente após o fim dessa prática cultural e da queda da popularidade do teatro salesiano é que o Estado terá intelectuais, munidos de um pensamento crítico e renovador, que irão se posicionar contra essa vertente, os quais passam a defender uma literatura com imaginação, sem o realismo estreito imposto pela orientação pedagógica, todavia isso é outra história.

1.2 Por uma imprensa em Mato Grosso: a formação do leitor infanto-juvenil

O encontro entre literatura e imprensa, na virada do século XIX para o XX, é fator primordial para o processo de formação e desenvolvimento da literatura e, em especial, da literatura infantil e juvenil brasileira. A produção literária adulta e infantil, que se publicava na imprensa consagra autores, além de servir como mediação para exposição de princípios, formação cultural e questões relativas ao aprendizado escolar. Essa produção exerceu um papel de suma importância para a divulgação de ideias, ideologias, além de contribuir para formação dos hábitos, gostos e atitudes da população. Devido a

sua popularidade, a imprensa gradativamente tornou-se mais especializada, atendendo às necessidades comunicativas e aos interesses específicos de diversos grupos sociais.

No período aludido no começo dessa seção, muitos autores divulgavam suas obras literárias por intermédio de jornais e revistas, uma vez que, através desses veículos, conseguiam atingir um público maior do que aquele alcançado com a publicação de livros. Situação semelhante ocorre em determinado período histórico de Mato Grosso, referimo-nos ao momento em que jornais e revistas com conteúdos infantis e juvenis passam a contribuir para a formação de uma produção literária destinada a esse público. Coube a imprensa o papel de moderadora entre o texto jornalístico, o literário e o texto que servia a interesses mais pedagógico-cívicos. Analisando a formação da literatura infantil brasileira, Arroyo (2011, p. 179) informa:

Para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira, a criação de um campo propício à sua evolução – sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino – para sua base, se assim podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revista.

A análise de jornais e revistas ajuda-nos a rastrear a gênese da produção infantil no Estado. A caracterização de movimentos culturais, como o teatro e literatura, começa a ter um direcionamento o que nos possibilita redefinir concepções no que dizem respeito à literatura e aos aspectos históricos. No espaço-tempo das letras impressas é indiscutível o caráter civilizatório mediado pela imprensa que “entreteve, informou, educou, criou hábitos de leitura, formou autores, refinou costumes, ditou regras sociais, morais e religiosas, e fortaleceu a identidade regional” (NADAF, 2002, p. 208).

Em face da relevância que os jornais tiveram na vida social mato-grossense do século XIX, propomos estudar a imprensa escolar infantil e juvenil, mais especificamente jornais e revistas, que trazem em seu conteúdo uma temática voltada para esse público.

Na literatura do mundo ocidental, a Espanha foi um dos primeiros países a possuir esse tipo de publicação. Em 1798, na cidade de Madri, surgiu o primeiro periódico infantil, *Gazeta de los Niños*. Este, como os demais que circularam no país até os primeiros anos do século XX, servia aos interesses da escola. Munidos de intenções

pedagógicas e preceitos eruditos, a arte literária ficava em segundo plano, fator determinante para fortalecer a relação da literatura infantil com a pedagogia. Segundo Arroyo (2011), essa característica se estende à imprensa escolar infantil surgida em toda a Europa, de quem o Brasil recebe os primeiros ensinamentos.

No Brasil, a imprensa infantil e juvenil escolar surge na Bahia, na primeira metade do século XIX. A partir do título do jornal já era possível perceber essa inferência. Trata-se, por exemplo, do jornal *O Adolescente* (1831), que teve 46 números publicados. Contudo, segundo Arroyo (2011), em julho de 1937, em Salvador, circula um jornal que continha em seu conteúdo o direcionamento específico: *O Recompilador* ou *Livraria dos Meninos*. Nessa trajetória, registra-se o aparecimento dos primeiros jornais, *O Juvenil*, no Rio de Janeiro; no Maranhão, *Jornal de Instrução e de Recreio*; em Pernambuco, *A Saudade* e em São Paulo, *Kaleidoscopio*, todos com objetivos pedagógicos.

Arroyo (2011) faz um levantamento de materiais como livros, revistas além de jornais, impressos em escolas brasileiras ou apenas direcionados à área escolar durante o século XIX e início do XX. Nesse levantamento, o crítico opta por citar os de caráter infantil e juvenil em cidades do interior de São Paulo, como também nas capitais do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em meio a um grande número de material, o autor cita que há os utilizados na intenção do aprendizado, das obrigações escolares e os que intencionam o divertimento.

É importante frisar que a imprensa escolar infantil e juvenil em Mato Grosso não faz parte da pesquisa de Arroyo. As experiências locais, veiculadas a essa produção não são citadas pelo crítico, que promove um estudo pioneiro sobre a história da literatura infanto-juvenil brasileira. Mesmo afirmando que os jornais, quer nas escolas primárias quer nas secundárias, promoviam a circulação das manifestações literárias de intelectuais, escritores e poetas que, em muitos casos, se salientariam nas letras literárias brasileiras, o crítico deixa a parte as importantes contribuições que a imprensa escolar em Mato Grosso traça para o levantamento dessa história.

Procuramos destacar alguns periódicos inaugurais na tentativa de buscarmos elementos capazes de nos auxiliar no levantamento e compreensão da “pré-história” da literatura infantil e juvenil mato-grossense. Na formação das coordenadas dessa literatura,

é importante relatar o movimento das tipografias. Elas exercem um importante papel para a imprensa escolar.

Encontramos registrado que em 30 de junho de 1902 chegou à oficina de tipografia do Liceu Salesiano a máquina *Marinoni*, montada no antigo refeitório dos padres. Em 1903, os salesianos de Cuiabá lançam o jornal *Matto-Grosso*, que circulou durante um ano e depois foi transformado na *Revista Matto-Grosso*, editada pelo padre Helvécio Gomes de Oliveira.

Grande parte dos números traz assuntos relacionados à igreja católica e à congregação salesiana. Algumas edições, como as de número 01, 08, 10 e 12, tratavam de fatos importantes locais e nacionais, como a eleição do novo presidente do Estado. A primeira edição, como era de costume dessa publicação, traz um editorial sobre as aspirações para o ano que se iniciava.

No corpo da Revista constam poemas, contos, crônicas e artigos. Um desses, publicado em 1907, intitula-se “Casamento e união livre”. O título evidencia a promoção dos valores e dogmas católicos. Na seção História, encontramos um discurso que intenciona “resgatar” a história de Mato Grosso, com relatos sobre datas importantes e histórias dos desbravadores da Província. Ainda, nos números analisados, há colunas especiais publicadas durante os meses de setembro e dezembro, sobre a Proclamação da Independência e registros de viagens de oficiais no período da guerra entre o Brasil e o Paraguai.

Outra seção bem interessante é a seção “Notícia”. Nesta eram feitos todos os tipos de relatos: aniversariantes do mês, descobertas recentes, acontecimentos regionais como festas ou mortes de pessoas ilustres. Dentre eles, registramos as comunicações do colégio ou da missão salesiana como, por exemplo, as aprovações e doações à missão de catequese indígena, com nome e valores doados. Observamos que as notícias sobre acontecimentos religiosos, sobre a missão salesiana junto aos índios e as notícias sobre o trabalho dos padres a frente dos colégios recebiam maior destaque no corpo do Periódico.

A Revista faz circular importantes manifestações literárias de professores e intelectuais. Partindo de uma concepção didática, privilegiando temas de interesses locais, alguns autores/professores, num trabalho pioneiro, irão estabelecer os rumos da produção artística, trazendo em seu bojo índices de valoração, fortalecimento e particularidades.

Esse imbricamento reflete, posteriormente, a fisionomia dos textos e mostram-nos fatos novos, talvez antes considerados menos importantes, quando lidamos diretamente com a linguagem que nasce na antiga província. Todos esses fatores implicam no engendramento da tradição, da memória e da herança cultural. Forma-se um jogo de forças que se estende a uma escrita que, obviamente, atendia aos interesses pedagógicos da comunidade religiosa salesiana.

Entendemos que, munida de uma tradição utilitária, as manifestações artísticas surgidas nas escolas em Mato Grosso servem-se do ritual do encantamento, das súplicas e dos louvores para declarar o bem-estar humano. Por acreditar na aprendizagem pelo exemplo, no ensinar e salvar, também coube à escola da época promover o desenvolvimento intelectual e cultural do Estado.

Compenetrados numa missão educativa e didática, os salesianos produziam peças teatrais, jornais e revistas ressaltando a manutenção de valores, atitudes e ensinamentos. Essa era a possibilidade de iniciar a criança e o jovem no conhecimento da realidade, de mostrar a eles os modos de vivência e de comportamentos. Por isso, na tentativa de “educar” o público local, a cultura escrita é tomada como a principal formadora do sistema literário. Nesse sentido, cumpre dizer que toda a elaboração inicial desse sistema baseia-se, necessariamente, na amostragem da cultura da sociedade mato-grossense e na valorização de elementos locais e nacionais. Esses elementos se entrelaçam e se materializam no plano temático e também no da linguagem.

Com essas articulações em solo mato-grossense, a imprensa mantém seu direcionamento atendendo as necessidades comunicativas do público juvenil que se formava. Uma pesquisa no NDIHR nos proporcionou uma visão do movimento desses periódicos. No acervo do Núcleo de Documentação e Informação, encontramos três importantes periódicos: *A Juventude*, *O Liceu* e *O Pequeno Mensageiro*.

A respeito da relevante influência da imprensa na evolução cultural do Estado, citamos os estudos de Póvoas (1994, p. 59). O historiador, em tom entusiasmado e contagiante, afirma que nos jornais “daquela fase áurea da nossa evolução cultural, - os anos que ficaram entre a Guerra do Paraguai e a Revolução de 1930 -, veremos o alto nível daquela imprensa”. Para ele, há nesses periódicos “artigos muito bem lançados, focalizando assuntos versados com extraordinária precisão e lógica de argumentação e,

sobretudo, numa linguagem castiça, num português corretíssimo” (PÓVOAS, 1994, p. 59-60).

Após seguirmos esse percurso histórico, entendemos que este momento é propício para conhecermos as manifestações literárias presentes nesses periódicos. Objetivamos estabelecer um paralelo de relações existentes entre os textos publicados, a linha discursiva adotada pelos periódicos e a relevância dessa fomentação literária cultural precursora da literatura infantil juvenil em Mato Grosso.

1.2.1 *A Juventude*

O jornal *A Juventude*, “periodico literario, critico sportivo e noticioso”, foi publicado de 1916 a 1917, totalizando 42 números. Nas nossas pesquisas, encontramos disponíveis os números 1-7, referentes a novembro e 28 de dezembro e no ano II, de 04 de janeiro a 01 de fevereiro os números 8 a 42.

Fig. 5: Primeira página do jornal *A Juventude*.

O jornal impresso em Cuiabá, em folha com tom roxo, contém em seu título uma indicação clara do seu direcionamento, todavia isso não impediu que o periódico trouxesse em seu editorial assuntos de interesse variado. Os textos literários possuem grande recorrência. Encontramos poemas e textos em prosa, denominados por Nadaf (1993) como prosa literária curta¹³. Quanto aos dois gêneros citados, encontramos poemas com temas que tentam envolver o público juvenil. Dos vários números do periódico analisados por nós (*A Juventude*, Cuiabá, 19/04, 17/05, 28/06 e 01/10 de 1947)¹⁴, destacamos os poemas “Innocencia”, de autoria não informada e “A Escola”, de José Raul Vilá, escrito em 1915 e publicado em 1917:

Innocencia

A gentil menina Anna Luiza de Mattos.

Eu sou assim bonitinha
Como esta mimosa flor
Nella o perfume se aninha,
Em mim aninha-se o amor
Mas um amor puro e santo,
Que só possui a innocencia,
Tão doce que eu amo tanto,
Pois é dos Anjos a essencia.

Com minhas faces morenas,
Mas de um moreno ideal,
Semelho as leitas phalenas,
Passando por um rozal.
Os meus risos altos, ledos
Minhas fallas de carinhos
Despertam nos arvoredos
O cantar dos passarinhos.

Meus paes as vezes me ralham
Vendo-me assim folgaza...
Visto as azas que farfalham,
Desde rompem a amanhã.
A manhã! Hora dilecta,
Dos voos, das esperanças...
Deus, lá da corte selecta,
Dá penas de ouro às creanças.

(*A Juventude*, 17/05/1917)

¹³ Em seu primeiro livro *Sob o signo de uma flor* (1993) a pesquisadora usa essa expressão.

¹⁴ Os números dos periódicos selecionados para análise são os mesmos dos quais retiramos as informações sobre a presença do teatro em Mato Grosso.

Trata-se de um poema com três estrofes de oito versos, todos rimados. Com uma linguagem infantilizada, parece se dirigir a leitores necessitados de facilitadores: “as crianças”. As comparações utilizadas são puramente referência direta ao objeto ao qual se compara: “Eu sou assim bonitinha/Como esta mimosa flor”.

Desde o título, constrói-se a imagem de um ser angelical, puro e imaculado, referências explícitas de uma idealização do ser mulher, própria do período romântico: “Em mim aninha-se o amor/Mas um amor puro e santo/Que só possui a inocência/Tão doce que eu amo tanto/Pois é dos Anjos a essência”.

O poeta revela um eu o seu cotidiano familiar. Tudo é descrito na medida, com moderação. Num espaço-tempo em que se caracteriza a menina moça, a quem o poema é dedicado, ditam-se, implicitamente, normas rígidas de comportamento e se proclama a manutenção da obediência aos valores instituídos. No ritmo da poesia está imposta a aprendizagem passiva das regras para a vida em sociedade no mundo dos adultos. Desse modo, essa menina moça deveria aprender, desde já a ser mulher, namorada, esposa, mãe, filha, etc.

Importante citarmos que essa mesma visão da criança, ou seja, aquele ser que precisa ser ensinado e condicionado, está em textos narrativos e poéticos criados no primeiro momento da literatura infantil brasileira, que se estendeu de 1880 a 1920. É a literatura de caráter utilitário, recurso que se coloca acima da natureza artística do objeto.

Na terceira estrofe do poema, os versos revelam que o eu poético é o ser ainda em formação. Ele é preparado pelo adulto e, por isso, aparece apenas na posição de receptor passivo desses valores. No primeiro e no segundo versos, lemos: “Meus pais as vezes me ralham/Vendo me assim folgoza ...”. A obediência aos mais velhos é ponto predominante nessa literatura que começa a se formar. Nela, ouvimos a voz de uma criança proclamando o que pregavam os adultos: “Dos voos, das esperanças...Deus, lá da corte selecta /Dá penas de ouro às crianças”. É a imagem do que seja uma criança comportada, servindo de modelo às ações dos leitores em formação.

Na produção poética que se materializa como possibilidade de leitura para os mais novos, transcrevemos também o poema “A Escola”, de José Raul Vilá, publicado no periódico *A juventude*, de 28/06/1917.

A Escola

Salve, berço de paz e esperança,
De justiça, virtude e amor
Que, embalando a innocente creança
Vertes raios de ethereo fulgor.

Salve, Escola, refugio sagrado
De almas de reis que buscam a luz
Pois tu tens no regaço doirado
O caminho sem par de Jesus.

Salve, templo, sacrario da sciencia
Que é do mundo moderno o mentor.
Cujo lume assignala a existência
Atro escolho que causa pavor.

Salve, filha da luz clara e bella,
Que se expande do fulgido sol,
Ou da pallida lua, ou da estrella,
Ou do rubro matiz do arrebol.

Como a luz que nos brados amenos
Melros jovens ensina trinar,
Tu tambem, nobre Escola, não menos
Fazes sempre as creanças cantar.

Quando a estrella da alva ridente
Anuncia das trevas o fim
Toda a flor entreabre contente
Suas petalas de neve ou carmin

E, essas almas de ti tão queridas
Correm todas em gran profusão,
Como aves sem lar, desvalidas,
Procurando a estival estação.

E eis que abrindo as suas mentes mimosas
Quaes corolla de meigo candor,
Nellas lança torrentes preciosas
Como os raios que o sol manda `a flor.

Como as flores precisam fragancia,
Luz, orvalho e aragem subtil,
Tambem isto e com muita abundancia
Quer o garrulo mundo infantil.

Como a luz que nos brados amenos
Melros jovens ensina trinar,
Tu tambem, nobre Escola, não menos
Fazes sempre as creanças cantar.

Salve, Escola, tu só docemente
Sabes luz e rocio espartir
Sobre a turba infantil, innocente,
Trescalante jardim a florir.

(A Juventude, 28/06/1917)

Inspirado na nobreza da instituição e na figura do aluno, o poema narrativo, constituído de 11 quadras, todas rimadas, tem como grandes personagens a escola e a criança. Manifestando-se em português castiço o eu poético externa seus sentimentos e valores interiorizados. Logo na primeira quadra é anunciado: “Salve, berço de paz e esperança/De justiça, virtude e amor Que, embalando a inocente criança/Vertes raios de ethereo fulgor”.

Mais uma vez nos deparamos com exemplos do cultivo da poesia de feição pedagógica que reflete a ideologia predominante na literatura, cujo tema intencionava ter como público a criança. Era uma poesia voltada para a orientação e manutenção de preceitos de ordem moral, cívica e cristã. A voz do eu declara: “Como a luz que nos brados amenos/Melros jovens ensina trinar/Tu também, nobre Escola, não menos/Fazes sempre as crianças cantar”. Símbolo do tradicionalismo cultural, a escola é imortalizada nas letras de José Raul Vilá, de onde se materializam exemplos, experiências, avisos, sugestões e ensinamentos.

Todo esse universo consagrado e esplendoroso está representado pelo ritmo monótono e pela métrica dos versos. As comparações anunciadas mantêm a forte relação entre a criança e a escola. À medida que se aproxima o final do poema fica evidente que a criança necessita receber os valores que a consagrada instituição oferece: “Como as flores precisam fragancia/ Luz, orvalho e aragem subtil/ Também isto e com muita abundancia/ Quer o garrulo mundo infantil”.

Notamos a valorização do estudo na vida dos que estão em formação, ideia recorrente no Brasil que buscava sua modernização. Nesse contexto, as campanhas de difusão patriótica, escolar e familiar apresentavam-se como única possibilidade, “no discurso otimista da classe dominante”, esclarecem Lajolo e Zilberman (1985, p. 38).

Seguindo a tendência conservadora nas letras do Estado, a função artística, nessa produção destinada à criança e ao jovem, fica em menor escala para realçar o objetivo de formar o caráter e reforçar valores morais caros aos adultos. Nessa produção não há espaço para o deleite, tampouco para o questionamento. No tom ufanista e exaltado do poema “A Escola”, visualizamos a imagem que se faz da criança através dos tempos: “Salve, Escola, tu só docemente/Sabes luz e rocio espartir/Sobre a turba infantil, inocente/Trescalante jardim a florir”.

Fig. 6: Página do Jornal *A juventude*. Destaque para “Secção infantil”.

De modo geral, na leitura do periódico *A Juventude*, verificamos que os assuntos estão distribuídos entre política, história do Brasil e do Estado, avisos de utilidade pública, colunas que traziam datas de aniversários de filhos de pessoas influentes da sociedade, perfil das “*mademoiselle* da nossa melhor sociedade”, paródias, charadas,

anúncios das peças de teatro encenadas na capital, fator já aludido por nós na seção anterior, propagandas de lojas que vendiam desde gêneros alimentícios até livros vindos da Europa e, ainda, notícias de clubes esportivos.

Merece destaque a “Secção infantil”, com concurso de perguntas e respostas. No primeiro ano de vida do jornal, encontramos a seguinte informação: “Em todos os números do nosso jornalsinho publicaremos questões a fim de serem resolvidas” (*A Juventude*, 12/11/1916). Da leitura dessa secção, extraímos: “A capital de um Estado do Brasil, sem a última letra, torna-se em parte do leite. (2 syllabas)”, “Qual é o animal que se acrescentarmos uma letra transforma-se em sobrenome? (2 syllaba)” (*A Juventude*, 01/10/1917).

Essa linha editorial do jornal segue o mesmo padrão encontrado em periódicos juvenis editados em São Paulo e em outros Estados brasileiros no final do século XIX. Com grande aceitação, esses jornais destinavam algumas colunas para o divertimento e recreação trazendo charadas, adivinhas, concursos, poesias e contos.

Dos diversos outros jornais e revistas infantis e juvenis, mencionamos o aparecimento da revista *Tico-Tico*¹⁵, o mais importante veículo impresso voltado para o

¹⁵ Esclarecemos que não iremos analisar a Revista *Tico-Tico* no decorrer da pesquisa.

público infanto-juvenil no Brasil. O primeiro número circulou em 11 de outubro de 1905. Sucesso de venda, chegou à tiragem de 100.000 exemplares por semana. Em suas páginas, como nas folhas de *A Juventude*, podiam ser encontrados passatempos, mapas educativos, literatura juvenil e informações sobre história, ciência, artes, geografia e civismo. Fotografias e desenhos dos leitores, enigmas e concursos eram publicados. Essa revista é o mais importante veículo surgido no século XX, não só na imprensa brasileira, como também para a formação e o encanto das crianças e adolescentes de praticamente todo o país.

Voltando à análise do periódico *A Juventude*, a seção “Anjinhos” também nos chama a atenção. Nela, o redator relata o falecimento de filhos de personalidades da capital, Cuiabá. Com uma linguagem infantilizada, a temática da morte é concebida na visão transcendental da condição humana. Com um discurso pomposo, carregado de metáforas, comparações e perífrases, a morte de crianças e jovens é motivo de destaque: “Evolou para a mansão dos justos, a 27 do expirante a innocente Maria Oscarlina afilhada do nosso distincto amigo Capm. João Pedro de Figueiredo, a quem enviamos os nossos sentido pezames”; “Entregou a alma ao creador, o inocente anjinho Joaquim [...]. (*A Juventude*, 01/11/1917).

Fig. 7: Primeira página e página interna do jornal *A Juventude*. Destaque para as colunas “Anjinhos” e Charadas novissimas”.

Fig. 8: Página interna do jornal *A Juventude*. Em destaque os editoriais sobre fatos históricos regionais e nacionais.

político que vivia o país.

Verificamos que se valendo de um estilo discursivo sério e ufanista, o jornal utiliza exemplos de personalidades, deixando clara a intenção de formar a opinião dos leitores, através de um tom didático e moralizante, de caráter patriótico. Com esses dados, reafirmamos a continuidade de uma acentuada educação cívica e moral, uma postura conservadora, cujo lastro já se encontrava presente nas letras brasileiras direcionadas a crianças e jovens do século XIX.

Uma prova da presença de discursos e ensaios com temas cívicos e heroicos em impressos do século XX, com esse direcionamento, localiza-se também em *A Juventude*, datado de 28/06/1917. Utilizando-se do título “Retomada de Corumbá”, o editorial conta a história de um importante capítulo da Guerra da Tríplice Aliança e da participação de tropas mato-grossense nas sangrentas batalhas para a retirada do inimigo.

Em face do aniversário do heroico acontecimento, em tom eufórico e ufanista, o editor relembra que, em janeiro de 1865, Corumbá e o forte de Coimbra foram militarmente tomados por tropas paraguaias e, em 1867, o presidente da província de Mato Grosso, Couto Magalhães, pretendeu a Retomada de Corumbá iniciando preparativos militares e as estratégias da operação. Consta que no dia 15 de maio de 1867 teve início a ação militar para a retomada de Corumbá, com a partida das tropas do Porto

Dando sequência às observações de *A Juventude*, ressaltamos a publicação datada de 19/04/1916. Nela, encontramos a presença de temas cívicos na imprensa infantil-juvenil de Mato Grosso. Há publicação de poemas e outros textos em forma de ensaio, conferência e discurso proclamando que a população da antiga província demonstrasse o seu patriotismo. O redator chama atenção dos leitores para o momento

de Cuiabá. Em 13 de junho teria ocorrido a retomada da vila de Corumbá, fato que resgata a moral do povo mato-grossense e dá início à expulsão definitiva das tropas paraguaias.

Os relatos históricos são então mantidos pelos editores para divulgar a história oficial. Através de uma linguagem carregada de ênfase e ostentação poética, percebemos a intenção de se cultivar determinados valores e padrões a serem respeitados e incorporados pelos leitores, principalmente os mais novos. Vide discurso publicado:

[...] Foi bello esse dia! Por um sol de ameno Junho, aqueles que iam affrontar a ira da propria ferocidade, marchavam calados, mas contentes. As cores translucidas batiam de cheio em suas faces e, dos lábios corados pelo sol tão quente, desabotoavam sorrisos de alegria. [...] Trocaram-se as cores do céu, as estrellas rebrilhavam tremulante em nuvens espaçosas, mais aglomeradas para o poente. E ficaste livre oh! Corumbá! (*A juventude*, 28/06/1917)

Empenhados em campanhas que objetivava manter a ordem e a moral em favor da classe dominante, os redatores e colaboradores se voltam para o passado em busca do retomar o orgulho regional e nacional. Enaltecer feitos heroicos de vultos do passado torna-se estratégia para esconder os prejuízos decorrentes do isolamento que a região sofria. A esse respeito Nadaf (2002, p. 208), ao analisar os textos de autores nos folhetins de Mato Grosso, esclarece: “Os dirigentes dos jornais e autores locais pertenciam aos órgãos governamentais, políticos e religiosos, onde ocupavam funções variadas de destaque [...]”. Sob esse efeito, podemos visualizar a prática escrita dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis, que definem a posição dos autores, quer seja social, quer esteticamente.

Importante pensarmos as relações que podem estar visíveis nas formas de coexistência entre autoria e posição no campo cultural e literário, em um momento específico da história das letras em Mato Grosso. Nesse momento, dever e amor à pátria são lições a serem aprendidas, assim como a prática das virtudes e noções de obediência. Nesse espaço-tempo de sua trajetória, o periódico *A Juventude* parece cumprir a função de contagiar e doutrinar seus jovens leitores.

1.2.2 Os jornais escolares em Mato Grosso

Data da década de 1920 a publicação de *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*, da década de 30 do século XX. Na abordagem desses dois jornais escolares, enfatizamos a tônica dos assuntos, das ações e da representação da criança dentro desse universo da escrita.

Os periódicos na capital do Estado tiveram um papel importante no processo de formação e desenvolvimento da literatura local. Dentre os pesquisados e citados abaixo, acreditamos que há aqueles que não foram pensados exclusivamente para crianças, mas aqui estão arrolados pelo título e pelo fato de terem circulado dentro da escola.

Em um breve quadro histórico, citamos *O Amiguinho* (1912), jornal dedicado às crianças e editado pelo professor Gustavo Kulmann; *O Tagarela* (1912), redigido por um grupo de alunos; *O pequeno mensageiro* (1917), publicação mensal impresso nas oficinas Salesianas; *A Chrysallida* (1926), periódico da Mocidade Estudiosa Liceu Cuiabano, sob a direção do escritor Martins de Oliveira. Na sequência, encontramos registros de *A Voz do Aluno* (1934), periódico escolar sob direção de Guy de Mesquita, Luiz de Lamonica e Augusto V. Campos; *Folha Juvenil* (1937), sob direção de Aziz Z. Amiky e Redator chefe João Batista Martins de Melo e o jornal *3 de Setembro* (1939), órgão dos alunos da Escola Modelo Barão de Melgaço, sob direção de Eduardo Figueiredo, Antonieta Rieis Coelho e demais colaboradores.

Dentre todos os citados, destacamos *O Pequeno Mensageiro*, publicação mensal que vai de 1922 a 1933. Além das cópias existentes, microfilmadas, há alguns números digitalizados na página da Hemeroteca Digital Brasileira, que vão de 1922 a 1932. No catálogo do Núcleo de Pesquisa consta o seguinte registro: ¹⁶1922 – mar/maio – nov - 4, 1926- nov- 1; 1927-jan-jun-nov -8; 1928 – maio – 1; 1929 – jun/jul – 2; 1930 jan/abr – 4; 1931 – fev-abr-maio – 3; 1932 – jul-nov-dez- 4; 1933 – jan-jun – 2. Ainda encontramos o periódico *O Liceu*, que teve uma vida mais breve. Foi publicado de 1937 a 1944. No NDHIR constam as microfilmagens de 1937, dos meses de abril a dezembro, de 1939, o mês de outubro e as de 1944, dos meses de novembro e dezembro. Ambos periódicos levavam em sua redação e administração o nome do Lyceu Salesiano São Gonçalo.

¹⁶ Catálogo de microfilmes existentes no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT (1994).

1.2.2.1 *O Pequeno Mensageiro e O Liceu*

A presença da imprensa escolar em Mato Grosso dá-se no início do século XX. É da tipografia do Colégio Salesiano São Gonçalo que saem os primeiros e mais importantes exemplos. Tivemos contato direto com os impressos escolares da Congregação, recuperados pelo NDIHR, e que foram microfilmados através de um programa nacional de recuperação de periódicos brasileiros realizado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁷.

Fig. 9: Primeira página e página interna do jornal *O Pequeno Mensageiro*, com destaque para os nomes dos alunos e seus respectivos desempenhos ao final do bimestre.

Os jornais escolares publicados pelos salesianos dirigiam seu foco de interesse para temas específicos como modos e regras dentro e fora do espaço escolar, religião, recreação, instrução, esporte, literatura (pequenos contos e narrativas de viagens), fotos, calendário das datas festivas religiosas e demais notícias sobre a fé católica. As matérias

¹⁷ Vide *Catálogo de periódicos brasileiros microfilmados*. Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, Divisão de Microrreprodução. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1994.

traziam o cotidiano dos alunos, da escola e da ordem salesiana. Informes com o desempenho escolar são recorrentes nos números que analisamos. Observamos a classificação e o destaque, sendo revelados os nomes dos alunos. Assim temos: “ótimos, muito bons, bons e regulares” (*O Pequeno Mensageiro*, nº 165, abril de 1931).

Mencionamos a coluna “Deveres dos alunos em tempo de férias”. Nesse espaço, estão relatadas as obrigações dos alunos mesmo quando fora da escola. São lembrados os ensinamentos que determinam a formação do homem nobre e virtuoso. Há 14 (quatorze) deveres que vão desde aqueles que se deve ter com Deus até o horário máximo de sono e descanso.

Nessa mesma coluna, o ensinamento de número 7 (sete), denominado “Leitura”, chama a atenção. Nele explica-se: “Nunca ler livros ou jornais imorais, e nem mesmo romances, sobretudo os que não fôrem previamente reconhecidos como morais, porque podem causar grandes males, além do tempo precioso que assim se perde”. (*O Pequeno Mensageiro*, nº 165, abril de 1931).

Fig.10: Página do jornal alertando sobre os perigos da leitura.

Através do fragmento transcrito sobre as indicações de leitura, notamos que os livros recomendados eram somente aqueles que objetivavam cuidar da educação humana, que consistiam em preparar o indivíduo para se autodirigir, tornar-se um discípulo autônomo, generoso, lúcido e honesto. Narrativas literárias, somente aquelas que poderiam contribuir para aquisição do conhecimento e moral, enfim para a formação do aluno.

Na observação de outro número do jornal, verificamos a postura dos redatores referente às leituras que as crianças e jovens do Estado tinham acesso. Criticava-se os livros manuseados pelas crianças dentro e fora da escola que só tratavam de assuntos banais e continham muita fábula e fantasia. Transcrevemos trecho de artigo que ocupa de primeira página:

[...] Lamentavelmente, porém, é o se dá em nossa paiz. Abundam os livros escolares – com aprovação oficial ou sem ela nos quaes se encontram, historias, contos e fábulas que, geralmente, primam pela ausência de qualquer ensino moral. São leituras ocas de sentido, quando não levianas e perigosas. Que devemos esperar de uma mocidade, que vae a escola para se preparar para a arena da vida, e passa os annos escolares em ler e ouvir ninharias e futilidades? (O PEQUENO MENSAGEIRO, nº 153, 14/02/1930. Grifos nossos.)

Tal reação deveria condicionar os leitores em formação para leitura de jornais, revistas e livros para um único direcionamento: o que a própria congregação seguia e acreditava. A leitura deveria ter sempre uma função, que não era a de entreter. Esperavam-se textos com discursos que ilustrassem questões morais, religiosas e cívicas.

Os contos e fábulas são entendidos como sendo aqueles onde há a inclusão de personagens, cenários e situações inventadas para tornar a leitura mais agradável e prazerosa para as crianças. Essas invenções, no entanto, só poderiam ser consideradas válidas se, assumidamente, fossem apenas uma estratégia para ensinar verdades e cumprir a finalidade pedagógica dos interessados, ou seja, os adultos.

Contudo, apesar do forte teor pedagógico presente na imprensa escolar e de sua expressão ultrapassada, não podemos negar que os dois jornais, assim como os demais que compõem o panorama dessa imprensa em Mato Grosso, cumpriram importante papel

na vida escolar, cultural, social e literária de muitos leitores crianças e jovens. São esses leitores em potencial que irão determinar os pilares do sistema literário no Estado.

No tocante à produção literária presente nos periódicos analisados, focalizamos pequenos contos encontrados em *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*. Destes, exemplificamos com a imagem que segue, os contos “Sono eterno” e “Os dois meninos”, sendo o primeiro de autor desconhecido e o segundo de autoria de Coelho Neto:

Fig. 11: Páginas internas dos jornais *O Pequeno Mensageiro*, com destaque para o pequeno conto “Sono eterno” e de *O Liceu*, com destaque para o conto “Os dois meninos”.

No pequeno conto “Sono eterno”, o narrador em terceira pessoa conta a estória de uma mãe e seu filho, uma criança de 6 anos, chamada Moacir: “Puro lírio arremessado tão cedo no grande mar da orfandade”. O menino e sua mãe “há cinco anos, infalivelmente, ao Campo Santo, vinha orar ante um túmulo”. (*O Pequeno Mensageiro*, nº 183, janeiro de 1933). O narrador conta que a pobre viúva pedia não pela volta do esposo, que ali estava sepultado, mas sim pelo seu filho que estava crescendo em um mundo de “ruidosas cidades”, onde reinava o pecado e a angústia.

O enredo é desenvolvido utilizando uma linguagem formal, carregada de adjetivos como “genuflexa”, “excogitar”, “bafejado”. O narrador conta que dez anos depois, naquele mesmo lugar, diante da mesma tumba se encontra Moacir para o sepultamento de sua mãe. Agora só restava ao rapaz aguardar o chamado de Deus. Ele, como sempre houvera cumprido os ensinamentos, havia sido um bom filho e tinha certeza que no tempo certo se encontraria com os seus entes queridos. Rodeado pelos maus espíritos, soube resistir e guardar os mandamentos ensinados pela mãe. Numa clara alusão à família e à igreja, o enredo revela a continuidade de uma expressão literária condicionada, que ainda não havia aberto caminho para novas perspectivas e valores ideológicos que começavam a aparecer em outras produções.

O conto “Os dois meninos”, de Coelho Neto¹⁸, importante autor do final do século XIX e início do XX, traz a estória de dois garotos que possuem comportamentos bem diferentes. Publicado em *O Liceu*, em abril de 1937, o conto é na verdade capítulo de um livro do autor, *América*, obra de 1897. Na estória que consta no livro, um dos personagens, professor Eduardo, relata às crianças, seus alunos, a edificante estória.

Na narrativa publicada em *O Pequeno Mensageiro*, o narrador começa por dizer que um menino, apresentado como “menino louro”, ia passando pela estrada quando ouviu: “Menino louro que ides passando, ao sol, com tamanha pressa, por que não descansais? Vinde aqui um instante: tenho mel e bolos de farinha e leite, e dar-vos-ei tanto ouro quanto possa conter o saco que levais às costas” (*O Liceu*, nº 10, abril de 1937).

O menino, a caminho da escola, não aceita o convite e o outro menino, que faz a oferta, tenta convencê-lo de que não é necessário estudar. Conta que ele é muito rico, ao ponto de morar em um palácio e viver sobre moedas de ouro. Mas o menino louro segue seu caminho e vai para a escola. Passados vários anos, volta ao mesmo local e lá chegando não avista mais o castelo. Deparando-se somente com o menino que era rico, em meio às ruínas de sua antiga morada.

O garoto, que no passado dizia não precisar estudar, não precisar saber por que nasce uma planta ou por que brilha a estrela, porque era muito rico, agora pedia esmola.

¹⁸ *América* é a primeira das várias incursões do escritor à literatura destinada às crianças. Depois encontramos os registros de *Terra Fluminense* (1898), *Contos Pátrios* (1904) e *A Pátria Brasileira* (1909), todos em colaboração com Olavo Bilac, e também *Apólogos* (1904), *Mandamentos Cívicos e Breviário Cívico* (1922), além do Teatro Infantil (1905), volume de peças curtas em prosa e verso, também elaborado em conjunto com Olavo Bilac.

“Tudo quanto eu valia as águas levaram, dizia ele.” Nesse relato, mais uma vez, fica explícito o valor da escola, dos estudos e da retidão de caráter na vida das crianças.

O livro *América*, de Coelho Neto, publicado pela Editora Bevilacqua & Cia., provavelmente, foi o primeiro livro de educação cívica em prosa de ficção escrita por um autor brasileiro. Nesse sentido, insere-se no contexto de surgimento da literatura produzida especialmente para crianças no Brasil no final do século XIX.

Verificamos em outros números do jornal *O Liceu* que a experiência literária brasileira inicial ainda era o modelo a ser seguido nas letras direcionadas a crianças e jovens, em Mato Grosso, em plena década de 1930. Literatura e Pedagogia continuam a se desenvolverem unidas. Isso significa que o colégio é o exemplo de instituição educacional que ensina os jovens a construir o seu futuro e a sociedade. Quanto à literatura, esta passa a ser o melhor veículo para que isso seja registrado e ilustrado.

Voltando aos aspectos artístico-literários dos textos presentes, citamos que a prosa curta e as narrativas de viagens, quase transformadas em narrativas aventurescas, tornaram-se divulgadoras da missão evangelizadora e moralizadora que se propunha. Em *O pequeno Mensageiro* (nº 58, 24/04/1922), chama-nos atenção a publicação da coluna de autoria de José de Mesquita, intitulada “Das impressões de viagem”. Publicada em mais dois números, o reconhecido autor mato-grossense relata as heroicas aventuras dos padres salesianos e demais aventureiros em meio a selvagens índios. Fica o registro, com riquezas e detalhes e descrição de dados históricos, que em ato de coragem esses homens de Deus enfrentavam toda a adversidade para pregar o evangelho a toda criatura. Com um estilo rebuscado e detalhista, esses textos eram tidos como guias a serem lidos e seguidos, dentro e fora da escola.

Importante frisarmos que muitas dessas matérias, discursos e seções analisadas por nós, não são assinados, indicando a ação conjunta ideológica da ordem que mantinha a redação e administração dos dois jornais. Ao longo do percurso da construção do panorama da imprensa escolar infantil, deparamo-nos com textos de autores indicados apenas por iniciais e em outras vezes nomes de escritores de dentro e fora do Estado, como José de Mesquita, Germano Ponce, José Raul Vilá, Nilo Póvoas, Dom Aquino Corrêa, Coelho Neto, Olavo Bilac, Anthero de Quental, Padre Antonio Vieira entre outros. Todos esses nomes representam o tradicionalismo cultural, ou seja, a valorização

e manutenção dos grandes autores e das grandes obras literárias, “modelos a da cultura a ser assimilada e imitada”, explica Coelho (2010, p. 224).

Outra constatação é a escrita maciça realizada por homens. A postura tradicional dos periódicos justificava o predomínio da presença masculina, não só no que diz respeito aos textos literários, assim como no que concerne às demais matérias publicadas. Não identificamos textos escritos por mulheres nem em *A Juventude*, tampouco nos escolares *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu*. Estes dois últimos, certamente pelo fato de se tratarem de periódicos editados em internato de meninos, dirigidos por padres. Na pesquisa de Arroyo (2011), há registro de jornais escolares dirigidos e ou direcionados a mulheres nos Estados do Ceará, Pernambuco e São Paulo. Todos os demais registros são de periódicos organizados e editados por alunos, ex-alunos e professores homens.

Em Mato Grosso, não há registro de uma publicação escolar dedicada ou dirigida a meninas e moças. Como assinalamos anteriormente, dos registros literários de mulheres e para mulheres no Estado, temos nos estudos de Nadaf (1993) a mais importante contribuição. A autora destaca a revista *A Violeta*, veículo que circulou de 1916 a 1950. De modo geral, essa Revista não se restringiu a publicações literárias, também destacou, em suas páginas, questões relativas à política, história, religião, cultura, moda etc., mas nada que marcasse a representação da criança.

1.3 No início da caminhada: primeiras constatações

Na observação de todos os aspectos apontados no estudo sobre o teatro salesiano e sobre a imprensa escolar e infantil em Mato Grosso, é possível compreender um pouco da cultura escolar e do perfil pretendido ao seu leitor e ao seu espectador, na primeira metade do século XX. Uma cultura que direciona e determina rumos tomados pelas letras dirigidas a crianças e jovens. Nesse contexto, todo esse conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas, sedimentadas ao longo do tempo nas instituições educativas, estarão repercutindo nos modos de pensar e de atuar dos sujeitos envolvidos nas demais manifestações sociais e culturais.

Analisando em conjunto as publicações desses jornais, caracterizamos a natureza da formação leitora das crianças e jovens na primeira metade do século XX, na distante

capital. Notamos que não havia separação entre o entretenimento e os ensinamentos. Há sim a permanência de uma forte tendência educacional que busca a consolidação de valores herdados. A esse respeito, Coelho (2010) aponta os pilares do sistema educativo que se transferem para as obras dos precursores da literatura infantil e juvenil. Para a autora, temos o intelectualismo, entendido como “valorização do estudo e do livro, como meios essenciais de realização social [...]”, e o moralismo e religiosidade, visto como “exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza de corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos” (COELHO, 2010, p. 224).

No que diz respeito aos gêneros presentes na imprensa escolar no Estado, notamos a predileção por narrativas – pequenos contos – e por poemas, por meio dos quais se deseja continuar ensinando modelos de bom comportamento. Há, sobretudo, assuntos diversificados, voltados para os interesses de adultos e da ordem religiosa. Mesmo trazendo toda essa submissão aos preceitos seguidos pelos religiosos e pelos professores do colégio, mesmo sendo o meio socializador de conhecimentos, de ensinar patriotismo e condutas de comportamento, os periódicos escolares, até a década de 1930, são determinantes para os rumos da cultura escrita e leitora mato-grossense.

Compreendemos que a temática e o teor artístico literário dos textos tanto em verso, quanto em prosa, contribuíram para a divulgação de modelos de comportamento tradicionais calcados nos princípios ideológicos da doutrina católica e igualmente positivista.

Segundo Nadaf (2002, p. 208-209), os proprietários ou editores dos jornais, autores e leitores eram burgueses e viviam como tal. O catolicismo reinava como religião oficial e dominante, a sociedade culta impregnava-se das diretrizes do movimento romântico, mesmo depois que este deixou de ser moda “e a literatura oficial, nascida com autores militares, já trazia um estilo precursor do positivismo anterior ao seu aparecimento, e fortalecia-se com a propagação dessa corrente filosófica”.

O tom moralizador que servia aos propósitos da linha discursiva dos textos cênicos de Padre Pombo e dos periódicos *A Juventude*, mesmo não sendo este um jornal escolar, *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu* almejavam coibir, reprovar e punir, todo comportamento social que fosse julgado inadequado para os seus alunos e leitores, como também para os adultos.

Consideramos que, mesmo não tendo promovido rupturas na série literária brasileira, ou não tendo apresentado inovações significativas, as manifestações artísticas literárias publicadas nas páginas de *A Juventude*, *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu* ou encontradas no textos do dramaturgo mato-grossense, Padre Pombo, foram um importante veículo de divulgação cultural, pois expressaram sentimentos, angústias e modos de perceber a realidade em que viviam os cidadãos daquele tempo. Notamos, portanto, um importante campo, lugar de onde se materializa a representação da criança e do jovem no Estado de Mato Grosso.

Os textos publicados nos periódicos ou os textos cênicos encenados na escola, ainda que não apresentassem qualidade estética elevada, adquirem importância como fonte histórica. O acervo consultado possibilitou-nos revisitar o passado. Lá encontramos marcas de constituição da criança e do jovem na sociedade mato-grossense do início do século XX. Lá estão as coordenadas da produção direcionadas a crianças e adolescentes no Estado. Agora estamos prontos para escrever a história dessa literatura.

CAPÍTULO II

PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL DAS TRILHAS EDITORIAIS DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL EM MATO GROSSO

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros `a mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

Castro Alves

2.1. Nas trilhas editoriais: a produção de revistas e livros

Neste capítulo será apresentada uma discussão que resulta da nossa investigação sobre a produção editorial em Mato Grosso destinada ao público infantil e juvenil, entre 1980 e 2012. Objetivamos investigar as complexas relações entre a produção dos livros e sua circulação, bem como verificar o desenvolvimento e estruturação do setor. No desenvolvimento deste, interessa-nos ressaltar experiências editoriais que confirmam o quanto elementos externos contribuem, ou mesmo determinam, para circulação e legitimação de uma obra literária.

No estudo da formação da Literatura direcionada a crianças e jovens no Estado, deparamo-nos com um intervalo temporal. Há uma lacuna entre as primeiras letras (jornais, jornais escolares e textos teatrais), mencionadas no primeiro capítulo, nas quais se configurava a criança, até o momento em que se tem a publicação de livros destinados a elas. Importante frisar que não se tem notícia de nenhuma obra do gênero impressa no Estado nos séculos XIX e início do XX.

A partir da instalação do Centro (depois Academia) Mato-Grossense de Letras começa o implemento das atividades editoriais. A entidade movimentou a vida cultural cidadina com conferências literárias, saraus, posses de seus membros, entre outras atividades artísticas e literárias que incentivaram o processo de escrita e leitura, e por

consequência de publicações. Membros da entidade publicam seus livros em editoras do eixo Rio-São Paulo, ou em gráficas da região. Como exemplo citamos

¹⁹: *Ilusões doiradas*, Cuiabá: Estab. "Avelino de Siqueira", 1910, de Antonio Tolentino de Almeida, *Lendas mato-grossenses*, Cuiabá: Typ. Calháo & Filho, 1919, de Feliciano Galdino de Barros, *Mirko*, Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & C., 1927, de Francisco Bianco Filho, *O catholicismo e a mulher*, Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1926, *A cavallhada*, Cuiabá: Oficina das Escolas Profissionais Salesianas, 1928, *Espelho de almas*, Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1932 e *Piedade*, Cuiabá: Gráfica das Escolas Profissionais Salesianas, 1937, todos de José de Mesquita.

Décadas depois, com a criação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em 1970, e com o intenso movimento migratório surgem condições necessárias para o aumento da produção de livro e, conseqüentemente de leitura no Estado. Em meio a esse processo há a criação de leis de incentivo à cultura que contribuem para incrementar essa produção, sobretudo aquelas com temáticas regionais. Mas, antes disso, Avelino de Siqueira foi o primeiro editor, no Estado, a imprimir “trabalhos de aprimorada qualidade artística” (BRANDÃO, 1991, p. 133).

Entre as obras impressas que levam o selo “Estabelecimento Avelino de Siqueira” estão: *Vias de comunicação de Mato-Grosso*, de Barão de Melgaço, e *Quadro corográfico de Mato-Grosso*, de Estevão de Mendonça, esclarece Brandão (1991, p.134). O livro de Mendonça pode ser considerado a obra que marca o início da construção memorialista do passado mato-grossense. Lançado em 1906, serviu de ferramenta didática no tradicional Liceu Cuiabano e em toda rede pública de ensino. É a primeira publicação destinada a moldar a memória histórica mato-grossense.

Percorrendo as trilhas editoriais registramos a presença de *A Violeta*²⁰, periódico feminino que circulou em Cuiabá e nas cidades do interior Estado, durante a primeira metade do século XX, mais especificamente entre 1916 a 1950. A Revista, órgão do grémio literário Julia Lopes, fomentou parte da vida literária e intelectual da capital de Mato Grosso. O primeiro número, datado de 16 de dezembro de 1916, apresentava-se como: “o escrínio singelo que encerrará em cada uma das suas páginas os nossos primeiros ensaios na vida jornalística”. Trazia também o registro que caracteriza o seu

¹⁹Informações consultados no site www.yasminnadaf.com.br, acervo pessoal. Acesso em 04 de maio de 2013.

²⁰ *A Violeta* é considerada o primeiro periódico feminista de Mato Grosso.

nascimento: “a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra” (*A Violeta* 1:1, de 16 de dez. de 1916, *apud* NADAF, 1993, p. 23).

Inicialmente, com circulação bimestral, passou a mensal e posteriormente a cada quinzena. A partir de 1920 voltou a circular mensalmente. É interessante observar a estrutura física de *A Violeta* que, apresentando pequeno formato de brochura, 15,5 x 23, 5 cm, em muito se assemelhava a um caderno escolar, livro de lições ou ainda a um diário íntimo, de uso muito comum das moças da época.

Quanto às ilustrações, estas aparecem a partir do vigésimo quinto número. Nos seguintes são utilizadas esporadicamente, depois esse recurso se solidifica mantendo-se até o último exemplar. Quanto aos temas presentes na Revista, encontramos: “o amor, a pátria, a natureza expressiva, a religião, como fé e valor espiritual, a morte, a noite, o luar, as flores, o desejo de evasão, a valorização da história, do passado nacional e da vida simples, em natureza, o anseio de progresso e a preocupação social” (NADAF, 1993, p. 36).

Ainda, segundo Nadaf (1993, p 64-73), múltiplos foram os colaboradores em *A Violeta*, somando-se às mulheres mato-grossenses escritores da região e escritores e escritoras de outros Estados e do estrangeiro. Essa abertura possibilitou uma intensa rede de intercâmbio cultural entre as mulheres de Mato Grosso e autores de outras localidades. A própria escolha do nome de Júlia Lopes de Almeida – consagrada escritora carioca – para madrinha do grêmio responsável pela revista, proporcionou uma maior abertura à esse diálogo.

Na sequência, em 1922, surge outro importante periódico no universo das letras da região. Referimo-nos a *Revista do Centro Mato-grossense de Letras* que nasce para divulgar os escritos dos acadêmicos e demais autores regionais. A citada revista circula até a atualidade, e na primeira metade do século XX seguiu o modelo da estética romântico-parnasiana presente na revista do Grêmio Literário Júlia Lopes.

Em 1939, é publicada a *Revista Pindorama - Revista de Crítica e Literatura* -, idealizada e produzida por um grupo de escritores inconformados com a situação acadêmica no Estado. O objetivo era propagar os novos tempos, os novos ideais, a fim de modificar o quadro cultural que imperava na capital do Estado. Para Almeida (2012, p.

35) “O grupo de Pindorama, pioneiro no Estado em prol da modernização artística, deixou uma ansiedade de renovação bastante explícita no texto inaugural” [...]. Esse posicionamento, segundo a pesquisadora, é reafirmado nos volumes posteriores da Revista.

Ainda sobre a *Revista Pindorama*²¹, Almeida (2012, p. 53-54), informa que o primeiro número é datado de 1º de junho de 1939 e circulava quinzenalmente. Em relação ao aspecto gráfico há o registro de cores nas capas e no seu interior, com pouquíssimas ilustrações. Com matéria variada, apresentava poemas, contos, capítulos de romances, trechos de ensaios e conferências, assuntos de ciência e história, além de propaganda, fotografias e anúncios de lançamentos de publicações de editoras de Cuiabá, Rio de Janeiro e São Paulo.

Dos selos datados de 1949, temos as revistas *O Arauto da Juvenília*, dirigida por Silva Freire e Wladimir Dias-Pino e *O Saci*. Dois anos mais tarde, *Ganga*, com João Antônio Neto, Rubens de Castro e Agenor Ferreira, e *Sarã*, dirigida por Dias-Pino e Rubens de Mendonça. *Sarã* também virou selo de editora, publicando *Dom pôr do sol*, de Rubens de Mendonça. As três revistas comungavam com ideais estéticos de vanguarda. Os jovens autores, embalados pela estética modernista, se indispuseram com a Academia Mato-grossense de Letras, liderada por Dom Aquino Corrêa, e criaram uma editora denominada Igrejinha, fato que possibilitou uma independência maior em suas criações.

Nos anos de 1990, ocorre uma efervescente atividade literária. São editadas as revistas *Dalzibao*, com projeto gráfico de Wladimir Dias-Pino, e *Vôte!*, criada por Wander Antunes.

Segundo Mützenbergl (2006, p. 29-30), no panorama da atividade editorial em Mato Grosso há dois marcos: o Ciclo da Modernização, de 1970, fundação da Universidade Federal de Mato Grosso com sua editora, e a criação da Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense - AlimeMTo, em 2003. A criação da editora universitária foi fundamental para ampliar a publicação de livros e para consolidar a prática leitora. Nessa linha de pensamento está Mello (2004), para quem é somente após a criação da Universidade Federal de Mato Grosso e do intenso movimento migratório é que se têm condições objetivas para o aumento da produção de livro e leitura no Estado.

²¹ Não é possível precisar a data do término da Revista. Sabemos apenas que a publicação teve vida curta. As pesquisas de Almeida (2012) indicam que sua circulação permaneceu até o final do ano do seu lançamento, 1939.

Também para Mello (2004, p. 97), surgiu a oportunidade para a “publicação de obras fictícias e de pesquisa científica dos autores locais”.

Já a AlimeMto nasce da união de um grupo de intelectuais de Cuiabá. Para esse grupo era necessário estabelecer políticas de atuação para a produção editorial mato-grossense, como também estabelecer, junto às secretarias de educação e cultura, municipais e estaduais, formas que permitissem o crescimento e o desenvolvimento do setor.

Uma importante ação da Estado repercute na formação dos campos político e literário. Trata-se de um projeto de lei que torna obrigatório o ensino da literatura local. A lei 5.573, de 06 de fevereiro de 1990, de autoria do então deputado Hermes de Abreu, dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino das disciplinas de História, Geografia e Literatura de Mato Grosso, nas Escolas de 1º e 2º graus, públicas ou particulares que funcionem em Mato Grosso.

Essa lei ainda hoje não foi posta em vigor, pois depende de uma regulamentação da Secretaria de Educação do Estado. Todavia, desde a apresentação do projeto ocorreram várias atividades extracurriculares em Cuiabá e em algumas cidades do interior, voltadas para professores da rede pública, como oficinas e mini-cursos, visitas de autores a escolas etc. Também ocorreram ações como feiras de livros infantis e juvenis, além de concursos literários.

Em 2006, por exemplo, foram distribuídos cerca de 200 mil *kits*, para todas as escolas de Mato Grosso, do concurso literário “Eu leio, eu escrevo”. Promovido pela Secretaria de Estado de Cultura, o concurso contou ainda com a parceria da Associação dos Amigos do Livro Mato-Grossense - AlimeMTo, e com o apoio de várias universidades do Estado, além da Microlins Informática.

O “Eu leio, eu escrevo!” era voltado para estudantes do Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada de Mato Grosso. Os professores participavam como orientadores de seus alunos, posto que o objetivo da ação era estimular a leitura, especialmente de textos literários produzidos na região, além de incentivar uma nova geração de escritores e buscar novos talentos. Dos textos distribuídos para a leitura e ponto de partida para a participação no concurso, destacamos livros de autores como Ivens Scaff, Gabriel de Mattos e Marilza Ribeiro.

Na categoria infantil e juvenil os participantes, matriculados entre a 1ª e a 4ª séries do Ensino Fundamental, tinham como referência a leitura de Ivens Scaff. Os concorrentes deveriam produzir uma estória inspirada no conto “Penazul”, de autoria de Scaff. Como premiação, o primeiro colocado recebeu além do certificado, um computador e R\$ 1.500,00 em vale-livros. Já os segundo e terceiro também receberam certificados e R\$ 500,00 e R\$ 300,00 em vale-livros, respectivamente. O vencedor ainda teve seu texto publicado na revista *Eu Leio, Eu Escrevo!* nº 2, que saiu com uma tiragem de 50 mil exemplares. Assim, por intermédio de todas as atividades e promoções fomentadas pelo poder público, em parceria com o privado, consideramos, mais uma vez, a eficácia e manutenção do elo escola e literatura infantil.

As ações por parte do governo estadual são fundamentais para a publicação de livros²². Entre 2000 e 2006, conforme levantamento, feito por Mützenberg (2006), 143 (cento e quarenta e três) obras receberam incentivo estatal para publicação, incluindo as direcionadas a crianças e jovens, número que já cresceu consideravelmente. Entretanto, mesmo com todos os incentivos oficiais, havia dificuldade para a publicação e circulação das obras – quadro este não muito diferente do restante do País, posto que somente com campanhas de alfabetização e distribuição de livros, e por intermédio de programas de governo, em todos os estados brasileiros é que ocorrerá a ampliação do mercado editorial. Nesse sentido, o segmento mais beneficiado foi e continua a ser o da literatura infantil, pois os seus laços com a escola são indicativos do pedagogismo que marca o nascimento do gênero, assunto abordado no primeiro capítulo, e tangencia novas formas de produção e circulação de literatura.

Em relação à produção em localidades com o mercado mais desenvolvido, a partir dos anos de 1960, o fomento à leitura e à publicação de livros destinados ao público infantil trazem para a cena literária autores já consagrados da literatura brasileira para adultos como José Lins do Rego, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, entre outros, fator que agregará cada vez maior valor estético a esses textos. Antes disso, na década de 1920, Monteiro Lobato publica *A menina do Narizinho Arrebitado* (1921). Esse livro, sucesso desde seu lançamento, abriu portas para que o autor investisse na fundação de editoras e, desse modo, passasse a publicar seus próprios livros. Para Lajolo e Zilbermam (1985, p. 46), o comportamento do autor é “original, pois, na ocasião, havia

²² A Lei nº 5.983-A de incentivo à cultura, de 12 de dezembro de 1991 foi modificada pela Lei nº 7.042, de 15 de outubro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 179, de 20 de maio de 1999, regulamenta e incentiva a publicação de livros no Estado.

poucas casas editoras, a maioria aparecida e moldada no século XIX [...], e eram raros os livros infantis”.

Mato Grosso também chega ao ciclo de modernização, que abrange a publicação de livros e a confirmação de uma atividade editorial, após a imprensa escolar e publicações de revistas que anunciam a modernização das letras. No entanto, falar de uma produção literária específica direcionada a crianças e jovens implica em identificar as nuances de sua forma de produção até a verificação de sua autonomia e autossuficiência.

A institucionalização da atividade editorial é marcada, desde o seu nascimento, pela dependência e necessidade da mediação do poder público, sobretudo da literatura infantil juvenil mato-grossense. O mercado editorial, até a atualidade, necessita de leis de incentivo à cultura para sobreviver. Os autores e agentes culturais locais continuam a reivindicar a participação do Estado na estimulação de recursos para o livro.

Evidenciamos o fato de que as leis, chamadas “leis de incentivo e fomento à cultura”, surgiram no Brasil em meados da década de 1980 e destinam parte das verbas dos cofres públicos ao desenvolvimento da cultura em Estados e Municípios. Em Mato Grosso a versão primeira da lei de incentivo ficou conhecida como “Lei Hermes de Abreu”. A Lei, de nº 5.893-A, de dezembro de 1991, foi substituída pelas leis de nº 7.042, 8.257 e 9.078. Depois, constatamos que houve movimentação da classe artística no sentido de elaborar emendas alterando o texto original. Essa mobilização pressionou o poder Legislativo para modificar a Lei da Cultura²³, que havia sido elaborada com base em lei similar que vigorava em São Paulo, adequando-a à realidade regional.

No novo texto não havia limites de porcentagem para as empresas investirem. Foi criado um teto pré-fixado pelo Executivo para o total de recursos a serem destinados ao investimento cultural, via renúncia fiscal do Estado. Com essas mudanças, empresas de todos os portes, inclusive as do interior, que não arrecadavam grandes quantias, puderam se beneficiar da lei. Para a classe artística a ampliação de incentivos democratizou a cultura na região.

Em *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996), obra de Pierre Bourdieu, encontramos nossa principal referência para averiguarmos a gênese do campo literário em Mato Grosso, reflexão que será apresentada na sequência. Frisamos que os

²³ A lei Hermes de Abreu e todas as suas alterações estão disponíveis no site da Assembleia Legislativa de Mato Grosso (www.al.mt.gov.br). Acesso em: 21 de fevereiro de 2012.

estudos do referido teórico voltam-se para a França e para as relações e inter-relações entre os artistas franceses, público leitor, editores, agentes literários etc. Todos esses fatores são determinantes para a constituição do campo literário, local que, segundo o teórico, é o espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, os quais mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder. “Este universo aparentemente anárquico e de bom grado libertário [...] é o lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras” (BOURDIEU, 1996, p. 133).

Ao defrontarmos com a produção de uma literatura destinada a crianças e jovens queremos também desvendar as condições político-sociais necessárias para o desempenho do trabalho intelectual desses autores. Com a expansão da produção de livros no Estado e a profissionalização do trabalho intelectual, especificamente literário, torna-se importante compreendermos a estruturação do campo literário em uma região considerada periférica, com características e particularidades próprias.

Apontamos certa dependência das casas editoriais em relação ao Estado. Isso também foi confirmado em entrevistas com estudiosos, editores e autores, assim como os critérios de validação estética necessários a essas produções. Mostraremos agora como está moldado o campo literário em Mato Grosso, no que tange à produção direcionada a crianças e jovens, suas regras próprias, fórmulas, agentes e agências sociais específicas. Começaremos por analisar o embrionário mercado editorial destinado a esse público.

Na seleção do *corpus*, contamos com autores que têm um alcance restrito, no que se refere à leitura e divulgação de suas obras, mesmo dentro do Estado, e outros que se sobressaem. Por se tratar de uma jovem literatura, que aparece com maior vigor a partir da divisão do Estado²⁴, em 1977, consideramos primordial este estudo.

O novo cenário político na região (pós-divisão do Estado) e também a efervescência cultural são propícios para a concretização dessa literatura. Assim, no desenho do mapa dessa produção, verificamos que no plano artístico-cultural os elementos representativos do universo local, por vezes exaltativos, demarcam a escrita

²⁴ No dia 11 de outubro de 1977, o presidente Geisel criou o estado do Mato grosso do Sul através de lei complementar nº31. Em 1º de janeiro de 1979, ocorreu a sessão solene de instalação do novo Estado. Devido a grande extensão territorial de Mato Grosso, além de questões políticas locais e nacionais, cria-se o Estado de Mato Grosso do Sul, tendo Campo Grande como sua capital.

dos autores. Ao nosso ver, a eleição desses ícones, representantes do local, que definitivamente marcarão o projeto estético é, sobretudo, uma tentativa de preservação e manutenção de elementos culturais singulares.

O estudo sobre a produção literária infantil e juvenil em Mato Grosso leva-nos a reafirmar o que foi proferido por Candido (2000, p.139) ao analisar as nuances da literatura brasileira. Segundo o crítico, “há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”. Desse modo, pensando a literatura e a evolução de uma comunidade, Candido conclui:

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. [...] requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra e a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação” (2000, p.139. Grifos do autor).

A recorrência ao regional gera, além de comunicação, reconhecimento com o espaço, com o ambiente, enfim, com a história. A interação entre grupos sociais se estabelece e legitima. Na análise da estrutura interna do campo literário que se forma em Mato Grosso, após a sua divisão territorial, o reconhecimento e a identificação determinam as posições que ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade. Na trajetória dos partícipes desse campo, a literatura infantil juvenil também encontrou terreno para fixar as particularidades e preservar as singularidades. Todavia, antes de ressaltarmos as nuances do projeto estético que configura essa produção, continuaremos a enfocar os primórdios da produção editorial no Estado.

2.2. As editoras voltam-se para o universo infantil

Na verificação da constituição do mercado editorial em Mato Grosso, ressaltamos cinco casas que direcionam sua produção para o público infantil e juvenil. São Elas:

Tempo Presente, Tanta Tinta, Entrelinhas, Central do Texto e Ideias. Dessas, somente a Tempo Presente deixou de atuar no mercado.

No que tange aos mecanismos utilizados para a construção das práticas de produção, ratificamos a forte presença de leis de incentivos estaduais e municipais para a continuidade das publicações, como também o incentivo de grandes instituições privadas. Deparamo-nos, entretanto, com projetos editoriais que caminham na contramão dessa prática. São projetos que contam com financiamento da própria editora, que apostam em incentivos a talentos locais.

Nesse sentido, apresentamos um quadro para a visualização desse panorama. Para delimitação do *corpus*, optamos pela análise de exemplares adquiridos e catalogados por nós que datam da década de 1980 até 2012, num total de 26 títulos. Assim segue:

Quadro 1: editoras e publicações infanto-juvenis em Mato Grosso (1980-2012)

Autor	Editora	Ano	Cidade	Título	Incentivos
Dunga Rodrigues	Prefeitura Municipal de Cuiabá	1984	Cuiabá	<i>Uma aventura em Mato Grosso</i>	Prefeitura Municipal de Cuiabá
Maria das Graças Campos	UFMT-SESC-Entrelinhas	1987	Cuiabá	<i>As meninas e o sabiá</i>	Edição especial para distribuição gratuita por ocasião da V Feira de livros infantis de Cuiabá.
Wander Antunes	Tempo Presente	1996	Cuiabá	<i>Isso é coisa de pirata</i>	Secretaria de Estado de Cultura e Supermercado Modelo
Ivens Cuiabano Scaff	Tempo Presente	1996	Cuiabá	<i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	Patrocínio da Gráfica Genus
Ivens Cuiabano Scaff	Tempo Presente	1997	Cuiabá	<i>A fábula do Quase Frito</i>	Secretaria de Estado de Cultura e Supermercado Modelo
Ivens Cuiabano Scaff	Tempo Presente	1997	Cuiabá	<i>Uma maneira simples de voar</i>	Secretaria de Estado de Cultura e Supermercado Modelo
Ivens Cuiabano Scaff	Tempo Presente	1999	Cuiabá	<i>O papagaio besteira e a velha cabulosa</i>	Secretaria de Estado de Cultura e Supermercado Modelo
Ivens Cuiabano Scaff	Entrelinhas	2008	Cuiabá	<i>O menino órfão e o menino rei</i>	Secretaria Estadual de Cultura patrocinou 35% desta publicação
Ivens Cuiabano Scaff	Entrelinhas	2012	Cuiabá	<i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	UNICRED
Lucinda Nogueira Persona	Tempo Presente	1997	Cuiabá	<i>Ele era de outro mundo</i>	Secretaria de Estado de Cultura e Supermercado Modelo
Heliara Costa e Wander Antunes	Unicen Publicações	2002	Cuiabá	<i>Candimba</i>	Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Cuiabá

Richard Manson	Tanta Tinta	2006	Cuiabá	<i>Aventuras de Mundinho – O quati curioso</i>	Sem incentivos
Paulo Cesar Prince Ribeiro	Tanta Tinta	2007	Cuiabá	<i>Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural</i>	Sem incentivos
Generino Oliveira Rocha	Tanta Tinta	2008	Cuiabá	<i>Menina Pantanal</i>	Sem incentivos
Daniela Freire	Entrelinhas	2008	Cuiabá	<i>Bugrinho - que menino é esse?</i>	Tribunal de Contas de Mato Grosso
Durval de França e Cristina Campos	Tanta Tinta	2008	Cuiabá	<i>Conferência no Cerrado</i>	Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso
Neusa Baptista Pinto	Tanta Tinta	2010	Cuiabá	<i>Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar</i>	Patrocínio SEDUC – Secretaria de Educação de Mato Grosso e parceria Carline Caniato Editorial
Rosana Caldas	Tanta Tinta	2010	Cuiabá	<i>Arco-íris</i>	Sem incentivos
Robson Rocha	Ideias	2009	Tangará da Serra	<i>A última surra</i>	Sem incentivos
Robson Rocha	Ideias	2009	Tangará da Serra	<i>Escola: é proibido pensar</i>	Sem incentivos
Robson Rocha	Ideias	2009	Tangará da Serra	<i>Os katraias</i>	Sem incentivos
Robson Rocha	Ideias	2010	Tangará da Serra	<i>A árvore que chorou</i>	Sem incentivos
Robson Rocha	Ideias	2010	Tangará da Serra	<i>Agadoisó</i>	Sem incentivos
Joci Rosa	Ideias	2010	Tangará da Serra	<i>O menino que flutuava</i>	Sem incentivos
Joci Rosa	Ideias	2010	Tangará da Serra	<i>Para Caterina</i>	Sem incentivos
Luciano Dias de Lacerda	Entrelinhas	2102	Cuiabá	<i>O homem que sujou o céu</i>	Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso

Fonte: Da autora.

Conforme Bourdieu (1996, p. 243-244), entendemos que compreendida como produção humana, a literatura, numa abordagem mais sociológica, é sempre um fato social produzido em meio a relações que mesclam instâncias artísticas e políticas. Para o estudo deste material literário, consideramos a posição do campo literário no seio do poder e sua evolução no tempo, além da análise da estrutura interna do próprio campo, ou seja, “a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade” (BOURDIEU, 1996, p. 243).

O funcionamento e as condições que se formulam na construção do campo literário permitem que os partícipes travem lutas e disputas até alcançar a chamada legitimação dessa literatura, o que só será alcançada quando as posições e tomadas de posições dos agentes que dele fazem parte forem reconhecidas.

Nas suas relações com a sociedade, a literatura produzida no Estado foi moldada a partir de diversos fatores, os quais formularam uma determinada visão de mundo. Daí que o seu funcionamento tornou-se tão familiar que “as regularidades e as regras às quais obedece escapam-nos”, afirma Bourdieu (1996, p. 64). Transformada em produto de uma manifestação cultural local, os autores deram a essa literatura uma forma peculiar, utilizando-se de esquemas como o do regionalismo e a defesa de uma terra idealizada. Segundo Mello (2005), na análise das obras de autores que produzem em Mato Grosso, notamos uma tentativa de engajamento “nem sempre eficiente, mas cuja plasticidade lhes garante a apreciação dentro das Academias de Letras, anacrônicas em seu formato, mas ainda buscadas quando o que se pretende é a legitimação” (2005, p. 10). Ainda, segundo a pesquisadora,

o processo de legitimação pode ser feito em diferentes instâncias de poder. Nem sempre são as Academias ou Universidades as responsáveis pela sacralização de um autor. Esse processo pode ser feito também pelo público, através do consumo das obras, por outros campos, através de ritos próprios a cada um. Desse modo, falar em legitimação implica em reconhecer que há vários caminhos para chegar-se até lá e aceitar ou não a validade destes (MELLO, 2005, p. 15).

A maneira e os caminhos de o escritor relacionar-se, situar-se com as condições do exercício literário configuram a sua criação. Ele deixará entrever aspectos de seu espaço-tempo naquilo que escreve. Os espaços sociais e comerciais tornam-se relevantes para que a sua criação circule. Todo esse processo fundamenta o interesse de investimentos, principalmente da iniciativa privada na publicação de autores que trazem, em seu exercício, elementos culturais que se identificam com a população local. Nesse prisma, relações identitárias e interesses comerciais fomentam a literatura infantil e juvenil em Mato Grosso, tornando-a importante peça para que o “produto” do investidor seja aceito pela comunidade.

Na averiguação da existência dos selos editoriais no Estado, pôde-se verificar no Quadro 1 diferentes patrocínios: uma rede de supermercado de Cuiabá (5 obras); Tribunal de Contas de Mato Grosso (1 obra); Assessoria Financeira do Profissionais da Saúde (01 obra); Secretaria Estadual de Cultura (09), Gráfica Genus (01 obra) e Prefeitura Municipal de Cuiabá – Lei Municipal de Incentivo a Cultura (02 obras). Nesse contexto, ocorre a vinculação entre o campo do poder e o campo literário, processo que mostra que escritores e artistas “esforçam-se em assegurar para si um controle mediato das diferentes gratificações materiais ou simbólicas distribuídas pelo Estado”, entende Bourdieu (1996, p. 67).

Um estudo analítico dos aspectos estéticos dos textos dos autores selecionados será realizado apenas no terceiro capítulo. Neste, objetivamos investigar as complexas relações entre a produção dos livros destinados a crianças e jovens e a sua circulação, bem como verificar o desenvolvimento e estruturação do setor.

O estudo, que se apresenta a seguir, focaliza as 5 (cinco) casas editoriais que direcionam sua produção para o público infantil e juvenil, sendo 4 (quatro) localizadas na capital e uma no interior do Estado.

2.2.1 Editora Tempo Presente

O primeiro selo editorial a publicar livros infantis juvenis foi a Editora Tempo Presente, fundada em 1996 pelos escritores Wander Antunes e Ivens Cuiabano Scaff que objetivavam publicar suas produções literárias. Com essa criação evidenciam-se suas intenções de facilitar a produção de literatura infanto-juvenil em Mato Grosso.

A produção editorial da Tempo Presente²⁵, além dos títulos infantis, lançou no mercado duas importante revistas literárias: *Vôte!* e *Estação Leitura*. As publicações das revistas reuniam histórias em quadrinhos, crônicas, poesias e contos de autores mato-grossenses.

²⁵ Em conversa com um dos editores da Tempo Presente descobrimos que a editora nunca existiu juridicamente. O nome era apenas fantasia. Era na verdade “editora do autor”.

Objetivando preencher um importante espaço em Mato Grosso, a Editora colocou no mercado obras de autores reconhecidos no Estado e na região. De um modo geral, o projeto editorial idealizado por Wander Antunes e Ivens Scaff revela as intenções da Casa em produzir uma literatura infantil que contemplasse, em certa medida, elementos da cultura regional. Com essa política, conseguiram importantes parceiros como, por exemplo, uma grande rede de supermercado e de loja de material para construção.

O primeiro livro infantil publicado da Tempo Presente foi *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*, de Ivens Cuiabano Scaff e ilustração de Wander Antunes. Lançado em 1996, nas dependências da Secretaria de Estado de Cultura, recebeu patrocínio privado, da Gráfica Genus. A obra saiu com 5.000 mil exemplares.

Interessante marcarmos que o livro emplacou venda superior a mil exemplares. A editora contou, no início, com uma estrutura de distribuição, revelando a visão comercial da dupla de editores para com o objeto livro. Coube a Livraria Estudantil, que já trabalhava no ramo com livros de importantes editoras nacionais, fazer a divulgação nas escolas de Cuiabá.

Na continuidade da empreitada editorial, a Tempo Presente aqueceu o mercado com obras direcionadas ao público infantil e juvenil contando com o apoio público e privado. Em ordem cronológica apontamos essas publicações: *Isso é coisa de pirata!* (1996), de Wander Antunes; *Ele era de outro mundo* (1997), de Lucinda Persona, ilustrado por Wander Antunes; *A fábula do Quase Frito* (1997) e *O papagaio besteirente e a velha cabulosa* (1999), ambos de Ivens Scaff, com trabalhos do mesmo ilustrador. Todos esses títulos, segundo os editores, saíram em média com uma tiragem entre 2.000 a 5.000 exemplares. Contudo, os novos títulos, com exceção de *Isso é coisa de Pirata!* não obtiveram uma estrutura comercial de distribuição, fazendo com que as vendas caíssem vertiginosamente. Segundo depoimento dos editores, o que os salvou de uma falência foi o fato de que esses títulos foram produzidos através de lei de incentivo à cultura. Assim, percebemos que toda a movimentação do setor serve para mostrar como fatores extraliterários podem contribuir de forma decisiva para a sobrevivência e êxito de uma produção.

Para evidenciarmos o conteúdo e o resultado gráfico dos livros direcionados a crianças e jovens, publicados por editoras localizadas em Mato Grosso, assim como

também por não ser mais possível encontrar todos os títulos disponíveis para venda, optamos por apresentar imagens e a resenha de cada um deles. Assim seguem.

2.2.1.1 *Isso é coisa de Pirata!*

Isso é coisa do Pirata! possui 47 páginas, formato 20,5x14,0 cm, acabamento em brochura. Escrito e ilustrado por Wander Antunes, foi lançado em 1996, através de leis de incentivos.

Fig. 12: Capa e contra capa de *Isso é coisa de Pirata!*, de Wander Antunes. Na contra capa do livro estão registrados o apoio e patrocínio recebidos.

Importante pontuarmos que Wander Antunes além de editor, roteirista e contista, é um renomado quadrinista. Um dos pioneiros na cena literária com os HQs em Mato Grosso, estreou com a revista em quadrinhos *Gonçalinho*, em 1989. Em 2004 estreou no mercado europeu de histórias em quadrinhos com *Gilda*, primeiro volume da série *Ernie*

Adams, publicada pela editora suíça Paquet. Em 2010, a editora francesa *Dupuis* publicou seu álbum *Toute la poussière du chemin* em um importante festival de quadrinhos na França. Sua produção recebeu prêmios no exterior; *Prix Marlysa: le coup de coeur* (Festival de *Chambery*), em 2005 e no Brasil o Troféu HQ Mix, edição de 2007.

Voltando a explanação de *Isso é coisa do Pirata!*, informamos que saiu com tiragem de 5.000 exemplares e ainda no primeiro ano conseguiu vender cerca de 1.400, mais do que a média de edição do mercado local, que girava em torno de 1.000, segundo os editores. O sucesso alcançado deve-se ao fato de Wander Antunes e Ivens Scaff terem conseguido que uma distribuidora nacional de livros didáticos e paradidáticos inserissem em seu catálogo os livros *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* e *Isso é coisa de pirata!*. Essa ação editorial possibilitou que os livros circulassem em escolas de Cuiabá garantindo, principalmente, o êxito e a continuidade da Editora.

O livro escrito e ilustrado por Wander Antunes foi apresentado ao público em um lançamento coletivo, em um shopping da capital. Na ocasião, também foram lançados os títulos *A fábula do Quase Frito* e *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Scaff; *Ele era de outro mundo*, de Lucinda Nogueira Persona e *Partido*, de Marta Cocco, livro de poesias direcionado ao público adulto.

Em *Isso é coisa de Pirata!*, frisamos o diálogo do enredo com a estória de Peter Pan, personagem criado por J. M Barrie para sua peça de teatro intitulada *Peter and Wendy*, que originou um livro homônimo para crianças publicado em 1911. Graças a esse recurso intertextual, o leitor entra no mundo imaginário de Sininho, a fadinha que, ao lado do herói local Gonçalinho, vive uma aventura épica recheada de referências às lendas cuiabanas e a paisagens históricas. Na obra de Wander Antunes, Sininho chega a Cuiabá para junto de Gonçalinho, personagem da revista que possui o mesmo nome²⁷, salvar a cidade do Capitão Gancho.

A aventura começa quando toda a turma, Sininho, Gonçalinho, Dito, Piá, Aninha e Urbaninho, tenta expulsar o Capitão e o bando de piratas de Cuiabá. Os quatro últimos são também personagens dos quadrinhos publicados na Revista. Quanto ao Capitão e ao

²⁷ A Revista *Gonçalinho*, obra destinada ao público infanto-juvenil, também foi idealizada por Wander Antunes e editada, inicialmente, com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso. Posteriormente, recebeu patrocínio dos Supermercados Modelo, que fez do personagem principal, Gonçalinho, o seu garoto propaganda.

bando de piratas, eles desejam roubar o ouro enterrado numa das igrejas mais antigas da cidade, conforme reza lenda local.

Fig. 13: Ilustrações de Wander Antunes para *Isso é coisa de Pirata!*.

Quanto ao trabalho de ilustração feito pelo artista, parece, devido os recursos financeiros dispostos para impressão, não haver grandes pretensões técnicas. Com um olhar mais atento, no entanto, percebemos a ludicidade e o diálogo com a narrativa verbal. Os desenhos lembram as imagens e a dinâmica dos quadrinhos, gênero literário que conjuga imagem e palavra, símbolos e signos. As ilustrações tomam páginas inteiras prendendo a atenção da criança tanto à imagem quanto ao texto, aplicado separadamente.

Na leitura da narrativa encontramos personagens que exemplificam o processo de migração para o Estado. O amigo de Gonçalinho, chamado Piá - expressão muito utilizada no Sul do país para se referir a menino ou garoto - também é um dos responsáveis por salvar a cidade, tudo com a ajuda do pó mágico, o pó de pirlimpimpim. O texto explora ainda o linguajar cuiabano. Expressões como “vôte”, “demaís de bonito”, “empesteando” entre outros estão presentes nas falas dos personagens meninos. Esse modo particular dos habitantes de Cuiabá se expressarem está cristalizado no passado, na origem e na soma

dos valores culturais oriundos dos portugueses, dos índios, dos negros e dos bandeirantes paulistas. Por isso, na narrativa de Wander Antunes o registro do linguajar trazido pelos lusitanos, juntamente com as várias referências a locais e a personagens históricos como a Pascoal Moreira Cabral, bandeirante que fundou Cuiabá, reforçam a intenção de se reverenciar e preservar a cultura local, criando assim uma linha de continuidade entre o passado, o presente e o futuro.

2.2.1.2 *Ele era do outro mundo*

Fig. 14: Capa e contra capa de *Ele era do outro mundo*, de Lucinda Persona. Primeiro livro da autora direcionado ao público infantil.

O livro *Ele era do outro mundo* (1997) de Lucinda Persona, o primeiro da autora direcionado ao público infantil, possui 26 páginas, com 20,5x14,0 cm, acabamento em brochura, teve aprovação do Conselho Estadual de Cultura e patrocínio dos Supermercados Modelo.

No início da narrativa começa a contagem regressiva para o desenrolar dos acontecimentos. Logo na primeira página, a contagem oral, do maior para o menor número, comum nas brincadeiras infantis se inicia: dez, nove, oito, sete, seis, cinco Até que se chega ao um, na última página, marcando o final da estória.

O narrador, que se apresenta em terceira pessoa, começa, a partir do dez, que é a primeira página, a contar a estória de um ET que viajando pela galáxia, fugindo do sofrimento que predominava em seu mundo, se depara com o nosso planeta. O alienígena, ao ver a grande bola azul, fica encantado. Assim, graças aos seus poderes para percorrer longas distâncias, ele rapidamente chega a uma cidade, a uma rua, onde encontra um grupo de crianças, fator que mudará a sua vida.

Fig. 15: Ilustrações de Wander Antunes para *Ele era do outro mundo*.

Passado o susto inicial, causado pelo medo da estranha criatura, as crianças aceitam a presença do extra terrestre, mostrando a ele a importância de se ter amigos e de se divertir. Com as crianças terrenas, ele aprende coisas que são fundamentais para o relacionamento entre todos os seres, como a necessidade de convivermos com as

diferenças. Mas, o problema é que depois de viver essa experiência ele não quer voltar sozinho ao seu planeta, um lugar destruído, triste e solitário. O ET tentará convencer os novos amigos a irem morar com ele.

Quanto as ilustrações do livro, todas preto e branco, são de Wander Antunes. Os traços expressivos do ilustrador dão vida a desenhos que ora tomam a página inteira, revelando as ações das personagens, ora são aplicados parcialmente, em união com o texto. Assim, mantendo elos de encadeamento entre as duas formas, o artista narra para a criança e também se comunica com ela através da imagem. Seu traço simples, utilizado nas ilustrações, acaba por envolver o receptor numa atmosfera emotiva, permeada de nostalgia.

O estilo e técnica, apesar de importantes, são secundários aqui, sendo mais premente a necessidade de emocionar e prender a atenção da criança, tanto à imagem quanto ao texto. Nesse sentido, a possível falta de recursos financeiro e tecnológico para uma publicação em cores não diminuiu a qualidade artística. Contando apenas com preto e tons de cinza para criar todas as variações de sombra, junto com o branco, o ilustrador procura estabelecer valor estético ao texto visual, o qual marca os primeiros livros do gênero publicados pela Tempo Presente.

2.2.1.3 A fábula do *Quase Frito*

A fábula do Quase Frito de Ivens Cuiabano Scaff foi publicada pela primeira vez em 1995, em comemoração aos vinte e cinco anos da Universidade Federal de Mato Grosso²⁹. Saiu uma segunda edição em 1997. Na primeira versão, a narrativa apresentava uma história em quadrinhos, a do Quase Frito, sendo lida pelo narrador para um grupo de crianças. Na segunda versão, tanto o formato da introdução como do final não mais são de HQ.

²⁹ O livro foi bancado pela UFMT e se esgotou durante a reunião especial da SBPC. O evento levou milhares de crianças ao *campus* da universidade. (Folha do Estado, 10 de março de 1996, caderno ilustrado)

Fig. 16: Capa e contra capa da segunda versão de *A fábula do Quase Frito*, de Ivens Scaff.

A segunda versão conta com 48 páginas, tamanho 21,0x15,0 cm, brochura. Esta, que será objeto de análise, foi publicada com recursos do Governo Estadual através da Lei de Incentivo à Cultura. A narrativa revela a estória de um animal que não pode ser identificado. Sua aparência está desfigurada em virtude de ter sofrido muitas queimaduras em um incêndio no morro de Santo Antônio, localizado no município de Santo Antônio de Leverger, pequena cidade do interior do Estado

Em *A fábula do Quase Frito*, o animal, não identificado por nenhuma das crianças que o resgata do terrível incêndio, sofre com a perda de sua identidade. Ele chora todas as vezes que os meninos tentam adivinhar qual é a sua espécie. Quase Frito, apelido dado pela criançada em referência ao seu estado, vive repetindo: “Eu não quero ser formiga” (p. 13); “Eu não quero ser cigarra” (p. 15); “Eu não quer ser bicho-preguiça” (p. 17).

O suspense em torno da identidade é mantido até o final da narrativa e o leitor vai acompanhando o personagem pelos caminhos do cerrado enquanto ele tenta descobrir “qual o seu bando”, “qual a sua grei”. Ao final, o narrador revela as características físicas

e os hábitos do personagem. Quase frito é uma espécie de pássaro característico do cerrado mato-grossense.

Na fábula há muitos animais e plantas da região assim como lendas e mitos regionais. Uma das lendas citadas é a da piraputanga de ouro, que viveria dentro de um lago, no topo do morro. Também faz referência a personagens do folclore mato-grossense como Curupira, Mãe-do-morro e Minhocão. No desenvolvimento da narrativa, as marcas regionais de Mato Grosso, sobretudo de Cuiabá, servem para revitalizar a tradição e determinam o fazer artístico. Destaque para a crítica ao descontrole das queimadas que, constantemente, atingem o cerrado em período de estiagem, causando destruição da vegetação e a morte de animais.

Fig.17: Ilustrações de Wander Antunes para *A fábula do Quase Frito*.

Ao longo do relato há uma mescla de narrativa e poesia. Frases e versos compõem o enredo. Cantiga e relato são utilizados para exemplificar as dificuldades enfrentadas pelo personagem diante da perda de sua identidade. Esse procedimento ocorre em passagens como: “Me chamam Quase Frito/ Mas meu nome ninguém sabe/ Me chamam Quase Frito/ E nem posso reclamar/ Pois então se perguntarem:/ Qual o seu nome Quase

Frito/ De onde é que você vem?/ Qual é o seu bando/ Qual é a sua grei?/ Responderei tristonho:/ Não sei!” (p. 18).

Os trabalhos de editoração da Tempo Presente para livros de histórias infantis mostram a preferência em manter o formato simples e o das ilustrações em preto e branco. No trabalho de Wander Antunes para *A fábula do Quase Frito* predominam tons escuros, com variação em preto e branco. Os desenhos registram a intensidade do traço do artista, a suavidade e a economia na representação do ambiente, deixando em destaque os personagens que pretende ilustrar.

2.2.1.4 *O papagaio besteirente e a velha cabulosa*

O papagaio besteirente e a velha cabulosa (1999), de Ivens Cuiabano Scaff, possui 28 páginas, tamanho 21,5x15,0 cm, em brochura. Igualmente publicado através de recursos do Governo Estadual – Lei de Incentivo à Cultura. Teve uma tiragem de 3.500 exemplares. É o último livro publicado com o selo Editora Tempo Presente.

É uma história de humor sobre um papagaio mal-humorado, mal educado e que fala muito palavrão. Presente de um tio para as crianças, o bicho era um bocasuja e, por isso, corria o risco de ser descartado pela matriarca da família. Ela repetia sempre: “Ou se comporta ou já sabem. Panela!” (p. 03)

Relevante também pontuarmos que a exemplo do que ocorreu com os outros títulos infantis-juvenis da Editora, no conto *O papagaio besteirente e a velha cabulosa* não ocorrem a incorporação de sugestões didáticas, como fichas de leitura, questionários, roteiros de compreensão de textos, passatempo etc. Na publicação analisada privilegia-se o contar da história, conta-se com a dinâmica da narrativa para manter a atenção do leitor.

Ivens Scaff mescla à história, uma lenda dos índios Bororo, considerados, segundo o texto, “os gregos do Novo Mundo”. Reza a lenda que foi graças a um papagaio que os Bororo não morreram de fome. A ave voou até encontrar um rio cheio de peixes, depois consegue retornar a aldeia e avisar aos índios. A narrativa dialoga com *A fábula do Quase Frito* (1997).

Fig. 18: Capa e contra capa de *O papagaio besteirento e velha cabulosa*. Em destaque o apoio da Secretaria de Cultura e o patrocínio do Supermercado Modelo.

Em *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* o personagem Quase Frito se faz presente. A entrada desse animalzinho na narrativa causa tremenda ciúmeira no papagaio a ponto de tornar ainda pior o comportamento dele diante dos outros. O título do conto nos remete a uma conhecida piada brasileira, cujos personagens são justamente um papagaio e uma velha. No caso do livro de Ivens Scaff, trata-se de uma leitura rápida narrada em discurso direto.

Na análise dos elementos gráficos da obra destacamos a ilustração, que também é responsável pela apresentação e posterior leitura da narrativa. No livro ilustrado por Wander Antunes, percebemos a liberdade na disposição dos elementos tipográficos em conjunto com as imagens, fator que traduz uma tendência contemporânea no estilo do artista. O código escrito e imagético alteram-se causando uma movimentação que quebra a linearidade da estória. As imagens rompem a moldura da folha, sangrando para a outra página. Encontramos balões de diálogo indicando a fala, em voz alta, dos personagens, assim como o travessão, também utilizado como indicativo do discurso dos personagens. Nas páginas expostas observamos:

Fig.19: Ilustrações de Wander Antunes para *O papagaio besteirento e a velha cabulosa*.

Sempre próximo do enquadramento das HQs para o seu construto visual, Antunes utiliza o plano médio, detalhando e acentuando fortemente as expressões faciais e corporais dos personagens, principalmente do protagonista, o papagaio. Nesse trabalho ele destaca a cor branca deixando a preta e a cinza de lado, muito utilizadas nas ilustrações de livros anteriores. O resultado disso é que proporciona mais clareza ao seu traço.

A técnica utilizado pelo ilustrador, a de unir códigos e formar de expressões linguística determina os processos de leitura e visualização das imagens, reafirmando o seu estilo. Nesse prisma, o colocamos, cada vez mais, como peça fundamental dentro do cenário criativo da literatura infantil e juvenil em Mato Grosso.

2.2.1.5 Mamãe, sonhei que era um menino de rua

Na averiguação da produção da Tempo Presente, constatamos que num total de cinco obras³⁰, catalogadas neste segmento, o livro de Ivens Scaff *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (1996), contendo 16 páginas, 21,0x15,0 cm, acabamento em brochura, foi o único publicado sem o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado.

Composta por uma linguagem simples e enredo linear, as ilustrações tomam toda a página. Os tons escuros são predominantes, reforçando o cenário sem vida, sem cores, sem luxo para aqueles que vivem nas ruas

Fig. 20: Capa do livro *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*.

Seus editores decidiram procurar apoio em uma gráfica da Capital e conseguiram, além do patrocínio, qualidade no projeto editorial. Quanto às condições de circulação e distribuição da obra, obteve-se êxito nas vendas. Os cinco mil exemplares foram

³⁰ Informações retiradas do Catálogo do livro mato-grossense. Cuiabá: AlimeMTo (Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense), 2005. No Catálogo constam como títulos da Tempo Presente *Isso é coisa de pirata* (1996), de Wander Antunes; *Uma maneira simples de voar* (1997) e *O papagaio besteirente e a velha cabulosa*, (1999), ambos de Ivens Cuiabano Scaff e *Ele era de outro mundo* (1997), de Lucinda Persona.

comercializados com uma grande distribuidora nacional de livros didáticos e paradidáticos e acabou circulando em escolas de Cuiabá.

A obra foi o segundo trabalho da dupla Wander Antunes e Ivens Scaff e a primeira produção da Tempo Presente. Nasceu da tentativa de Scaff de escrever teatro, ideia abandonada pelo autor por desconhecer “a carpintaria do gênero”. O resultado então é uma narrativa com ritmo de cordel, com versos de rimas simples: “Fora pra casa do Alemão / Debaixo de um viaduto / As paredes eram de papelão / O chão é que era o colchão / Maninho tremia de medo e de frio / Alemão acha tudo normal / Então cobriu Maninho / Com uma folha de jornal” (p. 08).

Fig. 21: Ilustrações das páginas do livro *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*.

Em *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*, a abordagem é de cunho social: crianças abandonadas vivendo nas ruas das grandes cidades. Também é enfocado a amizade e solidariedade que unem essas crianças. Em situação de perigo, os personagens Maninho e Alemão enfrentarão os seus medos perante essa difícil situação. Na narrativa encontramos:

Alemão falou assim:
 Não fique tremendo de medo
 Que eu fico com medo também
 Você me conta uma história bonita
 Eu conto outra também
 Aí ficamos quietinhos
 E o sono logo vem (1996, p. 11)

O texto, além das ruas das grandes cidades, tem como cenário a sala de aula, ponto de partida da estória. Lá, o menino Maninho recebeu uma caixa de bombom como prêmio pela melhor redação, mas, por não querer dividir com os seus colegas, vai para longe para poder comer sozinho. Ele acaba se perdendo pelas ruas da cidade e é atacado por um bando de “gurizões”. Nessa aventura, acaba sendo ajudado por um menino de rua e, desse encontro, nasce uma grande amizade

De modo geral, nos livros editados para crianças pela Tempo Presente, a intervenção da ilustração nos textos demonstra preocupação em ampliar as técnicas e melhorar a qualidade das imagens. Nota-se um desenvolvimento no setor, fator que amplia o potencial significativo do texto.

Nas produções locais já podemos falar em identidade visual. Os traços, as cores, o uso das páginas, o movimento que as histórias apresentam ganham formas diversas, conquistando os leitores. Ocorre um processo de amadurecimento na confecção do livro infantil no Estado. Na prática, a partir da década de 1990, as editoras buscam qualidade gráfica e isso se reflete em maior profissionalização.

2.2.1.6 Um pouco das revistas

Quanto às revistas, destacamos a *Vôte!*³¹ Ainda que a Tempo Presente tenha sido responsável apenas pela edição da segunda fase da Revista, consideramos oportuno apontar toda a movimentação das publicações para melhor compreendermos as políticas editoriais no Estado.

³¹ *Vôte* é uma interjeição do linguajar cuiabano que pode indicar espanto ou repulsa, conforme a entonação dada pelo falante. A escolha do título é, sem dúvida, uma tentativa de regionalização.

O primeiro número, publicado em outubro de 1992, teve distribuição gratuita e se restringiu ao público universitário. Os números 2 e 3 passaram a ser vendidos em bancas de revista e livrarias. No editorial da primeira edição da *Vôte!*, seu idealizador, Wander Antunes, explica aos leitores o significado do curioso título e a proposta do novo veículo:

Uma revista em Cuiabá com quadrinhos, ficção e poesia?
É isso mesmo. Falam que Cuiabá não tem memória, que o Brasil não tem memória e, no entanto, artistas, escritores, poetas e desenhistas estão aí criando e contando, produzindo e resgatando nossas memórias. *Vôte!*, então história em quadrinhos também é memória? Sim. E a *Vôte!* traz duas HQs que retratam a história de Cuiabá por Moacyr de Freitas e a arquitetura antiga do casario e da Prainha por Gabriel de Mattos, numa história de igreja, enterro e ouro.
Vôte! Uma revista inteirinha falando de Cuiabá? Sim. Mas não só de Cuiabá, mas dos cuiabanos, o que eles fazem e inventam. (...)
Outra história ambientada em Mato Grosso é a de Joaquim Giovani, que mistura a Chapada dos Guimarães com erotismo e ficção científica, ETs e tuiuiús. (Ano 1 – nº. 1 – Outubro de 1992).

Na primeira fase³² da Revista, os custos de produção foram divididos entre Wander Antunes e a gráfica da Universidade Federal de Mato Grosso. Importante registrarmos que somente no número quatro da revista (*Vôte!* Ano 2 – nº. 1 (ou nº. 4) – Agosto 94 (Dossiê Catedral), não há indicação de apoio da UFMT. Esse número, temático, aborda a derrubada da antiga Igreja Matriz de Cuiabá e foi publicado pela WAP (Wander Antunes Produções). Trata-se de um embrião do que viria a ser a Editora Tempo Presente, em parceria com o GMPA (Grupo Mato-Grossense de Propaganda e Assessoria) e impressa em gráfica particular da Capital. (MELLO; MÜTZENBERG, 2007, p. 144).

A segunda fase³³ teve parceria com a iniciativa privada, fator que viabilizou a continuidade da publicação, mas continuou sendo impressa na gráfica da Universidade. Essa estratégia garantiu a legitimação de sua origem acadêmica, marcando sua circulação em meio a leitores considerados mais capacitados, como professores universitários, funcionários e alunos.

³² *Vôte!* Ano 1 – nº.1 – Outubro de 1992; *Vôte!* Ano 1 – nº.2 – Dez/Jan-93; *Vôte!* Ano 1 – nº.3 – Fev/Mar-93; *Vôte!* Ano 2 – nº.1 (ou nº. 4) – Agosto 94 (Dossiê Catedral).

³³ *Vôte!* nº.1 – Janeiro de 1998 (segunda fase); *Vôte!* nº.2 – Abril 1998 (segunda fase); *Vôte!* nº.3 – Julho de 1998 (segunda fase); *Vôte!* nº.4 – Novembro de 1998 (segunda fase); *Vôte!* nº.5 – Janeiro de 2001 (segunda fase); *Vôte!* nº.6 – s/d (segunda fase); *Vôte!* Edição 11 – ano 10 - nº.7 – (segunda fase).

Outra revista em destaque é a *Estação Leitura*. Ela seguiu a mesma política de publicação. Produzida com apoio da Secretaria de Cultura de Mato Grosso, era distribuída gratuitamente em pontos de ônibus da capital do Estado. A partir da quarta edição, o projeto foi contemplado pelo Fundo de Fomento à Cultura de Mato Grosso. Cada edição contava com 15.000 exemplares, distribuídos gratuitamente em vários pontos de Cuiabá. A Revista, com o slogan “Parada obrigatória da literatura regional”, objetivava construir um elo entre autores e leitores mato-grossenses.

Seus idealizadores e editores, os escritores Wander Antunes e Heliara Costa, intencionavam que a Revista alcançasse um público mais amplo do que aquele normalmente alcançado pelas demais publicações no Estado. Segundo Antunes, a ideia era “colocar a produção do escritor bem próximo do grande público, levar ao público a literatura de altíssima qualidade produzida aqui que incrivelmente não é conhecida do leitor”³⁴.

Contando com o apoio da Cemat³⁵ (Centrais Elétricas Matogrossenses S/A), foram produzidos os primeiros cinco mil exemplares, distribuídos gratuitamente à população que circulava nos principais terminais de ônibus da capital. Visando justamente alcançar o público que estava na rua, a publicação teve um formato menor que o adotado pela maioria das revistas para facilitar a leitura nos ônibus.

A produção da citada Revista privilegiava obras de escritores consagrados regionalmente, como Lucinda Persona e Ricardo Guilherme Dicke, além de artigos publicados por professores da Universidade Federal de Mato Grosso. Também havia espaço destinado a novos escritores. A seção intitulada “Primeira Estação” era reservada a trabalhos inéditos que circulavam ao lado da produção dos escritores mais experientes.

Após observações sobre a movimentação da Tempo Presente, destacamos duas questões pontuais: a primeira é que a maior parte de toda a produção da Editora, mesmo a infantil-Juvenil, foi materializada via leis Municipal, Estadual ou Federal de Incentivo à Cultura e de parcerias com empresas privadas; a segunda, que a Editora se projeta com a intenção de publicar autores locais, tanto os que direcionam suas obras a adultos quanto aos de crianças. Ao adotar essa política, objetivou buscar parcerias com escolas para que

³⁴ <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=1753>. Acesso em: 04 de setembro de 2012.

³⁵ Distribuidora de energia que atua no Estado. Na leitura do relatório anual da empresa, encontramos que a Concessionária intensificou o uso social de recursos passíveis de benefício fiscal por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), patrocinando projetos culturais, especialmente os desenvolvidos em Mato Grosso.

os livros pudessem ser adotados e distribuídos. Isso intensifica, uma vez mais, a importante relação entre literatura infantil, escola e leitores, prática adotada, no Brasil, desde Monteiro Lobato.

2.2.2 Tanta Tinta Editora

A Tanta Tinta Editora surgiu no mercado em 2003, declarando ter como meta “a publicação de obras inéditas que despertam o descobrimento do prazer pela leitura associada ao aprendizado lazer” (MÜTZEMBRG, 2006, p. 110).

Esse selo editorial³⁶ é o primeiro no Estado a se dedicar especificamente ao público infanto-juvenil e a possuir um direcionamento para a aprendizagem. Isso ocorre desde o lançamento do primeiro trabalho editorial, a coleção *Mundinho*, de Richard Mason. A editora mantém o padrão de publicação de títulos infantis e juvenis, principalmente aqueles úteis e funcionais.

2.2.2.1 Coleção Mundinho

A obra foi relançada em um único volume, tamanho 20,8 x 13,8 cm, com 64 páginas, em 2006, mas as histórias foram publicadas, pela primeira vez, em 2003, separadamente. O volume único saiu com uma tiragem de mil exemplares, com recursos da própria editora. Nele, está *Mundinho*, personagem principal das cinco aventuras: “*Mundinho no Cerrado*”; “*Mundinho no Pantanal*”; “*Mundinho na Floresta*”; “*Mundinho na Cidade*” e “*Mundinho na Fazenda*”. O pequeno aventureiro, um quati muito curioso e assustado, ávido por novas emoções, tem um papel bastante claro e objetivo: divertir e, principalmente, ensinar as crianças.

Nessa fábula, gênero literário baseado na fala exemplar dos animais, os leitores infantis aprendem sobre a fauna e a flora brasileira e entram em contato com conceitos

³⁶ <http://carliniecaniatoeditorial.files.wordpress.com/2011/12/carlini-caniato-catalogo-20133.pd>. Acesso em: 07 de setembro de 2013.

básicos de cidadania e preservação ambiental. Em meio as peripécias e aventuras de Mundinho, as crianças passam a conhecer a vida de várias espécies de animais que habitam os ecossistemas do país.

As intenções pedagógicas explícitas, levaram seus editores a fazerem divulgação nas escolas de Cuiabá, mas, segundo consta, nenhuma escola adotou a Coleção, o que prejudicou sua circulação e distribuição.

Destacamos as lúdicas ilustrações, primorosas em detalhes. É o próprio autor, Richard Mason, quem ilustra as histórias, com belíssimas aquarelas que transportam os pequenos leitores a um mundo de pura fantasia, recheado de plantas, paisagens e animais brasileiros. O espaço narrado pela ilustração constitui um universo cheio de mundos a serem explorados.

Fig. 22: Capa do livro *Aventuras de Mundinho, o quati curioso*.

No Catálogo³⁷ mais recente da editora, além da obra apresentada, encontramos: *Cuiabá: 2 novelas* (2006), de Gabriel de Matos; *Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural* (2007), de Paulo Cesar Prince Ribeiro e ilustração do próprio autor; *Conferência no Cerrado* (2008), de Durval de França e Cristina Campos, com ilustrações

³⁷ <http://editora-tantatinta.blogspot.com.br/>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

de Ricardo Leite; *Menina Pantanal e a galerinha ecológica* (2008), com texto e ilustração de Generino Oliveira; *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2006), de Neusa Baptista Pinto e ilustrado por Nara Silver; além de *Arco-íris – poemas infantis* (2010), de Rosana Caldas e ilustrações de Marcelo Cabral.

2.2.2.2 *Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural*

Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural, de Paulo Cesar Prince Ribeiro, está na sua 1ª ed. Tem 17 x 24 cm e 48 páginas. A narrativa revela a estória de Mariana e Manolito, que se aventuram numa nova experiência da qual eles nunca mais se esquecerão.

Fig. 23: Capa do livro *Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural*.

As crianças embarcaram numa emocionante viagem e passam a vivenciar e conhecer outra cultura através do Turismo Rural, que ajuda a manter e resgatar os costumes de um povo, promovendo intercâmbios e despertando a consciência ecológica.

2.2.2.3 *Menina Pantanal e a galerinha ecológica*

Fig. 24: Capa da revista *Menina pantanal e a galerinha ecológica*.

Menina Pantanal e a galerinha ecológica (2008), 32 páginas, tamanho 21,0x14,5 cm, em brochura, possui texto e ilustração de Generino Oliveira. A temática gira em torno das histórias, causos e lendas que cercam o Pantanal mato-grossense. Trata-se de uma revista em quadrinhos que tem como personagem principal uma menina chamada Ângela, que se tornará a Garota Pantanal; uma versão adolescente da protagonista. Ao seu lado, uma turminha formada por crianças de etnias diversas enfrentará os perigos que ameaçam a fauna e a flora pantaneira.

Nesse projeto editorial, constatamos a intenção pedagógica voltada principalmente às crianças, em clara alusão a campanhas educativas de divulgação e preservação do Pantanal mato-grossense e da cultura local. Na primeira HQ da revista, intitulada “O minhocão”, aparecem personagens do folclore, como o Minhocão do Pari, animal mítico dos 'causos' cuiabanos.

Na sequência há mais 9 (nove) HQs dos quais citamos: “No dia da criança”, “Estudar é preciso”, “O dia da caça”, “Histórias de pescador”, “Que fome”, “Angela a garota Pantanal”, “A paisagem”, “A menina Pantanal” e “Salve o planeta”. Os temas são diversificados, estão relacionados aos estudos, a brinquedos, preservação da natureza e desigualdade social.

A revista *Menina Pantanal e a galerinha ecológica* se mantém na linha da Editora: a de possuir um direcionamento para a aprendizagem. Nesse sentido nos intervalos das histórias estão presentes “Sessão Passatempo”, com caça-palavras, jogo dos 7 erros, complete as palavras, desenhos para colorir etc., fatores esses que garantem a utilidade e funcionalidade do gênero.

2.2.2.4 *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*

O livro *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*, de Neusa Baptista Pinto, lançado em 2006, durante a II Literamérica, em Cuiabá, está na terceira edição. Resultado de um belo projeto gráfico, saiu com 40 páginas, tamanho 17x24cm. Narrado em terceira pessoa, aborda a história de crianças que sofrem com preconceito racial ou que apenas não entendem porque são discriminadas por ter um cabelo mais crespo do que os dos coleguinhas.

A descoberta da beleza própria e a autoaceitação são o assunto central da trama, que mostra a história da amizade entre três meninas negras e pobres, que enfrentam as manifestações preconceituosas com relação ao seu cabelo crespo. Mas, aos poucos, as meninas reconhecem a beleza dos seus cabelos e, a partir daí, criam novos penteados. Elas aprendem a olhar para si e para os outros e, com isso, conseguem entender as diferenças naturais entre as pessoas. Descobrem a importância de valorizar sua estética para se sentirem bem consigo mesmas. Há na trama uma forte alusão a problemas de aceitação ou *bullying*, uma realidade vivida por crianças nas escolas. O assunto tem chamado a atenção de professores e psicólogos e se tornou um problema crônico nas escolas do Brasil e do mundo.

Fig. 25: Capa do livro *Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*. Na contra capa do livro há destaque para os nomes dos patrocinadores.

Quanto à publicação e circulação da obra, observamos que além de receber o apoio da Lei de Incentivo para sua publicação, integra o Projeto Pixaim, que busca discutir a valorização da estética negra. Sob este preceito formulou-se a ação denominada “Caravana Pixaim”, que distribuiu cinco mil exemplares da obra para alunos de escolas públicas de Mato Grosso. Em 2010, a caravana, que tem como integrantes a própria autora e artistas locais, circulou por 30 municípios, levando teatro, literatura, oficinas de leitura para alunos e professores e oficinas de tranças afro.

Com patrocínio do Grupo André Maggi, via Lei Rouanet³⁸, um dos principais grupos empresariais no setor do agronegócio no país, e da Rede Energia, uma das maiores empresas privadas do setor elétrico brasileiro, as ações do Projeto Pixaim continuam. Há que citar ainda que o livro está dentro da proposta da Editora, que é a de possuir um direcionamento para a aprendizagem. Assim, destacamos o final do texto, em que há

³⁸ A Lei Federal de Incentivo à Cultura é conhecida principalmente por sua política de incentivos fiscais. Esse mecanismo possibilita que cidadãos (pessoa física) e empresas (pessoa jurídica) apliquem parte do Imposto de Renda devido em ações culturais.

atividades para que as crianças aprendam brincando, “pensação” e “brincação”, numa clara tentativa de fomentar a interação entre leitor e narrativa.

A terceira edição do livro demonstra a sua visibilidade e aceitação. Com projetos de incentivo à leitura continuam sendo feitas visitas às escolas públicas. Muitas dessas visitas são em decorrência da programação da Semana da Consciência Negra. Nessas ações, além dos livros, são distribuídos *kits* com bonecas e camisetas, marcando a comemoração da data. Nesse prisma, a distribuição dos livros vai ao encontro da aplicação da lei 10.639/03, a qual inclui de maneira obrigatória o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas de todo o País.

No quadro que se coloca, vemos todo o aparato dado pelo Estado e por empresas privadas, com incentivos fiscais, para que o livro tenha distribuição e recepção. Mais uma vez o elo literatura-escola-leitores forma-se. Em face disso, as iniciativas de autores e dos editores ajudam a fortalecer esse panorama e a estimular a política editorial no Estado.

2.2.2.5 Conferência no Cerrado

Conferência no Cerrado (2008), possui enredo voltado para a questão ambiental. Com 17 x 24 cm, 56 páginas, está catalogado como conto juvenil e não se enquadra na categoria utilitário. O enredo do conto volta-se para a questão ambiental.

A história, escrita originalmente por Durval de França³⁹ e recriada por Cristina Campos, tem como protagonistas seres encantados que povoam o imaginário de culturas tradicionais da Baixada Cuiabana: Currupira, Pé de Garrafa, Negrinho D'Água, Mãe do Morro, Tibanaré e Boitatá. Mas, diferente daqueles que estão acompanhados de atividades extras como espaço para colorir, palavras cruzadas, perguntas e respostas etc., características muito utilizadas para a articulação entre os processos de escolarização, autores e obras, o livro de Durval de França e Cristina Campos privilegia o contar da estória.

³⁹ Durval de França foi professor da rede pública municipal e estadual. Autor de contos, crônicas e peças de teatro, faleceu em Cuiabá em 1998.

Conforme encontramos em Bourdieu (*apud* CHARTIER, 2009), o livro não chega jamais ao leitor sem marcas. As intenções, ainda que implícitas, são determinantes para condicionar condições sociais, tempo e lugar, fator que molda a sua recepção. Seguindo essa linha de pensamento, compreendemos que há no conto um atenuamento para o elemento regional. Com uma abordagem contemporânea, a criação de Cristina Campos propõe a renovação do maravilhoso. Os personagens do folclore local irão travar importante luta para conseguir reunir e conscientizar todos os habitantes do Cerrado dos perigos da ação humana.

Fig. 26: Capa e contra capa do livro *Conferência no Cerrado*, com o registro para os fomentos recebidos.

As ilustrações da obra se articulam com a narrativa e auxiliam para a boa compreensão do texto. A concepção ilustrativa de Ricardo Leite foge da função pedagógica. O artista busca a complementaridade e, assim, o texto escrito e as ilustrações apresentam contribuições importantes para a leitura. Nesse projeto destinado ao público

juvenil chamou-nos atenção a arte editorial dada a criação do ilustrador, fator que demonstra a evolução do parque gráfico no Estado e amplia a recepção da obra.

Em *Conferência no Cerrado* as ilustrações, num tom de contemporaneidade, assemelham-se à arte produzida para jogos de RPG. Da mesma forma que ocorre no mundo do jogo, o leitor se fixa visualmente no cenário que lhe é apresentado. Em paisagens reconhecidas pelo público local, como o parque Nacional da Chapada dos Guimarães, o leitor encontra aspectos míticos, sobrenaturais e simbólicos, resultando, então, em uma ilustração esteticamente agradável, que vai além do texto ao qual se refere.

Fig. 27: Ilustrações de Ricardo Leite para *Conferência no Cerrado*.

Assim, na verificação dos caminhos das editoras em Mato Grosso, registramos igualmente investimentos nas instituições federais de ensino, o que contribuiu para o fortalecimento das publicações em editoras públicas e privadas, sobretudo em Cuiabá. O crescimento quantitativo da produção levou a uma modernização dos suportes editoriais.

Nessa perspectiva, no cenário atual, montado por nós, através da leitura analítica do *corpus* selecionado, percebemos que parte da literatura infantil e juvenil se afasta do

espírito puramente pedagógico. Há aquela que diverte, que prima pelo caráter mais estético do texto, e há a que ensina e que pretende produzir aprendizado.

Nesse sentido, a história das editoras em Mato Grosso é marcada por uma busca constante pelo desenvolvimento de um trabalho profissional em relação ao livro. Autores e agentes culturais seguem as preferências estéticas ditadas pelo mercado consumidor. Questões econômicas, relações sociais, culturais e políticas formam o capital simbólico e determinam as publicações que demarcam a inserção da produção de livros de literatura infantil e juvenil no Estado.

2.2.2.6 Arco-íris – Poemas infantis

Fig. 28: Capa do livro de poemas *Arco-íris*.

O livro de Rosana Caldas possui 27 poemas voltados para o público infanto-juvenil, acompanhados por delicadas e bem humoradas ilustrações.

Arco-íris, publicado em 2010, tamanho 21 x 28 cm, 48 páginas, é fruto primeiro da intenção da autora em escrever um livro para suas filhas. É o primeiro livro de Rosa Caldas direcionado ao público infantil. Foi publicado sem incentivos.

Há na obra referências significativas sobre nuances do universo infantil feminino. Os poemas passeiam pelo mundo das cores e dos sonhos, reforçando a metáfora do “mundo cor de rosa”. Nesse universo, as temáticas predominantes dão os títulos aos poemas: “A família”, “A escola”, “As sandálias de salto da Bárbara”, “Amiguinhas”, “Maria vai com as outras”, “Carrossel”, “Sonho de cinderela”, “Liz, a boneca de Paris”, “Essa menina”, “Borboletas coloridas”. Contudo, não falta a referência a símbolos locais, como o poema intitulado “O tuiuiú”, ave símbolo do pantanal mato-grossense.

Fig. 29: Ilustrações do livro de poemas *Arco-íris*.

As ilustrações de Marcelo Cabral, de traço simples e forte colorido, acompanham o mesmo universo infantilizado que está no texto verbal. Com uma linguagem extremamente simples os poemas, a maioria rimados, revelam o cotidiano de um mundo

de fantasia e virtudes, trazendo uma forte referência ao mundo do faz de conta, como se a vida fosse uma grande brincadeira.

2.2.3 Entrelinhas Editora/ Central do Texto - Carrión & Carracedo Editores

A Entrelinhas surge em 1993 com a criação da Carrión & Carracedo Editores Associados. Os primeiros trabalhos foram os de diagramação de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em seguida, passaram a trabalhar com instituições que precisavam de publicações jornalísticas e técnicas. Hoje, reúne três selos editoriais: Entrelinhas Editora, Central de Texto e Aroe. A frente da editora estão os nomes de Ricardo Miguel Carrión Carracedo e Carlos Alberto Ozelame – diretores executivos, e o de Maria Teresa Carrión Carracedo, editora e diretora de criação.

Das obras que compõem o catálogo⁴¹ da Entrelinhas, interessa-nos os títulos direcionados ao público infantil e juvenil. Em ordem cronológica: *Uma simples maneira de voar* (2006), com 64 páginas, formato 19,5x 26,2 cm, acabamento brochura, de Ivens Cuiabano Scaff; *Bugrinho, que menino é esse?* (2008), 96 páginas, formato 19,5x26 cm, acabamento em brochura, de Daniela Freire, ambos ilustrados por Marcelo Velasco; *O menino órfão e o menino rei* (2008), 80 páginas, formato 19,5x26,2 cm e acabamento em brochura, também de Ivens Cuiabano Scaff, ilustrado por 52 fotos-ilustração – marionetes de Carlão dos Bonecos e cenários desenhados por Marcelo Velasco; *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (2012), 64 páginas, formato 19,5 X 26,3 cm com acabamento em brochura, do mesmo autor e, mais uma vez, com desenhos de Marcelo Velasco; *O homem que sujou o céu* (2012), de Luciano Dias de Lacerda, com ilustrações de Benedito Nunes, 96 páginas, formato 19,5x26 cm, acabamento em brochura e *Varinhas mágicas* (2010), de Lais Amicucci Soares Martins, ilustrado por Márcio Aurélio Santos, 36 páginas, formato 21x21 cm, acabamento cavalete.

Dentre deste segmento de pesquisa, temos outro selo editorial que compõe a Carrión & Carracedo Editores Associados: a Central do Texto. No Catálogo de suas publicações estão *A árvore e a cidade* (2005), livro infantil, paradidático, voltado para

⁴¹http://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/sgp.asp?sgid=160&subgrupo=infantil_e_juvenil. Acesso em: 22 de setembro de 2012.

educação ambiental, com 24 páginas, formato 15,7x33 cm, acabamento cavalete, e *João Ninguém* (2005), 36 páginas, formato 19,5x26,4 cm, acabamento cavalete, narrativa que traz a estória de um menino que não teve oportunidade de estudar e crescer profissionalmente. Ambas são de autoria de Maria do Carmo Alves de Souza e foram ilustrados por Joel Antônio Bueno da Silva.

Há ainda a publicação de *A Gata Bana visita o Pantanal* (2005), obra que narra as peripécias de uma gata que, preocupada com a preservação do Pantanal mato-grossense, resolve fazer uma grande viagem de reconhecimento, tomando emprestado as botas mágicas do gato do Marquês de Carabá. Dessa forma, parte da Avenida Paulista em direção ao Rio Paraguai, preocupada com essa região, declarada pela Unesco como Patrimônio Natural da Humanidade. O texto é de Maria de Lourdes da Silva Ramos, ilustrado pelo artista plástico João Sebastiao da Costa, com 36 páginas, formato 19,5x26,4 cm, acabamento cavalete.

No total, são nove os títulos infantis e juvenis que compõem a Carrión & Carracedo Editores Associados. Dentre os livros que adquirimos e catalogamos da Entrelinhas, destacamos, neste capítulo, para um estudo mais detalhado, *Bugrinho, que menino é esse?*; *O homem que sujou o céu*; *Uma maneira simples de voar*; *O menino órfão e o menino rei* e *A mamãe das cavernas e a mamãe loba*. Destes, apenas o terceiro citado, *Uma maneira simples de voar*, foi publicado sem a utilização de leis de fomento à cultura. Os outros quatro receberam algum tipo de incentivo.

Importante frisarmos que tanto a Entrelinhas quanto a Central do Texto mantêm uma ampla rede de distribuição em Mato Grosso, principalmente em Cuiabá. Seu mercado é fundamentalmente mato-grossense, assim como as outras editoras citadas na nossa pesquisa. Nesse sentido, foi possível encontrar os livros registrados em livrarias, bancas de revistas, e *online*, o que facilitou as aquisições.

É oportuno marcarmos aqui que dos livros que levam o selo da Entrelinhas, o primeiro que registramos foi *As meninas e o sabiá*, de 1987, livro esse que não consta no Catálogo, posto que foi diagramado pela Editora em parceria com a UFMT e SESC e distribuído gratuitamente por ocasião da V Feira de Livros Infantis de Cuiabá, ocorrida no mesmo ano.

Com capa de Amauri Lobo e ilustrações da artista plástica Maty Vitart, em papel simples e montagem artesanal, saiu com uma tiragem de três mil exemplares. Na linha

das obras engajadas surgidas no restante do país, possui um apelo político-ecológico. O enredo informa sobre acontecimentos locais como a luta para a criação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães e a derrubada de uma igreja centenária, na cidade de Poconé.

Voltando à leitura daqueles livros que compõem o catálogo da Entrelinhas na atualidade, registramos *Bugrinho, que menino é esse?*, de Daniela Freire, publicado em parceria com o Tribunal de Contas de Mato Grosso e *O homem que sujou o céu*, de Luciano Dias de Lacerda, publicado com incentivos de Lei estadual, via Secretaria de Cultura.

2.2.3.1 *Bugrinho, que menino é esse?*

Fig. 30: Capa do livro *Bugrinho, que menino é esse?* Na capa consta o nome do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso.

Bugrinho, que menino é esse? (2008), de Daniela Freire, formato 19,5 x 26,2 cm, 64 páginas, encadernação em costura, traz a biografia do poeta Silva Freire, do tempo de infância até a sua trajetória como homem das letras.

O livro apresenta uma mistura de memórias de infância da autora, filha de Silva Freire, e trechos de poemas do seu pai. Em meio a essas reminiscências, o leitor, desde a capa, segue um roteiro lúdico que revela os lugares marcantes na vida do poeta. A estória contada por Daniela Freire destaca também a amizade e parceria intelectual entre Silva Freire e o poeta Wladimir Dias-Pino. Revela ainda a militância estudantil de Freire, o começo de carreira como advogado e a sua atuação no magistério, além do seu empenho nas lutas sociais.

Fig. 31: Ilustrações de Marcelo Velasco para *Bugrinho, que menino é esse?*.

Quanto as ilustrações da obra ressaltamos o trabalho de Marcelo Velasco. O artista, que ilustra a maior parte das obras infantis juvenis da Editora Entrelinhas, é considerado pela crítica local um atento observador da cultura da região. Do seu registro revelam-se as minúcias da cidade de Cuiabá e baixada cuiabana, dos becos, dos casarões

e personagens que ali vivem. Em *Bugrinho, que menino é esse?* Os traços artísticos, feitos com o caneta nanquim e lápis de cor aquarelável, traduzem um perfeito amalgamento para com o desenrolar do enredo. Entre a capa e a orelha do livro há uma extensão da imagem do poeta em seu tempo de criança. O menino Bugrinho é apresentado e é dado início a narrativa.

As ilustrações se estendem e revelam, além do lugar em que ele viveu, as suas brincadeiras preferidas. O ilustrador opta por cores claras para contar, visualmente, os momentos lúdicos do menino Bugrinho e do homem-pai de família Silva Freire. Todavia a tonalidade das cores será alterada no momento que, já na fase adulta, o poeta enfrenta o período da ditadura militar. A narrativa visual criada por Marcelo Velasco aborda ainda momentos que elucidam as principais manifestações culturais da baixada cuiabana, tendo Silva Freire como principal fomentador e (re)descobridor dessa cultura.

O enredo de *Bugrinho* baseia, sobretudo, em trechos de poemas ou textos em prosa poética de Silva Freire que possuem um eu lírico criança. Assim, dialogando com essa poética a autora ergue o seu construto ficcional, deixando às futuras gerações o registro da obra de um dos principais nomes da literatura produzida em Mato Grosso.

2.2.3.2 *O homem que sujou o céu*

A publicação do livro *O homem que sujou o céu* (2012), de Luciano Lacerda, 96 páginas, formato 19,5x26 cm, acabamento em brochura, é um exemplo do desenvolvimento e atualização das editoras no Estado. Trata-se de uma edição cuidadosa e arrojada, em que as cores e os traços expressivos criados pelo ilustrador Benedito Nunes ajudam a contar a estória.

O cenário escolhido e a cidade de Chapada dos Guimarães localizada no centro da América do Sul. É nesse ambiente bucólico, cercado por plantas e animais do cerrado mato-grossense, que os personagens J. Francisco, o Padrinho, a Bruxa das Flores e a gata Quitéria viverão uma grande aventura. Tudo começa quando um incêndio acidental altera a ordem das coisas. As agressões sofridas pela natureza são relatadas. O parque nacional da Chapada dos Guimarães é quase consumido pelo grande incêndio, que destrói a

biodiversidade do lugar. Plantas, animais e também os homens são afetados e surpreendidos pelo “homem que sujou o céu”.

Fig. 32: Capa e contracapa de *O homem que sujou o céu*. Na contracapa consta o nome da Secretaria Estadual de Cultura, indicando o incentivo recebido.

No conto, é apresentada uma moderna fábula ambiental envolvendo palavra e imagem. As ilustrações feitas em aquarela e nanquim pelo artista plástico mato-grossense dão ênfase a toda a movimentação que toma a narrativa. Seu traço contemporâneo dá vida a uma temática constante em seus trabalhos: o cerrado. A estória traz ainda um relato longo e detalhado das peculiaridades do local, revelando personagens míticos e telúricos.

O trabalho gráfico traduz com primor as técnicas de pintura que valorizam a decomposição das cores. As pinceladas soltas do artistas, que buscam demonstrar os movimentos da cena, lembra-nos a pintura impressionista, reforçando a ênfase dada à paisagem do lugar.

Fig. 33: Ilustrações de Bendito Nunes para *O homem que sujou o céu*.

Importante completar que a obra, que contou com incentivo recebido da Secretaria de Cultura para a sua publicação, foi lançada na época do ano quando a umidade relativa do ar no Estado chega a extremos, aumentando os focos de incêndios. A baixa umidade do ar e a densa cortina de fumaça prejudicam a qualidade de vida dos moradores das cidades, causando transtornos e sérios prejuízos a saúde.

Na conclusão dos vários relatos que se encadeiam e formam o conto fica explícito o engajamento político-ecológico, comum na literatura infantil juvenil produzida em Mato Grosso desde os primeiros livros. O tom moderno da obra, no entanto, fica por conta das ilustrações. A qualidade das imagens e do acabamento gráfico superam a narrativa verbal, que carrega um didatismo explícito. Nesse sentido, é que destacamos a profissionalização da editora, fator que sintetiza também a manutenção da produção de livros no Estado.

Dando continuidade a averiguação das publicações da Entrelinhas, ressaltamos os livros *Uma simples maneira de voar* (1ª ed. 1997 e 2ª ed. 2006), *O menino órfão e o menino rei* (2008) e *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (2012), todos de Ivens

Cuiabano Scaff. Desses, conforme já mencionamos, somente o primeiro, na sua segunda edição, de 2006, não recebeu incentivos públicos ou privados.

Mas, antes de apresentarmos os resultados da parceria entre o autor e a editora e em virtude do nosso interesse na produção de Ivens Scaff, trazemos algumas informações sobre a sua produção por consideramos que ele é protagonista na história da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso.

Poeta, contista, autor teatral, professor universitário e médico infectologista, publicou, além dos títulos direcionados a crianças jovens citados no decorrer no nosso trabalho, três livros de poesia: *Nova poesia de Mato Grosso* (1986), *Mil Mangueiras* (1988), *Kyvaverá* (2011). O autor participou ainda da coletânea *Fragmentos da Alma Mato-grossense* (2003), juntamente com Manoel de Barros, Silva Freire, Wladimir Dias Pino, Lucinda Persona e Ricardo Guilherme Dicke.

Acerca da sua produção infantil e juvenil entendemos que esta transita entre dois polos: o local e o universal. Seu discurso poético revela imagens e símbolos. Menino criado no Bairro do Porto, em Cuiabá, conheceu pessoas e ouviu muitas histórias. Imerso nesse mundo, desde cedo começou a inventar. Quando lia as fofas histórias, de outros tempos, de outros mundos, as transformava rapidamente, imaginando como tudo aquilo poderia acontecer ali, ao seu lado, no seu espaço e lugar.

Nesse processo, as experiências imaginárias do menino leitor são transpostas para o escritor. Nos seus contos percebemos a mescla entre o empírico e o ficcional, o mutável e o constante, o aqui e o lá. Momentos significativos advêm de situações comuns, por tudo isso fatos, pensamentos e lembranças são frutos de marcas sensoriais como cheiros, cores e sons guardados na memória do menino, do autor, do doutor e homem das letras.

Scaff demonstra o desejo de evidenciar, de contar o seu mundo as crianças de todas as idades. Nesse prisma, na constituição dos seus contos há a apresentação de vivências, de apreciação e revitalização de valores culturais esquecidos no tempo. O ato de recordar, que se transforma em contar, simboliza o nascimento de novas vidas, de novas perspectivas que influenciarão no devir do homem e da própria literatura. Nesse enovelar de localismo e universalidade sua poética abre caminhos e deixa pegadas nas trilhas que nos levam a uma narrativa onde todas as intenções, todas as formas de trabalho, todos os experimentos e assimilações condicionam a arte e intensificam a existência.

Nas narrativas do autor o imaginário, as crenças e mitos reavivam a memória cultural. Na construção da sua obra, materializa-se mundos e sentimentos metaforizados nas várias figurações do espaço, questão que se evidenciam nas leituras de suas obras, agora apresentadas.

2.2.3.4 *Uma maneira simples de voar*

Uma maneira simples de voar foi publicado pela primeira vez em 1997, contudo produzido anos antes. Seu autor, Ivens Scaff, foi convidado para escrever a obra para ser apresentada em uma feira local. "Nunca tinha escrito para criança. Comecei a escrever o livro e uma coisa foi levando a outra e a história foi crescendo, revela o autor⁴⁴". Depois, com a mesma obra, ganhou um concurso que garantiria a publicação para o primeiro lugar.

O autor ganhou, mas a obra não foi publicada. Anos mais tarde, graças a lei de incentivo à cultura do Estado e ao patrocínio de uma empresa privada, a mesma que viria a patrocinar seus outros títulos, o livro, ilustrado por Marcelo Velasco, foi lançado pela editora Tempo Presente, em preto e branco, com os desenhos em bico de pena⁴⁵.

A nova edição da *Entrelinhas*, de 2006⁴⁶, nove anos após a primeira e 17 após o autor concluir a escrita do texto, recebeu um novo formato. Com 64 páginas, com 19,5x 26,2 cm, acabamento brochura, o novo/velho projeto conta, novamente, com as ilustrações de Marcelo Velasco.

A edição, agora colorida, ganhou várias técnicas de pintura e materiais como lápis de cor, bico de pena, pintura em acrílico e óleo, aquarela, aerógrafo e colagem, o que, segundo Ivens Scaff, "garantiu uma qualidade editorial perfeita".

⁴⁴ <http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/62/materia/121153>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

⁴⁵ Em entrevista com o autor.

⁴⁶ O livro saiu com 5 mil exemplares e segundo informação da editora foram vendidos, até a data da nossa entrevista com Maria Teresa Carrión Carracedo (vide anexo), 2.020 exemplares e 1.981 foram doados.

Fig. 34: Capas da 1ª e da 2ª edição de *Uma maneira simples de voar*.

As ilustrações estão presentes em praticamente todas as páginas da obra e reforçam a leitura dos elementos míticos e do espaço geográfico local que envolve toda a narrativa. Não por acaso, no decorrer da estória, além da manutenção de elementos regionais como a fauna e flora, há um importante registro sobre as antigas brincadeiras infantis como o estilingue, o finca-finca, bolinha de gude, queimada, roda entre outras.

Em meio a esse espaço natural desenvolve-se a temática central: a amizade. As peripécias das personagens infantis se dão em meio a mitos do folclore local e também brasileiro. Na obra há referências a mitos e personagens que também estão em outras obras do gênero apresentadas ao longo deste capítulo como o Minhocão, o Saci ou o Neguinho d'água.

Na leitura de *Uma maneira simples de voar*, o constante diálogo entre o passado e o presente, representado pelo velho e pela criança e os questionamentos suscitados pela curiosidade da “menina perguntadeira”, garantem a universalidade da obra. Além disso, o trabalho cuidadoso na elaboração do projeto gráfico demonstra o avanço do setor editorial em Mato Grosso.

Fig. 35: Ilustrações de Marcelo Velasco para a 2ª edição de *Uma maneira simples de voar*.

A segunda edição de *Uma maneira simples de voar* saiu com uma tiragem de 3.500 exemplares. É, sem dúvida, um dos grandes sucessos da literatura infantil juvenil no Estado. A publicação, bancada pela própria Editora, já conseguiu se pagar. O livro é um dos poucos desse segmento que está na lista dos paradidáticos de algumas escolas da Capital e do interior.

Segundo Scaff, e segundo a editora, *Uma maneira simples de voar* tem sido adotado mais por escolas públicas do que pelas particulares, circulação que provém do interesse dos próprios professores em levar a literatura que se produz no Estado para dentro da escola, já que não faz parte da política do governo comprar os títulos dos autores locais.

O fato de a circulação de alguns títulos pelas escolas do Estado, particulares ou públicas, chama-nos atenção. A importância do segmento escolar para a divulgação da literatura infanto-juvenil local, revela a segmentação da cultura literária, marcada pela necessidade da legitimação de um especialista.

2.2.3.5 *O menino órfão e o menino rei*

Fig. 36: Capa e contracapa de *O menino órfão e o menino rei*. Na contracapa informa que a Secretaria Estadual de Cultura patrocinou 35% da publicação.

O menino órfão e o menino rei, de Ivens Scaff, publicado em 2008, recebeu apenas 35% de patrocínio da Secretaria Estadual de Cultural. Os 65% restantes ficaram por conta da Editora. O livro com 80 páginas, 52 ilustrações, formato 19,5x26,2 cm e acabamento em brochura, conta a estória de um menino órfão, criado num castelo obscuro nos confins do reino de Logres.

É certamente a primeira vez que o autor não aborda o cenário regional. As marcas da cultura local são deixadas de lado para a apresentação da lenda do ciclo arturiano, umas das leituras preferidas do autor, conforme contou-nos na entrevista. Em meio a lenda desse período está a estória do menino Tuca. Ele é visitado frequentemente por um velho que lhe conta a respeito de um menino desaparecido, filho de Uther Pendragon, o Grande Rei.

O velho conta também sobre a lenda de uma espada cravada numa bigorna sobre uma pedra e de como somente esse menino será capaz de retirar a espada e se tornar rei.

"A Lenda da Espada Encantada" é a história do Rei Arthur, criador da Távola Redonda, que inspirou uma vasta literatura abrangendo a mitologia das regiões que hoje constituem a Inglaterra e a França. Partindo do desaparecimento do Rei Arthur, ainda menino, a narrativa de Scaff discute, através do relacionamento de Arthur com o Mago Merlin, valores como a liberdade, igualdade, lealdade e fraternidade.

O conto nasce, primeiramente, como texto para o teatro. Estreou no teatro universitário da UFMT, em 1998, com o título *A lenda da espada encantada – uma história dos tempos do Rei Arthur*, com atores. Na época, foi encenada em escolas municipais e estaduais de Cuiabá.

A peça, uma produção infantil-juvenil escrita por Ivens Scaff, dirigida pelo ator Carlos Gattas, com cenário de Marcelo Velasco, recebeu o aval da Lei Hermes de Abreu⁴⁷ de Incentivo à Cultura, mas, durante a captação de recursos, o diretor teve dificuldade para garantir os investimentos. Na continuidade da encenação, passou a teatro de bonecos, projeto idealizado por Carlão dos Bonecos (Carlos Gattas). O próprio Carlão, juntamente com Rogério Kinipilberg, foi quem confeccionou e manipulou os bonecos.

Após o trabalho de adaptação e algumas modificações no texto teatral para o conto feito por Ivens Scaff, a Entrelinhas Editora assume o projeto de confecção do livro⁴⁸. A editora manteve a equipe que produziu a peça teatral. Com um projeto arrojado e um toque artístico impecável, *O menino órfão e o menino rei* saiu em 2008. As ilustrações, linguagem que impera nas produções infantis, foram trocadas por foto-ilustrações, um trabalho do designer gráfico e fotógrafo Helton Bastos que se focou no ambiente montando pelo artista plástico Marcelo Velasco. Para toda essa produção, as marionetes tiveram que contar também com peças variadas de vestuário, trabalho assinado pelo crítico de cinema e figurinista Juarez Compertino.

O projeto gráfico-visual de *O menino órfão e o menino rei* é um marco na produção de livros infantis juvenis no Estado. Dessa maneira, vemos que o trabalho das editoras, da Entrelinhas em particular, tem se aprimorado. As edições dos livros infantis e juvenis, que estão em seu Catálogo, são bem cuidadas e bem elaborados no seu *design*

⁴⁷ Pela lei, os empresários interessados em vincular sua marca a um produto cultural - seja teatro, cinema, música, literatura ou outras formas de eventos, ficariam isentos de pagar 3% do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

⁴⁸ O autor revela que a editora Maria Teresa Carrión Carracedo, da Entrelinhas, foi a responsável pela ideia da adaptação da peça teatral em livro e da ilustração da obra com fotos das marionetes.

gráfico. Não por acaso o livro de Scaff é ricamente ilustrado a partir das foto-ilustrações tiradas dos cenários montados.

Fig. 37: Foto-ilustração das páginas de *O menino órfão e o menino rei*.

O resultado final do livro *O menino órfão e o menino rei* é, definitivamente, uma nova maneira de expressão artística que une composição estilística e vanguarda tecnológica. São novos esquemas perceptivos. Nessa construção narrativa, que envolve texto e imagem, o leitor chega a uma compreensão da linguagem que ultrapassa as fronteiras do verbal. Na execução do projeto, mais do que dar vida a estória contada, a combinação entre texto e imagem faz com que a narrativa adquira outra dimensão, possibilitando reflexões sobre a interação entre as duas linguagens.

2.2.3.6 *A mamãe das cavernas e a mamãe loba*

A mamãe das cavernas e a mamãe loba, 64 páginas, formato 19,5 X 26,3 cm, com acabamento em brochura, é a última publicação de Ivens Scaff que catalogamos. O livro foi publicado em 2012 pela Entrelinhas Editora, com o patrocínio da Unicred (plano de previdência privada).

Fig. 38: Capa do livro *A mamãe das cavernas e a mamãe loba*. Na capa, o nome da empresa que patrocinou a publicação.

A narrativa aborda em palavras e imagens um antigo sentimento: a amizade entre homens e cachorros, estes representados por lobos. Segundo o narrador, esse sentimento é muito antigo e talvez tenha se iniciado há milhares de anos, ainda no tempo em que os homens, nossos tataravós, moravam em cavernas.

Na estória de Scaff, o leitor fica conhecendo os primórdios da raça humana, tempo em que os homens viviam em cavernas para se esconder das intempéries e dos bichos. É nesse ambiente inóspito que se desenrolam os primeiros contatos entre a “Mamãe das Cavernas” e a “Mamãe Loba”. Os laços desses diferentes seres irão se acirrar quando

constatamos que ambas estão na mesma situação: as duas lutavam pelo sustento dos filhos.

O livro, embora seja destinado ao público infanto-juvenil, emociona crianças, adolescentes e adultos de qualquer lugar. Os ares de universalidade da obra ficam por conta dos medos enfrentados pelos homens e animais até a quebra de barreiras que os aproximou. Isso fica marcado com o primeiro encontro afetivo entre as duas mães até a consolidação do companheirismo entre o homem e o cachorro.

Fig. 39: Ilustrações das páginas de *A mãe das cavernas* e *a mãe loba*.

A primorosa edição traduz a beleza da criação artística de Marcelo Velasco, em mais um trabalho do ilustrador para a narrativa de Scaff. As ilustrações feitas para o obra reportam ao traço do homem pré-histórico. A ideia expressa, artisticamente, o mesmo estilo de desenhos que se fazia nas paredes das cavernas. Nessa perspectiva, a pinturas rupestres de Velasco mostram os animais e pessoas do período em que viviam, além de cenas de seu cotidiano (caça, rituais, danças, alimentação etc.).

Os traços do ilustrador ajudam a contar a estória. Da pintura rupestre, que habita as primeiras páginas, Velasco chega ao grafite e assim continua a narrar que a antiga amizade, iniciada pelos “nossos tatataravós humanos” e pelos “tatataravós dos cachorros”, que eram os lobos, estende-se até a atualidade.

Fig. 40: Ilustração das páginas de *A mamãe das cavernas e a mamãe loba*.

Com a apresentação do conteúdo temático e ilustrativo do Catálogo da Entrelinhas, chegamos a conclusão de que este selo possui participação bastante significativa no mercado editorial mato-grossense. Suas publicações, direcionadas ao público infantil e juvenil, são graficamente cuidadosas e bem elaboradas.

Outra marca significativa da Editora é se lançar no mercado intencionando publicar obras que se caracterizam por manter uma identidade local. Há, sem dúvida, um número significativo de obras em circulação que discutem aspectos da geografia, da história, da cultura e da literatura de Mato Grosso, ocasionando o crescimento do consumo de produção literária regional. As edições contam ainda com a participação de equipes de fotógrafos, ilustradores e artistas visuais mato-grossenses. Mas o grande

desafio da Editora, e de todas as outras, continua sendo a distribuição dos livros, além da formação de um mercado consumidor para essa produção.

2.2.2.4 Unicen Publicações

A Unicen Publicações iniciou suas atividades em 2001, com sede em Cuiabá. A editora pertencia à União das Faculdades do Centro-Norte (Unicen), estabelecimento de ensino com unidades em várias cidades do interior de Mato Grosso como Tangará da Serra, Primavera do Leste, Sinop e Barra do Garças, além de Boa Vista, capital de Roraima. Na atualidade, o selo é denominado Editora Cathedral Publicações e integra o Grupo Cathedral, composto também pelas Faculdades Cathedral, com unidades em Boa Vista-RR, Barra do Garças e Água Boa, cidades do interior de Mato Grosso. Desde a sua fundação, a Editora objetivava participar do desenvolvimento científico-tecnológico e artístico, fomentando publicações acadêmicas e literárias do corpo docente e discente de suas unidades.

Importante ressaltar também que a Editora buscou ampliar as suas fronteiras, abarcando a publicação de trabalhos desenvolvidos por professores de outras instituições de ensino superior de Mato Grosso e de outros estados. Esse processo de ampliação alcançou obras literárias de prestigiados autores locais como Ricardo Guilherme Dicke, Luciene Carvalho, Wander Antunes, Heliara Costa entre outros.

No segmento infanto-juvenil, encontramos uma única publicação com o selo ainda denominado Unicen publicações. Trata-se de *Candimba*, revista em quadrinhos, publicada em 2002. A obra traz uma livre adaptação de uma lenda do folclore mato-grossense.

2.2.2.4.1 *Candimba*

Candimba, 11 páginas, com formato 21x15 cm, acabamento em brochura, saiu com uma tiragem de 5.000 exemplares. Lançado em 2002, juntamente com obras de

outros gêneros, foi publicada com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Cuiabá.

Fig. 41: Capa e contra capa de *Candimba*. Na contra capa o registro de que a obra foi publicada com recursos da Lei Municipal de Incentivo à cultura de Cuiabá.

O lançamento, coletivo, ocorreu no Museu do Rio, em Cuiabá. Autores, com estilos e gêneros variados, lançaram livros de poesia e de contos adultos e infantis. Tiveram em comum o fato de terem ganhado a chancela da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Lei nº 3.434/95 e do decreto 3.617/99). Entre os autores, além de Heliara Costa e Wander Antunes, citamos Gabriel de Mattos, com *A Geringonça*; Adelina Siqueira, com *Lingüiça*; Josemar Tiago, com *Choros* e Dilson Oliveira, com *Rasqueado*.

O HQ de Heliara Costa e Wander Antunes, autor que também é o responsável pelas ilustrações, é dedicado a Dunga Rodrigues, autora do primeiro livro infantil publicado em Mato Grosso após a divisão do Estado, como também de *Lendas de Mato Grosso* (1997), importante obra que reúne lendas locais.

Ao final dos quadrinhos, há uma análise sobre a reinvenção das lendas, por Mario Cezar Silva Leite, reconhecido pesquisador da cultura e literatura mato-grossense. Do texto analítico destacamos:

A lenda de Candimba, no texto de Dunga Rodrigues, ainda que de maneira diluída se insere nesse conjunto de lendas, mitos e histórias, em que a quebra das regras implica em um castigo. Nota-se que, se não em sua totalidade, pelo menos em parte o Candimba passa por um processo de metamorfose: o próprio corpo foi se deformando, os membros paralisando-se e nasce-lhe um rabo. (2002, p. 11)

De acordo com a lenda registrada por Dunga Rodrigues (1997), o personagem era um sujeito comum, normal, “sem nenhum defeito físico, sabendo ler e escrever”. Mas, pelo seu mau caráter e violência, principalmente com a sua mãe, ele foi adquirindo fisionomia diferente. Assim, o Candimba foi punido, por Deus.

Na versão de Heliara Costa e Wander Antunes, o personagem é um menino que, ao invés de ser vilão, é sim vítima de preconceito. Ele tenta se lembrar do passado, se realmente teria batido em sua mãe, mas acaba concluindo que não, que as pessoas, por não entenderem o que estava acontecendo com ele, acabaram inventando essa história de que o menino tinha feito algo errado, por isso estava sendo castigado.

Cansado de viver só, pois ninguém mais queria brincar com um ser de aparência tão horrível, cansado de sofrer injustiça, o Candimba resolveu ir embora para um lugar distante, onde as pessoas não levantariam calúnias a seu respeito. Assim, vai em busca de amigos que o aceitem como ele é, com o seu corpo diferente. Nessa busca, em um espaço não revelado pelo narrador, encontra com pessoas estranhas, fora dos padrões previstos. São os personagens do folclore brasileiro como o Curupira, que tem os pés virados; o Saci Pererê, que possui uma perna só; o

Fig. 42: Ilustração das páginas de Candimba.

Fig. 43: Ilustração das páginas de *Candimba*.

“Venha cá, siminino”, “É demais de feio” (p. 06).

Quanto à ambientação da estória, registramos que as cenas apresentadas nos quadrinhos remete-nos a cidade de Cuiabá, a beira do rio Cuiabá, ao morro de Santo Antônio. Os desenhos de Wander Antunes, de página inteira, revelam esses espaços reconhecido pelos leitores locais, mas sem apresentar, necessariamente, uma narrativa sequencial, o que é próprio nas ilustração das histórias em quadrinhos. O que fica evidente nos traços do ilustrador é a sintetização e a caracterização de conceitos, situações e ações que determinam o comportamento das pessoas habitantes da narrativa.

Lobisomem, que é muito peludo e o Troá. Eles, assim como o Candimba, não são bem-vistos pela maioria das outras crianças e, por isso, vivem longe, isolados, destino reservado para os aleijões, para os “não normais”.

Na versão que se apresenta a reescritura da lenda, a mensagem da estória é transmitida ao leitor por dois processos: por meio da linguagem verbal, expressa na fala do personagens, marcada pelo uso do balão, na voz do narrador e por meio da linguagem visual. Também as falas das personagens remete-nos ao linguajar cuiabano, com suas expressões peculiares:

Fig. 44: Ilustrações de *Candimba*.

A bem elaborada edição da Revista voltada ao público infantil e juvenil conta também com um acentuado cuidado quando ao uso das cores. Percebemos no trabalho de Wander Antunes a utilização de cores frias e quentes, primárias, secundárias e terciárias. As técnicas utilizadas são também responsáveis pela representação do clima, das ações, sensações e emoções vividas pelos personagens, o que colabora com a contação da estória.

Assim, na verificação de mais uma casa editorial presente na capital do Estado, notamos que a efetiva produção voltada para o objeto livro, demonstra a profissionalização do setor e marca, como em todas as outras atividades aqui relatadas, a busca pela autonomia no campo editorial.

Fig. 45: Ilustração das páginas de *Candimba*

2.2.5 Editora Ideias

A Editora Ideias surge em 2009, na cidade de Tangará da Serra, interior do Estado. Possui em seu Catálogo, disponível na internet, 15 títulos entre livros de ficção, manuais didáticos e livros para colorir. Na idealização do projeto empresarial está o nome de Jociéle Rosa, que também atua como editora e revisora.

No Catálogo⁵¹, visualizamos oito (08) títulos direcionados a crianças e adolescentes, publicados até 2012. Os títulos posteriores a essa data não fazem parte da discussão produzida neste capítulo. Mas, as publicações de *O buraco sem fundo* (2013) e *O casamento do Lápis Mágico* (2013), de Robson Rocha; *Lé e o elefante de lata* (2013), de Marta Cocco; *Boi Babaçu* (2013), de Marcos dos Anjos e *Elefa – a elefantinha que*

⁵¹ <http://www.editoraideias.net/produto.php?prCodigo=418>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

queria ser modelo (2013), de Celso Antunes revelam o interesse e o avanço da Editora frente ao esse gênero.

Em verificação ao trabalho da Ideias, apontamos, no Catálogo disponível, os títulos classificados como infantis. Assim temos: *A árvore que chorou* (2010), 3. ed., 13 páginas, formato 20x21 cm; *Agadoisó* (2010), 2. ed., 13 páginas, com 20x21 cm, ambos de Robson Rocha, com ilustrações de Bugre; *O menino que flutuava* (2010), de Joci Rosa, 13 páginas, com 20x21 cm, ilustrado por Ricardo Leite. Quanto aos títulos classificados como juvenis, registramos: *A última surra* (2009), 40 páginas, com 13x20,8 cm; *Escola: é proibido pensar*, (2009), com 13x20,8 cm, 52 páginas, e *Os Katraias* (2009), também com 13x20,8 cm e 36 páginas, os três de autoria de Robson Rocha; *Para Caterina* (2011), de Joci Rosa, 48 páginas, com 13x20,8 cm. Cada uma dessas publicações saem com um tiragem de 1.000 exemplares por edição.

2.2.5.1 Ideias que geram ideias: a produção de Robson Rocha

Dentre as informações coletas sobre a editora Ideias, as publicações de autoria de Robson Rocha nos chamam atenção. No total, o autor possui 27 obras datadas de 1997 a 2013, sendo a maioria delas impressa por uma editora de Minas Gerias. A produção do autor está distribuída entre infantil e juvenil e história em quadrinhos, além de uma coleção de livros para colorir. Algumas de suas publicações foram editadas dentro de coleções e possuem edição em espanhol. Pela Ideias, destacamos, no quadro que segue, a produção do autor e a vendagem dos seus títulos:

Quadro 2: Publicações de autoria de Robson Rocha pela Ideias (2009-2013).

Livros	Gênero	Tiragem	Vendidos
<i>O lápis mágico</i>	Para colorir	2.000	1.903
<i>O ratinho preguiçoso</i>	Para colorir	2.000	1.947
<i>A formiguinha Ritinha</i>	Para colorir	2.000	1.950
<i>O buraco sem fundo</i>	Para colorir	2.000	1.876
<i>O casamento do lápis mágico</i>	Literatura infantil	1.000	290
<i>O buraco sem fundo</i>	Literatura infantil	1.000	628
<i>Agadoisó</i>	Literatura infantil	1.000	714
<i>A árvore que chorou</i>	Literatura infantil	1.000	819
<i>Os Katraias</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado

<i>Escola: é proibido pensar</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado
<i>A última surra</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado
<i>O contra ataque</i>	História em quadrinhos	61.000	60.868
<i>Olha o perigo</i>	História em quadrinhos	21.000	20.857
<i>O ataque das cáries</i>	História em quadrinhos	10.000	esgotado

Fonte: Dados fornecidos por Jociéle Rosa em entrevista (*vide* anexo).

A caminhada de Robson Rocha, como escritor de literatura infantil, começou quando ele dava aulas em uma escola rural, no município de Amambai, Mato Grosso do Sul. Na ocasião, a falta de livros disponíveis na escola direcionados às crianças, fez com que ele começasse a contar e a criar narrativas para os seus alunos. Ainda na mesma época, em 1991, quando era estudante no curso do magistério, como trabalho de disciplina, escreveu uma estória para ser encenada por fantoches. Nascia desse exercício o primeiro texto escrito: “O ataque das cáries”.

É por conta dessa primeira experiência que o autor começou a escrever todas as estórias que contava para seus alunos. Depois de cinco anos tentando contatos com várias editoras com o intuito de publicar seu primeiro trabalho, recebeu uma resposta positiva da Editora FAPI, de Belo Horizonte, Minas Geras. Na época, foram encaminhadas 36 estórias, das quais a editora pediu que fossem selecionadas 12 para compor uma Coleção. Assim, em outubro de 1997, foi publicada a primeira edição da “Coleção Descobertas”, com tiragem inicial de 120 mil exemplares.

Títulos como *A formiguinha Ritinha*, *O ratinho preguiçoso*, *A descoberta do Caracol*, *O ataque das cáries*, *O hóspede de Barnabé*, *O mistério da cobra no céu*, *Deu a louca na floresta*, *A sorte do papagaio*, *O destino de Pingo*, *Coração de pedra*, *A minhquinha Vermelhinha* e *O lápis mágico*, todos publicados em 1997, compõem a Coleção “Descobertas”. São estórias que revelam o mundo misterioso dos animais do Pantanal mato-grossense, além de outras narrativas com temas diversificados.

Na publicação de outra Coleção, também pela FAPI, intitulada “Mistérios da Floresta Amazônica”, composta por seis livros, encontramos a temática ambiental. A coleção é composta pelos títulos *Medo do escuro*, *Agadoisó*, *O espião*, *A anta*, *A árvore que chorou* e *Gogó*, todos publicados em 2006.

Relevante frisarmos que somente a “Coleção Descobertas”, com os 12 títulos, alcançou, em 2013, a marca de mais de um milhão e meio de livros vendidos. Esse número

revela mais do que parece, expõe, sobretudo, a percepção do autor de que a produção de um livro passa por diversos mediadores, cujas marcas vão contribuir para a atribuição de sentido e de escolhas aplicadas ao texto poético. Também reforçam a legitimidade editorial da obra.

A investida de Rocha no mercado editorial de Mato Grosso, como autor e agente cultural, mostra-nos uma outra ponta no panorama das editoras no Estado. O fato de a Ideias estar no interior, na cidade de Tangará da Serra, e possuir uma distribuição em escolas da cidade e da região onde está localizada, demonstram o aumento significativo na produção e venda de livros de autores locais. Ainda que o autor não seja o responsável direto pela Editora, ele participa da grande empreitada em manter um selo editorial competindo com as outras casas localizadas na Capital.

O autor fomenta diversas inovações nas publicações de seus títulos, que vão desde acatar a solicitação de crianças em querer ler e também poder colorir os livros. Percebeu que, para vender livros, era necessário que eles estivessem ao alcance da população. Dessa forma, começou a idealizar um projeto ousado: uma feira de livros no interior de Mato Grosso, na cidade onde reside. Nascia, em 2012, o 1º Salão do Livro de Tangará da Serra. Desde sua primeira edição, o Evento contou com palestras de autores nacionais e regionais, momento de autógrafos, exposição de estandes, palco com contação de histórias e apresentações teatrais, além da comercialização de livros e produtos eletrônicos.

Nesse contexto de divulgação, os livros circulam e, cada vez mais, aumenta o já significativo número de vendagem. Rocha participa de bate-papo com as crianças e palestras em eventos sobre leitura, em escolas do interior do Estado, em cidades como Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Diamantino, Sapezal, Campo Novo do Parecis, Brasnorte, Campos de Júlio entre outras, garantindo o acesso à cultura literária. Mas também mantém contato com professores de outras região, fora de Mato Grosso, que trabalham com seus livros. Assim, garante a circulação e a distribuição de suas obras, dificuldades apontadas pelos autores de livros infantis e juvenis em Mato Grosso. Suas experiências demonstraram que era necessário compreender o perfil do leitor. A partir disso, buscou inovar no estilo e na qualidade das edições, por isso participa da programação visual dos seus livros, com a preocupação em deixá-los mais atrativos.

Fatos complementares como esses têm fortalecido a indústria editorial em Mato Grosso. Ajudam também a aplainar o sinuoso caminho que separa escritor e leitor. Toda essa fomentação cultural buscada por Rocha, sua atuação como editor, assim como o seu processo de criação, possibilita-nos visualizar novas veredas para a publicação de livros infantis e juvenis no Estado.

Das 14 obras do autor, publicadas por editoras que atuam em Mato Grosso, ele teve apenas duas beneficiadas com a Lei de Incentivo à Cultura. Trata-se dos livros *O espião* e *A anta*, publicados em 2004, pela editora Defanti, localizada na capital do Estado. Cada livro saiu com uma tiragem de 1.000 exemplares em português e 1.000 em espanhol. As demais obras de sua autoria foram bancadas pela editora Ideias, empresa que o autor participa por ser um empreendimento familiar.

Vemos então que, diferentemente do que ocorre com a maioria dos outros autores elencados na nossa pesquisa, Rocha não conta com as leis de incentivo à cultura. Assim como ocorre com a editora Ideias, a produção dos livros infantis e juvenis não são beneficiadas com a forte presença do Estado como mediador para a produção editorial. Nadando na contramão da corrente, a Ideias, ainda que, sem possuir o Estado como mecenas, mostra-nos que tem superado os obstáculos, assim como tem buscado dar as suas edições direcionadas a crianças e jovens projetos gráficos cada vez mais modernos.

Temos outro movimento que determina a formação do campo literário. Há outra forma de estruturação relativamente autônoma, se compararmos com as políticas de publicação aqui definidas. Nesse sentido, a posição dos agentes e suas estratégias estarão relacionadas, simultaneamente, aos meios disponíveis e aos objetivos a alcançar.

Na focalização, portanto, do percurso da editora Ideias e da produção do autor analisado, tentamos desvendar as várias nuances que tomam a produção literária infantil e juvenil no Estado. Embasados no pensamento de Bourdieu (1996), apresentamos a complexa rede de relações visíveis que une a produção das obras, sua publicação e circulação. Também, nessa rede, visualizamos como se define a posição de cada autor em relação à posição dos outros, ou seja, a uma posição social em relação a uma posição estética. Nesse contexto, compreendemos que tudo se relaciona: “Forças sociais condicionam relações abstratas e também estruturais, que organizam o campo — conceito essencial, nesse sentido — da produção estética, filosófica, cultural, num momento e num lugar dados”, compreendem Chartier e Lopes (2002, p. 140).

A profunda relação entre autores, obras, agentes, editores e leitores, no que tange ao nosso estudo sobre a história da produção de livros infantis-juvenis em Mato Grosso, revela que toda a atividade envolvendo a publicação, em determinado país ou estado, demonstra a maneira de expressar valores culturais e ideológicos. A investigação sobre a atividade editorial da Ideias e de autores como Rocha mostra-nos a constituição de novos processos, que condicionados por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos nos proporciona uma efetiva visão da dinâmica do campo literário.

A exemplo do que acredita Bourdieu (1996, p. 78-79), podemos presumir a complexidade dos objetos em estudos e, destarte, procurarmos articular, em diferentes escalas de observação, a ligação entre os fatores citados e os seus modos de operação. Desse modo, resta-nos continuar destacando, a exemplo do que fizemos com obras selecionadas dos outros autores, um estudo mais detalhado de duas obras de Rocha.

2.2.5.2 *A árvore que chorou*

O conto *A árvore que chorou* (2010), 13 páginas, formato 20x21 cm, de Robson Rocha, está em sua terceira edição. Publicado pela segunda vez em 2006, pela editora Defanti, o livro ganha nova roupagem com a editora Ideias.

Segundo o autor, a primeira edição foi uma publicação independente, realizada sob encomenda pela FEMA (Fundação Estadual do Meio Ambiente). A encomenda deu-se por um evento relacionado á preservação dos recursos naturais locais. Em decorrência do evento, o município de Alta Floresta, Mato Grosso, recebeu a visita da então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Como no histórico de vida da Ministra havia a sua participação em uma cooperativa de catadores de castanha, Rocha resolveu escrever um livro sobre a castanheira, um dos símbolos da região amazônica.

O autor escreveu uma história para crianças com o título *Castanheira*. Depois, esse conto foi inserido na Coleção infantil intitulada “Mistérios da Floresta Amazônica”, publicada pela Defanti, contando, assim, com sua segunda edição. Mas, para a terceira edição, agora pela Ideias, ele optou por alterar o nome da história, pois, na sua concepção,

em outras regiões do país, o título anterior não é muito comercial. Surge, por conseguinte, o título *A árvore que chorou*.

Fig. 46: Capa da 3ª edição do livro *A árvore que chorou*.

A obra aborda a temática ecológica, como estratégia e motivo. Metaforiza, como veremos, o altruísmo, o respeito dos seres vivos pelo equilíbrio ecológico: “A castanheira chorou... E naquele dia todos os que sabiam ouvir os sons da floresta ficaram em silêncio” (2010, p. 03).

Na viagem geográfica relatada pelo narrador, localizamos um espaço específico: a floresta. A referência a mais famosa espécie de árvore nativa da Amazônia, a Castanheira, é explícita, por isso a famosa árvore é protagonista dessa narrativa que traz uma mensagem aos leitores.

A escrita literária de Rocha representa, comenta e influencia a interação entre o ser humano e a Natureza através de uma abordagem que ocupa as chamadas Ciências Naturais. Nessa escrita estão implícitos temas como a industrialização, o

desenvolvimento, a poluição e o ecocídio⁵², fatores que dão a narrativa ares de universalidade.

Fig. 47: Ilustrações das páginas da 3ª edição do livro *A árvore que chorou*.

Da leitura da obra, fica, então, para os pequenos e para os grandes leitores, a responsabilidade de manter o equilíbrio do meio ambiente, pois na narrativa que ora se conta nada mais pode ser feito. O descuido do adulto só poderá ser corrigido pela criança, pela geração seguinte, em outra situação, porque nessa tudo o que estava em volta da castanheira já fora destruído.

Na leitura do livro há de se destacar, ainda, as ilustrações. O trabalho do ilustrador Bugre, que toma toda a página, ajuda na composição do enredo. O texto verbal ocupa apenas os rodapés das páginas. Essa opção, em deixar as ilustrações tomarem o espaço da folha, revela-nos que a breve narrativa precisa da composição ilustrativa para deixar seu registro.

⁵² Ecocídio é uma expressão que pode ser usada para fazer referência a qualquer destruição em larga escala do meio ambiente ou à exploração de recursos não renováveis.

Também o trabalho cuidadoso e bem elaborado, no seu *design* gráfico, da edição analisada, contribuem para o contar da estória, mostrando a preocupação da editora Ideias com suas publicações. O recurso ilustrativo aguça os sentidos do leitor. O sons da floresta são marcados pelo choro da castanheira, assim como o olhar, que explora a natureza, observando-a e constatando o final trágico da gigante e centenária árvore.

Simultaneamente, a viagem do narrador, que tudo focaliza, é redigida e desenhada. Nesse sentido, a escolha dos tons ocres, quentes e associados a terra caracterizam essas ilustrações que, por sua vez, revelam as intenções da obra.

A partir dessas constatações, notamos o diálogo temático com obras da literatura infantil produzidas nas décadas de 1980 e 90, obras essas que traziam como tema a valorização da fauna e flora, assim como a preocupação com a natureza. Essa vertente ganha força e consistência na literatura produzida em Mato Grosso, adentrando as páginas coloridas da literatura infantil. São representações para a infância que geram fatos, envolvendo concepções de cidadania, apontando, portanto, nas páginas do livro, discussões amplas referentes às concepções de história, sentimento identitário e reconhecimento da importância da ação de cada um na vida coletiva.

2.2.5.3 *Agadoisó*

O conto *Agadoisó* (2010), 13 páginas, com 20x21 cm, ilustrado por Bugre, tem a sua segunda edição publicada pela Ideias. A exemplo do conto *A árvore que chorou*, também compôs a Coleção “Mistérios da Floresta Amazônica”, pela FAPI, em 2006.

Seguindo a linha da temática ambiental, a narrativa tem como personagem principal uma gota de água chamada Agadoisó. Em terceira pessoa, o narrador assume o papel de observador para poder relatar toda a ação dessa personagem: “Agadoisó é o nome de uma gota de água que, como todas as outras, gosta muito de viajar”. (2010, p. 01).

O projeto gráfico é cuidadoso, mostrando a contínua preocupação com o objeto livro infantil. A forma e a maneira pela qual estão dispostas as ilustrações, assim como a

escolha de cores e trações ajudam a contar a estória e apontam os caminhos para que o leitor possa percorrer narrativa

Fig. 48: Capa da 2ª edição do livro *Agadoisó*.

A exemplo do que acontece nas narrativas de aventura, o leitor, numa sequência linear, acompanha a viagem da personagem, conhecendo, assim, diferentes ecossistemas. Eles são apresentados a cavernas, grutas, oceanos, rios, igapós, florestas etc., até chegar às grandes cidades, onde perceberão que algo foi modificado no decorrer do trajeto: “Agadoisó é tão velha que nem sabe o ano em que nasceu. Mas uma coisa ela sabe bem: algo de ruim aconteceu no planeta” (2010, p. 12).

Seguindo a tendência que predominou na literatura infantil brasileira nos anos de 1980, Robson Rocha intenciona despertar no leitor uma visão mais crítica da realidade. A preocupação com a natureza continua sendo um tema muito explorado. O aparecimento de obras seguindo essa tendência é marcada desde a publicação do livro *Mata vermelha*, de Márcia Kupstas. Considerado pela crítica como um dos primeiros textos ecológicos,

“revela os sentimentos controversos entre a aventura de caçar, a morte dos animais e o posterior remorso sentido pelo personagem menino”. (BRANDÃO, 1998, p. 56)

Fig. 49: Ilustrações das páginas da 2ª edição do livro *Agadoisó*.

Em *Agadoisó*, a significação rotineira, revelada pela denúncia a problemas sociais, caminha junto com a fantasia, o humor e a brincadeira. De forma lúdica, essa narrativa diverte sem omitir o convite que levará o leitor infantil a refletir sobre o que está acontecendo.

Coloca-se como elemento importante a desautomatização de hábitos lineares. Já no título da narrativa acompanhamos a realização de um diferente procedimento para inscrever a fala. A conhecida fórmula química da água - H_2O , que surgiu como forma de expressar as quantidades das substâncias elementares que se combinadas, tem o seu registro modificado. Numa quebra da convenção simbólica do código alfabético, a fórmula química é escrita como é lida, causando estranhamento no leitor.

Ao propor a brincadeira com as palavras, o autor realiza uma construção que retoma a forma oral. A expressão é pronunciada e fixada tal qual o foi. A ortografia de

determinados fonemas e/ou da aglutinação de vocábulos são recursos que acabam por criar a atmosfera lúdica necessária para o laborar criativo com a linguagem. Assim, ao mexer na língua, subvertendo os referentes gramaticais, o autor comunga da visão da criança deixando as marcas de uma comunicação direta e envolvente.

2.2.6 Trilhas mapeadas: breves considerações

Após constatações iniciais sobre a produção dos livros infantis e juvenis e do trabalho das editoras em Mato Grosso, pudemos compreender que há uma indústria editorial atuante, que tenta se consolidar. As parcerias com a escola trouxeram e ainda trazem condições propícias à consolidação do mercado consumidor de obras infantis e juvenis de autores locais. Em razão desta relação intermediada entre os produtores do objeto livro, em particular autores e editores, e seus consumidores finais, que são as crianças, o livro tem circulado promovendo o mercado editorial local. Houve um crescimento no setor de editoração e de livrarias.

Os espaços para divulgação dos trabalhos têm aumentado. Em Cuiabá e em importantes municípios do interior há iniciativas como concursos literários instituídos por prefeituras, feiras de livros etc. Nesses moldes, é relevante destacarmos o I Salão do Livro de Tangará da Serra, que teve sua primeira edição em 2012.

Criado nos moldes da Bienal do Livro de São Paulo, conforme explica o organizador Robson Rocha, o Evento contou, desde o seu primeiro ano de existência, com palestras e bate-papos com autores nacionais e regionais, sala de autógrafos e várias outras atividades culturais. O Salão do Livro de Tangará da Serra tornou-se um sucesso e caminha para sua terceira edição. Todas essas ações fomentam a produção e, em certa medida, a qualidade do que se produz.

A partir do que foi apresentado até o presente momento, por meio das obras catalogadas, deve ser ressaltada a participação do Estado como fomentador da cadeia livro. Esse amparo é sempre reivindicado por editores e agentes culturais mato-grossenses como forma de garantia de continuidade de publicações. As políticas públicas de incentivo à cultura foram apontadas neste trabalho como grandes responsáveis pelo

aumento da produção e da qualidade das edições. Mesmo considerando o caminho muito burocrático e, por isso, muitos autores desistem de procurar possíveis patrocínios, de todos os livros aqui relacionados e comentados, conforme consta no quadro apresentado nos primeiros momentos desse capítulo, num total de 26 (vinte e seis), 12 (doze) não obtiveram algum tipo de incentivo. Convém, todavia, destacar que, desse número, 08 (oito) deles fazem parte do catálogo da Editora Ideias, selo situado no interior do Estado.

A mediação feita pelos professores (mantendo o elo entre literatura e escola) que considera importante a leitura da produção local, ainda que muitas vezes não seja levado em conta o valor estético do texto, é outro fator de relevância na formação do campo literário. É a partir de iniciativas como essas, mesmo tímidas, que começam a ocorrer a inclusão de títulos infanto-juvenis de autores mato-grossense nas listas de livros de algumas escolas de Cuiabá e do interior do Estado.

No geral, em nosso levantamento, catalogamos 70 livros destinados a crianças no Estado. Destes, 50 foram elaborados e executados por editoras sediadas em Mato Grosso. Por intermédio desses dados, pudemos avaliar que as editoras se atualizaram e a literatura infanto-juvenil também se renovou. Através da visualização das capas e das ilustrações dos livros apresentados ao longo deste capítulo, observamos um cuidadoso trabalho editorial, com traços artísticos bem elaborados. Desde as edições da Tempo Presente, é possível perceber o cuidado com o projeto gráfico, bem como a preocupação em ampliar técnicas e melhorar a qualidade das imagens. Nas edições mais atuais são visíveis o desenvolvimento do setor e a atualização das técnicas de ilustração e de confecção do livro. Com o advento da computação, os recursos se ampliaram, fator que influenciou o potencial significativo das produções.

Nesse contexto de formulação e afirmação do mercado local, é que evidenciamos os desenhos e contornos do campo da literatura infantil. São campos que se constroem e ainda estão abertos. Nesse prisma, apreendemos em Bourdieu (1996, p. 250) que

o grau de autonomia do campo (e, com isso, o estado das relações de força que aí se instauram) varia consideravelmente segundo as épocas e segundo as tradições nacionais. Ele é proporcional ao capital simbólico acumulado no decorrer do tempo pela ação das gerações sucessivas (valor conferido ao nome do escritor ou de filósofo, licença estatutária e quase institucionalizada de contestar os poderes etc.)

Busca-se a sua autonomia, a evolução das editoras e as tentativas de amadurecimento estético por parte dos autores provam isso. Toda essa movimentação gera, segundo Passiani (2002, p. 254)

A interação social dos intelectuais, a formação de um tecido mais consciente de relações, profissionalização do escritor, a ampliação do sistema de produção simbólica, a conquista de um público próprio, tudo isso contribui para a estruturação de um campo mais autônomo, com seus princípios e regras formulados por agentes e agências sociais internas, capazes de responder a partir de critérios estéticos às exigências exteriores ao campo.

No decorrer desse processo de formação, chamamos a atenção para outro fato, que molda e problematiza a formação do campo literário infantil e juvenil: há um discurso marcado e representado por símbolos que identificam a cultura local. Nesse sentido, notamos uma constante no trabalho dos autores e agentes culturais que buscam adesão a uma identidade comum, o grande coro da cristalização de uma identidade regional.

As amostras das experiências editoriais confirmam o quanto elementos externos contribuem, ou mesmo determinam, para a circulação e legitimação de uma obra literária. Segundo Candido (2000, p. 25), são as forças sociais condicionantes que guiam o artista “em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo”. Na posição do referido crítico, a obra é fruto da confluência da iniciativa individual com as condições sociais, pois toda produção artística necessita da presença do artista criador, que, por sua vez, identifica-se com as aspirações e valores do seu tempo.

Essas lutas internas, capazes de definir a posição dos escritores no campo literário constituem outros modos e nos levam a olhar para outra direção. Muito do material literário que se tem produzido para crianças e jovens atingiu uma maturidade estética, o que não impede que questões econômicas e relações sociais, culturais e políticas, que formam o capital simbólico (BOURDIEU, 2012) continuem determinando a posição e a circulação do autor e da sua obra. Contudo, afirmamos que todo esse aparato, pensado, manipulador e manipulável não explica o fenômeno artístico, mas nos ajuda a

compreender a formação, as etapas e demais aspectos da produção infantil juvenil em Mato Grosso.

É, sem dúvida, uma produção desconhecida do grande público. É uma literatura que busca, cada vez mais, sua consolidação como produção artística e intelectual. Nas veredas percorridas, necessárias para contar a história dessa literatura, preenchemos lacunas e abrimos outras, por isso um estudo analítico de um *corpus* representativo que integra esse campo faz-se necessário.

Na leitura das obras, na análise das poéticas dos autores selecionados, poderemos compreender como se processa a gênese da construção literária em textos fundadores dessa literatura, ressaltando as nuances do projeto estético. É hora de conhecermos mais um capítulo dessa história.

CAPÍTULO III

NO FUNDO DO MATO VIRGEM NASCEU UMA LITERATURA

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distância e lembranças, é botando enchimento nas palavras [...] ir alongando os nossos limites.

Manoel de Barros

3.1 Percorrendo as trilhas desbravadas: horizontes éticos e estéticos

Após apresentarmos o estudo sobre a produção editorial em Mato Grosso destinada ao público infantil e juvenil e as políticas necessárias para a circulação das obras, pretendemos, neste capítulo, analisar os livros que demarcaram essa literatura no Estado, com o intuito de estabelecermos reflexões a respeito da presença de elementos estéticos ou utilitários nessas criações artísticas. Seleccionamos *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), de Dunga Rodrigues e *As meninas e o sabiá* (1987), de Maria das Graças Campos, por serem as primeiras obras publicadas após a divisão do Estado. Na sequência, optamos por realizar um estudo analítico da novela *A cidade sem sol* (2000), de Lucinda Persona e do conto *Uma maneira simples de voar* (2006), de Ivens Scaff, por considerarmos que a poética desses autores representa a literatura infanto-juvenil contemporânea produzida local.

Na constituição dessas abordagens, temos como pressupostos teóricos a pesquisa de Mendes (1994). A autora aborda o conceito estético pelo viés da crítica genética, buscando redimensionar a leitura teórico-crítica das obras de literatura infantil e juvenil de Monteiro Lobato, Clarice Lispector e Lígia Bojunga. Nas análises das produções desses autores, têm-se a dimensão da incidência do caráter estético em pêndulo com o caráter utilitário, a partir do exame dos processos de criação. Ainda segundo a pesquisadora, torna-se relevante pensarmos que o exame da produção literária infanto-juvenil coloca-se como problemática, momento em que se debate “o valor representativo de uma cultura de massa na sua ação comunicativa, pragmática, junto ao usuário; e o valor

inventivo, ou o fazer criativo do texto, motivador da desautomatização de hábitos lineares de leitura” (MENDES, 1994, p. 13).

Para as análises das narrativas eleitas, Mendes explicita as categorias que servirão de apoio teórico e crítico, citando o relatório feito pela equipe de professores⁵³ do Departamento de Arte da PUC/SP.

Paradigma A: que daria conta da dominante utilitária do texto infanto-juvenil, visto como meio para veiculação de valores sociais, em correlação com um uso reforçado pelo hábito, com o mínimo gasto de energia e baseado na identificação e nas associações por contiguidade; Paradigma B: cuja dominante seria a função artística – informação icônica – o que implicaria em poeticidade do texto, que passa a informar sobre a sua própria configuração sensível, apontando para um uso correlato, isto é, criador, inventivo, operando a nível das associações por semelhança.

[...] uma faixa intermediária entre os pólos A e B onde já não se poderia falar nesta ou naquela dominante, mas na copresença de ambas – icônica/utilitária – quase na mesma proporção, criando uma relação de complementaridade entre os dois pólos.

Assim, com base nesse viés percorrido pela pesquisadora buscaremos, nas nossas análises, verificar a dimensão ética e estética dos textos selecionados. Elucidaremos pontos de contato entre autores, obras, seus ofícios e lugares no campo, buscando estabelecer um diálogo entre suas formas de conceber o estético e o ético. Na análise dos textos, ora postos em discussão em nossa pesquisa, reconhecemos as formas de se conceber a literatura direcionada a crianças e jovens, bem como os diálogos existentes entre essa produção local e a produção já reconhecida nacionalmente

As marcas deixadas nas poéticas em estudo permitem perceber o autor como um agente que não só busca a concepção da coisa bela, estética, mas tem consciência de sua função moral/ética no movimento de construção ou reconstrução da sociedade na qual está inserido. A relação do artista com aquilo que está a sua volta é reconhecido através do seu processo de criação e da sua posição no campo literário.

⁵³ Retiramos da tese de Mendes (1994) as seguintes informações: “A pesquisa Natureza e funções do texto literário infanto-juvenil brasileiro foi realizada de 1981 a 1984, para o Conselho de Ensino e Pesquisa da (CEPE da PUC-SP), por uma equipe de professores do Depto. de Arte, da qual constavam: Maria Rosa D. de Oliveira, Maria José Palo, Maria da Graça Abreu Segolin, Maria Inês Duarte, Maria Aparecida Junqueira, Valdevino Soares de Oliveira e Maria dos Prazeres S. Mendes”.

Das múltiplas trilhas existentes na imensidão do fenômeno narrativo a ser explorado, intencionamos revelar importantes elementos que serviram, e ainda servem, de sustentação para a literatura infantil e juvenil produzida em Mato grosso. Um, já percebido nas leituras do acervo por nós catalogado, diz respeito a exaltação e valorização da cultura e da paisagem local (nuance já apontada nesta pesquisa, quando apresentamos estudos sobre as editoras e suas publicações no Estado).

A respeito da exaltação e valorização na arte literária, Zilberman (1999, p. 27) lembra que nas Américas, em especial no Brasil, a literatura consolidou-se via Romantismo, e esse se apoiava na “cor local”, expressão cunhada “em oposição a expressões arcaicas, inconclusas ou insatisfatórias, como as da maioria dos autores que precederam os próprios críticos e autores”. A crítica explica ainda que, ao estabelecer classificações que formavam o *corpus* da literatura, o país recebia o atestado de nação, passando a estar incluído no “(...) rol dos territórios civilizados e progressistas, os mesmos onde imperava um regime político reconhecido internacionalmente e era dominado por uma elite ilustrada, de preferência alinhada à classe burguesa que dominava a Europa pós-revolucionária do século XIX” (ZILBERMAN, 1999, p. 27-28).

O discurso dos românticos buscou fazer emergir o sentimento de orgulho nacional. Para tanto, agiu com força sacralizante, trabalhando no sentido da recuperação e da solidificação de seus mitos fundadores. Autores como Gonçalves Dias e José de Alencar incorporaram a figura do índio como legítimo representante da terra, uma imagem sem dúvida inventada, tanto quanto a ideia sacralizadora de um Mato Grosso paradisíaco, como o foi na poesia de D. Aquino. Todavia, entendemos que no contexto do início do século XX, essa sacralização, que produziu a legitimação nas letras em Mato Grosso, foi necessária para o momento político e social, do mesmo modo que o fora àquela levada a efeito no Romantismo.

A literatura infantil e juvenil mato-grossense nasce dos múltiplos discursos e sentidos dos movimentos que tentam consolidar a arte produzida no Estado. Como uma jovem que passa pelo duro processo de amadurecimento, essa literatura procura se encontrar num movimento de valorização e ou desprendimento quando se propõe a apresentar elementos regionais. Isso nos permite dizer que muito do que se produz, tendo em vista o universo infantil, permanece num discurso regional saudosista que, em alguns casos, está calcado numa referencialidade discursiva. Entretanto, importa ressaltar que

esse regionalismo, em muitas das produções mapeadas e agora analisadas, fogem às limitações do nativismo e refletem o universal.

Na trajetória que ora se inicia, buscaremos compreender o diálogo entre as práticas cotidianas culturais-locais e as oriundas de repertórios culturais diversos. Nesses termos, isso se refletirá em obras em que as teias discursivas e imagéticas transpõem os limites territoriais e, por isso, quando refletem sobre a identidade local, fazem-no sob várias identificações, dado que estas são múltiplas, imutáveis e se interpenetram.

3.2 Nas múltiplas trilhas

Visualizar a fisionomia da literatura infantil-juvenil em Mato Grosso é olhar para o chão, para a terra, lá estão as marcas que nos conduzem à compreensão do ontem e à projeção do amanhã. Por tudo isso, contar e (re)contar a história dessa produção configuram-se como tentativas de apagar as linhas que demarcam regiões. Acrescentam-se a essa preocupação a de tentar derrubar muros erguidos dentro do próprio País, os quais demarcam manifestações artísticas dando a umas e não a outras a possibilidade de reconhecimento crítico e valorativo (quando se faz presente). É permitir que o intercâmbio, o comparativismo, ainda que diante de um mesmo sistema, seja o fator primordial para reforçar o conhecimento e a compreensão da cultura brasileira.

Assim, antes de analisarmos as criações literárias que moldam a literatura direcionada a crianças e jovens, verificamos a publicação de estudos que versassem sobre essa produção no Estado. Nessa visualização, registramos que o livro *História da literatura de Mato-Grosso: século XX*, (2001), de autoria de Hilda Gomes Dutra Magalhães, uma das mais importantes referências sobre as produções locais, não apresenta nada específico sobre esse gênero. A produção direcionada a crianças e jovens, que já era evidente no Estado quando se fez o levantamento para a escrita do referido livro, não foi mapeada, assim também não houve preocupação em mapear a produção das mulheres que fundaram o *Grêmio Júlia Lopes* e, com ele, a revista *A Violeta*, cuja duração

e veiculação foi a mais longa entre as organizações literárias surgidas no Estado, observa Walker⁵⁴ (2013) em sua pesquisa.

Para nós, um dos pontos importantes levantados na obra de Magalhães (2001), está no fato de que a autora questiona, logo no primeiro capítulo, se existe literatura em Mato Grosso. Para ela, se o critério para a afirmação da presença da literatura for quantidade e qualidade de pesquisas e trabalhos publicados, a resposta será negativa. Se for apenas o de publicação de obras (poemas, contos, teatro, revistas literárias etc.), escritas por autores que nasceram ou residiram no Estado, poder-se-ia dizer que existe literatura mato-grossense. Dentre essas constatações afirmamos que, pelo menos no que refere ao panorama das pesquisas sobre autores e obras locais, a situação modificou-se consideravelmente. Da década de 1990 até a atualidade, diferentes estudos, em diversas áreas do conhecimento, tentaram traduzir a identidade e as peculiaridades desse local.

Convém destacarmos como um dos pioneiros, o trabalho de fôlego de Yasmin Jamil Nadaf sobre a revista *A Violeta*, considerada o primeiro periódico feminista em Mato Grosso. A pesquisa de Nadaf teve como resultado sua dissertação de mestrado, pela UNESP, em 1993. Citamos ainda as publicações de *Rodapé das miscelâneas* (2003), resultado da tese de doutoramento da autora, também na UNESP, em 2001; *O folhetim nos jornais de Mato Grosso - séculos XIX e XX* (2002); *Presença de mulher: ensaios* (2004) e *Estudos literários em livros, jornais e revistas* (2009).

Dentre outras pesquisas que destacam, por diferentes vieses, o cenário literário e cultural mato-grossense, citamos os estudos de Mário César Silva Leite⁵⁵, Sérgio Dalate⁵⁶, Maria Cristina A. Campos⁵⁷, Célia Maria D. da Rocha Reis⁵⁸, Sônia Regina

⁵⁴ Marli Terezinha Walker defendeu a tese de doutorado “Três séculos de poesia feminina em Mato Grosso”, em 2013, na Universidade de Brasília.

⁵⁵ Em 1995, defende a dissertação de mestrado *A poética do Sobrenatural no homem ribeirinho: o minhocão*. Em 2000, ocorre a defesa da tese *Águas encantadas de Chacororé: paisagens e mitos do Pantanal*, pela PUC de São Paulo. O professor atua no Programa de Mestrado da UFMT. Orienta trabalhos que versam sobre a literatura e a cultura de Mato Grosso. Fundador e coordenador do Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso.

⁵⁶ Defende a dissertação intitulada *A estrutura do silêncio: uma poética do olhar em Wladimir Dias Pino* (1997), na UNESP de Assis. No ano de 2000, inicia seu doutoramento dando continuidade à pesquisa de mestrado. Morre em 2004, antes da defesa da tese.

⁵⁷ Em 1998, defende a dissertação *Por uma educação diferenciada no Pantanal Mato-Grossense: O semantismo das águas profundas*. Em 2007, ocorre a defesa de sua tese *O demiurgo das terras encharcadas – Educação pela vivência do chão*, pela Universidade de São Paulo.

⁵⁸ *O tempo na poética de Marilza Ribeiro* é o título da tese da pesquisadora defendida em 2001, pela UNESP de São José do Rio Preto. Atualmente, a professora atua no programa de Mestrado da UFMT, na linha de pesquisa “Literatura, outras artes, memórias e fronteiras”. Possui diversas orientações nas pesquisas sobre a literatura produzida em Mato Grosso.

Romancine⁵⁹, Gilvone Furtado Miguel⁶⁰, Marinei Almeida⁶¹, Leonice Rodrigues Pereira⁶², Isaac Ramos⁶³ entre tantos outros pesquisadores.

Mesmo diante desse considerável número de pesquisas concluídas, somente em 2011 surge um estudo, na área de Letras, que prioriza a literatura infantil e juvenil em Mato Grosso. Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida na UFMT, intitulada *O outro lado de uma mesma história: a produção literária destinada ao público infantil e juvenil no Estado de Mato Grosso*, de Angela Teresinha Fontana S. T. Velho. É um estudo pioneiro do gênero. Essa situação não muda radicalmente nos demais Estados do Brasil. As lacunas deixadas na composição da história dessa literatura elucidam a discriminação sofrida ao longo dos tempos.

Sobre a produção literária voltada para o público infantil e juvenil em todo o país faz-se necessário mapear, verificar, analisar e divulgar o que houve e o que há. Seu reconhecimento como expressão linguística simbólica e artística serviria para diminuir sua marginalização. Necessário se faz quebrar a barreira que separa “literatura infantil” da “literatura adulta” quando se pensa na relevância das pesquisas. Sobre esse aspecto Zilberman (2003, p. 11) observa:

A literatura infantil apresenta, no Brasil, um campo de trabalho tão extenso e desconhecido, que ocorre com o investigador o que se passou com Cristovão Colombo: pensa-se ter descoberto o caminho para as índias quando, de fato, mal se tangenciou um continente inexplorado, cujo perfil ainda está por ser definido. À vastidão da empresa se somam os equívocos que cercam o objeto em pauta. Ainda aqui uma comparação com Colombo é elucidativa, porque a literatura infantil como o Novo Mundo no século XV, está envolvida por uma capa protetora de enganos e preconceitos que, ao mesmo tempo, a diminuem intelectualmente e reprimem uma averiguação que ponha em evidência sua validade estética ou suas fraquezas ideológicas.

⁵⁹ No ano de 2001, defende a tese intitulada *Paisagens de Cuiabá: uma abordagem geográfica*. Na pesquisa, utiliza a literatura do poeta Silva Freire para analisar a paisagem local.

⁶⁰ *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke* é o título da tese defendida em 2007, na Universidade Federal de Goiás.

⁶¹ Em 2002, defende a dissertação *Revistas e jornais: um modernismo em Mato Grosso*. Em 2008, defende a tese *Entre vãos, pântanos e ilhas: um estudo comparado entre Manoel de Barros e Eduardo White*, na Universidade de São Paulo.

⁶² A tese *Entre percursos e berros: o eu entretecido por fios de memória em Wanda Ramos e em Tereza Albués* é defendida em 2010, na Universidade de São Paulo.

⁶³ Defende a dissertação *Uma poética da modernidade: leitura comparativa entre Alberto Caeiro e Manoel de Barros* (2002). Em 2011, ocorre a defesa de tese intitulada *Vanguardas poéticas em permanência: a revalidação de Wladimir Dias Pino e Silva Freire*, ambas pela Universidade de São Paulo.

A esse respeito, entendemos que as especificidades do gênero infantil não devem servir de entrave para que os textos também sejam vistos como produção cultural superior. Perceber várias linguagens, imagens, símbolos e representações do eu e do mundo nas obras destinadas ao público infantil é o que poderá permitir uma leitura desprendida de (pré) conceitos e ignorância. Como todo e qualquer texto, quer seja considerado literário ou não, exige do leitor uma compreensão, aceitação ou mesmo recusa dos discursos, das imagens e das representações veiculadas nele.

A literatura destinada ao público infantil e juvenil passa por transformações. Os paradigmas tradicionais tornam-se emergentes e as obras se articulam considerando também a formação plural do povo brasileiro, muitas sem perder o caminho que leva à arte. Nesse prisma, ao analisar obras que possuem paradigmas emergentes, que sofreram processo de adaptação, Filho (2010, p. 19), conclui: “basta um olhar mais atento a essas obras para verificar que elas são portadoras de uma estrutura profunda com temáticas que contêm valores humanos, já que os valores sobre os quais as sociedades são construídas não são infantis, adultos ou senis, são humanos e atemporais”.

Na delimitação do *corpus*, necessária para a constituição da análise, selecionamos nomes e produções que compõem o panorama da literatura direcionada a crianças e jovens. Essa produção, recém-nascida na práxis historiográfica, começa na segunda metade dos anos oitenta do século vinte, sessenta anos depois da publicação do livro *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, marco representativo da literatura infantil brasileira.

As tendências estéticas, os temas, os símbolos, a linguagem e as formas que moldam a produção do gênero infantil no Estado são, a partir de agora, assinaladas por nós. É hora de trilharmos essas veredas para alongarmos os limites.

3.3 De ponto em ponto cria-se um conto, entoa-se um canto

3.3.1 *Uma Aventura em Mato Grosso*, de Dunga Rodrigues

O marco do surgimento da literatura direcionada a crianças e jovens em Mato Grosso é a obra *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), de Maria Benedita Deschamps Rodrigues, autora que ficou conhecida como Dunga Rodrigues⁶⁴.

Fig. 50: Capa do livro *Uma aventura em Mato Grosso*, o primeiro direcionado a crianças e jovens no Estado.

O livro traz uma estória que revela o cenário local, destacando a fauna e flora pantaneiras e toda a vida em sociedade. A narrativa começa com a viagem de duas crianças, Adriano e Fabiana, protagonistas da trama. A perspectiva do aventureiro toma a narrativa desde o início. A leitura revela-nos os personagens crianças que, curiosos e destemidos, não reprimem os seus impulsos e logo na primeira página saem à procura de

⁶⁴ Maria Benedita Deschamps Rodrigues, Dunga, como ficou conhecida, nasceu em Cuiabá, em julho de 1908. Professora de música, historiadora e escritora, era sinônimo de cultura e foi uma das mulheres que mais se destacaram em Mato Grosso no século passado. Ocupou a cadeira número 39 da Academia Mato-Grossense de Letras. Autora de diversos livros sobre a cultura e história de Cuiabá e Mato Grosso, foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, do Centro de Música Brasileira do Estado de São Paulo e integrou a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Entre as principais publicações da autora estão *Reminiscência de Cuiabá* (1969); *Lendas de Mato Grosso* (1977); *Os vizinhos* (1977); *Marphysa* (1981); *Cuiabá: roteiro de lendas* (1984); *Uma aventura em Mato Grosso* (1984); *Memória musical de Cuiabá* (1985); *Cuiabá ao longo de cem anos* (1994); *Movimento musical em Cuiabá* (2000); *Colcha de retalhos* (2000).

novos horizontes. Parece ser simplesmente o instinto de descobrir, de experimentar que está nas crianças e nos leitores que irão, juntamente com eles, realizar essa viagem.

Moradores da cidade de Santos, interior do Estado de São Paulo, os protagonistas, Adriano e Fabiana, ouviam histórias sobre o Estado de Mato Grosso e sobre a capital, Cuiabá. As maravilhas do lugar são contadas pelo narrador que, desde o princípio, coloca-se como um contador de histórias. A narração, em primeira pessoa, elucida também o grau de participação e envolvimento na trama e nos acontecimentos, além de marcar a voz do contador do caso: “Quando eu lhes contava sobre a nossa cidade, sobre os rios Cuiabá e Coxipó, eles vibravam tanto, que decidiram visitar a nossa terra. Assim, conheceriam de perto os animais, os pássaros, as grandes árvores e os pés de fruta dos nossos quintais” (AMT⁶⁵, p. 11).

O modo de narrar desperta nos pequenos ouvintes o desejo de visitar a desconhecida terra. Esse narrador que conta histórias caracteriza-se pela sua onipresença, pois está em todos os lugares, desde a partida da cidade de Santos até o momento do último passeio que as crianças farão a Cuiabá e cidades circunvizinhas. Torna-se impossível embrenhar nessa narrativa sem sua presença física. Ele demonstra ser profundo conhecedor do local. Seu conhecimento, experiência, emoções e sensações são fatores primordiais para conduzir os visitantes.

Benjamin (1994), ao pensar sobre a figura do narrador, afirma que a experiência de quem narra é primordial para a construção de uma narrativa. Para o teórico, a narrativa, é “uma forma artesanal de comunicação, lugar onde o narrador imprime a sua marca”. (1994, p. 205). Desse modo, tendo atravessado experiências e aventuras várias é ele quem pode relatar e transmitir o que considera ser necessário para a manutenção da memória coletiva. O narrador de *Uma aventura em Mato Grosso* possui um modo particular de perceber e contar o universo que está a sua volta. As histórias reveladas a cada capítulo, 18 (dezoito) no total, não são senão uma parte sua; uma síntese das situações já vividas por ele. É um retrato de seu estado de alma, de suas lembranças e do desejo de transmitir ensinamentos. É também uma forma de “resgatar” ideais e valores alicerçados na cultura e alimentados no seio de um inconsciente coletivo.

⁶⁵ A partir de agora, passaremos a utilizar a sigla AMT para quando citarmos o livro *Uma aventura em Mato Grosso*.

Em outra perspectiva, igualmente merece destaque a apresentação do livro feita pela Secretária de Educação e Cultura do Estado, à época de publicação (1984), Marina Müller de Abreu Lima Portocarrero, cujo teor possui um tom ufanista. O discurso engrandece os trabalhos, a arte, que reforça o sentimento de apego e valorização ao local, por isso consideramos oportuna sua citação:

A iniciativa de se publicar este livro da professora Maria Benedita Deschamps Rodrigues - Dunga Rodrigues - parte desta Secretaria com sentido de valorizar a nossa cultura revivendo hábitos de nosso cotidiano e guardando na memória histórica o *modus vivendi* cuiabano tão bem elucidado através desta ‘Aventura em Mato Grosso’ por Dunga, que conhece profundamente a nossa cidade e é um dos nossos expoentes culturais.

Pretende-se que outros trabalhos tão valiosos como este, venham a público para que se divulgue e preserve as nossas raízes culturais educando o nosso povo e nele incutindo o amor e respeito às nossas tradições. (AMT, p. 09. Grifos nossos)

Nesse mesmo contexto também está a apresentação feita pela própria autora, Dunga Rodrigues. Construindo um “protocolo de leitura”, conforme o termo de Chartier (2009, p. 78), o livro é direcionado ao seu público alvo e intenciona conduzi-lo de maneira eficaz à leitura correta. A autora assim se expressa:

[...] Achei que seria um modo de conhecerem Mato Grosso, naquilo que o nosso Estado apresenta, na essência do seu antigo viver social. Se a idéia contribuir para despertar nas crianças o interesse por nossas coisas, sentir-me-ei plenamente gratificada (AMT, p. 08).

Em relação ao aspecto gráfico, informamos que a capa e as ilustrações são de Fernanda Lopes Hernández, artista de quem não encontramos registro e ou menção de outro trabalho. O livro, com 81 páginas, tamanho 16x25 cm, foi editado pelo setor gráfico da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

O trabalho apresentado possui poucos recursos no que tange a cores, texturas e formas. Em preto e branco, as imagens, de traços simples, lembram desenhos feitos por quem ainda está aprendendo o ofício. Tem-se a impressão que as imagens foram feitas por crianças e, por isso, não precisam apresentar alguma técnica ilustrativa. Esse

procedimento leva-nos a pensar que os próprios personagens, que habitam a narrativa, também registram, por intermédio das imagens, sua própria estória.

Fig.51: Ilustrações presentes no livro *Uma aventura em Mato Grosso*. No canto das páginas a assinatura da ilustradora.

Por outro ponto de vista, as ilustrações permitem-nos compreender a visão tida pelo adulto do universo da criança, fator que auxilia a identificação da ideologia de valorização do local e da total infantilização do ser presente na obra. Nesse aspecto, a estória contada ganha vida. A pouca expressividade das imagens, no entanto, não dão ao leitor a possibilidade de descobrir outros significados, além do que já está posto na narrativa verbal. Nas ilustrações que tomam o livro, isso pode ser confirmado.

Na leitura de *Uma aventura em Mato Grosso*, graças as façanhas vividas pelos personagens protagonistas, podemos acompanhar toda a descrição dos cenários e da movimentação local. Utilizando-se do discurso direto, o narrador registra as falas das crianças Fabiana e Adriano. Limitando-se a introduzi-las sem nenhuma interferência,

deixa evidenciada a marca da oralidade e da pureza de sentimentos que tomam os diálogos. Como exemplo, encontramos:

Adriano pegou o revólver para atirar, mas a Fabiana protestou: - Não mate os jacarés.
 -Ora sua boba, você não está vendo que o revólver é de mentirinha Eu quero só assustar e acordar os jacarés que se esquentam ao sol.
 Então, a cada tiro, o jacaré se espreguiçava e mergulhava dentro d'água
 (AMT, p. 18-19).

Durante a viagem, os protagonistas, chegam a uma aldeia indígena. Após serem bem recebidos pelos nativos, prosseguem com o seu roteiro, agora tendo como guia um indiozinho da tribo Guato. No decorrer do trajeto, passam por cidades a beira do rio e, sempre bem recebidos pelos habitantes do lugar, conhecem e participam de tudo e de todas as festividades do local:

- Olha uma cidade... É uma cidade pequena, mas tem casas branquinhas!
 - É Melgaço, Barão de Melgaço – disse o comandante – e estão dançando o Siriri⁶⁶!
 - Pára! Pára! Eu quero aprender a dançar o Siriri! disse a Fabiana.
 O Barco parou e todos os que desceram, daí a pouco, estavam cantando e dançando com os outros, estes versos:
 Roda morena
 Faz favor de me dizer,
 Se eu sair daqui agora,
 Onde vou amanhecê?
 Tam, tam, tam
 Vai vê quem é
 - É um home pequenino
 Que tem medo de muiê.
 (AMT, p. 25)

A hospitalidade do povo da região é sempre realçada. Os costumes e o linguajar das pessoas são tidos como símbolos da cultura local. As danças e as brincadeiras apresentam-se como recurso para a leitura lúdica do texto. A sonoridade presente torna-se aliada da comunicação verbal e remete o leitor infantil para o universo da linguagem lúdica e poética. As onomatopeias, as repetições e as rimas contidas na cantiga, a exemplo

⁶⁶ O Siriri é uma dança folclórica pantaneira. As letras das músicas que embalam os dançarinos retratam os cenários do Estado, exaltando as belezas da natureza local.

de outras que aparecem desde o início da estória, garantem a cadência e o ritmo dessa narrativa que recupera a tradição oral presente na literatura infantil brasileira. Nessa perspectiva, verificamos a transmissão de costumes e valores de bases culturais importantes, tendo a literatura como seu principal veículo.

Importa enfatizar também a presença da temática da viagem. Não por acaso, a cada capítulo⁶⁷, novos personagens se juntam a Adriano e Fabiana, e, como guias turísticos, detalham e descrevem as referências locais para os dois visitantes, assim como para o leitor da trama. O ato de desbravar e o enfoque às tradições, ao espaço geográfico e a todos os elementos históricos regionais, presentes no texto são, sem dúvida, uma forma de valorizar o ambiente cultural e fomentar o sentimento de pertencimento ao lugar. Por isso, no decorrer da narração, encontramos:

Lá numas pedras, à flor d'água, estavam algumas mulheres lavando roupa, enquanto crianças brincavam de pescadores e apanhavam com anzóis feitos de alfinetes de cabeça, pequenos peixes, chamados lambaris e bagres.

E assim foram costeando a margem do rio, onde os sarãs balançavam as suas copas verdes lambendo a água.

Os índios quiseram dar uma exibição de suas habilidades. Pularam dentro d'água e mergulharam. Quando emergiram traziam em cada mão um peixe e na boca, preso entre os dentes, um sopra-fogo.

[...]

Bororinho quis mostrar que fôra catequisado pelos salesianos, leu em voz alta uma placa fincada na beira do rio – USINA MARAVILHA (AMT, p. 26).

- Vamos ver o Véu de Noiva, uma bela cachoeira, cantada em versos por D. Aquino Corrêa, que foi arcebispo de Cuiabá e também presidente do Estado. E vamos, na volta, dar uma parada no Portão do Inferno. Uma curva perigosa ao lado de um abismo tão profundo, onde caminhões, em velocidade, correm o risco de se despencarem lá de cima [...] (AMT, p. 39).

O intuito ideológico é acentuado. Os símbolos que reforçam o sentimento de pertencimento e exaltam a paisagem são utilizados para a afirmação de uma identidade que quer ser reconhecida, procedimento que assinala a primeira obra direcionada ao público infantil em Mato Grosso. Nesse sentido, a narrativa de Dunga Rodrigues acentua a ideia de que o Estado pode ser visto como lugar ideal, de pessoas agradáveis, festeiras e hospitaleiras. A esse respeito, Lajolo e Zilberman (1985, p. 120) afirmam: “A alusão à

⁶⁷ 1- A Partida; 2 – A Viagem de Trem; 3- A Viagem Fluvial; 4- Aproxima-se a Hora da Chegada; 5- Um Passeio no Quintal; 6- Banho no Rio Coxipó; 7- Um Passeio à Serra da Chapada; 8- Na Praia do Carrapicho; 9- Passagem da Conceição; 10- Visita de Passar do Dia; 11- Andanças Pitorescas pelo Passado; 12 – A Figueira; 13- O Chafariz do Mundéu; 14- O Largo da Forca; 15- A Procissão; 16- O Cemitério do Cai-Cai; 17- Festa de S. João e 18- Fotografias.

atividade urbana acentua a idealização do campo, alçado à condição de paraíso perdido, mas reencontrado numa situação histórica idílica: férias ou expedições aventureiras”.

De um modo geral, no enredo, é dada ênfase à culinária, religião, pessoas, lendas e ao folclore da região. No capítulo 9 (nove), por exemplo, intitulado “Passagem da Conceição”, os viajantes ficam sabendo das estórias que o povo conta. Segundo o narrador, os “entendidos” dizem que há na foz do rio Pari uma grande serpente, conhecida como Minhocão e que ele “de vez em quando sai de sua toca, fazendo um enorme ruído para assustar as lavadeiras, virar canoas, furar rede dos pescadores, cavar a barranca do rio e fazer outras maldades” (AMT, p. 45). Ainda nesse contexto, tanto o texto verbal quanto o não verbal explicitam a existência de outras personagens do imaginário local como o Negrinho D’Água, que gosta de fazer maldades com os pescadores e com os ribeirinhos. Uma das suas estripulias era: “Dá susto nas moças que estão tomando banho no rio; às vezes, ele vai até a praia e esconde a roupa delas. [...] Ele ainda faz redemoinho para botar embarcação a pique, deixando em apuros os mais experimentados canoeiros” (AMT, p. 45).

Fig.52: Ilustrações presentes no livro *Uma aventura em Mato Grosso*. No canto das páginas, a assinatura da ilustradora.

Com relação à presença dos mitos na narrativa, lembramos que são universais e estão presentes em culturas antigas ou contemporâneas. Os mitos aquáticos, em especial a serpente, confundem-se com a origem dos rios. Por essa analogia, lembramos que Mato Grosso é cortado por importantes rios e possui considerável manancial. Não por acaso o Estado possui a maior planície alagada do Brasil: o Pantanal. No passado, a navegação pelo rio Cuiabá, um dos mais importantes da região, era a única alternativa de acesso e comunicação com outras partes do país. Em *Uma aventura em Mato Grosso*, o narrador conta: “[...] eles queriam repetir o mesmo roteiro que o cuiabano fazia antigamente, nas pitorescas passagens pelos rios Paraguai, S. Lourenço e rio Cuiabá, levando de sete a oito dias para chegarem ao destino” (AMT, p. 15).

Desse modo, e particularmente, o contexto histórico e social da região do Estado é fator que auxilia a criação e manutenção do mito da grande serpente aquática. Na verdade, a lenda do Minhocão é conhecida desde os tempos da colonização monçoeira⁶⁸ para Mato Grosso. Os viajantes que desciam o rio Tietê para conseguir chegar à distante Terra, informavam que os rios eram povoados de minhocões.

É a partir daí que o rico imaginário ganha força e se materializa no contexto pantaneiro, possibilitando meios de familiaridade e assimilação com a natureza local. Sobre essa perspectiva Leite (2003, p. 57) esclarece:

O encantamento da paisagem deve ser visto como um tipo dentre vários, de resultado, nesta perspectiva, da relação homem-natureza, e como uma construção mental assentada em um processo peculiar e único, ligado em essência à criação e à manutenção de matérias míticas e simbólicas, impulsionado, desencadeado, pelos próprios elementos naturais.

As circunstâncias geográficas são decisivas neste processo. O encantamento vai estipular-se e definir-se sob condições específicas tanto dos dados geográficos, topográficos e climáticos quanto dos dados culturais, históricos e sociais dos olhares que se debruçam sobre essa natureza.

No período da colonização, vários cronistas, entre eles Pe. Anchieta e Frei Vicente do Salvador, relatam a presença de monstros nas águas dos rios do Brasil e registram a crença e o medo dos índios diante desses seres. No século XIX, as crônicas de Visconde

⁶⁸ A descoberta de ouro na região do rio Cuiabá estabeleceu uma rota comercial entre aquela região aurífera e a capitania de São Paulo, de onde tinha saído a maioria dos descobridores das minas no Oeste. Essa rota comercial, longa e penosa, com duração de cerca de quatro meses em cada sentido, ficaria conhecida como monções e tinha como ponto de partida a cidade de Porto Feliz, em São Paulo e de chegada à vila de Cuiabá.

de Taunay e Sant-Hilaire contêm histórias dos mitos que habitavam os rios em Mato Grosso. O Negrinho d'água, uma versão aquática do Saci, e o Minhocão são alguns desses mitos registrados pelos cronistas e permaneceram nos relatos de autores e historiadores mato-grossenses do século XX.

No livro de Dunga Rodrigues as crianças que visitam o Estado ouvem estórias sobre o Negrinho d'água e temem encontrá-lo. Na passagem por mais um vilarejo, às margens do rio, ficam sabendo que

O Negrinho d'água que é um pretinho muito vivo e também faz das suas, espalhando toda sorte de travessuras.
Ele não é maldoso como o Minhocão, mas também não é flor de se cheirar. Gosta de aprontar coisas. Aparece de repente na proa das canoas ou das chalanas, rouba peixes dos pescadores, tira isca do anzol debaixo d'água.
[...] Ele ainda faz redemoinho para botar embarcação a pique, deixando em apuros os mais experimentados canoeiros. Rouba o seus remos, quando estes distraem e só os devolve quando lhes dão o seu chapéu (p. 45-46).

Na narrativa em análise, o espaço natural local, a fauna e a flora pantaneira confundem-se com o imaginário, com as lendas que sobrevivem a todo o processo de desenvolvimento do Estado. A aventura vivida pelas crianças protagonistas é uma metáfora exemplar para os próximos leitores. Nesse relato ficcional, fica registrado o ensinamento para as gerações futuras. Parece ser imprescindível manter viva a cultura do lugar, de se reafirmar a necessária relação entre homem e natureza, entre história e imaginário. Desse modo, embalados na proeza daqueles que pretendem deixar seu nome na formação de uma literatura que capta novas e velhas crenças, revela tipos, narra os movimentos da cultura, as conquistas e os impasses, destaca-se a autora Dunga Rodrigues. Ao definir o roteiro que o seu leitor deve seguir, ela estabelece os traços culturais que compõem o imaginário e a identidade que marcam essa paisagem.

Merece destaque a passagem em que se narra a visita de Monteiro Lobato a Mato Grosso. Nela, estão registrados os espaços percorridos pelo famoso escritor. Na narrativa, um dos personagens, morador da região, conta aos meninos viajantes que Lobato veio até a comunidade do Pari a fim de comprovar a existência de petróleo em terras mato-grossense. Nos diálogos entre os personagens, citamos:

_Sim senhores, ele mesmo em pessoa, autor de *Narizinho Arrebitado*, do Sítio do Picapau Amarelo, etc.

_ Que veio ele fazer aqui? perguntou o Adriano.

_Respondeu o dono do Sítio: - Ele soube que por estas bandas pode ter petróleo e veio ver a coisa de perto.

_[...] Aqui, você faz um buraco na areia, acende um fósforo e o coloca dentro, o fogo se prolonga, como se estivesse alimentado por um combustível natural (AMT, p. 47).

Convém observar que Monteiro Lobato dedicou dez anos de sua vida à Campanha Nacional do Petróleo. Percorreu o país fazendo conferências e palestras sobre a existência de petróleo em solo brasileiro. Defendia a ideia de que a exploração tinha de ser feita por brasileiros, pois assim o País se tornaria rico e desenvolvido.

Nas pesquisas de Leite (1997) constam que Lobato chega a Mato Grosso, precisamente em Cuiabá, em novembro de 1936. Poucas pessoas, entretanto, mesmo no Estado, sabem ou se lembram desse fato. Nos escassos registros oficiais de sua passagem, tomamos conhecimento de uma entrevista para o jornal *O Matto Grosso*⁶⁹, outras informações vêm de relatos, das lembranças dos mais velhos, confirma o pesquisador.

Monteiro Lobato acreditava que nas terras do Estado existiam petróleo. Ele se apoiava no fato de que a constituição geológica dos países vizinhos (Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Argentina), que “perfuraram” e encontraram petróleo, era a mesma do solo mato-grossense. Segundo ele, em “O Escândalo do Petróleo”, artigo de 1936, por mais petróleo que houvesse em Alagoas, no Amazonas, no Pará ou em Santa Catarina não passava de “café pequeno diante do formidável lago de petróleo em que se assenta Mato grosso” (*O Escandalo do Petroleo*, 1936, *apud* LEITE, 1997).

Em entrevista concedida ao jornal *O Matto Grosso* (1936), Lobato acentua que a região “espantará o mundo com uma expansão econômica proporcional ao seu imenso território”, [...] “obstáculo nenhum para que Mato Grosso venha a ser o substituto da Standard Oil e da Royal Dutch no fornecimento de toda gasolina, óleo lubrificante, óleo combustível e querosene que o Brasil consome”⁷⁰. Porém, todas as expectativas que sustentavam a campanha do petróleo em terras mato-grossense não se concretizaram.

Lobato fez verificação *in loc*, às margens do rio Cuiabá, na região denominada Pari e ouviu histórias dos moradores do local. Eles contaram que nas praias adjacentes era

⁶⁹ “A campanha do petroleo”. *O Matto Grosso*. Cuiabá, 20 de Novembro de 1936.

⁷⁰ Conforme encontramos em Leite (1997), as citações são parte da entrevista de Monteiro Lobato ao jornal da capital do Estado, em 1936.

possível, fazendo um buraco na areia, obter-se fogo, esquentar café e até mesmo cozinhar. Outra estória era a de que nas águas do lugar viveria um monstro, em forma de serpente: o Minhocão. Para os moradores, esse animal seria capaz de provocar enorme rebojo, um grande barulho, trazendo à tona todas as sujeiras do fundo do rio e, quando o Minhocão se acalmava, era possível ver seu escuro dorso na superfície da água. Após observações e análises, Monteiro Lobato concluiu que o calor que saía da areia era na verdade um gás chamado metano. Cientificamente, a ocorrência desse fenômeno pode ser explicada, o gás ao sair da água provocava a movimentação e barulho que os ribeirinhos viam e ouviam.

Ao nos referirmos a toda essa história envolvendo o autor Monteiro Lobato e a sua busca pelo petróleo em terras mato-grossense, entramos imediatamente no nível dialógico existente no conto analisado. Na narrativa, presenciamos uma amostragem da variada gama de formas de intertextualidade, recuperando parte da cultura e da história do Estado. Na verdade, desde o início de *Uma aventura em Mato Grosso*, os fatos temáticos e linguístico-discursivos como lendas, cantigas, mitos, ditos populares e fatos históricos estão retratados e marcados em tempos e espaços dispersos, promovendo um movimento de retomada e alusão ao patrimônio cultural, local e nacional.

A continuidade do diálogo intertextual, através da retomada de mitos e lendas do folclore, prossegue no capítulo 12, intitulado “A Figueira”. Neste, o narrador faz uma nova revelação:

Perto do Tanque dos Bugres ficava a enfermaria do exército e quase em frente a esta havia uma figueira, que o povo evitava, quando deveria passar à noite por ela. Diziam que à meia-noite em ponto ouviam-se gemidos, pedidos de misericórdia e rumor de correntes que se arrastavam. Uns diziam que eram escravos fugitivos que ficavam perdidos pelo mato, quando abandonavam os seus patrões e saíam por aí puxando as correntes com que ficavam presos amarrados ao tronco e a outros instrumentos de tortura. Outros diziam que eram os patrões maus que judiavam dos escravos e agora estavam pagando, com sofrimento, todo o mal que fizeram em vida.

Também contam que, debaixo de uma figueira, é que os Coisas-Ruins se reúnem e onde o Diabo-mestre dá ordens para que os outros diabinhos façam diabruras na cidade. No dia seguinte, após as doze badaladas da meia-noite, eles voltam para prestarem conta. O Diabo-mestre pergunta: - ‘O que foi que você fez?’ – a cada um. De acordo com o que desempenharam, vão respondendo: - ‘Eu fiz um filho bater na mãe’, ‘Eu fiz um irmão arrancar a orelha do outro’, ‘Eu fiz uma família se dissolver e cada qual saiu para o seu lado’, ‘Eu peguei fogo numa casa e tudo virou cinza, ficando as pessoas na miséria’ (AMT, p. 60-6. Grifos da autora).

Importante pontuar que o episódio narrado retoma um momento em que era comum a contação de histórias. O narrador esclarece: “Desta vez, quem contou a história da Figueira foram Cíntia e Marcos” (AMT, p. 60), explicando que há outras vozes de contadores ajudando-lhe no seu ofício. Dessa forma, ao trazer uma história, o narrador-contador possibilita o aparecimento de uma outra voz. Ao contar, ao comunicar fatos, como os ocorridos em frente ou embaixo da figueira, outra narrativa surge, outra história é arquitetada, perfazendo um caminho que é sua própria construção.

O recurso metalinguístico vem à tona, numa clara referência a uma linguagem anterior. A esse respeito Chalhub (2001, p. 52) afirma: “metalinguagem é sempre um processo relacional entre linguagens (e) tratando-se de literatura haverá sempre esse diálogo intertextual”. A partir desse procedimento, têm-se possibilidade e espaço para a materialização de antigos discursos, de crenças e de mistérios que povoam o imaginário.

Mas em meio a todo esse processo de retomadas, modos e características que apontam para um novo fazer artístico, para um fazer literário que busca o elemento estético, encontramos, ainda, a manutenção do ensinamento, da moral religiosa, dos bons costumes e do utilitário. Confirmamos que, em *Uma aventura em Mato Grosso*, a narrativa ergue-se por tessituras que mesclam fantasia, imaginação, ideologias, intenções e ensinamentos, fixando-se, então, na faixa intermediária entre os polos A e B, em que há a copresença de ambos.

A história materializa-se pelo seu caráter ficcional, mas o real, o utilitário da informação, permanece presente. Nessa perspectiva, há momentos em que ocorre a incidência do caráter ético, fator que mantém a missão dessa literatura. Desde o início da narrativa, ponto de partida para a aventura dos protagonistas, o real e o informativo sobre a viagem intercalam-se ao imprevisível, ao inusitado, ao inventivo, em um pêndulo que as vezes deixa a faixa intermediária e permanece na dominante do utilitário. Nesse sentido, o narrador, já nos primeiros relatos, esclarece:

Como as crianças vivem num mundo à parte, na terra do: TUDO PODE ACONTECER, foi só pedir licença aos pais, para estes consentirem na grande aventura dos dois.

O Juiz de Menores, que cuida de todos os passos das crianças, lhes deu um papel, onde dizia que poderiam viajar por onde bem entendessem e quisessem e pedia a todos que tratassem muito bem das crianças, pois elas estão em primeiro lugar em tudo. (AMT, p. 11. Grifos da autora)

Em outros momentos da narrativa, destacamos o que se conta nos capítulos 4 (quatro) e 13(treze) intitulados “Aproxima-se a Hora da Chegada” e “O Chafariz do Mundéu”. Assim, temos:

- Mas, não é proibido colocar redes para pesar nesta época do ano? – perguntou Adriano.

-É sim, o Governo proíbe pesca, durante a Piracema, que é a desova dos peixes e dura de outubro a março, mais ou menos. Mas o povo é teimoso e desobedece – respondeu o comandante (AMT, p. 25).

Este chafariz foi construído no ano de 1871, pelo presidente Cardoso Júnior. A água que abastecia este chafariz vinha de um reservatório construído no quintal da Santa casa. Era um tanque em forma de círculo e coberto de telhas. Este quintal chama-se Maranhão, pois nele vivia um baiano, com o nome de Maranhão. Neste quintal, onde havia muitas fontes, vinham-se reunir os escravos, que depois se transferiram em roda do chafariz, para contar as suas mágoas e sofrimentos. Quando o serviço de encanamento da água foi feito em Cuiabá, o chafariz não foi mais procurado pelos escravos, ficando então em abandono (AMT, p. 63).

Nessa mesma perspectiva, logo após a contação da “Lenda da figueira”, o narrador explica e adverte:

Hoje ela não existe mais. Foi cortada para alargarem a rua. Mas parece mesmo que os homens daqui não gostam das plantas. Mal vêem uma árvore bonita: pá-bru, põem a coitada no chão, cortando-a pela raiz.

Vocês crianças, que têm o seu anjo da guarda, que as livra das maldades do demônio da figueira, quando crescerem, poupem as árvores que dão sombra. Não matem, não cortem as pobres plantas (AMT, p. 61).

Compreendemos, então, que, ainda que o inusitado e o imprevisto se apresentem ao longo da narrativa de Dunga Rodrigues, eles vêm acompanhados de traços de referencialidade, funcionalidade, previsibilidade e identificação dando um caráter mais utilitário a essa literatura, como adverte Mendes (1994). Modos de comportamento são explicitados ao leitor, que tem nos personagens crianças o exemplo a ser seguido. Nesse contexto, encontramos dois momentos:

[...] Houve um sururu no Beco da Polícia e os cinco contestadores só não foram parar no xilindró, porque eram menores. Levaram um puxão de orelhas para se largarem e foram dormir com boas palavras de conselhos (AMT, p. 70)

É claro que foram conhecer o Keda D'Água, mas as oito horas regressaram para ir dormir, porque crianças não devem perder noite (AMT, p. 71).

Avaliando essas passagens, ratificamos a continuidade, a intencionalidade da abordagem a assuntos e valores considerados interessantes e necessários à formação da criança e do jovem, como mostramos quando da análise dos textos cênicos de Padre Pombo. Na narrativa de Dunga Rodrigues, a inclusão de personagens, cenários e situações ligadas ao quimérico, ao inventivo, a fantasia, parecem querer garantir o caráter mais artístico e menos utilitário da obra, de maneira a tornar a leitura mais agradável para a criança, todavia essas invenções são estratégias para ensinar verdades e cumprir a finalidade pedagógica ainda vigente nas letras direcionadas a esse público em Mato Grosso.

Em *Uma aventura em Mato Grosso* há a permanência de um discurso que, em muitos momentos, idealiza o local, seja do ponto de vista científico, como a história da companhia de petróleo no Estado, seja do mito. A relação cotidiana com a paisagem é reelaborada para tecer os fios das narrativas de autores, como Dunga Rodrigues, que intencionam revelar e exaltar o lugar do qual estão falando.

A apropriação desses discursos serve para que se estabeleça com a comunidade, com os mitos e com as lendas uma mesma unidade, que realiza e permanece na memória e no sentimento de pertencimento. Desse modo, o texto passa a ser visto como meio para veiculação de valores sociais e de identificação. Nesse liame entre a dimensão ética e estética, percebemos em primeiro plano, nessas letras primeiras, o predomínio do movimento de construção ou reconstrução da sociedade na qual seus autores estão inseridos. As marcas deixadas nessas narrativas são o resultado entre os mecanismos de produção e a relação do artista com aquilo que está a sua volta. Por isso, ressaltamos o caráter mais utilitário (referencialidade, funcionalidade, previsibilidade), que ora cria uma relação de complementaridade, ora se sobrepõe ao menos utilitário (textualidade, equacionalidade, diversidade) (MENDES, 1994).

No livro que inaugura a produção direcionada a crianças e jovens em Mato Grosso, a palavra imprime forte consciência dos valores locais, orgulhosa de afirmação e reconhecimento desses valores. Nesse contexto, a obra de Dunga Rodrigues serve como exemplo da necessidade de os autores, que produzem fora dos grandes centros, contarem

como se deu a formação de seus Estados, de revelarem e afirmarem suas culturas, processo necessário para formação do campo literário.

Essa narrativa é um campo fértil para reafirmar traços da identidade, do imaginário e das vozes locais. Ao mesmo tempo, funciona como elemento capaz de preencher os vazios da memória coletiva, além materializar a autoafirmação de quem precisa provar sua identidade cultural diante do campo instituído. Em uma tentativa de afirmação face ao atraso e distanciamento das áreas centrais do País, o enredo dessa obra servirá de referência temática e formal para produções posteriores de outros autores. De algum modo, afirmamos que também será útil para uma revisão desse processo de produção.

3.3.2 *As meninas e o sabiá*, de Maria da Graça Campos

Na continuidade do registro das obras que inauguram a literatura infanto-juvenil em Mato Grosso, citamos *As meninas e o sabiá* (1987), de Maria das Graças Campos⁷¹, 19 páginas, formato 19x13,5 cm, capa de Amauri Lobo e ilustrações da artista plástica Maty Vitart.

Na linha das obras engajadas surgidas no restante do país, na década de 1980, está *As meninas e o sabiá*⁷². Acompanhando uma das recorrências temáticas da época, segundo pesquisa de Bordini (1998), compreendemos que a obra de Maria das Graças Campos possui um apelo político-ecológico realçado através do desenvolvimento do enredo e das ilustrações que ocupam a frente e o verso da capa e todo o miolo. O enredo nos informa sobre acontecimentos locais, como a luta para a criação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães⁷³ e os protestos contra a derrubada de uma igreja centenária na cidade de Poconé, por uma mineradora em busca de ouro.

⁷¹ Nascida em Minas Gerais, há vários anos reside em Mato Grosso. Sua coletânea de contos *Nas águas de Cuiabá* recebeu premiação honrosa no Concurso Literário de Contos Regionais. Também publicou poemas que integram o livro *A nova poesia de Mato Grosso*. Engajada na luta ecológica é membro integrante de associações que lutam pela preservação da natureza e do patrimônio cultural do Estado.

⁷² A partir de agora, passaremos a utilizar a sigla AMES para quando citarmos o livro *As meninas e o sabiá*.

⁷³ Com uma área de 33.000 hectares, o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães foi criado em 12 de abril de 1989, pelo decreto federal nº. 97.656. O parque assenta-se sobre um trecho dos planaltos divisores entre as bacias dos rios da Prata e Amazonas. Localiza-se entre os municípios de Cuiabá e de Chapada dos Guimarães.

Fig. 53: Capa do livro *As meninas e o sabiá*.

O lançamento desse livro ocorreu na capital do Estado, Cuiabá, como parte da programação em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Segundo a crítica Yasmin Nadaf (*O Estado de Mato Grosso*, 09/06/1987⁷⁴), a obra é “um hino de amor à natureza e um grito de despertar para a valorização e preservação do nosso ecossistema”. Para ela, é louvável a iniciativa de se publicar um livro direcionado a crianças, posto que era incipiente a literatura infanto-juvenil no Estado.

Em seu artigo, a crítica destaca o fato de que a obra poderá ser explorada em sala de aula por professores de diversas áreas do conhecimento. Observando a contemporaneidade da obra, alude ao caráter interdisciplinar do texto que atende às propostas curriculares, mostrando que há interação, comunicação, diálogo entre as diversas áreas do conhecimento e a aludida narrativa ficcional. Para Nadaf (1987), os possíveis diálogos entre Literatura, História, Geografia e Biologia etc. possibilitam fazer

⁷⁴ Em nossas pesquisas, constatamos que o artigo de Yasmin Jamil Nadaf é o primeiro texto crítico sobre a produção infanto-juvenil produzida em Mato Grosso.

desse texto literário objeto de pesquisa nas séries iniciais. Mesmo realçando o espaço e as peculiaridades regionais, importa a outros pelo fato de que aborda um tema de interesse mundial: a questão ecológica e preocupação com o lixo atômico.

Fazendo um paralelo com parte da literatura infantil e juvenil, que se publicava no restante do Brasil, importa registrar que nos anos de 1980 essa literatura era objeto de estudo de professores de várias universidades brasileiras. Algumas publicações de pesquisadores como Laura Sandroni, Fanny Abramovich, Tatiana Belinky, Marisa Lajolo e outros se voltavam para essa produção. Destacamos a publicação do *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil* (1983), da professora Nelly Novaes Coelho, no qual encontramos o registro de autores que publicaram entre 1882 e 1982, como também resenhas e comentários sobre suas obras.

Ana Lúcia Brandão (1998), analisando a literatura infantil e juvenil dos anos 80 e 90 do século XX, afirma que ocorre nessas décadas o processo de consolidação do gênero. Tanto a prosa quanto a poesia destinadas às crianças e aos jovens tornam-se produto cultural. Há a presença de grupos dedicados a escrever somente para esse público. Entre os autores que se destacam pela qualidade e pela quantidade de textos publicados estão Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof, Lúcia Pimentel Góes, Elvira Vigna, Roseana Murray, Sérgio Caparelli, José Paulo Paes, Wania Amarante e outros. A pesquisadora ainda ressalta aqueles que estrearam na década de 1980, como Angela Lago e Eva Furnari, trazendo para a literatura brasileira um novo estilo, cujas narrativas verbais e visuais abarcam criatividade, humor e outros traços do comportamento infantil.

No contexto das décadas citadas, encontramos produções que demonstram a preocupação do escritor com a sua composição, com a plasticidade da ilustração consolidada pela intervenção do ilustrador na urdidura do texto. A conjugação entre o texto verbal do autor e o não-verbal do ilustrador exemplifica uma nova tendência na literatura. O caráter estético do texto e da ilustração direcionam o olhar do leitor a fim de fazê-lo entender que o texto não-verbal pode substituir o verbal, ampliar ou lhe adicionar informações. A esse respeito, Ana Lúcia Brandão revela:

Nessa época os projetos gráficos melhoram, o papel empregado em várias publicações é de melhor qualidade, começam a surgir projetos gráficos para as coleções, que facilitam a visualização do leitor, as ilustrações em quatro cores começam a dominar o mercado e ilustradores como Walter Ono, Gerson Conforti, Rui de Oliveira,

Helena Alexandrino, Rogério Borges, Ana Raquel, Ziraldo, Angela Lago, Tato Gost e outros começam a criar um diálogo entre texto e imagem tão originais a ponto de criar uma nova expressão do livro infantil brasileiro, onde esse diálogo torna-se fundamental e enriquecedor como experiência estética (1998, p. 56).

As propostas ocorridas no campo da ficção e da imagem tomam conta do segmento infanto-juvenil. No trajeto da inovação, na busca do resultado da combinação entre texto e imagem, que não busca a pura referencialidade do que está posto, essas produções passam a apresentar traços criativos, inteligentes e instigantes. Trata-se de um período extremamente criativo. Os textos abordavam questões que iam de releituras dos contos de fadas a temas esquecidos, como os que tratavam das minorias étnicas e sociais. No meio de toda essa diversidade temática, os anos de 1980 e 90 serviram, sobretudo, para um amadurecimento das ideias, um novo paradigma para as produções dos autores, os quais pretendiam que seus textos tivessem um compromisso com a Arte. Surgem, então, textos menos utilitários e menos pedagógicos. E se busca uma elaboração literária que possua, principalmente, imaginação e ideal estético.

Como exemplo da importância dada à produção infantil e juvenil do período, citamos uma pesquisa que apresenta uma amostra de 300 títulos publicados na década de 1980, que demonstra o crescimento do mercado editorial e do público leitor. Maria da Glória Bordini (1998), responsável pelo estudo, concluiu que há nessa produção uma diversidade temática digna de nota. Segundo dados apresentados pela pesquisadora, temos:

30% de obras sobre o cotidiano infantil (vida doméstica, curiosidade infantil, brinquedos e travessuras, relações com pais e irmãos, aquisição de noções ou desejo de crescer), sejam de características fantásticas ou realistas; 27% incidem no âmbito do conto fantástico, especialmente antropomórfico, em que animais substituem a criança como herói, objetos ou elementos naturais são animados ou se propõem remos encantados e seres egressos do conto de fadas, sob vestes modernas; 17% dedicam-se à representação da vida de pessoas, meninos e meninas, velhos e tolos, e 10% a questões de História e da modernidade recente (ecologia, vultos históricos, veículos, guerras, violência urbana); 7% referem-se a gêneros de massa, em especial mistério e detecção e horror; 5% são dedicados ao folclore e à religião; e os percentuais restantes a adaptações paródicas ou a clássicos simplificados (BORDINI, 1998, p. 4. Grifos nossos).

Em Mato Grosso, entre as décadas de 1980 e 90, ainda não se pode falar de um crescimento do gênero, tendências de design gráfico, tampouco em consolidação do mercado editorial. Cabe apontar o fato de que *As meninas e o sabiá* (1987) é o primeiro livro infantil produzido por uma editora no Estado, a Entrelinhas. Neste ponto lembramos que o livro *Uma aventura em Mato Grosso* foi produzido pelo setor gráfico da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

O livro de Maria das Graças Campos foi editado em papel simples, ilustração em preto e branco e montagem artesanal. Depois dessa obra, somente em 1996, com a criação da Editora Tempo Presente, surgem novas publicações no segmento infanto-juvenil no Estado.

Fig. 54: Ilustrações do livro *As meninas e o sabiá*.

No que se refere à leitura analítica da obra, verificamos que o narrador, em terceira pessoa, onisciente, inicia contando a história de quatro meninas que “se reuniam para brincar em um bosque chamado Travesseiro, perto de um riacho” (AMES, p. 01). As personagens - Dany, Lígia, Carla e Pampam -, depois de lerem uma notícia no jornal,

tentam descobrir o que é lixo atômico. Na tentativa de se resolver a questão, uma delas pergunta a um sabiá a resposta. Assim, na procura pelo pássaro, o grupo recita poemas e entoa músicas com temáticas regionais.

Com enredo simples e linear, em discurso direto, a narrativa se estende graças aos longos diálogos explicativos. A indagação inicial, feita pelas crianças, é respondida na página 12 (doze) do livro, por vias referendadas: “-[...] Lí num livro que o lixo Atômico é o resto do material radioativo que não foi aproveitado nas usinas nucleares. - [...] Minha professora me contou que essas usinas são construídas para gerar energia atômica” (AMES, p. 13. Grifos nossos).

No desenrolar dos acontecimentos, pelo teor da conversa, notamos que as meninas conhecem bem a região, sua fauna e flora, por isso sentem que a vida do lugar está sendo ameaçada pelos constantes desmatamentos, pela poluição que toma os rios, pelos garimpos e pelo uso indevido de agrotóxicos utilizados nas lavouras. Nessa ambientação, tomada por um discurso político engajado e panfletário, a estória começa a apresentar uma intenção pedagógica e moralizante. Sem conseguir fugir dessa armadilha, a narrativa fica carregada de descrições, explicações acerca da importância da preservação do planeta, mais especificamente do Pantanal e do Cerrado mato-grossense. Os diálogos ficam cada vez mais longos e explicativos, prevalecendo, assim, o referencial e o utilitário. O teor das conversas alerta para o fato de que o consumismo e a ganância do homem são capazes de destruir todo o meio ambiente. Assim temos:

[...] As mineradoras estão espalhando mercúrio no Pantanal.
 - O que é mercúrio? – perguntou Pampam.
 - É um veneno que contamina as águas matando os peixes, os animais e traz doenças para os homens. As máquinas usadas nos garimpos estão abrindo valetas – enormes buracos – em Poconé e Livramento. Se continuarem escavando e envenenando o Pantanal, haverá morte total!
 - Por que eles estão fazendo isso?
 - Para tirar ouro. Esse metal exerce tanta fascinação nos homens que eles se esquecem de todas as outras riquezas. Imaginem! Destruíram a igreja que era um patrimônio histórico de Poconé, só pra ter certeza se lá em baixo havia ouro! (AMES, p. 12).

O leitor fica com a certeza de que ele não deve cruzar os braços diante da destruição e da constante ameaça que o planeta vem sofrendo. A criança é intimada a lutar contra os “personagens do mal” para salvar o que ainda resta. As personagens meninas,

em tom professoral, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzir as falas, esclarecem:

-Vou começar pelas queimadas. Estas são terríveis. Destroem as plantas, os animais, enfraquecem o solo. Endurecem a terra que deixam de reter a água e também acabam com a matéria orgânica – restos de animais em decomposição que fortalecem a terra para que ela possa ser cultivada.

- O consumismo também é um personagem do mal, afirmou Lígia. Todo mundo está consumindo, consumindo, comprando coisas descartáveis e as fábricas precisam correr ligeirinho atrás de maior quantidade de matéria prima. Existem coisas que não tem jeito de desenvolver para a natureza...

- Ah! Você está se esquecendo dos depredadores, completou Carla. Estes também são personagens do mal. Quando alguém joga lixo e outros dejetos nas águas, elas se tornam impuras e não podem ser usadas pelas pessoas. Pior são aqueles que lançam os esgotos e os resíduos das fábricas nos córregos e rios. Eles contaminam as águas, infestam de impurezas e provocam doenças na gente (AMES, p. 14).

Conforme registramos, há o predomínio de elementos realistas, referenciais, que nos levam a pensar no que estamos acostumados a ver no cotidiano, através de denúncia de crime ambiental, em textos jornalísticos. Traços do imaginário, do lúdico, necessários a um fazer literário para crianças e jovens, são esquecidos em detrimento de uma intenção educativa. As marcas da seleção vocabular, de caráter utilitário, constituem a narrativa de Campos, deixando-a sobrecarregada de informações e despida de fantasia e imaginação. A esse respeito, Coelho (2000) analisando livros infantis em que predominam “informações corretíssimas” considera:

Não podemos esquecer que, sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa e importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória. Ora, se isso acontece conosco, adultos conscientes do valor das informações, como não acontecerá com as crianças? (COELHO, 2000, p 48).

Além desse aspecto, verificamos nessa produção o tom saudosista, o qual remete a um passado histórico idealizado. Essa postura segue também o que se preconizava em toda a literatura infantil da década de 1950: o elogio à vida no campo, à vida nas cidades interioranas, lugar idílico e almejado. Nas falas das personagens, temos:

- O senhor acredita que antigamente nós fazíamos corrida de canoa? Hoje o rio está raso, pura areia. Cada dia aparece uma nova praia. (p.14).

- O rio Cuiabá é muito importante para a vida e para a história da cidade. Foi o rio que facilitou o acesso e a comunicação com outros pontos do país e até com o exterior nos tempos coloniais. Imaginem vocês! Eu queria ser uma passageira a bordo do Marquês de Olinda, a primeira embarcação a vapor que desfilou sobre as águas do nosso rio. Diz a história que as terras de suas margens eram férteis e alimentavam muita gente (AMES, p. 16. Grifos nossos).

Isso reflete, mais uma vez, o nível descritivo da narrativa. Sem apresentar um traço subjetivo, complexo, instigador, o narrador preocupa-se em expor a geografia local. As potencialidades do Estado de Mato Grosso, verificadas no passado e mantidas na memória coletiva, vêm à tona a fim de apontar para um futuro promissor. Esse discurso, que toma as duas narrativas analisadas neste capítulo, imperava na literatura dos primeiros autores em Mato Grosso, no início do século XX. Cabe lembrar que tanto em Dom Aquino Corrêa como em José de Mesquita há um estreito compromisso com a Pátria e com a terra mato-grossense.

Para Magalhães (2001, p.44), a poesia de Dom Aquino Corrêa enaltea o local e traduz, em imagens, uma exuberância mitificadora. Sua palavra poética materializa sua própria emoção, por isso há o engrandecimento constante dos aspectos culturais/geográficos. Seja por intermédio da sua poesia ou dos seus discursos como homem público⁷⁵, buscava a constante beleza na forma e nos temas nobres para a literatura.

Diante dessas leituras, podemos perceber nas primeiras letras direcionadas ao público infantil e juvenil no Estado traços do mesmo percurso, o que demonstra a constante tentativa de resgate a bens simbólicos e à tradição. Tanto em *Uma aventura em Mato Grosso* quanto em *As meninas e o sabiá*, notamos uma faceta que, constantemente, remete à cor local. Encontramos, em plena década de 1980, uma produção que ainda privilegia a superficialidade da representação de aspectos relacionados à paisagem natural, à topografia etc. Ainda que essas narrativas também se aproximem dos ideais modernistas, no que tange a busca do pertencimento, o fazem de modo exaltativo, beirando a idealização. Essas marcas, quando postas em primeiro plano, em textos em

⁷⁵ Em 1915, era o bispo mais novo do mundo. Em 1917, torna-se o governador mais jovem do país. No ano de 1926, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, sendo o único autor do Estado até a atualidade a ocupar uma cadeira. Segundo consta, a posse do bispo-poeta foi bastante concorrida e prestigiada, contando com a presença do Presidente da República Washington Luiz e todo seu ministério.

que os referentes estão baseados na identificação e nas associações por contiguidade, interferem na qualidade artística, na complexidade da trama, portanto no estrato estético do fazer poético.

No desfecho da narrativa, as personagens encontram o sabiá. O pássaro trazia no bico uma folha do cerrado que deixou cair entre as meninas. Era um manifesto endereçado a todas as crianças do Cerrado, Pantanal e Amazônia. O texto, de cunho político, alertava:

Se as crianças fossem autoridades não haveria violência, nem fome no planeta. Se as crianças fossem autoridades, não haveria preconceito e nem discriminação. Se as crianças dominassem a Terra, não deixariam desbravar todas as matas. Os rios teriam vida. Preservariam os animais. Não deixariam demolir os bens históricos e patrimônios culturais. Se elas fossem autoridades, haveria igualdade de direitos e o poder seria a paz (AMES, p. 17).

Nesse final, há um momento em que se intercalam realidade x fantasia. Em meio ao tom convocatório do manifesto, o *nonsense* toma o enredo. As meninas iniciam os preparativos para uma passeata em prol da vida e do meio ambiente, convidando as árvores, as aves e todos os bichos que viviam na Chapada dos Guimarães e no Pantanal para se manifestarem através de faixas, para entoarem palavras de ordem a favor da vida. O narrador informa:

As meninas iniciaram uma grande discussão para organizar o comitê e concluíram que todos deveriam participar. A primeira convidada foi a mangueira que por sua vez chamou o ipê rocho, a chuva de ouro, flamboyant, o cajueiro, abacateiro e outras árvores. Pampam se encarregou de convidar os bichos da Chapada dos Guimarães e do Pantanal. Ligia chamou as aves e Carla convidou todas as crianças, enquanto Dany cuidava da execução da primeira tarefa do grupo: organizar uma grande passeata, onde carregariam faixas com as bandeiras ecológicas mais urgentes (AMES, p. 18).

Essa ação finaliza a narrativa, fica, no entanto, a impressão de que o narrador não concluiu sua estória. Parece faltar espaço no livro para que ele possa detalhar todo o acontecimento. O problema fica resolvido quando o leitor olha a contracapa e vê nas ilustrações parte da narrativa verbal materializada.

Como afirmamos, na tentativa de se estabelecer uma fisionomia literária à produção infantil, a narrativa de *As meninas e o sabiá*, ao mesmo tempo em que dialoga com obras engajadas surgidas no restante do país, na década de 1980, também recorre a temáticas que buscam no passado o lugar ideal, marca que realça a ideia de pertencimento, de lugar. Em seu construto, há momentos específicos que intercalam realidade x fantasia, mas o que se evidencia é o caráter utilitário em detrimento do estético, dando ao discurso literário construído um caráter artístico frágil. De certo modo, a necessidade de fixar as particularidades, de preservar uma memória cultural e de moldar comportamentos afasta essa produção do diálogo com os discursos que elegeram o lúdico, o inverossímil, o existencial, a interioridade do ser infantil como mote para seus enredos.

Fig. 55: Ilustração da última página do livro e da contracapa. Na última página, o texto verbal narra o que está ilustrado na contracapa.

Há na literatura direcionada a crianças e jovens em Mato Grosso, nesses primeiros textos, uma constante necessidade de reafirmar uma identidade, de revelar a cor local; ou seja, parece que ainda é necessário construir a identidade cultural do Estado. O valor dado às “coisas da terra” é aspecto muito considerado nessas primeiras produções, que mantém

uma vertente tradicional, presa à linearidade de um construir que abre mão do estatuto artístico.

A noção do estético, como elemento necessário, ainda não era proeminente. O texto literário, que deve ser tecido com a liberdade criadora que lhe é natural, ainda traduz intencionalidades, transmite ensinamentos e conhecimentos. A concepção de texto como construto social, cultural, e, sobretudo, artístico, assegurado pelo seu caráter ficcional é que garante emoção, diversão e prazer. Os diálogos, reciprocidades e ressonâncias estéticas são fatores essenciais para a consolidação de projetos que buscam sua afirmação no panorama literário nacional.

Nesse prisma, ao terminarmos esse elenco de reflexões sobre presença de elementos utilitários e estéticos nessas criações artísticas, entendemos que em *Uma aventura em Mato Grosso* ocorre a junção do estético com questão éticas, a copresença do “caráter mais utilitário e menos icônico” e do “caráter menos utilitário e mais icônico”, conforme sintetizado em Mendes (1994, p. 14).

Em *As meninas e o sabiá* o caráter utilitário e a referencialidade tomam a narrativa, deixando-a sobrecarregada de informações, despida de fantasia e imaginação. O tom explícito não deixa lugar para o sugerido. Predominam as descrições e as explicações acerca da importância da preservação do planeta, mais especificamente do Pantanal e do Cerrado mato-grossense, prevalecendo a intenção pedagógica. Nessa linha, há um único momento em que o inusitado toma totalmente a estória e deixa a trama mais interessante. Ocorre no desfecho, quando plantas e animais da local passam a ter comportamento humanizado e participam ativamente da ação narrativa.

Assim, constatada, nas narrativas selecionadas, a incidência do caráter utilitário e do estético, ratificamos a importância dessas percepções, do olhar para os labirintos da criação literária. Os projetos estéticos-ideológicos contidos na literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso contribuíram para modificar valores, hábitos, sentimentos e atitudes. Nas palavras de Coelho (2000, p. 27), encontramos que a “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão”. Ainda: “Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse modo é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução” (idem, ibidem).

Torna-se, desse modo, relevante marcarmos a posição dessas obras dentro do contexto da produção nacional e da historiografia literária, revelando o seu potencial de interpretação para a produção do conhecimento histórico, além do seu caminhar em busca de sua especificidade de arte. Com base nessa linha de interesse, é que trazemos os primeiros passos da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso. As primeiras obras, suas peculiaridades, modos, gênero e formas estão sintetizados no quadro que segue:

Quadro 3: Resumo das principais características das obras analisadas.

Resumo das duas primeiras obras direcionadas ao público infanto-juvenil em Mato Grosso		
Título	<i>Uma aventura em Mato Grosso</i> (1984)	<i>As meninas e o sabiá</i> (1987)
Gênero	Conto.	Conto.
Ilustração	Em preto e branco, complementa o texto verbal. Referencial.	Em preto e branco, complementa o texto verbal. Referencial.
Linguagem	Coloquial, com algumas expressões do linguajar da região. Carregada de explicações.	Formal, didática e informativa.
Elemento regional	Exaltação e valorização dos símbolos e da natureza local.	Descreve a biodiversidade do cerrado e do pantanal mato-grossense.
Diálogo com outras artes	Cantigas populares, narrativa épica, mitos e lendas do folclore brasileiro.	Cantigas populares.
Nível utilitário X estético, de acordo com os paradigmas de Mendes	Faixa intermediária entre o utilitário e o estético – quase a mesma proporção.	Mais utilitário/Menos estético.

Fonte: Da autora.

Após a apresentação da síntese dos elementos constitutivos das narrativas estudadas, continuemos com a leitura analítica da outra parte do *corpus* selecionado. A partir de agora, apresentaremos um novo momento na literatura direcionada à crianças e jovens no Estado. Há um grupo de autores imbuídos da concepção de texto como construto social, cultural, e, sobretudo, artístico, em busca de procedimentos para assegurar o caráter ficcional nas obras.

Passada a fase inicial da publicação do primeiro livro infantil-juvenil na década de 1980, pós-divisão de Mato Grosso, essa literatura se estabelece definitivamente dentro do cenário local e intensifica o número de obras e autores. Os temas são diversos, dialogam, ao mesmo tempo em que divergem, com as tendências literárias em voga no Brasil e em outros sistemas literários. Em meio a toda essa movimentação cultural-literária, encontramos os nomes de alguns autores mato-grossense que publicaram em editoras que atuam fora do Estado. Dentre eles listam-se Antônio de Pádua e Silva e Aclyse de Matos.

3.3.3 A literatura juvenil de Antônio de Pádua e Silva

Antônio de Pádua e Silva nasceu em São Gotardo, interior de Minas Gerais. Fixou residência em Cuiabá, onde morou por mais de vinte e cinco anos. Faleceu em 2003, na sua cidade natal, aos 48 anos. Jornalista de formação, publicou, até o ano de sua morte, em 2003, quatro livros no gênero juvenil. São eles: *Guerra no Pantanal* (1991), *Selva e chuva* (1992), *Na terra da confusão* (1993) e *O gato que amava Girl* (1994). Todos esses títulos foram publicados pela Atual Editora, na atualidade um dos selos da Editora Saraiva, e bateram recorde de vendas.

O autor explora vários aspectos da cultura mato-grossense como paisagens e a linguagem regional. Dos 4 (quatro) romances juvenis publicados, somente em *Na terra da confusão* o cenário não é desse lugar. Nos outros 3 (três), ele revela a natureza pantaneira, a amazônica ao mesmo tempo que enfoca pontos marcantes da capital Cuiabá como avenida Prainha, o bairro do Porto, o centro da cidade e outros lugares conhecidos. Com uma linguagem simples, fácil e com muitas expressões da região, a literatura de Antônio de Pádua, ainda que faça referência ao local, possui inegável valor estético. Por tudo isso torna-se

imprescindível situá-lo na história da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso. Seus livros são agora resenhados.

3.3.3.1 *Guerra no Pantanal*

Guerra no Pantanal (2004), considerado pela crítica local como livro de maior êxito do autor, está na sua 17ª edição. Com 21x14 cm, 80 páginas, acabamento brochura, integra a Coleção Entre Linhas Aventuras. Com ilustrações de Roko, em preto e branco, traz junto um suplemento de leitura. Este apresenta atividades interdisciplinares entre as áreas de ciências, literatura e música.

A ideia do livro surgiu depois que o autor viajou pelo Pantanal mato-grossense fazendo uma série de reportagens sobre a região para um jornal de Cuiabá. Segundo consta, em entrevista no final da edição analisada por nós, o contato com a natureza levou-o a se conscientizar dos problemas que o lugar enfrentava, posto que nas décadas de 80 e 90 a matança de jacarés no Pantanal fez com que a espécie integrasse a lista de animais em extinção.

O romance juvenil de Pádua, conforme conceituação de Coelho (2000, p. 73), refere-se a forma romanesca que “se desenvolve em torno de um único eixo dramático (motivo, situação problemática ou nuclear etc.)”, aborda questões ambientais. Os heróis da trama lutam contra um bando de coureiros, caçadores de jacarés, que matam os animais daquela região com o intuito de comercializar as peles. Entre os personagens que se destacam está Brasilino, homem experiente que conhece muito bem o Pantanal e a região amazônica. A aventura toma corpo quando Pé-de-Banda e Pitoco, dois meninos que engraxavam sapatos pelas ruas de Cuiabá, entram numa canoa para descansar e acabam sendo levados pelas águas do rio até a região do Pantanal. Tudo acontece por pura maldade de outro garoto que, sem motivo, desamarra a corda que prendia a canoa. A pequena embarcação desliza para o meio do rio com Pitoco e Pé-de-Banda em um sono profundo. Eles acordam horas depois, quando já estão nos rios que formam a bacia pantaneira os quais se encontram infestados de Jacarés. Por sorte são salvos por Brasilino, morador da região. A partir daí o velho pantaneiro irá conduzi-los por trilhas cheias de aventuras. Eles enfrentam e vencem os caçadores de jacarés, salvando vários animais.

Guerra no Pantanal coloca o leitor diante de um tema contemporâneo e urgente: a preservação da natureza.

Narrado em terceira pessoa, em discurso direto, com períodos curtos, o romance, gênero marcado por muitas peripécias, episódios ou acontecimentos, encadeados pela efabulação; mas também diretamente ligados ao eixo central ou, por este justificados (COELHO, 2000), possui uma linguagem que resgata os falares da região, mesclando-os com as gírias utilizadas na cidade grande. A riqueza vocabular se caracteriza pela apresentação de detalhes da fauna e da flora local provocando uma literatura envolvente.

3.3.3.2 *Selva e chuva*

Selva e chuva (1992), Editora Atual, compõem a Série Era outra Vez e está na sua 3ª edição. Com 90 páginas, 21x14 cm, acabamento brochura, possui algumas ilustrações, assinadas por Cecília Iwashita, em preto e branco, que ocupam pequenos espaços nas páginas. O livro vem com uma proposta de atividade sugerindo a análise do esquema narrativo, assim como produção de texto e trabalho interdisciplinar com as áreas de geografia, história e artes.

A obra, também designada por nós como pequeno romance, aborda a descoberta da sexualidade na puberdade, assim como reflete sobre a pluralidade cultural no Brasil. No enredo o personagem Pé-de-Banda, presente em mais 2 (dois) livros do autor, durante viagem a uma fazenda próxima a Vilhena, Estado de Rondônia, conhece a indiazinha Tuí e juntos irão descobrir o amor. A ação se desenvolve na região do Vale do Guaporé, área que se estende de Mato Grosso a Rondônia.

O narrador, onisciente, relata o modo de vida simples de quem vive no campo, mostrando também a diferença de comportamento entre os índios da região e os fazendeiros, nesse caso o homem branco. O espaço natural é destacado ao longo de toda a narrativa, mas aparece como simples cenário, situando os personagens. Inúmeras peripécias auxiliam o desenvolvimento da ação central. O menino Pé-de-Banda, protagonista da estória, além da aventura amorosa, irá se aventurar para salvar um búfalo, animal sagrado para os indígenas da região.

Tudo tornará a viagem do garoto mais emocionante. O flerte com a indiazinha, o primeiro beijo, a descoberta do seu corpo em transformação, a missão heroica para salvar o animal sagrado que seria morto pelos peões da fazenda são índices da contemporaneidade presentes na obra. O romance juvenil de Pádua é marcado por um misto de inocência e encantamento, com certa dose ideológica, numa aparente simplicidade que busca atrair o leitor.

3.3.3.3 *Na terra da confusão*

O romance juvenil *Na terra da confusão* (1993) está na sua 2ª edição. Na narrativa há uma curiosa e intrigante abordagem sobre a temporalidade. Com 96 páginas, acabamento brochura, compõe a Série Tirando de Letra, da Atual Editora e assim como os outros livros do autor, vem acompanhado por um roteiro de leitura. As ilustrações, de Mauro Soares, em preto e branco, estão em algumas páginas do livro dividindo espaço com o texto verbal.

Nessa narrativa a estória é ambientada na cidade natal do autor, São Gotardo, Estado de Minas Gerais. Uma forte tempestade muda a vida das pessoas do pacato arraial. São telhas arrancadas, paredes caídas, currais destruídos, enfim uma cena desoladora, mas o pior ainda estava por vir. Os moradores da cidadezinha perdem a noção do tempo. Ninguém se lembra em que mês estão ou que dia é da semana. Para piorar a situação não há nenhuma folhinha, calendário na cidade. A população se reúne, tenta resolver o problema mas o impasse se mantém. Não se sabe se era dia de trabalho, ou dia de ir à igreja, o tempo se perde para sempre e com ele a noção de ordem necessária a população.

Em meio a essa insólita situação está o personagem Pé-de-Banda. O menino novamente é o herói. Ele enfrenta vários obstáculos para recuperar o tempo perdido e salvar a cidade. A ação narrativa que toma o texto entra no domínio do fantástico. Elementos inesperados e ações que contrapõe-se à normatividade regular do cotidiano marcam toda a trama. O discurso narrativo é construído sobre a égide do gênero Fantástico⁷⁶. O evento sobrenatural surge em meio a um cenário familiar, cotidiano e verossímil. Tudo parece reproduzir a vida cotidiana, a normalidade das experiências

conhecidas, quando algo inexplicável e extraordinário rompe a estabilidade deste mundo natural e defronta as personagens com o impasse da razão (TODOROV, 1980, p.30).

Na análise dos elementos constituintes dessa narrativa, observamos que a estória é narrada em terceira pessoa, por um narrador onisciente que revela o que se passa com as personagens e o que eles sentem. Com uma linguagem coloquial, beirando a oralidade, o narrador utiliza várias expressões do linguajar mineiro. A descrição dos personagens é feita por ele de forma peculiar. Todos são apresentados e nomeados por apelidos que correspondem as suas personalidades, fato comum em cidades do interior. Assim, vamos conhecendo Maria Rodinha, Maria Rodela, Maria Redonda, todas gordinhas, explica, também, Zé do Lino, Zé da Tina, Zé da Égua, Antônio da Luca, Maria Polidora etc.

A estória está dividida em duas partes. Na primeira é relatado o misterioso e estranho acontecimento que ocorre no arraial. Na segunda, o personagem Pé-de-Banda, acompanhado por 6 (seis) amigos, parte em busca de uma resposta para saber o que havia acontecido com o tempo e tenta acabar com a confusão que imperava no lugar. Mas a trama continua sendo tomada por estranhos acontecimentos.

A narrativa se volta para o diálogo inteligente e lúdico com grandes nomes da literatura universal e da ciência. O protagonista Pé-de-Banda e seus amigos, que estão viajando em busca do tempo que não é mais identificado pelas pessoas da sua cidadezinha, se deparam com curiosas figuras perdidas pelas estradas de Minas Gerais. O primeiro encontro é com Mané Proust. De dentro de uma carruagem, sai um senhor com aparência frágil, mas muito bem vestido. Ele pergunta sobre o Caminho de Guermantes e diz que anda em busca do tempo perdido. Tentando explicar que tempo era esse, mediante a curiosidade das crianças Mané Proust esclarece: “-[...] O tempo que procuro é o tempo de toda uma vida. Quero saber o destino das pessoas, as suas transformações com o passar dos anos. Quero saber dos sentimentos que se desfazem e daqueles que nascem nas pessoas e as transformam” (p. 68).

A jornada continua e os encontros inesperados também. A charrete em que estão os meninos segue em frente e a beira do caminho eles veem um velho que acena com a mão pedindo carona. O velho se apresenta. Trata-se de Alberto Aí-Tem, um senhor com os cabelos desalinhados que igualmente está perdido. Pé-de-Banda resolve levar o senhor até um ponto da estrada. Durante o trajeto o velho começa a falar de coisas desconhecidas

pelos garotos. Ele tenta explicar sobre a teoria da relatividade, a teoria do *Big Bang*, fala de buraco negro, mecânica quântica entre outras coisas que eles nunca tinham ouvido.

Depois encontram-se com Jaime Joyce. Ele está procurando algo que perdeu no mato. Os meninos descem da charrete e ajudam a procurar o relógio do desconhecido homem. Jaime Joyce explica que uma das coisas mais importantes na sua vida é ver correr o tempo no relógio. Diz que tem como projeto futuro escrever um grande livro, com mais de oitocentas páginas contando a história de um dia na vida de uma pessoa. Percebendo que o homem sabia muitas coisas aproveitam e perguntam para ele que dia era do mês, da semana, posto que depois da tempestade as pessoas do vilarejo tinham perdido completamente essa noção. Joyce não sabe responder. A charrete continua sua jornada rumo a Vila de Paturebas, mas antes de chegar ao destino final os garotos encontram-se com outro homem. Era um velho cego chamado Borges. Ele fala sobre vários caminhos que se bifurcam, esclarece sobre o caminho dos sonhos, do labirinto, da imortalidade, da biblioteca até chegar ao último caminho. Depois de toda essa experiência, Borges diz aos garotos que já é hora de eles voltarem ao arraial.

Assim, nos capítulos seguintes, o desfecho se aproxima e com ele mais situações surreais. Ocorrem revelações sobre o arraial e sobre o menino Pé-de-Banda. O tempo passa e de repente esse lugar deixa de existir. Não se tem certeza se tudo não passara de uma estória contada por Rosa, moça que cuida de Pé-de-Banda ou se o menino vivera aquela incrível aventura. De qualquer forma o tempo, ausente ou presente, é protagonista nessa estória de Pádua e de outros autores da literatura universal, autores esses que *Na terra da confusão* se tornam personagens.

3.3.3.4 *O gato que amava Girl*

O gato que amava Girl (1994), possui 73 páginas, formato 21x14 cm, acabamento brochura compõem a Série Transas e Tramas da Atual Editora e por isso vem acompanhado por um roteiro de leitura. As ilustrações são assinadas por Olavo Tenório, que em preto e branco dividem espaço com o texto verbal em várias páginas do livro. A cor escura acompanha o tom crítico e obscuro que cerca os personagens.

Com uma linguagem marcada por gírias e expressões populares, o enredo revela a comovente história de vida de meninos de rua e a prostituição infantil em um conhecido bairro da capital mato-grossense. Na região portuária de Cuiabá, a situação de carência extrema leva menores abandonados a batalharem desde cedo para sobreviverem. O tráfico de drogas e a prostituição são elos de uma corrente da qual dificilmente conseguem se libertar. É sob o ponto de vista de um gato de rua, que vive abandonado assim como as crianças, que o enredo se revela ao leitor.

Como ocorre nas fábulas tradicionais, o protagonista é um animal. A fábula é um gênero que, apesar de muito antigo, continua a revelar-se de grande importância na literatura infanto-juvenil contemporânea. Nessas narrativas animais intervêm para ilustrar experiências e vivências próprias dos seres humanos. Em *O gato que amava Girl*, o animal é o narrador da história. Ele começa contando como foi separado da sua mãe e irmãos e de como teve que aprender a lutar pela sua sobrevivência em um lugar tão perigoso e hostil. Depois relata toda a movimentação que envolve o lugar, mostrando o modo de vida dos pescadores, dos feirantes, dos cachaceiros, das meninas e meninos que circulavam por esse mundo.

A humanidade do narrador se acentua a cada capítulo. Ele confessa seu amor por Girl, uma prostituta da região. Dessa relação forma-se quase um triângulo amoroso entre a garota, o gato e o negrinho Badô, amante de Girl. Com uma linguagem direta, sem artificialidade ou lirismo o narrador revela os seus sentimentos:

Eu vasculhava o lixão, perto do Mercado do Peixe, quando chegou a notícia. Girl e cinco colegas tinham voltado de Cáceres e já estavam alojadas nos puteiros do Beco da Lama. [...] Um gato nem um pouco humano apaixonado por uma putinha? Incrível, mas pura verdade.
 [...] Sim que bela surpresa ver a minha Girl tão linda, deitada na cama. Que longos e belos cabelos indígenas! Pernas morenas, esguias, bem torneadas.
 [...] Ah! como eu gostava de ser aquele brinquedo indolente e perdidamente apaixonado! (p. 33-34)

O gato-narrador, além de manifestar seus sentimentos, torna-se um profundo observador do submundo da vida daqueles que estão à margem. Seus relatos levam o leitor a experimentar junto com ele e com os demais personagens momentos extremos e dolorosos. Nesse sentido, o texto de Pádua dialoga com uma tendência na literatura

infanto-juvenil contemporânea, traz para o universo narrativo personagens caracterizados de forma próxima à realidade, fato que pode servir como forma de atração e identificação, possibilitando, dessa forma, uma maior compreensão do mundo. Mais do que dar exemplos ou conselhos, a narrativa contemporânea de *O Gato que amava Girl* propõe problemas que envolvem jovens leitores na sociedade atual. Sem um final feliz, a estória procura estimular nos jovens a capacidade de compreensão dos fenômenos da vida humana, revelando assim, como bem teorizou Antonio Candido (1995) o poder humanizador da literatura.

3.3.4 Aclyse de Matos

Aclyse de Matos nasceu em Cuiabá. Poeta e professor universitário, também é autor de letras de música e roteiros. Participou de diversas revistas e antologias nacionais e internacionais de poesia. Além de *Natal tropical*, sua única obra direcionada ao público infanto-juvenil, escreveu vários livros dos quais destacamos: *Quem muito olha a lua fica louco* (2000); *Um olhar sobre a cidade* (2002) e *Festa* (2012).

Natal tropical (1990), é um conto que se mescla a histórias em quadrinhos. Com 30 páginas, acabamento brochura, foi publicado pela editora Vozes, Petrópolis, RJ. A narrativa revela uma estória de natal diferente das mais tradicionais. O inusitado acontece quando a figura mais importante desse período, o Papai Noel, resolve tirar férias em uma ilha, no Brasil, em pleno mês de dezembro, deixando que um anjinho etíope tome conta de toda a produção de brinquedos. Ilustrado por Patrícia Gwinner, em traço preto permite ser colorido pelos leitores, proposta lúdica que se anuncia na contra capa. Há ainda frases escritas ao contrário para serem lidas com espelho, além de jogos e brincadeiras que se desenvolvem paralelamente em meio a estória.

Mas, mesmo com a descoberta desses autores, que conseguem circular dentro e fora do Estado, que realizam uma literatura que diverte, encanta e ensina modos de ver o mundo, optamos por destacar a produção literária infantil e juvenil contemporânea de outros dois nomes que, no nosso entender, são responsáveis pela efetivação desse gênero no campo literário. Referimo-nos a Lucinda Persona e Ivens Scaff.

Elegemos seus construtos como marcos representativos da literatura infanto-juvenil contemporânea mato-grossense. A produção desses dois autores molda-se por critérios efetivamente literários, posto que utilizam em suas narrativas o encantamento e a efabulação. Apresentam elementos suscetíveis de indagações, de busca, de controvérsias e de complexidade e dialogam com outras literaturas, de diferentes sistemas literários. Oferecem ao leitor, diversidade de temas, de estilos e de recursos e, por intermédio do diverso, reinventam-se, sem perder os emblemas que lhes caracterizam e anunciam.

Lucinda Persona e Ivens Scaff percorrem diferentes caminhos, todavia cada um a seu modo, busca no localismo e na universalidade fixar-se. Na verificação do cenário literário atual, compreendemos que suas poéticas se refazem a cada novo experimento, procurando sempre alcançar o equilíbrio e o caminho que lhes levariam ao estético.

Na efetiva apresentação da obra dos dois autores, interessa-nos marcar seus nomes na história da literatura infantil e juvenil brasileira, por intermédio da leitura analítica de seus textos. Para tanto, começamos por apresentar a escritora Lucinda Nogueira Persona, cuja obra infanto-juvenil se dá apenas, até o momento, pela publicação de dois títulos: *Ele era de outro mundo* (1997), conto publicado pela editora Tempo Presente, apresentação e leitura feitas no segundo capítulo deste trabalho, e *A cidade sem sol* (2000), novela infanto-juvenil que saiu pela editora Razão Cultural, do Rio de Janeiro.

3.3.5 *A Cidade Sem Sol*, de Lucinda Persona

Lucinda Nogueira Persona nasceu na cidade de Arapongas, interior do Estado do Paraná, mas foi em Mato Grosso que constituiu a maior parte da sua obra literária, tanto em poesias como em contos. Na década de 1990, mais precisamente em 1995, lançou o seu primeiro livro de poesias, *Por imenso gosto*, pela Editora Massao Ono. Nesse gênero publicou *Ser cotidiano* (1998), *Sopa escaldante* (2001), *Leito de Acaso* (2004) e *Tempo Comum* (2009), todos pela 7 Letras. Participou da Antologia de contos *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século* (Via Lettera, 2002) e *Fragmentos da alma mato-grossense* (Entrelinhas, 2003). Obteve o prêmio especial no concurso Cecília Meireles da União Brasileira de Escritores, em 1995, com *Por Imenso Gosto* e com *Sopa Escaldante*,

em 2001 e venceu o prêmio Cecília Meireles, da UBE, juntamente com Fabrício Carpinejar. O nome da autora consta no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, de Nelly Novaes Coelho (2002), obra que registra mais de 1400 escritoras em três séculos de literatura brasileira.

Lucinda Persona, além de contos e crônicas, escreve para revistas e jornais da capital mato-grossense. Três anos após o lançamento do seu primeiro livro direcionado a crianças e jovens, *Ele era de outro mundo* (1997), retorna ao gênero com a novela infanto-juvenil *A cidade sem Sol*⁷⁷.

Com capa colorida, assinada por Flavio Soeiro, *A cidade sem sol*⁷⁸ possui 46 páginas, 15 capítulos, formato 13,5x21 cm e acabamento em brochura. Narrada em terceira pessoa, a novela gira em torno dos misteriosos e sobrenaturais acontecimentos ocorridos em Atlântida. A estória da menina que possui o poder mágico de materializar o significado das palavras é marco representativo do gênero *nonsense* na literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso.

As ilustrações de Edmundo Rodrigues, em bico de pena, preto e branco, mantêm convergência com o registro verbal e ocupam poucas páginas da obra, quatro, especificamente.

A narrativa revela as aventuras da menina Mariana. Ela, que passava as férias escolares em Atlântida, isolado povoado junto ao mar e cercado de florestas, vive uma experiência transformadora. A garota conhece o Velho do Mar, homem misterioso que lhe ensina uma brincadeira mágica de encantar as palavras. Munida desse conhecimento, podia transformá-las de simples ideias a realidade. O conflito ocorre a partir do momento que Mariana, empolgada com a novidade, desencadeia sérios transtornos ambientais ao vilarejo.

⁷⁷ Em 2013, a obra foi adaptada para o teatro pela Cia. Thereza João.

⁷⁸ A partir de agora, passaremos a utilizar a sigla ACSS para quando citarmos o livro *A cidade sem Sol*.

Fig. 56: Capa do livro *A cidade sem Sol*.

No primeiro capítulo, intitulado “Não era uma vez”, o narrador, onisciente, insiste em negar a atmosfera mágica que permeia a novela. Na quebra do previsível “Era uma vez”, conhecida fórmula por meio da qual se inicia a maioria dos contos de fadas, ele anuncia: “Não era uma vez Atlântida, isso mesmo, porque Atlântida existe, não apenas no tempo e no espaço desta história, mas também no tempo e no espaço do mundo” (ACSS, p. 09).

No intercruzamento de traços narrativos, que revelam vozes do passado e do presente, são aludidos o tradicional e o novo, o dito e não dito, o era e o não era. A estória começa com a descrição do ambiente e do espaço, ratificando que a cidade existe não somente na história, mas no mundo. O texto ficcional de Persona vai sendo construído e a negação ao mágico e ao maravilhoso, que se manifesta em meio aos relatos, torna-se estratégia narrativa que moderniza a trama

Fig. 57: Ilustrações do livro de *A cidade sem Sol*.

De modo geral, as histórias da literatura infanto-juvenil contemporânea promovem a desconstrução de estereótipos e inscrevem-se na linha da paródia, da crítica social e da negação. Nessa perspectiva, a novela é tomada pelo diálogo intertextual que a aproxima cada vez mais dos antigos contos de fadas. Lembramos que esse tipo de narrativa tradicional apresenta componentes específicos do gênero tais como príncipes, bruxas, fadas, reis, rainhas, entre outros. Mas, no texto de *Persona* ocorre uma reorganização do mito e do imaginário, dos componentes cristalizados, da percepção das coisas e do mundo, fatores que possibilitam uma reordenação de experiências existenciais para o leitor.

3.3.5.1 Nas sendas do literário: encantamento e metalinguagem em *A Cidade sem Sol*

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.
Manoel de Barros

A novela de Lucinda Persona constitui-se de momentos os quais possibilitam entender os acontecimentos ocorridos na trama graças as lembranças do narrador. Somente desse modo podemos acompanhar a jornada, analisar os enigmas e os sobressaltos que se materializam na estória de Mariana, personagem que tem no nome a aglutinação dos substantivos Mar e Ana, este último é o mesmo de sua avó.

No desenvolvimento são revelados detalhes acerca da vida da personagem e da sua família. A menina vivia rodeada por três gerações de mulheres: a mãe Lílian, a avó Ana e a bisavó Cíntia. Elas se reúnem todos os anos na casa de veraneio da família, “uma casa branca como todas e de janelas azuis como poucas” (ACSS, p. 13). Na casa ocorrem estranhos acontecimentos, coisas sem explicação aparente. O narrador conta, por exemplo, que as flores do jardim caíam para formar um tapete colorido, dando boas vindas às visitas e logo depois voltavam as suas roseiras como se nada houvesse acontecido. Nesse clima, cercado de estranhamento, é que se apresenta Mariana, personagem menina, fascinada pelas palavras e pelos seus significados. Por isso, na teia narrativa que se arma, está refletida a magia peculiar da letra, origem das coisas, força vital que alimenta o aspecto lúdico da arte de narrar: “Mariana sabia, desde pequenina, que cada coisa tinha seu nome. E havia muitos nomes dos quais ela gostava de modo especial. Ela era uma grande adoradora das palavras e com elas, secretamente, brincava” (ACSS, p. 17).

No primeiro capítulo de *A cidade sem Sol*, o narrador deixa subtendido que terá de voltar ao passado para contar mais sobre os acontecimentos impressionantes que tomam o povoado: “Sem nenhuma resposta no presente, bom será voltar ao passado de Atlântida. Quem sabe?” (ACSS, p. 10). Na leitura dos capítulos seguintes, a sequência cronológica é interrompida. Acentua-se a mudança de plano temporal, comprovando a opção do narrador na construção do relato: “Tudo havia começado um ano antes, quando ela tinha nove anos de idade. Foi numa tarde, Mariana andava sozinha [...]”. (ACSS, p. 17).

Estruturalmente, a novela é marcada pela evocação (em analepse e pela focalização onisciente) de episódios que explicitam o envolvimento de Mariana com o velho Leandro, conhecido como Velho do Mar. A restituição dos eventos ocorridos um ano antes enfatizam o quanto a menina gostava de ouvir as estórias mirabolantes contadas por ele. A amizade e cumplicidade entre ambos faz com que o velho revele a Mariana os segredos de uma magia. Quem a dominar poderá brincar com as palavras e com aquilo

que elas representam. Na continuidade da estória, os capítulos narram recomendações e ensinamentos para que a menina saiba usufruir do poder mágico. Em discurso direto encontramos as palavras do velho:

- Você deverá procurar uma dessas conchas rosadas que têm uma manchinha branca em forma de estrela, veja, igual a esta que trago na corrente. Quando encontrá-la, embrulhe-a num pedaço de pano. Depois, com um martelo, vá quebrando, quebrando, até transformá-la em areia. Como suas avós fazem, triturando canela para os doces. Entendido?

[...]

- Guarde a areia de concha numa caixinha, para ser usadas aos poucos, isto é, quando você quiser encantar alguma palavra nova. O modo é simples, basta jogar, na direção do mar, um pouquinho da areia e fazer o pedido, recitando baixinho o seguinte:

**Areia de concha,
Que devolvo ao mar,
areia me ajude
à palavra encantar.**

(ACSS, p. 18-19. Grifos da autora)

Valendo-se do artifício de jogar a areia mágica, uma espécie de pó de pirlimpimpim, elemento que suprime as impossibilidades de acontecimentos, Mariana realiza as mais incríveis peripécias com as palavras que ela até então desconhecia. Começou a brincar com as palavras BRISA, BONANÇA, LABIRINTO, COMETA, PÂNDEGA⁷⁹ e outras mais. Seleccionava aquelas que lhes pareciam mais bonitas e diferentes. Em certa ocasião aprendeu a palavra MAREMOTO, entretanto quando a avó lhe explicou o que era, ficou com temor em brincar com algo tão perigoso. Todavia, vez por outra a brincadeira fugia ao controle e o domínio sobre as coisas representadas pelas palavras acabava por trazer confusão. Assim temos:

Um dia Mariana brincou com PÂNDEGA, que é a própria brincadeira, e foi um deus-nos-acuda. A aldeia em peso cantava, dançava, sorria, pulava, de tal modo que a menina, em menos de duas horas, desfez a mágica. E ninguém desconfiava dos motivos daquelas confusões que, vez por outra, aconteciam em Atlântida. (ACSS, p. 21)

Nesse caminhar metalinguístico a narrativa vai se erguendo. A função poética domina a trama, criando imagens inusitadas. Desse modo, Persona, tece uma narrativa

⁷⁹ No livro as palavras estão grafadas em caixa alta.

sutil, em que afirma a importância das descobertas infantis e da força da palavra que, segundo Bachelard (1989, p. 203), “são chaves do universo, do duplo universo do cosmos e das profundezas da alma humana”.

Como num jogo de ideias e descobertas de significados, o recurso metalinguístico viabiliza e expande o mundo ficcional. Em *A cidade sem Sol*, a reflexão sobre a representação e ação dos vocábulos gera o conflito, provocando a adesão e participação do leitor. O mesmo acaba por descobrir, simultaneamente com Mariana, que a palavra é instrumento vivo, que se transforma e renasce. Tudo é palavra. Concreta e/ou abstrata. Ela faz parte de um universo mágico e infinito, trajando o lúdico, o qual aponta para a esteticidade do texto narrativo.

No quinto capítulo, denominado “A palavra estranha”, o narrador apresenta a menina já com 10 anos de idade, novamente na casa da família em Atlântica. Último dia das férias. Justamente nesse dia ela ouve uma estranha e desconhecida palavra chamada lusco-fusco. Considerou que era um termo nem feio nem bonito, porém muito complicado para ser pronunciado. Mariana pensou e repetiu mentalmente esse substantivo composto o dia inteiro. Estava curiosa, queria saber o significado. Sua mãe, dona Lílian, riu, fez certo suspense e depois explicou o interessante fenômeno. “O lusco-fusco é uma transição entre a claridade e a escuridão. Um pedacinho do tempo separando o dia da noite ou vice-versa” (ACSS, p. 25). Na madrugada a menina aparou arestas e no primeiro “clarão avermelhado no horizonte”, após aberta a janela do quarto, “foi até a sua penteadeira, tirou da caixa uma porção da areia mágica e (...) jogou-a ao vento”, novamente chamando seus versos de encantação: “Areia de concha/ que devolvo ao mar/ areia me ajude/ à palavra encantar” (ACSS, p. 26).

Mariana ficava cada vez mais fascinada pela representação da palavra e com a possibilidade de poder brincar com o tempo. Queria brincar o mais rápido possível antes de deixar Atlântida, posto que a mágica só acontecia quando ela estava na cidade. O espetáculo sinestésico de luzes, cores, sons e sombras assim se manifestou:

No céu, as nuvens amontoadas pareciam castelos de algodão colorido. Na areia, era só penumbra. Que lindo!, pensava ela. Os galos começaram a cantar em conjunto, e não alternadamente como sempre faziam. Mariana permaneceu firme em sua contemplação, até sentir os olhos pesados [...] (ACSS, p. 26).

No caminhar da narração, a complicação domina a trama. A personagem se esquece de desfazer o encanto para que o lusco-fusco torne ao seu tempo habitual de duração. Ela, tomada por um sono intenso, mal consegue abrir os olhos quando é chamada a se levantar para viajar. Não se dá conta de como estava o povoado. Retorna a sua cidade, deixando o pequeno lugar e toda a redondeza desprovida da luz do sol.

Mariana acorda apenas em Montessol, em sua casa. Então se lembra de que não havia desfeito o encanto. Mesmo consciente da sua trapalhada e tomada pela angústia, descobre que nada poderia fazer, somente esperar as próximas férias para poder retornar a Atlântida. Acompanha os noticiários e vê o desespero da população daquele lugar. Todos se encontravam assustados e ninguém tinha uma resposta para o que estava acontecendo. O seu esquecimento resultara na mudança da paisagem. Com a ausência do sol – principal distinção entre o dia e a noite, o desequilíbrio ecológico foi instaurado. O terrível fenômeno afeta a vida de animais, plantas e, conseqüentemente, das pessoas. Como espectador de toda a catástrofe, o narrador mostra como tudo se transforma:

As plantas e os insetos haviam sofrido curiosa modificação na cor. Os vários tons de verde, que antes predominavam nas folhas e caules, foram desbotando, desbotando, até se perder. As folhas adquiriam a cor de prata fosca. As borboletas imitaram as folhas prateadas, e os insetos, de um modo geral, cor de prata se tornaram. Não mais se viam os besouros azuis e amarelos, nem as fabulosas joaninhas pintadas. Outros animais também perderam a cor. Os lagartos, originalmente verdes, apareciam como esbranquiçados monstregos nos jardins destruídos (ACSS, p. 31-32).

A desordem nas fases da lua, nas estações do ano e no clima da região fez com que vários cientistas tentassem descobrir as causas, sem resultado positivo. A cidade sem sol era manchete de primeira página em vários jornais. Somente o Velho do Mar sabia o que estava acontecendo, que tudo fora resultado da distração de Mariana. Ela não havia tido responsabilidade devida com a magia que ele lhe passara. No entanto, o velho, naquele momento, não poderia interferir. A única coisa a fazer seria esperar pelo retorno da menina a Atlântida, coisa que não ocorreu nas férias seguintes posto que os pais dela resolveram viajar para outro lugar. O estado de Mariana, frente ao grande desastre e a espera para poder voltar à cidade prometida, assim é relatado:

Mariana deixou-se levar pela vida e pelo tempo. Muito aborrecida, ia sentindo o peso de cada minuto. Os meses seguiam lentos, como jabutis na floresta. Tristes notícias continuavam a chegar de Atlântida, há mais de um ano no lusco-fusco. Os fatos estavam nos jornais, rádio e televisão. (ACSS, p. 31)

No décimo capítulo, denominado “Voltando para Atlântida”, a personagem teve de usar dos seus recursos retóricos de infância para demover a mãe e as avós a voltarem para o litoral e para, sobretudo, desfazer a intempérie que provocara. O lugar não mais era procurado pelos visitantes devido ao estado em que ficara. E ela precisava desnovelar os acontecimentos.

- Mãe, mãezinha, por favor, vamos para Atlântida. Você percebeu que há dois anos não voltamos para lá? Sempre fomos quando tudo corria bem. (...) Estou com saudades dos meus amigos. Vamos, mãe, vamos?! – acabou de falar com a voz sumindo e, pela primeira vez, uma nuvem de choro dentro dos olhos (ACSS, p.33).

O capítulo seguinte, nominado “Com susto”, apresentará o estado real das coisas: “Atlântida possuía agora um ar tristíssimo. Estava imersa num gelado silêncio” (ACSS, p. 35). Esse estado de coisas fez a menina chorar. Apavorada com tudo o que estava vendo correu para o seu quarto, na casa da praia, a procura da pequena caixa com a areia mágica. A areia não possui mais a cor original, era um pó de cor estranha, sem vida. Mesmo assim Mariana cumpriu o ritual para o desencantamento. A menina esperou por algum tempo e nada. Percebendo que a areia não mais funcionava, criou coragem e saiu à procura do Velho do Mar. Teria que enfrentar a ira de seu mestre para poder colocar um fim a toda aquela tragédia.

A cabana onde morava o Velho do Mar estava abandonada. Ela gritou, gritou e não obteve resposta, como a porta estava aberta entrou. Ficou surpresa quando descobriu que as paredes eram forradas de conchas cor de rosa, necessárias para fabricar o pó mágico e desfazer o lusco-fusco. No canto da sala, em uma mesinha, encontrou uma concha circular e rosada, solta, pronta para ser transformada em pó. Maria não teve dúvidas, pegou o instrumento de salvação que o Velho deixara para ela. Depois de obter a areia jogou-a imediatamente em direção do mar, pronunciou os versos necessários para

quebrar o terrível encanto e “Pedi o fim urgente do lusco-fusco e que Atlântida voltasse a ser feliz. A poeira da concha flutuou até o mar e desapareceu” (ACSS, p. 38).

Quase no desfecho da novela, quando o leitor imagina que Mariana conseguirá solucionar os conflitos com a sua abracadabra, o narrador relata que seis horas depois de jogar a areia ao mar o lusco-fusco dá lugar a uma escuridão sem fim, coisa que ninguém jamais vira. “Uma escuridão sem lua, nem estrelas. Nada.” (ACSS, p. 39). Mais uma vez o desespero toma a cidade, sem saber o que fazer a população do lugar vai para suas casas e dorme, inclusive a menina, que inconformada, adormece cheia de esperança. Esta, personificada e metaforizada sai quietinha do coração da menina, dá uma volta pelo quarto, pela casa toda, escorrega pelo vão da porta e sai “voando para a escuridão como um grande pássaro verde. E foi buscar o sol” (ACSS, p. 40). Finalmente, no penúltimo capítulo, cujo título é “O fim do lusco-fusco”, Atlântida, a bela cidade adormecida, desperta do seu sono letárgico após doze horas de intensa escuridão.

Ao longo da narrativa de *Persona* vislumbra-se o intuito estético-poético. Todo o relato, todo o movimento dos personagens, toda a descrição do espaço são postos em uma atmosfera lúdica, mágica e envolvente. Tudo o que acontece, as peripécias e ações são metáforas impulsionadas por palavras. Em linhas leves ou sinuosas, o inesperado, o lúdico e o insólito, amalgamam-se para criar um conjunto de imagens. O mundo de Mariana, de amplas dimensões, se torna possível através da/e pela palavra, força linguística que se materializa em toda a trama. Diante desse processo tem-se uma autenticidade inquestionável quando se pensa na imagem poética criada na novela infanto-juvenil de *Persona*. Ela, a imagem, nos coloca diante de uma realidade concreta. Acerca desse movimento, Octavio Paz (2003, p. 114) conceitua:

Designamos con la palabra imagen toda forma verbal, frase o conjunto de frases, que el poeta dice y que unidas componen un poema. Estas expresiones verbales han sido clasificadas por la retórica y se llama comparaciones, símiles, metáforas, juegos de palabras (...), símbolos, alegorías, mitos, fábulas, etc. (...). (PAZ, 2003, p. 114)

Mas enfim, após a temida escuridão, o lusco-fusco começa a desaparecer: “E não demorou muito para que vissem a primeira promessa do sol: um leque dourado saindo do mar, na linha do horizonte [...]”. (p. 43). O tecer narrativo, que já se aproxima do final, é encantador. Mariana, agora aliviada, corre a procura do Velho do Mar, mas nada encontra.

A cabana não mais estava no lugar, tampouco o Velho. Seria essa a solução que ele encontrara para que Atlântida fosse salva? No desfecho da narrativa não há solução para o estranho desaparecimento da cabana, e do seu morador. O narrador não explica nada, não oferece resposta. Não há “soluções fechadas ou absolutas” (COELHO, 2000, p. 152). O que se coloca é uma nova situação a ser selecionada. As peripécias e os conflitos parecem não ter fim. Fica para o leitor tentar desvendar os mistérios que se apresentam.

A menina pensou e pensou. De coração partido, jurou que nunca mais voltaria a usar a areia mágica das conchas para encantar as palavras. E Atlântida, mítica, assim como a lendária ilha que aparece pela primeira vez nos diálogos “Timeu” e “Crítias”, do filósofo grego Platão, recupera a sua vida, sua luz, graças ao poder mágico das palavras para voltar ao leito de sua estória.

Na última página do livro Mariana acorda com o chamado de sua avó Ana: “- Vamos querida, levanta rápido, partiremos daqui a pouco para Montessol. Já estamos atrasadas”. (ACSS, p. 46). Nesse momento ficamos sabendo então que tudo não passou de um sonho da menina, ela estivera sonhando o tempo todo:

Mariana, admirada, demorou para entender que estivera sonhando o tempo todo. Um longo sonho num pedacinho da madrugada
- Meu Deus! Como é possível – murmurou ela, esfregando os olhos. E foi pensando: Que confusão, acho que sonhei mesmo”. (ACSS, p. 46).

Parece que todos os acontecimentos fantásticos ocorridos em Atlântida são obras do elemento onírico. Assim como a Alice de Lewis Carroll, Mariana é desperta e sai do seu fantástico mundo. Depois de um banho, vestiu-se e foi tomar o café da manhã com a mãe e as avós. Pela janela aberta, viu o sol amarelo e brilhante. Ufa! Que alívio!, pensou”. (ACSS, p. 46). Desse modo, o que se conjuga na narrativa de Persona é a metáfora do sonho, escolhida para justificar as aventuras vividas pela personagem.

O sonho é uma experiência que possui múltiplos significados sob os pontos de vista da religião, da ciência e da cultura. Em diversas tradições culturais e religiosas, o sonho aparece revestido de poderes premonitórios ou representa mesmo uma expansão da consciência. Para Freud (apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 2005, p. 844) o conteúdo de um sonho é, em última análise, “a realização dos nossos desejos”. Para Jung

(1987) os sonhos não seriam apenas reveladores de desejos ocultos, mas sim uma ferramenta da psique que busca o equilíbrio por meio da compensação. O autor aponta os sonhos como forças naturais que auxiliam o ser humano no processo de individualização, posto que é uma forma de o inconsciente se expressar.

Em *A cidade sem Sol*, o onírico é também uma outra maneira de negar o maravilhoso, o encantamento provocado pelo sobrenatural. Mas, na cadeia de episódios que formam essa narrativa a intervenção de uma ação mágica e a sua constante negação é elemento articulador, estratégia narrativa, colocadas uma após a outra, sugerindo que o sonho e a chamada realidade que existe no tempo e no espaço da estória, sejam, no fundo, a mesma coisa. Podemos então perguntar: sonho vira realidade? a realidade é sonho? Assim, fornecendo resoluções camufladas e utilizando arquétipos, a autora constrói, ao seu modo, um conto de fadas, gênero que segundo Betelheim (1980), diferentemente do mito, têm sempre um final positivo, representando por linguagens de símbolos os conteúdos inconscientes.

A narrativa analisada possui todos os ingredientes que a ligam a esse gênero. Ainda que por outros vieses, sugere o despertar para novo mundo, representado pela busca da menina Mariana pelo desconhecido mundo da palavra. Há a intervenção de uma ação mágica, a areia da concha, fator que provoca a passagem de uma situação para outra. Possui como personagem um ser encantado, uma espécie de mago; o Velho do Mar. O final da estória sugere também o despertar do mundo interior. A esse respeito Mircea Eliade (*apud* BETTELHEIM, 1980) afirma que os mitos e os contos de fadas dão expressão simbólica a ritos de passagem, representando a morte simbólica de um antigo “eu” para o renascimento de uma nova identidade. Assim, a personagem Mariana após vivenciar momentos de angústia e espera, aprende a lidar com os riscos de aventurar-se pela imensidão do mundo real e imaginário, dos signos e dos significados.

Os mistérios e a fragilidade dos seres e das coisas, metaforizados pelo desequilíbrio do ecossistema promovem o crescimento existencial da personagem e dos leitores que se aventurarem pelo emaranhado mundo dos sentidos, lugar pleno de significação. Mas, importa observar que tudo é simbolizado e sugerido não na forma didática ou moralizante, mas revelado pela própria construção estética.

Ao final do livro segue a dúvida: Mariana sonhará? Pode interrogar-se o leitor. Será mesmo um faz de conta? A hesitação para com a resposta aumenta quando o narrador

encerra o seu relato: “Desde aquele dia, duas coisas aconteceram em Atlântida: o Velho do Mar realmente desapareceu e, sobre a cidade, pairou uma grande e rosada nuvem mágica” (ACSS, p. 46). Assim, em todo o processar da trama, ocorre a imprevisibilidade, o acréscimo de nova informação e a surpresa, fatores que garantem o modo peculiar de estruturação do texto literário. Nesse sentido, o domínio da função artística é evidente. A questão do estético, categorizado no paradigma B (menos utilitário/mais estético), segundo a perspectiva de Mendes (1994), permeia o fazer poético de Lucinda Persona. Sua narrativa trilha caminhos próprios, buscando o poder renovador da arte. As várias possibilidades, o buscar por respostas provocam o preencher das entrelinhas, possibilitando os diálogos, reciprocidades e ressonâncias estéticas percebidos no fazer da autora, na arte literária que sacramenta o gênero infanto-juvenil em Mato Grosso.

3.3.5.2 O Velho do Mar: e foi assim que aconteceu

- Velho do Mar! Me conta mais uma história

Lucinda Persona

Narrar é uma característica humana que faz parte de todas as culturas. Desde sempre contamos e ouvimos histórias. Ao se contar cria-se imagens, revive-se o imaginário, o que possibilita o surgimento espontâneo dos arquétipos. Definido por Jung (2008) como imagens primordiais ligadas ao patrimônio imaginário da humanidade, os arquétipos são encontrados em sonhos coletivos, mitos, narrativas e contos de fadas, por isso podem renascer espontaneamente em qualquer lugar e tempo.

Em *A cidade sem Sol* a presença dos arquétipos, como a do velho sábio, é fator que move e justifica toda a trama. A presença do velho Leandro dinamiza toda as ações da protagonista. Por intermédio da contação de histórias e de seus ensinamentos, ele fortifica os laços de amizade com a menina Mariana. Tradicionalmente detentores da palavra, os velhos são configurados como “elementos ativos de cuja ação depende, algumas vezes, a solução para o conflito narrativo”, esclarece Padilha (1995, p. 09), ao analisar as tradicionais narrativas africanas. Ainda nas palavras da pesquisadora eles são necessários “para que a ordem se mantenha e os destinos se cumpram” (idem, p. 21).

A afinidade entre o velho e a criança, comum nos contos populares tradicionais, metaforiza um elo a interligar diferentes gerações, diluindo as fronteiras entre espaços e tempos. Na formação das letras brasileiras, destinadas às crianças, encontram-se a representação da sabedoria associada aos velhos que tinham histórias para contar. O ato de contar, de ouvir histórias, vivificados na narrativa de *Persona*, revalidam a universalidade que reside na obra. O contar é trocar, compartilhar vivências e saberes. Trata-se de escutar a voz dos que têm algo a relatar.

Assim, pela linha que se tenta estabelecer nessa leitura, o encontro da menina com o Velho misterioso, que vivia entre o mar e a terra, alude sobre a importância da palavra no universo. Palavra que transita entre a oralidade e a sua materialização. Ela é o instrumento de criação, que movimenta a diegese. É força que impulsiona o ser, a vida, as coisas. Na novela de *Persona* é ela quem irá destruir a paz, quebrar a normalidade, elucidando assim a tentativa do homem de apropriar-se de uma parte importante da força que irriga o universo.

Fig. 58: Ilustração de *A cidade sem Sol*.

No estudo das narrativas oriundas dos países africanos de língua portuguesa também, na cosmogonia africana, encontramos que “palavras são eficazes, pois carregam energias” (MUNANGA, 1986, p. 61). Discute-se a existência de uma força cósmica, que pode ser integrada ao homem por meio da palavra, agente ativo da magia que habita o universo. Nesse sentido, compreendemos que Persona constrói sua teia literária dialogando com a literatura de outros sistemas, com os símbolos e arquétipos, oriundos da tradição, das formas orais, num invariável retorno, numa anterioridade mítica. Sua produção ressoa esteticamente, impulsionando contatos marcados pelo caráter artístico sagrado e imortal da literatura.

Na novela analisada o encantamento é provocado pela presença do Velho do Mar. Homem misterioso que aparecia e desaparecia dos lugares sem que as pessoas percebessem de onde vinha ou para onde ia. A descrição e explicações acerca do personagem garantem o clima mágico que o envolvia:

O Velho do Mar vestia-se de branco, era alto e magro, mas tinha gente que apostava que ele era gordo. Trazia no pescoço um cordão de prata com um crucifixo e uma pequena concha cor-de-rosa. Vivia rodeado de crianças, e todas elas sabiam quando ele estava em alto-mar, porque acima do seu barco aparecia um arco-íris.

“O velho do Mar apareceu por aqui depois de um forte nevoeiro de três dias”, contavam certos pescadores. “Que nada! Ele foi visto pela primeira vez por ocasião de um ciclone que levou as folhas de todas as árvores”, diziam outros. E havia uma versão mais fantástica sustentando que aquele homem tão bom e diferente viera de um planeta onde o céu não era azul, mas sim cor-de-rosa. Diziam que ele viera para Atlântida como um anjo da guarda. (ACSS, p. 17-18)

Na trajetória da literatura infanto-juvenil muitos escritores criaram enredos com personagens sobrenaturais. Esses seres narrativos, repletos de simbologia, ficaram cristalizados no imaginário mundial. Na narrativa em análise percebemos a presença marcante do arquétipo do ancião. Visto como guardião do conhecimento o Velho é o condutor das cerimônias pelas quais o aprendiz ingressa nos mistérios, no mundo do desconhecido, cujas portas são abertas. A ele foi dada a tarefa de ensinar e proteger os heróis e lhes darem certos dons. Em *A cidade sem Sol* é o Velho Leandro quem ensina à Mariana a mágica causadora da catástrofe no vilarejo, mas também será ele quem irá auxiliá-la na solução do problema. A intervenção do arquétipo na trama dá-se através do caráter positivo e também negativo da sua magia, o que pode justificar os confrontos e

tomada de consciência pela menina. Ela aprenderá, por intermédio das suas atitudes e das lições que recebe dos nove aos onze anos de idade, sobre a ordem natural das coisas na natureza enquanto elementos vitais, força que completa o círculo de vida do universo.

3.3.5.3 No reino das águas claras: contar é preciso

A estória da menina e do velho, repleta de magia e encantamento, traz ainda outros elementos que traduzem, de certa forma, o rico imaginário de *Persona*: a presença do mar. Desde os tempos remotos o oceano foi considerado pelo homem como um elemento misterioso, que aguçava o imaginário coletivo. Seu simbolismo geral aproxima-se do da água, um dos quatro elementos que serviram e ainda servem como fontes inesgotáveis para os devaneios criadores (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2005).

O mar é lugar de nascimentos, renascimentos e transformações. As águas marítimas, em movimento, podem também significar o estado transitório da existência, a incerteza e a dúvida. O ininterrupto movimento simboliza o inexorável fluir do tempo. Conforme trazem Chevalier & Gheerbrant (2005), na cultura greco-romana era comum oferecer ao mar sacrifícios animais para pedir abundância e fertilidade e acalmar os deuses e as figuras fantásticas que povoavam suas águas. Poseidon, para os gregos, e Neptuno para os Romanos, era o deus do mar. Pelos gregos era considerado um deus traçoeiro, pois não confiavam nos caprichos do mar. Ele é representado através de uma figura robusta de barba e ornado com elementos marinhos como conchas, algas e peixes.

Em *A cidade sem Sol*, o mar, substância arquetípica onipresente na história e na estória, será a porta de passagem entre o mundo mítico e o mundo real, nesse caso o mundo verossímil da narrativa. O mar e a paisagem marítima dominam o espaço da ação.

O mar, o nevoeiro, a cidade localizada a beira mar, a casa, a praia, o velho que veio do mar bem como a magia e o desastre ecológico, a incerteza e o medo da menina Mariana são elementos estruturadores da diegese, lugar onde o fantástico e o estranho são uma constante. A paisagem marítima ocupa espaço central, lugar literário povoado de mitos e reminiscências históricas, de letras e de imagens que se interagem poeticamente.

Octavio Paz (2003, p. 371) observa que “Cada poeta inventa su propia mitología y cada una de esas mitologías es una mezcla de creencias dispares, mitos desenterrados y obsesiones personales”. Na história de *Persona*, o mar é a fonte de onde tudo brota. Símbolo da dinâmica da vida, tudo sai das águas marítimas e tudo retorna (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2005). Na trama, é de lá que vêm as conchas, matéria prima para produzir a areia encantada que irá materializar os sentidos das palavras. Também é das águas a origem do velho Leandro, conhecido por todos como Velho do Mar. Esse personagem possui na sua aparência semelhança com a descrição de Poseidon: de barba branca, ornado com elementos marinhos (a concha). Seu aparecimento em *Atlântida* deu-se por vias incertas. Para alguns foi depois de um forte ciclone, para outros, depois de um forte nevoeiro que pairou sobre o oceano, contavam alguns pescadores, aumentando ainda mais o clima misterioso e mítico que envolvem o velho e a paisagem da cidade litorânea.

O semantismo das águas na obra estudada está também no nome da cidade: *Atlântida*, espaço narrativo que tem como função situar as ações das personagens. Esse nome reporta-nos a lendária cidade perdida, mencionada desde a antiguidade, que nunca se configurou na cartografia medieval. Segundo consta em Platão (428-347 a.C.), em “*Timeu*” e “*Crítias*”, *Atlântida* era uma potência naval localizada na frente dos Pilares de Hércules. Platão descreveu o local como uma terra de grande riqueza e beleza natural. Mas, depois de uma tentativa fracassada de Atenas de invadi-la, numa época de degradação moral desta sociedade, a cidade afundou no oceano, destruída por terremotos e inundações, num dia fatídico.

O imaginário sobre a cidade submersa pelas águas do mar é reiterado diversas vezes pela literatura universal. Valendo-se dessa lenda, desse horizonte predominantemente mítico e fantasioso, Lucinda *Persona* converte a sua *Atlântida*, que também fica a beira mar, em uma cidade engolida pela quase escuridão provocada pelo lusco-fusco. Mas ao contrário da cidade que teve um trágico fim, *Atlântida*, em *A cidade sem Sol*, consegue superar o desastre ecológico e volta a ser iluminada pelo astro celeste.

Nos diálogos que se travam, a partir das simbologias do mar, da cidade, do velho e da menina a narrativa revela o seu caráter mítico e maravilhoso. O maravilhoso, conforme encontramos em Chiampi (1980, p. 48), “é tudo o que é produzido pela intervenção dos seres sobrenaturais”. Há uma ausência do princípio de causalidade que outorga aos acontecimentos extraordinários, aos personagens sobrenaturais, aos espaços imaginários e ao tempo fictício uma legitimidade a priori. Segundo a referida crítica, o

conto maravilhoso relata acontecimentos impossíveis de se realizar dentro de uma perspectiva empírica da realidade, sem aos menos referir-se ao absurdo que todo este relato possa parecer ao leitor.

Nesse liame, no universo literário de *Persona*, prevalece a fantasia sobre a razão. O universo irreal domina a novela. A carga mágica e sobrenatural não é apagada, mesmo quando o narrador faz, por poucos momentos, parecer que tudo foi fruto de um sonho. Nessa produção, que se destina a crianças e jovens, busca-se delinear experiências, história e fantasias. Nos voos imaginários materializados ao longo de toda a trama e relatados pelo narrador, constatamos as nuances de um trabalho que almeja o estético, mostrando, ao mesmo tempo, “simplicidade criadora, audácia poética e comunicação adequada” (MENDES, 1994, p. 22).

O jogo de ideias e descobertas de significados viabiliza e expande o mundo ficcional. As proporções das palavras, fator que marca a gênese da novela e promove todas as peripécias, ligam-se à grandeza, sublimação, beleza e verdade das coisas nomeadas. Do reino mágico de Atlântida, banhado pelas águas do mar e movimentado pela força peculiar das letras, vem o encanto e a fascinação ante o aspecto lúdico do texto convidando à leitura e emocionando o leitor. Conhecer essa literatura é adentrar na água densa dos sentidos metafóricos, entrelaçados, obscuros, complexos, míticos. A recompensa é a descoberta.

3.3.6 *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Cuiabano Scaff

Ivens Cuiabano Scaff é protagonista na história da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso. Natural de Cuiabá, é poeta, contista, autor teatral, professor universitário e médico infectologista. Publicou, além dos títulos direcionados a crianças jovens, três livros de poesia: *Nova poesia de Mato Grosso* (1986), *Mil Mangueiras* (1988), *Kyvaverá* (2011). Recentemente foi eleito para ocupar a cadeira 7, na Academia Mato-Grossense de Letras.

Acerca da sua produção infantil e juvenil, foco da nossa pesquisa, registramos, em ordem cronológica os títulos *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (1996), *A fábula*

do *Quase Frito* (1ª ed. 1995 e 2ª ed. 1997), *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* (1999), todos pela editora Tempo Presente; *Uma simples maneira de voar* (1ª ed. 1997 e 2ª ed. 2006), *O menino órfão e o menino rei* (2008) e *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (2012), estes publicados pela Entrelinhas Editora.

Os contos infanto-juvenis de Scaff promovem e valorizam o espaço e a cultura regional. Seu discurso poético se insere em um contexto de contínuo processo de construção de identidade cultural, mas não se fecha nos limites do regionalismo. A universalidade contida em suas narrativas assume contornos singulares, rompendo fronteiras que limitam o homem, a criança, o tempo e o espaço. Em seu construto literário, verificamos o valor estético de sua obra. Fatos e modos de vida fogem do referencial, do previsível, para tornarem-se matéria prima das suas narrativas. Desse modo, é a constituição mágica da palavra que propicia o pensamento lúdico e a busca aventureira da infância. No exame da produção literária de Scaff, voltada ao público infanto-juvenil, visualizamos a manifestação do inventivo, do fazer criativo do texto, “motivador da desautomatização de hábitos lineares de leitura”, conforme conceitua Mendes (1994, p. 13).

Nos vários diálogos promovidos pelo autor, encontramos ressonância nas narrativas de tradição, como em contos de Charles Perrault, Andersen, como também na moderna literatura infantil de Monteiro Lobato, todos lidos na infância de Scaff, conforme contou-nos em entrevista (transcrita em anexo). Assim, como o criador do Sítio do Picapau Amarelo, o autor mato-grossense, ao escrever histórias para crianças, torna-as protagonistas de seu cenário narrativo. Elas são livres para viver grandes aventuras, para dialogar com os adultos, ouvir e dar opinião.

Em outro ponto de convergência estão a inserção e valorização de mitos e lendas. No conto *Uma maneira simples de voar*, o resgate das brincadeiras, da linguagem simples e bem humorada oferece uma leitura que fala a imaginação⁸⁰. Scaff, elege elementos constituintes do folclore local e nacional, valorizando as riquezas culturais.

Utilizando uma linguagem clara, objetiva e acessível às crianças, consegue misturar o insólito e o cotidiano, o real e o imaginário. Dessa forma, o autor tece a sua

⁸⁰ Em entrevista ao programa “Literatura em foco”, em 20/03/2007, do canal Amazon sat, Ivens conta que quando leitor dos clássicos livros infanto-juvenis, transportava todas aquelas histórias para o seu habitat, para as paisagens que lhes eram familiares: usina de cana de açúcar, a beira do rio Cuiabá, o cerrado, etc. Quando começou a escrever para crianças tratou de preencher as suas narrativas com paisagens locais. Importante registrarmos que o programa é transmitido via satélite, a cabo e pela internet.

narrativa contando a estória de personagens reconhecidos, acontecimentos vividos, mas sem fazer distinção entre o maravilhoso e a realidade. A esse respeito, analisando a produção brasileira voltada para o público infantil e juvenil, Coelho (2010) revela:

A literatura híbrida parte do Real e nele introduz o Imaginário ou a Fantasia, anulando os limites entre um e outro. É, talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras. Os universos por ela criados se inserem na linha do Realismo Mágico. Comumente, seu espaço, básico é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, onde de repente entram, de maneira natural, o estranho, o mágico, o insólito...É a linha inaugurada entre nós por Monteiro Lobato com as mil e uma aventuras vividas no “Sítio do Pica-Pau Amarelo”. (COELHO, 2010, p. 291)

Em sintonia com essa linha, Scaff elege o espaço e a cultura regional para revelar ao grande público, os costumes, a simplicidade das antigas brincadeiras, a geografia e a diversidade da fauna e da flora local. Mas, ao mesmo tempo, introduz na narrativa o irreal, o quimérico, articulando então o maravilhoso e a realidade no reconhecido cenário mato-grossense.

Fig. 59: Ilustração do livro. Capítulos “O acidente” e “O minhocão”.

O texto não verbal de Marcelo Velasco⁸¹, apresentado na sequência, para as páginas de *Uma maneira simples de voar* (2006), também narra essa mistura.

Com a efetiva leitura do citado conto, reafirmamos nosso interesse em marcar o nome do autor na história da literatura infanto-juvenil brasileira, por intermédio da leitura analítica de seu texto. A arquitetura da sua força criativa continua sendo por nós revelada.

3.3.6.1 A obra e a sua composição: diálogos com o imaginário

A segunda edição de *Uma maneira simples de voar*, publicada em 2006, pela Entrelinhas Editora, recebeu um novo formato. Possui 64 páginas, 19,5x 26,2 cm, acabamento em brochura. As ilustrações, agora coloridas, assinadas por Velasco, são as mesmas que compuseram a primeira edição do livro, a de 1997.

Na feitura dos desenhos Velasco utilizou técnicas diversas. Preencheu-os com tinta a óleo, acrílica e aquarela. O artista utilizou papel de texturas variadas como opaline, schuller e cartão, além de ferramentas como o aerógrafo nas ilustrações, que estão em quase todas as páginas do livro, dividindo espaço com o texto verbal.

Na capa, além da ilustração e do título, há o nome do autor e do ilustrador. A imagem mostra duas crianças de mãos dadas. O menino e a menina, descalços, com os pés sujos de terra e asas nas costas, voam rumo a uma paisagem que remete-nos aos paredões do parque nacional da Chapada dos Guimarães, localizado próximo a Cuiabá. A ilustração da capa, depois repetida na última página do livro, já antecipa o enredo e indica a essência mágica da trama.

⁸¹ Marcelo Velasco é artista plástico, ilustrador, arte-educador e professor no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Possui graduação em licenciatura em Educação Artística pela Universidade de Brasília e mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Fig. 60: Capa da 2ª edição do livro *Uma maneira simples de voar*.

Na composição desse cenário Velasco utilizou cores quentes (amarelo, laranja e vermelho) e frias (azul e verde), ressaltando a associação entre os elementos naturais sol, fogo, água, céu e as árvores. A atenção para com a capa possibilita a rápida identificação da narrativa como pertencente ao gênero infanto-juvenil, antes mesmo do livro ser aberto. A materialidade da obra ajuda a estabelecer a relação com o leitor, antecipando o conteúdo e prometendo surpresas.

Ainda sobre os elementos pré-textuais observamos que na abertura há uma folha de guarda, na cor azul. Trata-se de uma única folha de papel dobrada ao meio, colocada na frente e atrás do corpo do livro. Na folha de guarda da frente há uma figura em cor branca, representando os vales e os paredões da Chapada dos Guimarães.

Fig. 61: Folha de guarda.

Destacamos também a folha com o sumário. Esse, além dos títulos dos capítulos, 21 (vinte e um) no total, e seus respectivos números de páginas, conta com uma ilustração de Velasco. A figura reporta-nos a uma personagem da estória, Siá Frô, uma velha senhora, com traços e características bem marcados: lábios grandes, nariz largo, com uma bengala, xale e lenço na cabeça. A presença da ilustração nos elementos pré-textuais da obra continua indicando a intenção de atrair a criança, despertando-lhe o gosto pela leitura, através do contexto lúdico e prazeroso. O uso do recurso ilustrativo serve como elemento decorativo e também de reforço para contextualização da trama, causando assim uma relação de subordinação e transmitindo as mensagens pretendidas pela narrativa.

Na obra em análise, ressaltamos os títulos dos capítulos denominados “O cerrado dos caminhos que se cruzam”; “A menina perguntadeira”; “O velho que respondia”; “A chuva”; “A memória dos peixes”; “A vida das espumas”; “Estória de Amis”; “O povo da água”; “O acidente”; “A floração das mangueiras”; “No meio do rio”; “Começa a busca”; “A palavra poderosa”; “O minhocão”; “Uma fita de cabelo e uma velha”; “Uma velha, uma vela e uma caixa”; “Preparado o banho”; “Hora de acordar”; “O touro azul” e “Uma maneira simples de voar”. Os títulos, narrativos, resumem de alguma maneira a essência da estória e transmitem ao leitor a emoção, a sensibilidade e o rico imaginário contido na obra.

Prof.º Renato Soares B. Nilton

Sumário

O cerrado dos caminhos que se cruzam,	8
A menina perguntadeira,	12
O velho que respondia,	15
A chuva,	19
A memória dos peixes,	24
A vida das espumas,	22
Estórias de Amis,	24
O povo da Água,	26
O acidente,	30
O menino Andriel,	33
A floração das mangueiras,	35
No meio do rio,	36
Começa a busca,	38
A palavra poderosa,	40
O minhocão,	42
Uma fita de cabelo e uma velha,	44
Uma velha, uma vela e uma cuia,	46
Preparando o banho,	48
Hora de acordar,	52
O touro azul,	54
Uma maneira simples de voar,	57
História da obra, segundo o autor,	60
O ilustrador e o autor,	62

Fig. 62: Página do sumário do livro.

Resumidamente, podemos dizer que o tema central de *Uma maneira simples de voar*⁸² é a amizade. Os laços que unem os velhos e as crianças são exaltados, revelando o convívio prazeroso e rico entre as diferentes gerações. Na estória, a sabedoria e a prática são compartilhadas. A relação é de companheirismo, alegria, compreensão e ternura.

Num outro prisma, a presença do ancião na narrativa ilustra a importância de se difundir as tradições e manter as referências culturais. Nas reminiscências do velho Amis, homem simples, que gosta de contar estórias, voltamos ao tempo do aprendizado e do cultivo. Só quem tem muitas memórias pode contá-las para quem está ávido por ouvi-las.

No início do conto, no primeiro capítulo intitulado “O cerrado dos caminhos que se cruzam”, o narrador, onisciente, intruso, fala com o leitor, incitando-o a começar a caminhada rumo ao sítio, espaço narrativo, cenário da ação onde mora o velho Amis. Servindo como guia, a voz narrativa indica o local, mostra o melhor caminho a seguir. Mas, muito além de descrever a paisagem rural e relatar as transformações ocorridas na

⁸² A partir de agora, passaremos a utilizar a sigla UMSV para quando citarmos o livro *Uma maneira simples de voar*.

região, a presença dessa voz intenciona indicar o caminho que leva o leitor a adentrar no mundo da narrativa e desvendar o imaginário fabular.

A imaginação, segundo Bachelard, (2001), é o lugar do movimento e da interferência, palavras que iniciam novos voos psíquicos, representa um convite à viagem.

Para o teórico:

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens, não há imaginação, não há ação imaginante (BACHELARD, 2001, p.01).

Nesse prisma, continua Bachelard (2001), o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário, e é graças ao imaginário que a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. “A verdadeira viagem da imaginação é a viagem ao país do imaginário, no próprio domínio do imaginário”, conclui o estudioso (ibidem, p.05). A partir dessa concepção, chegamos a literatura, fonte repleta de sensações, emoções, ideias e criações, que almeja nutrir a criança, o jovem e o adulto, fazendo-os viajar e sonhar. Nesse prisma, o sítio do velho Amis só poderá ser detectado pelos radares da imaginação. Igual a Atlântida, a cidade sem sol de Lucinda Persona, ou o Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato, esse lugar é mais um de outros tantos que compõem o extenso mapa criado pela literatura. O narrador explica:

É fácil. Pode parecer difícil. Mas não é. Assim como quase todas as coisas. Se você olhar bem, conhecer, o que parecia confuso fica claro. Por isso, se você não conseguir no início, não tenha pressa. Volte todo o caminho e comece tudo de novo”. [...]. Por isso, não desanime. Você segue no rumo daquelas olarias velhas. Agora, lá, só existem aquelas lagoas fundas, cheias de aguapés e sapos. (UMSV, p. 09-10).

Em outra perspectiva encontramos os estudos de Coelho (2000, p. 153). Observando as características estilísticas e estruturais de obras da literatura infantil-juvenil contemporânea, a ela ressalta que “a voz narradora mostra-se cada vez mais familiar e consciente da presença do leitor”. Para a autora:

Seja em 1ª pessoa (narrativa confessional, intimista ou testemunhal), seja em 3ª pessoa (narrador onisciente), ou ainda, a de um eu que se dirige constantemente a um tu que permanece silencioso, a voz que narra mostra-se atenta ao seu possível leitor ou destinatário, revelando com isso não só o desejo de comunicação (inerente a todo ato literário ou linguístico), mas também a consciência de que é desse leitor/receptor que depende, em última análise, o alcance da “mensagem” (COELHO, 2000, p. 153)

A voz narradora presente em *Uma maneira simples de voar* direciona-se ao leitor, aproxima-se, rompendo a distância que os separa. Tudo é apresentado por um narrador onisciente e ao mesmo tempo onipresente. Utilizando o discurso indireto livre, ele revela os pensamentos das personagens, seus segredos, pois os conhece muito bem.

O narrador conversa com o leitor e opina sobre os fatos. No texto encontramos momentos em que ele dá a sua opinião: “Eta menina novidadeira!” (UMSV, p. 13) / “Essa menina! Além de perguntadeira, também era muito faladeira”. (UMSV, p. 15) / “Coitado do menino Andriel.” (UMSV, p. 34). Em outros, ele se afasta dos acontecimentos, mas intervém na história fazendo comentários, explicando, conversando e ao mesmo tempo indagando: “Todo mundo sabe que o cajá-manga é cheio de espinhos por dentro. Por isso, tem que prestar atenção” (UMSV, p. 19) / “Pois é, Amis e Ade subiram na canoa”. (UMSV, p. 28) / “Vocês devem estar preocupados [...]. Mas é que eu devo explicar uma coisa pra vocês”. (UMSV, p. 33) / “Aí se eu perguntar pra você quantas horas teve aquele dia [...] (UMSV, p. 33) / “Se vocês pensam que o menino Andriel se apertou, estão completamente enganados” (UMSV, p.35) / “Como vocês se lembram” [...]. (UMSV, p. 36). Nessa caracterização, temos conjugado as presenças do narrador e do leitor-ouvinte. Esse último, perverte a realidade e adentra no mundo ficcional, apropriando-se da realidade do texto e tentando entender esse mundo.

Na materialização dessa narrativa, notamos o predomínio de um discurso carregado com marcas de oralidade. Com períodos curtos e orações coordenadas, o tom coloquial presente na fala dos moradores da baixada cuiabana predomina na trama: “-S’minina, se eu for responder todas as suas perguntas não vou ter tempo pra mais nada”. (UMSV, p. 24. Grifo nosso), “A menininha tiritava de frio [...]” (UMSV, p. 36. Grifo nosso), “-Bom dia, s’minino. O que você está fazendo, sentado aí? Com essa friagem, vai pegar defluxo” (UMSV, p. 45. Grifo nosso). “-Se segura, guri”. (UMSV, p. 51. Grifo nosso);

Com um repertório vocabular comum, coloquial, o narrador se aproxima cada vez mais, torna-se íntimo e vai mostrando os detalhes do lugar e os modos de vida. Cada vez mais perto, parece que está face a face com o seu leitor-ouvinte, assim interage, promovendo um tecer narrativo dinâmico. Ele também instrui e aconselha:

Você vai andando. Tem uma encruzilhada. [...]. Vai ter hora que você vai achar que já passou por aquele caminho. Ou mesmo que está voltando. E pode até estar. [...]. Pras crianças é mais fácil. Elas vão passando fácil por baixo dos espinheiros. Enquanto os grandes ficam muito arranhados e têm que andar encurvados. O segredo desse lugar é que ele só tem uma entrada e um saída. Então, pode até demorar, mas se não parar de caminhar, você acaba saindo. E vai já estar pertinho do sítio. (UMSV, p. 11).

No conto de Scaff, o ato de contar faz-se presente e consciente no corpo do texto. O recurso metalinguístico vem a tona. A voz do narrador, as sugestões, os conselhos dados no início da jornada, impulsionam a construção dos relatos e do próprio fazer artístico suscitando assim um processo auto-reflexivo, por parte do receptor da obra. O texto vai sendo articulado e a estória se evidencia: “Ai é só chegar no cerrado na hora do almoço e ir seguindo o cheirinho que, logo, logo, você está lá. Foi assim que aconteceu com a menina Ade. E é esta estória que vou contar”, (UMSV, p. 11), anuncia o narrador.

Na literatura contemporânea, direcionada ao público infanto-juvenil, cada vez mais a metalinguagem se torna elemento fundamental no processo criativo. Como já visto, tem-se uma preocupação com o ato e com a estética, preocupação essa que em muitos casos resulta num recurso que instiga e potencializa a escritura.

O recurso metalinguístico prepara o leitor para o mundo ficcional. No mundo da palavra, a reflexão sobre o fazer possibilita também uma constante interação. Assim, a criança e o jovem possuem um papel ativo que condiciona um contínuo preenchimento de lacunas que aparecerão dentro do texto. No livro *Uma maneira simples de voar*, o autor utiliza recursos técnico-expressivos na construção de uma narrativa que demonstra a cumplicidade entre narrador e leitor, permitindo que se faça uma reflexão da estória apresentada.

O texto revela-nos as aventuras vividas por quatro personagens: a menina Ade, o menino Andriel, o velho Amis e a velha Siá Frô. A menina é a protagonista da trama. Ela

é descrita como uma criança curiosa, perguntadeira, que ajuda a mãe nos deveres domésticos e gosta muito de brincar. Ade gosta também de ouvir os causos contados pelos pescadores, pelo carroceiro, pela comadre.... Já o menino, seu melhor amigo, é calado e observador. O velho, dono do sítio, típico morador da região, torna-se amigo da menina perguntadeira. Ele conta-lhe histórias e responde as perguntas que os outros adultos não respondiam. A velha, descrita como uma senhora muito boa, é benzedeira, conhecedora dos remédios, da flora medicinal e assim como o velho detém o conhecimento popular.

No conto, o tempo e o espaço são relativizados. O narrador escolhe o espaço físico rural como cenário de sua história. O sítio do velho Amis representa o aqui e o agora das personagens. É também ponto de partida e de chegada. O contato com o lugar impulsiona a menina Ade a desvendar novos mundos, novas mentalidades e partir em busca de aventura. Espaço ficcional, preenche de imaginação, por ele transitam diferentes personagens. Lá estão os ribeirinhos, pescadores, fazendeiros convivendo com seres míticos, oriundos do folclore mato-grossense e brasileiro. Esses seres, habitantes dos rios da região, podem ser vistos pelos visitantes, “basta esfregar gordura de peixe no corpo. Pra tirar o cheiro de gente” (UMSV, p. 28) e pode-se ver a Mãe-d’água penteando os seus longos cabelos e o Negrinho d’água fazendo as suas estripulias, ensina o velho.

No sítio tem-se a oportunidade de viver aventuras com liberdade plena. A natureza que compõem o lugar mostra-se reconhecida e ao mesmo tempo estranhada, com seus rios, matas e universos paralelos. Scaff, em seu trabalho literário, revela a importância fundamental da imaginação, interconectada com a fantasia e o sonho. Elemento essencial na sua obra, é ela, a imaginação, que permitirá a tessitura e a materialização do desenho da narrativa. Nessa dimensão, o absurdo é algo que não existe por isso Ade e Ariel, com a ajuda de um touro azul, conseguem sair do cerrado e depois retornam para casa, graças as asas que surgem em suas costas.

3.3.6.2 A descoberta do sítio: viagem por caminhos que se cruzam

Por dentro da nossa casa passava um rio inventado.

[...]

As distâncias somavam a gente para menos.

Manoel de Barros

Fig. 63: Ilustração do livro. Capítulo “O povo da água.”

Na caracterização do conto como gênero, ressaltamos seu caráter linear e pouco inclinado a desvios. A ação decorre sem demora, e desde o começo para o fim. Nessa compasso está a estória de *Uma maneira simples de voar*, a qual toma corpo já no primeiro capítulo, quando é apresentada a menina Ade.

Ela, enjoada das mesmas coisas, dos mesmos lugares, almeja ir para um local diferente, desconhecido. Então, depois de ajudar a sua mãe nos afazeres domésticos, de brincar com os amigos de queimada, passa-meu-bom-barqueiro, roda, boneca, polícia e ladrão, bolita etc.

gostava de olhar para o céu e dar nomes as nuvens, conforme elas iam mudando de formas. Era nuvem-camelo, nuvem-castelo, nuvem-cara de palhaço, mas isso a entediava, então ia colher frutas no quintal do vizinho ou fazer outras atividades, geralmente realizadas por crianças do meio rural ou cidades pequenas do interior. Mas, tudo isso também a cansava, uma monotonia sem fim, a ponto de parecer que o tempo não passava nunca.

Tudo lhe parecia muito chato, mas como era muito curiosa, fazia muitas perguntas e por isso ouve falar sobre o sítio e então decide conhecer o lugar. Assim, como Alice de Lewis Carroll, que também mostra-se entediada no início da estória, até cair no poço e ser transportada para outro mundo, Ades, se regozija quando chega ao sítio, localizado numa parte do cerrado e do pantanal mato-grossense, e passa o tempo em companhia do velho Amis.

Como num passe de mágica, ocorre a passagem da personagem para um outro ambiente, sem maiores explicações, como ocorrem as heroínas dos contos maravilhosos que atravessam portas e janelas e chegam a mundos paralelos. A respeito do deslocamento no conto maravilhoso Coelho (2000, p. 172), confirma que os personagens “deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com as forças do Bem e do Mal” [...]. Assim, Ade rompe os limites do quintal da sua casa e parte

Fig. 64: Ilustração do livro. Capítulo “O povo da água”.

em busca do desconhecido, pois tem liberdade para descobrir outros mundos, para experimentar. Ela almeja alcançar um lugar que é seu, um lugar onde a imaginação é soberana.

Pelos relatos do narrador, o espaço, num primeiro momento, é descrito de forma objetiva: “No sítio tinha um ceveiro. O velho ia lá todo dia. Ficava por trás da cercazinha de taquara e jogava milho n’água. Uma água transparente, sombreada de sarãs. Aí era uma ferveção só, de piraputangas e outros peixes pequenos” (UMSV, p. 15). Mas, com a chegada da

menina Ades, a descrição do lugar ganha uma dimensão mágica e mistérios se anunciam.

Na literatura brasileira voltada para o público infantil e juvenil, comumente, o espaço é visto e tratado de forma física, como cenário da narrativa, compreendido como elemento do universo extra textual, considerado e trabalhado como uma figura representativa do espaço social, como uma conjuntura de dados históricos, econômicos, culturais e ideológicos ou como espaço psicológico, abarcando sensações, expectativas e vontades. Por vezes é tratado como ponto de vista, focalização ou perspectiva, através do olhar do narrador, gerando dentro da obra literária um espaço a ser observado e um que possibilita a observação.

Unindo essas duas perspectivas e dialogando com o reino do maravilhoso, onde a verossimilhança não está no centro das preocupações, como cita Chiampi (1980), o narrador de Scaff abre as portas do mundo materializado em *Uma maneira simples de voar*. Ele mostra esse espaço encantado ao leitor, permitindo que se observe o inusitado. Ali, as situações e os personagens são regidos por uma outra lógica, totalmente diferente daquela que conduz o convencional. Esse espaço, o sítio do velho Amis, onde transcorre a maior parte da narrativa, constitui um universo diferenciado. Com base nessa perspectiva, o narrador pretende guiar o leitor pelo “cerrado dos caminhos que se cruzam”, (UMSV, p. 11). Nesse mundo paralelo, regido pela

imaginação, o tempo transcorre numa ordem própria, abre caminhos e aniquila o tempo cronológico. O narrador relata que ao pais da menina Ade não notaram a sua falta. As muitas horas que ela passou no sítio não condizem com a marcação do relógio. Na tentativa de esclarecer como funciona o tempo nesse espaço encantado ele anuncia:

Mas é que eu devo explicar uma coisa pra vocês. Que o sítio do velho Amis é um lugar diferente [...]. Lá, o tempo passa muito mais depressa. Porque lá o tempo é maior. [...]. Enquanto tudo aquilo acontecia com a menina Ade, o tempo quase não passava na sua casa e ninguém notava a sua falta. (UMSV, p. 33).

Na passagem do mundo “real” da personagem Ade para o outro mundo, inicia-se uma espécie de viagem iniciática, rica em descobertas e situações de aprendizado. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005, p. 952) “A viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais que um deslocamento físico”. Por isso, em todas as literaturas, adulta ou infantil, a viagem simboliza “uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento, concreto ou espiritual”. (ibid, idem). Mais que uma simples deslocação individual pela geografia do lugar, a viagem para o sítio de Scaff possibilita ver realidades imaginadas e ouvir vozes insólitas.

Nos capítulos seguintes, depois de ouvir muitas estórias e fazer muitas perguntas, Ade e Amis, decidem fazer um passeio de canoa e durante o trajeto, rio abaixo, rio acima, sofrem um acidente. Um forte temporal faz com que a canoa se desgoverne e os dois caem na água. A fúria do rio os afastou e cada um tentou se segurar no que podia, para não se afogarem. O velho Amis, desesperado, grita o nome da menina. Ade e Amis gritam um para outro, para poderem se encontrar. Nesse momento, o teor da narrativa manifesta-se por intermédio de um jogo linguístico, lúdico, que associa a voz dos personagens e a ação da natureza. Nesse espaço, encantado, o vento, antropomorfizado, “costurou os dois nomes”. Juntou-os bem juntos” (UMSV, p. 40). Depois:

Uivando
Repetindo
Ecoando
Juntando
Unindo

Ligando
 _Amis, Amis.
 _Ade, Ade.
 (UMSV, p. 40).

No imaginário popular brasileiro, quase sempre, a percepção da natureza elabora características antropomórficas para elementos naturais. Certos vegetais “entristecem”, outros “espirram”, “assobiam”, “espalham sombras assustadoras”, “gemem”, “gritam”, são “agourentos” (CASCUDO, 1971, p. 55-83). No espaço construído por Scaff, dominado pelo encantamento, aspectos naturais e sobrenaturais se coadunam. A cena prossegue e a sequência das gradações verbais, no gerúndio, modifica o ritmo da narrativa. Os verbos apresentados possuem valor expressivo e dão ao texto novo movimento. Sonoramente, o que ressoa no final de cada verbo pronunciado demarca a presença de aliterações. A expressividade da consoante nasal /n/, que remete-nos a sons ondulantes e da oclusiva /d/, a qual reproduz ruídos explosivos e secos, resultam numa sequência lúdica com a língua. O narrador cria um jogo, no ritmo da poesia, enquanto a cena narrada apresenta ideias que transcendem a causalidade, reforçando as características desse sítio encantado. Nessa atmosfera mágica o vento, “que imitava os sons de uma orquestra. O vento que era música. O vento que cantava” (UMSV, p. 41), sugere ideias e correspondências. Os efeitos sensoriais causados pela chamamento dos nomes, formam uma composição de uma palavra partir da derivação por composição e aglutinação: “- Amis, Amis, Ade, Ade. / –Amis, Ade. / – AmisAde / – Amizade.” (UMSV, p. 41)

A ação se materializa tanto no plano verbal quanto no visual, possibilitando reflexões sobre a interação entre as duas linguagens. Texto e imagem apresentam-se visualmente unidos. A aplicação da imagem, com sangramento, metaforizando a união entre os dois nomes, torna-se substantivo que dá o tom da narrativa. No exemplo temos:

Fig. 65: Ilustração do livro. Capítulo “A palavra poderosa”.

O traço de Velasco auxilia na interpretação, na decodificação do teor narrativo. No intuito de capturar o momento, seu traço ilustrativo desempenha uma função expressiva, que conforme Camargo (1998, p. 36) “pode comunicar um sentimento, uma emoção. Estes podem ser expressos principalmente através de movimentos e expressões faciais de personagens, e pelos recursos gráficos que passam a transmitir certos sentimentos”. A palavra que se corporifica na ilustração revela um sentimento que será transmitido durante toda a estória: a amizade entre os velhos e as crianças

Em meio a essa movimentação, ocorre um corte na narrativa e no capítulo seguinte, o 10 (dez), intitulado “O menino Andriel”, o narrador apresenta o personagem. Ele sente a falta da amiga Ade e preocupado com sua ausência, decide procurá-la. Na sequência, começa a busca. O menino andou pelas margens do rio, atravessou a mata e plantações. Vistoriou rio abaixo rio acima e nada, então desesperado, decide invocar as forças do universo para ajudá-lo na difícil tarefa. Esfregando uma escama de peixe, um lambari, invoca o elemento água: “-Valha-me, rei dos peixes”, diz o garoto (UMSV, p.

38). Com uma pena de pássaro nas mãos, salvo na época das queimadas, clama pela intervenção do ar: -Valha-me, rei das aves” (UMSV, p. 39). Depois, ainda sem obter nenhuma resposta, com os pêlos de um filhote de onça, representando os animais que estão no chão, pede auxílio a terra: -Valha-me, rei dos animais. A relação apresentada na narrativa ilustra, além do substrato mítico, um forte apelo à preservação da natureza. Na explicação de Andriel, para o fato de que não obteve nenhuma resposta, nenhum auxílio, temos:

O menino Andriel pensou que os peixes não puderam vir porque os rios estavam muito secos e sujos, e os homens tinham estendido redes para apanhá-los.
[...]. Andriel franziu as sobrancelhas e achou que os pássaros não puderam vir porque a fumaça das fábricas os impedia de voar.
Tristemente, ele se lembrou de que poucas eram as matas, e os animais que restavam não podiam vir pelas estradas. Corriam o risco de serem mortos pelo povo das cidades. (UMSV, p. 39).

Nesse momento do conto há uma faixa intermediária, em que se inserem textualidade, equacionalidade, diversidade, não identificação, traços caracterizadores do paradigma B, como também a referencialidade, funcionalidade, identificação etc, próprios do paradigma A, como registrou Mendes (1994). A copresença dos dois paradigmas remete-nos a um modelo muito utilizado pelos autores de livros infanto-juvenis: o de revalidar momentos que explicitam valores e ensinamentos.

Depois de relatar as tentativas de Ariel com o intuito de localizar Ade, a narrativa retorna ao acidente com a canoa na qual estavam a menina e o velho. A chuva continua a cair e o rio ainda revolto. Nesse momento, eis que surge o minhocão, enorme, com sua cauda jogando água para todos os lados, causando rebojo nas águas, provocando muito barulho. Mas, ao invés de devorar Ades e Amis, o minhocão provoca num grande

Fig. 66: Ilustração da obra. Capítulo “Uma fita de cabelo e uma velha”.

redemoinho que os engolem e depois os empurra de encontro ao leito seco do rio. Pouco depois, as águas se acalmam e o temido minhocão desaparece.

Dando sequência a narrativa, temos o capítulo 17 (dezessete), intitulado “Uma fita de cabelo e uma velha”. Andriel encontra Siá Frô, uma senhora que conhecia Amis e sabia que ele tinha descido o rio acompanhando pela menina. A velha se parece com todas as outras velhas de estorinhas,

informa o narrador. Suas rugas contam a sua estória. Sua memória prodigiosa conserva as mais antigas tradições, costumes e crenças. Detentora da sabedoria popular, ela é conhecedora de poções e alguns instrumentos mágicos, além de orações e rituais.

No espaço da ficção, o encontro entre as crianças e os mais velhos é elemento representativo. Em *Uma maneira simples de voar* o novo e o velho, juntos, e interativamente articulados, assumem o papel de mantenedores das referências culturais da sociedade em que estão inseridos. Dialogando com as narrativas clássicas, com a tradição que evoca a figura do ancestral, Scaff constrói a sua estória.

No conto, são os dois velhos quem irão intervir no destino do herói, no caso a menina Ade, e modificar a vida dela. Amis, através dos seus ensinamentos e histórias mostra um novo mundo a menina. Siá Frô, com o seu conhecimento sobre ervas e suas simpatias, salvará a vida de Ade. Na verdade a velha é a responsável por encontrar os dois desaparecidos, graças a uma de seus rituais. A cuia, colocada na água por Siá Frô, desce o rio, começa a rodopiar rápido, depois mais lento, entra na correnteza rasa até parar na praia, onde estavam os corpos de Ade e Amis, embrulhados numa espécie de gosma branca. Muito rapidamente, vendo a situação dos dois, a velha manda Andriel buscar raízes, ervas e frutos da mata. Em mais um momento de encantamento e magia no espaço

do sítio, o menino é levado por um redemoinho, produzido pelo saci, pois só assim seria possível pegar todas as ervas e raízes necessárias para salvar os afogados. Ele volta com tudo o que a velha pedira. Então, ela cozinha as ervas num grande caldeirão de cobre e depois despeja em cima do velho e da menina, entoando rezas.

A narrativa avança para o desfecho. Ade e Amis, graças a poção feita pela velha, conseguem se livrar do casulo que os cobria, formado pela baba do minhocão. Depois, os 4 (quatro) retornam para o sítio, de carona com uma carroça. No caminho, uma forte chuva se aproxima e logo, o cerrado dos caminhos que se cruzam estará inundado, isolado do outro mundo e Ades e Andriel ficarão sem poder voltar para suas casas. Nesse instante, o velho Amis dá um forte assobio e eis que surge um enorme touro azul: “Imenso. Luzidio. Bufando”. (UMSV, p.55). O mítico animal leva as crianças embora daquele lugar, deixando-as em uma estrada. Ocorre outro acontecimento extraordinário, que viola a lei natural. Asas furta-cores e vibrantes nascem nas costas das duas crianças. Sem estranhar nada, os dois amigos prosseguem a caminhada, rumo aos seus lugares de origem. Não sentiam medo, nem mesmo cansaço. Agraciados por mais essa intervenção mágica, começam a viagem de volta, de mãos dadas, que é “uma maneira muito fácil de voar” (UMSV, p. 59), conclui o narrador.

3.3.6.3 O velho contador e a menina perguntadeira: nos caminhos da memória

_Pois eu vou te contar como é.

Ivens Scaff

O ato de lembrar é fundamental. É atividade diferenciadora, posto que separa o homem dos outros seres revelando o lado psicossocial do indivíduo e ressaltando os laços entre esses indivíduos e as coisas. Na certeza da continuidade das coisas, na certeza da interação entre as velhas e as novas experiências é que a memória interessa e “inspira” os poetas no seu fazer literário.

É diante da perspectiva da teorização, que engloba memória e literatura, que enfocamos a literatura infanto-juvenil. Por intermédio desse gênero, se materializam na atualidade a figura do narrador popular oral, a figura arquetípica dos velhos que contavam

estórias, que viveram no passado e que de alguma forma sobreviveram no imaginário dos escritores.

Na formação das letras brasileiras, destinadas às crianças, assim como em outros sistemas literários, encontramos a representação da sabedoria associada aos velhos. A imagem do ancião possui aspecto positivo, pois transmite conhecimento, amizade e solidariedade. Em Mato Grosso, em *Persona* e agora em Ivens Scaff, encontramos a figura do velho. Em *Uma maneira simples de voar*, ele é Amis, homem simples, pescador, morador do sítio encantado. Nesse espaço ele conhece Ade, a menina perguntadeira, que adora ouvir as suas estórias, as suas memórias.

Fig. 67: Ilustração do livro. Capítulo “O velho que respondia”.

Os laços de amizade entre os dois se espreitam cada vez mais. Ade se encanta com Amis, pois ele, além de muito sábio, responde tudo o que ela pergunta. As vezes responde sem ela nada perguntar. Sua memória é prodigiosa. Ele sabe explicar sobre a reprodução dos peixes, sobre as espécies de pássaros, sabe onde estão os melhores frutos... Conhece como ninguém toda a fauna e a flora do lugar. Relata sobre a transformação de hábitos peculiares do povo do local e sobre as suas próprias vivências. Nesse sentido, entre o

ouvinte, Ade, e o contador, Amis, nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado. Na movência desses relatos, estão as interferências, as transformações que modificam o espaço-tempo e vivificam os movimentos coletivos.

A viagem da menina ao sítio de Amis, irá marcar a sua vida e alterar as suas percepções, através de lições que a revivificam. Por meio das conversas com o velho, que se torna uma espécie de avô, ela tem contato com o passado, conhece coisas diferentes da sua época. Ao se encontrarem, compartilham diversos momentos e trocam informações. Os relatos desse avô transmitem as marcas da cultura e da tradição local. Fonte de herança simbólica, irá contribuir para o desenvolvimento intelectual e para a formação da identidade da criança que o escuta.

No conto em análise, o encontro com Amis representa uma proposta, um caminho como expressão de anseios por vastos horizontes. Dessa forma, nesse ambiente íntimo e familiar, instaura-se a voz de quem tem o que contar. As histórias do velho estão impregnadas de cheiro, sabor, de chão, de lembranças, de memórias. Pelas lentes do narrador, visualizamos momentos de puro lirismo e simplicidade criadora na trama estudada:

O velho Amis explicava que os peixes gostavam de viajar rio acima para namorar.

[...]

A menininha escutava Amis, enquanto olhava os lambaris que subiam em fileira de três às vezes em fileiras de quatro ou cinco, rio acima.

[...]

O velho abraçou aquela menina chamada Ade. Abraçou aquela menininha bem forte. Ele queria que ela nunca se esquecesse.

(UMSV, p. 21)

Logo no início do conto, no capítulo 7 (sete), intitulado “Estórias de Amis”, o dom preciso do personagem é revelado. Aqui, tomando o conceito de experiência no sentido benjaminiano, Scaff deixa-nos inferir que as histórias de vida narradas pelos mais velhos são tão importantes quanto as histórias livrescas. Também em Benjamin (1994, p. 198) encontramos que “escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. Assim, com marcas de oralidade e presença de verbos de tempo, o narrador, em discurso indireto, torna-se intermediário entre o instante da fala do ancião e o leitor/ouvinte, sem deixar que se perca

o tom aconchegante da trama. A partir desse efeito, ele procura estabelecer uma identificação, buscando promover um grau de intimidade com o que está sendo narrado.

Por intermédio da voz do narrador, Amis conta sobre as lendas do lugar, como a do Minhocão do Pari, que “nas noites de lua cheia ou mesmo de lua nova, [...] surgiam da água tranquila” (UMSV, p. 24), a da Mãe D’água, a do Negrinho D’água. O velho contava histórias cada vez maiores, como a das Três Marias. Segundo ele, o pai das meninas “fez um convento para pôr Maria Terezinha dentro. Comendo carne salgada sem beber um gole d’água”. (UMSV, p. 25).

Fig. 68: Ilustrações da obra. Capítulo “Estórias de Amis”.

Em mais um representativo momento, percebemos o diálogo de Scaff com a tradição. Acerca do enorme material ilustrativo sobre a preeminência de velhos, que contavam histórias para crianças, Arroyo (2011, p. 52) registra que estas “nem sempre eram de ternura e suavidade. Algumas mesmo violentas, cheias de bichos” [...]. Segundo o mesmo crítico (idem, p. 54), esse mundo fantasmagórico, “que a literatura oral insistia em fazer viver junto aos meninos”, estava nas casas-grandes assim como

cobria a grande massa analfabeta, as bibocas dos sertões do Centro, Sul e Oeste do País, na permanência da memória coletiva, “guardadas”, como escreve Luís da Câmara Cascudo, “nos ouvidos coletivos como em conchas dizem guardar do mar a sonoridade das vagas” (ARROYO, 2011, p. 55. Grifos do autor)

Ainda em Arroyo (2011), encontramos que o escritor Monteiro Lobato confessou que muito de suas reminiscências originavam-se do seu tempo de criança, tempo em que vivia na fazenda do pai. O resultado da influência das histórias ouvidas pode ser conferido na dedicatória que Lobato faz em seu livro *O Saci-Pererê* (1918):

à memória da saudosa tia Esméria, e de quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens, tão mais interessantes que as larachas contadas hoje aos nossos pobres filhos por umas lambisgoias de touca branca, em uma algaravia teuto-italo-nipônica que o diabo entenda (apud ARROYO, 2011, p. 66).

Em personagens como D. Benta, de Monteiro Lobato, o Velho do Mar, de Lucinda Persona, assim como em Amis, de Ivens Scaff, vemos exemplos de contadores de histórias. A eles é dado o papel de difundir e manter as tradições, de referendar a cultura de um determinado grupo social ou simplesmente e de atizar a imaginação infantil.

As histórias contadas por D. Benta, O Velho do Mar e Amis revelam um mundo fabuloso e instigante de maneira que somente quem tem muitas memórias pode criar, contar e (re)contar. Nesse prisma, compreende-se que a narrativa, antes de qualquer coisa, é “ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”, assevera Benjamin (1994, p. 205). Na concepção de Bosi (2006, p. 31) “O tempo da memória é social” e, desse modo, a vida em sociedade vai construir um narrador capaz de explorar essa vivência e transmiti-la para os mais jovens. O ato de narrar, de contar, como é o caso do personagem de Scaff, reproduz o pensar de um povo, permite o reconhecimento das identidades e auxilia a perpetuação dos mitos fundadores na formulação do material artístico.

Na contundente pesquisa de Bosi, que tem como resultado o livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2006) há o relato de um interessante fato. Segundo a autora, uma lenda balinesa fala de um lugar, onde os velhos eram sacrificados. Com o

tempo, não restou nenhum avô, nenhum velho, que pudesse contar as tradições para os seus. Um dia, as pessoas do lugar quiseram fazer uma grande construção, mas ficaram perplexos ao perceberem que não sabiam o que fazer com o material que tinham em mãos. Habitante algum do lugar sabia responder aos questionamentos sobre o modo de como fazer uma grande construção. Todos haviam perdido a experiência. Conta-se que um velho, que havia se escondido, graças à ajuda de seu neto, apareceu e ensinou a toda a comunidade o modo de se começar a construção. Ensinou-lhes a base e o que vinha depois. A partir desse episódio, nunca mais um velho foi sacrificado.

Tomando como exemplo o relato anterior, compreende-se que no mundo social faz-se necessário a manutenção da tradição, da memória. As diversidades, as experiências e todo o acúmulo de saberes só podem ser transmitidos através das memórias dos mais velhos. É no fluxo memorialístico que se instaura os relatos que vão da formação do mundo à vida em sociedade. A origem e desenvolvimento dos homens, dos animais e das coisas reaparecem com a ajuda da memória de quem narra. Somente os mais velhos podem retornar às fontes para recordar momentos significativos. Munidos de um espírito de sabedoria e ancestralidade, competência e oralidade tecem histórias.

O ato de lembrar renova a vida e a arte, dando concretude ao presente. A partir desse procedimento, nas histórias infantis e juvenis, têm-se o espaço privilegiado para a materialização das fantasias, das indagações, dos mistérios que povoam e produzem infâncias. No mundo das narrativas que se fazem, se contam e se (re)contam, a arte se concretiza ao tornar, no terreno da memória, mundos possíveis. Nesses, os velhos, representados por personagens que contam muitas histórias, revelam as suas experiências e, concomitantemente, história de grupos sociais.

Vê-se então que o conhecimento do passado ajuda a organizar e localizar as narrativas futuras. Os fragmentos de memória, reunidos, compõem um mosaico vivo e dinâmico. É desse mosaico que a literatura, em especial a infanto-juvenil se elabora temática e formalmente. O que se contou e se conta, tanto no plano da oralidade quanto no da escrita, é o que aconteceu, acontece e poderá acontecer. Na produção que se destina as crianças tenta-se completar o que está incompleto, busca-se delinear experiências e fantasias.

Comprendemos que na narrativa literária de Sacff, há uma trama poética que se elabora por intermédio das narrativas de vida. Em *Uma maneira simples de voar*, por

intermédio da figura de Amis e também de Siá Frô, o autor busca, a sua maneira, manter fatos, lendas e tradições que já beiram o esquecimento. Nos causos, oriundos das memórias dos que envelhecem, acompanhamos o tecer da vida dos indivíduos e dos grupos com que eles estabelecem contato.

Na história da literatura infanto-juvenil contemporânea produzida em Mato Grosso, conhecemos uma poética que se revela por imagens e símbolos. Na revelação de novas nuances, surgem outras impressões, originadas pela presença da voz de um narrador ou das muitas vozes da narrativa, por isso os mundos e as infâncias reveladas reinventam-se a cada novo momento, a cada nova leitura. Dessa maneira, acompanhando o caminhar da estória de Ade, Amis, Andriel e Siá Frô, aprendemos a olhar, a ouvir, a sentir as nuances de outros mundos. Nesses, as reminiscências e a imaginação compõem o conjunto de fios que se cruzam e formam a narrativa poética que deve ser contada.

Por tudo isso torna-se cada vez mais relevante o registro crítico-analítico da literatura infanto-juvenil de Lucinda Persona e de Ivens Scaff dentro do contexto da produção nacional e da historiografia literária, revelando o potencial estético de ambos. Os diálogos, os símbolos, linguagens, gênero e formas que compõem as narrativas de *Uma cidade sem Sol* e de *Uma maneira simples de voar* estão sintetizados no quadro que segue:

Quadro 4: Resumo das principais características das obras analisadas.

Resumo das obras de Persona e Scaff, direcionadas ao público infanto-juvenil		
Título	<i>A cidade sem sol</i> (2000)	<i>Uma maneira simples de voar</i> (2006)
Gênero	Novela	Conto
Ilustração	Em preto e branco, complementa o texto verbal.	Colorida. Ilustração como parte integrante, acrescenta informação.

Linguagem	Formal.	Coloquial, com expressões populares, oriundas da fala local.
Elemento regional	Não possui.	Descreve a biodiversidade do cerrado e do pantanal mato-grossense. Elementos do folclore mato-grossense
Diálogo com outras artes	Contos de fadas. Mitos e lendas universais.	Lendas e mitos locais. Oralidade.
Nível utilitário X estético, de acordo com os paradigmas de Mendes	Mais estético/ Menos utilitário	Mais estético/ Menos utilitário

Fonte: Da autora.

Importante lembrarmos que nas primeiras impressões acerca da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso, defendemos a tese de que esse gênero começa a se configurar através das peças teatrais encenadas nas escolas salesianas e nos contos e poemas publicados nos jornais escolares. De caráter didático e moralizante, cumprimento à ideologia dominante, essas produções eram direcionadas, principalmente, ao público (crianças e jovens) que frequentava os estabelecimentos escolares. À maneira que se apresentavam os temas, os assuntos, o espaço e a caracterização dos personagens não havia espaço para a manifestação do imaginário, da fábula, enfim, da fantasia.

Por intermédio da apresentação do quadro anterior, com a síntese dos elementos constitutivos dos contos de Persona e de Scaff, confirmamos que a literatura no Estado caminhou em busca de sua consolidação, como produção artística, estética e intelectual. Dialogou com a tradição, com o maravilhoso, com os mitos e arquétipos universais. Nutriu-se de imaginação, magia, encantamento e lembranças.

Nas veredas percorridas, na constante abertura de lacunas, necessárias na trajetória da pesquisa, notamos os diálogos existentes entre a produção local, a produção reconhecida nacionalmente bem como com a origem popular desse gênero. Os temas, problemáticas, linguagem, símbolos, estrutura narrativa, estilo e recursos, trazem ressonâncias de várias outras construções narrativas, mas também mantém sua singularidade própria. Nesse intercruzamento, perfaz-se um construto que se quer

universal. Num continuo movimento de ir e vir, *Uma cidade sem Sol* e *Uma maneira simples de voar* conseguem intercalar aspectos referencias, verossímeis com o imaginário, o jogo, o lúdico, tudo para servir as crianças.

Do mundo contado e cantado pelas vozes dos narradores vindos de terras mato-grossenses, como também de outras terras, é que se formula a expressão verbo-textual que consolida a literatura de Lucinda Persona e Ivens Scaff. Nas sendas da arte literária é indispensável buscar fatores que acionam o intelecto, as emoções e o imaginário de toda criança. As histórias ouvidas, lidas na infância, dificilmente se perdem com o passar dos tempos. No campo fértil da literatura está a porta que se abre a mundos possíveis e impossíveis, que se abre para tempos, espaços e ambientes, se abre para o devir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos contar a história da literatura infantil e juvenil produzida em Mato Grosso, sabíamos do árduo caminho a ser percorrido. A quase inexistência de uma bibliografia específica, a imensidão do Estado, suas diferentes culturas, modos, além de seu constante processo de desenvolvimento econômico, educacional e artístico tornaram a tarefa mais complexa, mas o estudo dessa produção, desconhecida do grande público, precisava vir à tona, sua história precisava ser interpretada.

Na investigação sobre as práticas culturais em Mato Grosso encontramos na bibliografia que versava sobre o teatro como atividade de destaque nos séculos XVIII e XIX. Ao buscarmos registros das primeiras práticas artísticas/literárias, em periódicos do final do século XIX, comprovamos que as artes cênicas continuavam a possuir importância e popularidade na antiga província. Nos periódicos *A Situação* (Cuiabá, 1877), *A Tribuna* (Cuiabá, 1877), *A Opinião* (Corumbá, 1878) e *A Liça* (Cuiabá, 1885), localizados no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, NDIHR, em Cuiabá, deparamo-nos com costumes e ações que elucidavam o pulsar da vida social local, permitindo assim um diagnóstico pertinente dos períodos e das manifestações culturais aludidas.

A organização do sistema educacional ligado à ordem religiosa salesiana mostrou-nos que, entre meados do XIX e primeira metade do XX, foi relevante o gênero dramático praticado naquela instituição de ensino e seu importante papel pedagógico. Conhecemos as peças do dramaturgo Raimundo Conceição Pombo Moreira Cruz, Padre Pombo, localizadas na Biblioteca Rubens de Mendonça, Palácio da Instrução, também em Cuiabá. A abordagem de assuntos e valores considerados interessantes e necessários para a formação dos jovens na escola marcou a produção artística de Pe. Raimundo Pombo e tangenciou a imagem do ser infantil em terras mato-grossenses. Comprovamos então que a arte cênica foi a força motriz que impulsionou os demais procedimentos relacionados às instituições educacionais, aos indivíduos e às produções artísticas. Mesmo que tardiamente, foi a partir daquelas peças teatrais realizadas nas escolas, com fins pedagógicos e moralizantes, que a literatura direcionada a crianças e jovens se moldou, a partir do começo da década de 1980.

Foram nos jornais do início do século XX, em solo mato-grossense, que a imprensa publicou os primeiros textos literários direcionados ao público juvenil que ora se formava. No periódico *A Juventude*, publicado entre 1916 a 1917, nos números analisados, encontramos poemas e textos em prosa (prosa literária curta). Na “Secção infantil” do jornal, textos literários dividiam espaço com paródias, charadas e concurso de perguntas e respostas. Predominava a visão de que a criança era um ser que precisava ser ensinado e condicionado. Esta mesma visão esteve nos primeiros momentos da literatura infantil brasileira, que se estendeu de 1880 a 1920. É a literatura de caráter utilitário, recurso que se coloca acima da natureza artística do objeto.

No Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional -NDIHR- descobrimos a imprensa escolar atuando no Estado. Com base nas pesquisadas de Arryo (2011), que fundamentam a importância dessa imprensa para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira e posterior evolução desse gênero, confirmamos que em Mato Grosso a imprensa escolar cumpriu o mesmo legado. Nos jornais escolares *O Pequeno Mensageiro* (1920) e *O Liceu* (1930), enfatizou-se a tônica dos assuntos, das ações e da representação da criança dentro desse universo da escrita.

Da tipografia do Colégio Salesiano São Gonçalo, em Cuiabá, no início do século XX, saíram os primeiros exemplares. Nas páginas dos impressos escolares recuperados pelo NDIHR, microfilmados, confirmamos o foco de interesse para temas específicos como modos e regras dentro e fora do espaço escolar, religião, recreação, instrução, esporte, literatura (pequenos contos e narrativas de viagens), fotos, calendário das datas festivas religiosas e demais notícias sobre a fé católica. As matérias trazem o cotidiano dos alunos, da escola e da ordem salesiana. No periódico *O Pequeno Mensageiro*, com a aproximação das férias escolares, era comum a publicação de informes e dos “Deveres dos alunos em tempo de férias” (nº 153, 165, 1930-1931). Nessa coluna alertava-se a criança e o jovem sobre os perigos da leitura de contos, romances e fábulas. Criticavam-se os livros que só tratavam de assuntos banais e continham muita fantasia. “Essas invenções”, no entanto, só poderiam ser consideradas válidas se, assumidamente, fossem estratégias para ensinar verdades e cumprir a finalidade pedagógica dos interessados.

Nossa hipótese caminhou para uma confirmação: estavam nos jornais e na imprensa escolar (formada por revistas e pequenos periódicos) assim como no teatro praticado nas escolas salesianas a pré-história da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso. O tom moralizador que servia aos propósitos da linha discursiva dos textos

cênicos de Padre Pombo e dos periódicos *A Juventude*, *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu* determinariam o direcionamento do teatro e dessa imprensa. De modo geral, almejavam coibir, reprovar e punir, todo comportamento social que fosse julgado inadequado para os seus espectadores e leitores, prevalecendo assim uma forte tendência educacional que buscava a consolidação de valores herdados.

No estudo da formação da Literatura direcionada a crianças e jovens no Estado ocorreu um intervalo temporal. Há uma lacuna entre as primeiras letras (jornais, jornais escolares e textos teatrais) até a publicação de livros direcionados a esse público. Somente na década de 80, em 1984 especificamente, é publicado o primeiro livro. Trata-se de *Uma aventura em Mato Grosso*, de Dunga Rodrigues. Na procura por essa fortuna crítica, desconhecida até então, averiguamos o mercado editorial em Mato Grosso, considerando-se a divisão do Estado em 1974.

Nas pesquisas relacionadas a editoras, encontramos cinco casas que direcionaram sua produção para o público infantil e juvenil. São Elas: Tempo Presente, Tanta Tinta, Entrelinhas, Central do Texto e Ideias, dessas somente a editora Ideias está localizada no interior do Estado. Na formação do panorama da atividade editorial em Mato Grosso assinalamos dois marcos: o Ciclo da Modernização, de 1970, fundação da Universidade Federal de Mato Grosso com sua editora, e a criação da Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense - AlimeMTo, em 2003. A criação da editora universitária foi fundamental para ampliar a publicação de livros e para consolidar a prática leitora. No período, entre as décadas de 70 e 90, do século XX, é que começaram a surgir editoras buscando desenvolver um trabalho profissional em relação ao livro.

As ações por parte do governo, tímidas e insuficientes, segundos autores, editores e agentes culturais entrevistados, são fundamentais para a publicação de livros, incluindo os direcionados ao público alvo da pesquisa. Confirmamos forte presença de leis de incentivos estaduais e municipais para a publicação, assim como o incentivo de grandes instituições privadas, no entanto deparamo-nos com projetos editoriais que caminharam na contramão dessa prática. Mesmo com todos os incentivos oficiais a circulação dessas obras era um ponto preocupante. Registramos importantes campanhas de alfabetização e leitura e de distribuição de livros, ainda incipientes, localizadas na capital e em algumas cidades do interior. A mudança desse quadro poderia beneficiar a literatura infanto-juvenil, por conta dos seus importantes laços com a escola, fator que marca o gênero desde o seu nascimento.

O surgimento de editoras que possuem em seus catálogos livros de literatura infanto-juvenil contribuiu para formar um cânone contemporâneo. A partir daí foi possível observar como ocorre a veiculação entre o campo do poder e o campo literário, processo que mostra que escritores e agentes culturais se esforçam em assegurar diferentes gratificações materiais ou simbólicas distribuídas pelo Estado. O campo literário em Mato Grosso, no que tange à produção direcionada a crianças e jovens, possui regras próprias, fórmulas, agentes e agências sociais específicas.

Conforme pôde ser visto nos livros publicados por casas editoriais que atuaram e ainda atuam em Mato Grosso, através da visualização das capas e das ilustrações das obras que compõem o *corpus* desta pesquisa, ocorreu desenvolvimento do setor. Predomina um cuidadoso trabalho editorial, com traços artísticos bem elaborados. Desde as edições da Tempo Presente, a primeira a atuar com esse direcionamento, percebemos o cuidado com o projeto gráfico, bem como a preocupação em ampliar técnicas e melhorar a qualidade das imagens. Nas edições atuais é visível o desenvolvimento do setor e a atualização das técnicas de ilustração e de confecção do livro. Com o advento da computação, os recursos se ampliaram, fator que influenciou o potencial significativo das produções.

No encerramento desse trabalho investigamos nos textos fundadores da literatura infanto-juvenil e nos contemporâneos a esses, as nuances de seus projetos estéticos. Na constituição dessa abordagem tivemos como pressupostos teóricos a importante pesquisa de Mendes (1994), no que tange a verificação da dimensão ética, mais utilitária ou da estética. Nas obras *Uma aventura em Mato Grosso*, de Dunga Rodrigues e *As meninas e o sabiá*, de Maria da Graça Campos, buscamos analisar os contrapontos existentes entre essas em diálogo com as narrativas de *A cidade sem Sol*, de Lucinda Persona e *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Scaff. As tendências estéticas, os temas, a linguagem e formas que moldaram esses 4 (quatro) livros foram averiguados criticamente, o que nos levou a concluir que em meio a processo de retomadas, modos e características que apontam para um novo fazer artístico, para um fazer literário que busca o elemento estético, há a manutenção do ensinamento, da moral, dos bons costumes e da linguagem referencial.

A narrativa de Dunga Rodrigues, *Uma aventura em Mato Grosso*, erguida por tessituras que mesclam fantasia, imaginação, ideologias, intenções e ensinamentos, fica numa faixa intermediária entre o nível utilitário e o estético, quase numa mesma

proporção. Já *As meninas é o sabiá* possui um nível mais utilitário, menos estético. Na tentativa de se estabelecer uma fisionomia literária à produção infantil-juvenil local essas obras dialogam com textos engajados surgidos no restante do país, na década de 1980. Também recorrem a temáticas que buscam no passado o lugar ideal, marca que realça a ideia de pertencimento, de lugar. Em seus construtos, há momentos que se evidencia o caráter utilitário em detrimento do estético, dando ao discurso literário construído um caráter artístico frágil. De certo modo, nesses textos fundadores era necessário fixar as particularidades, preservar uma memória cultural e moldar comportamentos, afastando-os assim dos discursos que elegeram o lúdico, o existencial, o imaginário sem necessidade de explicação e a interioridade do ser infantil como mote para seus enredos. O valor dado às coisas da terra é aspecto muito considerado nessas duas primeiras produções, que mantém uma vertente mais tradicional, mas com inquestionável valor histórico.

Os diálogos, reciprocidades e ressonâncias estéticas são fatores essenciais para a consolidação de projetos que buscam sua afirmação no panorama literário nacional. Tais aspectos estão em *Uma cidade sem Sol* e *Uma maneira simples de voar*. O tom moderno dessas produções ocorre, principalmente, porque as peculiaridades, os localismos e os emblemas estão postos em segundo plano. A novela de *Persona* é tomada pelo diálogo intertextual que a aproxima cada vez mais dos antigos contos de fadas, mas ao mesmo tempo ocorre a reorganização do mito e do imaginário, dos componentes cristalizados, da percepção das coisas e do mundo, fatores que possibilitam uma reordenação de experiências existenciais para o leitor. A função poética domina a trama, criando imagens inusitadas em constante correspondência entre significante, parte física da palavra, e significado, conceito transmitido pelo significante. Nos voos imaginários materializados ao longo de toda a estória e relatados pelo narrador, constatamos as nuances de um trabalho que almeja o estético, mostrando, ao mesmo tempo, simplicidade criadora, audácia poética e comunicação adequada.

Os contos infanto-juvenis de Scaff promovem e valorizam o espaço e a cultura regional. Seu discurso poético se insere em um contexto de contínuo processo de construção de identidade cultural, mas não se fecha nos limites do regionalismo. A universalidade contida no conto *Uma maneira simples de voar* assume contornos singulares, rompendo fronteiras que limitam o homem, a criança, o tempo e o espaço. Em seu construto literário, verificamos o valor estético de sua obra. Fatos e modos de vida fogem do referencial, do previsível. É a constituição mágica da palavra que propicia o pensamento lúdico e a busca aventureira da infância. Na manifestação do inventivo, do

fazer criativo do texto o autor elege o espaço e a cultura regional para revelar os costumes, a simplicidade das antigas brincadeiras, a geografia e a diversidade da fauna e da flora mato-grossense. Mas, ao mesmo tempo, introduz o irreal, o quimérico, articulando então o maravilhoso e a realidade no reconhecido cenário. Nesse intercruzamento, perfaz-se um construto que se quer universal. Num contínuo movimento de ir e vir põem em diálogo o velho, a criança, o mito...intercalando aspectos referencias com o imaginário, com o lúdico, tudo para servir as crianças.

Finalizando nossas considerações, afirmamos que existe literatura direcionada ao público infanto-juvenil em Mato Grosso. Nos livros eleitos para o exercício crítico constamos diálogos com a tradição literária e com a modernidade, como também as ressonâncias estéticas e as combinações temáticas, fatores que demonstram a originalidade, marca importante da produção literária que permeia os séculos XX e XXI. Esperamos ter contribuído com a História da Literatura infanto-juvenil brasileira, apresentando uma produção que conta apenas com 30 (trinta anos). A tarefa histórica, crítica e analítica encontra-se aberta para outras pesquisas com o intuito de rediscussão do cânone da literatura infanto-juvenil brasileira. Os caminhos foram desbravados para os pesquisadores que queiram revelar outros ângulos, outras temáticas na imensidão desse universo poético. *Alea jacta est.*

REFERÊNCIAS

CRÍTICA-TEÓRICA

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e jornais: um estudo do modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá: Unemat/Fapemat/Carlini & Caniato Editorial, 2012.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. 6. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 192-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORDINI, Maria da Glória. A Literatura Infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D. **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O poder simbólico**. 16. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Jesus da Silva. **Cuiabá: desenvolvimento urbano e sócio-econômico (1825-1945)**. Cuiabá: Editora Livro Matogrossense, 1991.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiros Editor, 2000.

CASCUDO, Luis da Camara. **Tradição, ciência do povo**: pesquisas de cultura popular no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2001.

CHARTIER, Roger. (org.) **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5 ed. rev. São Paulo: Manole, 2010.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. O centro mato-grossense de letras. **Revista do Centro Mato-grossense de Letras**. Cuiabá, a. I, n. I, 1922. p. 21-22 e 24.

CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos**: novos olhares para a literatura infantil e juvenil. São Paulo: Humanitas; Paulinas, 2009.

_____. Entre livros e telas – a narrativa para crianças e jovens: saberes sensíveis e olhares críticos. In: **Revista Via Atlântica**. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (orgs.). São Paulo: FFLCH-USP, n.14, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **A leitura rarefeita**: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LEITE, Mário Cezar Silva (org.). **Mapas da mina**: estudos de literatura em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

_____. **Águas encantadas de chacororé**: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. Cuiabá: Cathedral-Unicen Publicações, 2003. (Col. Tibanaré de Estudos Matogrossenses, vol. 4).

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. 2. v. São Paulo: Ática, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: Unicen publicações, 2001.

MELLO, Franceli Aparecida da Silva. Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso. **Revista Polifonia**. Cuiabá: EdUFMT; Instituto de Linguagens [da] Universidade Federal de Mato Grosso, ano 6, nº 06, 2003.

_____. A prática da leitura em Mato Grosso no século XX. **Revista Polifonia**. Cuiabá: EdUFMT; Instituto de Linguagens [da] Universidade Federal de Mato Grosso, ano 7, nº 09, 2004.

MELLO, Wanda Cecília Correa de. **De autores e autoria: um recorte acerca da construção do campo literário em Mato Grosso**. Cuiabá-MT, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais), Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

MUTZENBERG, João. **Livros a mãos-cheias: uma contribuição para a história da produção editorial em Mato-Grosso (1970-2003)**. Cuiabá-MT, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais), Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso.

NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

_____. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

_____. **Presença de mulher**. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

PADILHA, Laura Cavalcanti. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

PASSIANI, E. Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil. In. **Sociologias**. Porto Alegre: nº. 7, ano 4, jan.-jun. 2002.

PAZ, Octavio. **La casa de la presencia**. Obras completas – Edición del autor. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2003.

POVOAS, Lenine. **História da cultura matogrossense**. 2. ed. São Paulo: Resenha, 1994.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **O teatro mato-grossense: história, crítica e textos**. Cáceres: Abrali Edições; Ed.UNEMAT, 2010.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1997.

SOUZA, Angela T. Fontana de. **O outro lado de uma mesma história**: a produção literária destinada ao público infanto-juvenil no Estado de Mato Grosso (1980 – 2009). Cuiabá-MT, 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais), Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Trad. Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

WALKER, Marli Terezinha. **Entre vários amores**: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso. Brasília – DF, 2013. Tese (Teoria Literária e Literaturas), Instituto de Letras - Universidade de Brasília.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

_____. História da literatura e identidade nacional. In: JOBIM, José Luís (org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999.

CATÁLOGOS E REVISTAS

Catálogo das Revistas do Centro Mato-grossense de Letras e da Academia Mato-grossense de Letras (1922-1996). Org. Elizabeth Madureira Siqueira. Cuiabá: Defanti Gráfica & Editora, 1999.

Catálogo do Livro Mato-Grossense - 2005. Cuiabá: AlimeMTo (Associação dos Amigos do Livro Mato-grossense), 2005.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, n. 71. Cuiabá, 2012.

DICIONÁRIO

CHEVALIER J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 19. ed. Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lucia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

JORNAIS DIGITALIZADOS

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 19 de março de 1916, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 12 de novembro de 1916, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 19 de março de 1917, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 17 de maio de 1917, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 28 de junho de 1917, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 01 de outubro de 1917, Cuiabá, Mato Grosso.

A Juventude, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 01 de novembro de 1917, Cuiabá, Mato Grosso.

A Liça, jornal político e noticioso, de 20 de junho de 1885, Cuiabá, Mato Grosso.

A Liça, jornal político e noticioso, de 05 de maio de 1885, Cuiabá, Mato Grosso.

A Liça, jornal político e noticioso, de 22 de março de 1885, Cuiabá, Mato Grosso.

A Opinião, periódico literário e noticioso, de 26 de setembro de 1878, Corumbá, Mato Grosso.

A Província de Mato Grosso, periódico literário, noticioso e dedicado aos interesses da Província, de 08 de julho de 1888, Cuiabá, Mato Grosso.

A Situação, jornal oficial, político e literário, de 04 de setembro de 1877, Cuiabá, Mato Grosso.

A Tribuna, jornal dedicado aos interesses morais e materiais da província, de 14 de abril de 1887, Cuiabá, Mato Grosso.

O Liceu, órgão do Liceu de Artes e Ofícios S. Gonçalo, nº 10, s/d, abril de 1937, Cuiabá, Mato Grosso.

O Matto Grosso. Cuiabá, 20 de Novembro de 1936.

O Pequeno Mensageiro, órgão das obras de Dom Bosco, nº 58, 24 de abril de 1922, Cuiabá, Mato Grosso.

O Pequeno Mensageiro, órgão das obras de Dom Bosco, nº 153, 14 de fevereiro de 1930, Cuiabá, Mato Grosso.

O Pequeno Mensageiro, órgão das obras de Dom Bosco, nº 165, s/d, abril de 1931, Cuiabá, Mato Grosso.

O Pequeno Mensageiro, órgão das obras de Dom Bosco, nº 183, s/d, janeiro de 1933, Cuiabá, Mato Grosso.

O Republicano, de 01 de agosto de 1897, Cuiabá, Mato Grosso.

JORNAIS IMPRESSOS

ANTUNES, Patú. Versinhos infantis. In. **Diário de Cuiabá**. Cuiabá, 14 de mar. 1996. Caderno Ilustrado. p. E 1.

BARROS, Lidiane. Maneiras simples de voar são reveladas em texto e ilustrações literárias. In. **Folha do Estado**. Cuiabá, 12 de set. 2006. Folha 3. p. 3A

FERREIRA, Raquel. Após 17 anos, nasce Uma maneira simples de voar. In. **A Gazeta**. Cuiabá, 11 de set. de 2006. p. 4.

NADAF, Yasmim Jamil. Uma iniciativa digna de nota. In. **Diário de Cuiabá**. Cuiabá, 02 de jun. 1987. p. 12.

NAVEIRA, Raquel. A cidade sem sol. In. **Correio do Estado**. Campo Grande, 13 de maio 2000. Caderno B, Suplemento Cultural. p. 7.

SILVA, Antônio de Pádua. Lucinda para crianças. In. **Diário de Cuiabá**. Cuiabá, 28 de nov. 1997. Caderno Ilustrado. p. E 1.

SOUZA, João Bosco de Almeida. Mamãe, sonhei que era uma menino de rua: a historinha. In. **A Gazeta**. Cuiabá, 10 de mar. 1996. Caderno Vida. p. E 5.

VIEIRA, Luiz Fernando. A lenda do Rei Artur recontada por Ivens Sacff e Carlão dos Bonecos. In. **A Gazeta**. Cuiabá, 29 mar. 2009. Caderno E. p. 4.

_____. Entre cães e homens. In. **A Gazeta**. Cuiabá, 12 nov. de 2012. Caderno Vida. p. E 1.

WERNECK, Keka. Editora faz estréia lançando cinco livros. In. **A Gazeta**. Cuiabá, 20 de nov. de 1997. Caderno E. p. 1.

_____. Uma proposta paradidática. In. **Folha do Estado**. Cuiabá, 10 de mar. 1996. Folha 3. p. A 4.

ZERWES, Lovanin Goretti. Aprendendo a ser criança com Ivens Scaff. In. **Folha do Estado**. Cuiabá, 21 de abr. 2007. Folha 3. p. A 4.

FICCIONAL

ANTUNES, Wander. **Isso é coisa de pirata!**. Il. do autor. Cuiabá: Tempo Presente, 1996.

CALDAS, Rosana. **Arco-íris – Poemas infantis**. Il. Marcelo Cabral. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2010.

CAMPOS, Cristina; FRANÇA, Durval de. **Conferência no cerrado**. Il. Ricardo Leite. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

CAMPOS, Maria das Graças. **As meninas e o sabiá**. Il. Maty Vitart. Cuiabá: UFMT/Sesc/Entrelinhas, 1987.

CRUZ, Raimundo Conceição Pombo Moreira da. **Caduquices de Avô**. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1955.

_____. **Educação moderna**. Cuiabá: Escolas Salesianas Dom Bosco, s/d.

_____. **A múmia de Tibiriçá.** Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1957.

_____. **Sinal misterioso.** Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1958.

FREIRE, Daniele. **Bugrinho: que menino é esse?** Il. Marcelo Velasco. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

LACERDA, Luciano Dias de. **O homem que sujou o céu.** Il. Benedito Nunes. Cuiabá: Entrelinhas, 2012.

MASON, Richard. **Aventuras de Mundinho – O quati curioso.** Il. do autor. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2006.

MATTOS, Acllyse de. **Natal tropical.** Il. Patrícia Gwinner. Petrópolis: Vozes, 1990.

PERSONA, Lucinda Nogueira. **Ele era de outro mundo.** Il. Wander Antunes. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.

_____. **A cidade sem sol.** Il. Edmundo Rodrigues. Rio de Janeiro: Razão Cultural. 2000.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar.** Il. Nara Silver. 3. ed. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2010.

RIBEIRO, Paulo Cesar Prince. **Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural.** Il. do autor. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2007.

Rocha, Generino Oliveira. **Menina Pantanal e a galerinha ecológica.** Il. do autor. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2008.

ROCHA, Robson. **A árvore que chorou.** Il. Bugre. 3. ed. Tangará da Serra: Ideias, 2010.

_____. **Agadoisó.** Il. Bugre. 2. Ed. Tangará da Serra: Ideias, 2010.

RODRIGUES, Dunga. **Uma aventura em Mato Grosso.** Il. Fernanda Lopes Hernández. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984.

SCAFF, Ivens Cuiabano. **Mamãe, sonhei que era um menino de rua.** Il. Vander Antunes. Cuiabá: Tempo Presente, 1996.

_____. **A fábula do Quase-Frito.** Il. Wander Antunes. 2. ed. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.

_____. **Uma maneira simples de voar.** Cuiabá: Il. Marcelo Velasco. Tempo Presente, 1997.

_____. **O papagaio besteirente e a velha cabulosa.** Il. Wander Antunes. Cuiabá: Tempo Presente, 1999.

_____. **Uma maneira simples de voar**. Il. Marcelo Velasco. 2.ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

_____. **O menino órfão e o menino rei**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

_____. **A mamãe das cavernas e a mamãe loba**. Il. Marcelo Velasco. Cuiabá: Entrelinhas, 2012.

SILVA, Antônio Pádua e. **Selva e chuva**. Il. Cecília Iwashita. 3 ed. São Paulo: Atual, 1992.

_____. **Na terra da confusão**. Il. Mauro Soares. 2 ed. São Paulo: Atual, 1993.

_____. **O gato que amava Girl**. Il. Olavo Tenório. São Paulo: Atual, 1994.

_____. **Guerra no Pantanal**. Il. Roko. 17 ed. São Paulo: Atual, 2004.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO. Disponível em: <http://www.al.mt.gov.br/TNX/>. Acesso em: 21/01/2012.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308178250_ARQUIVO_XXVISN_Hartigosobreocupacaodeterrasnafronteiraoste. Acesso em: 25/01/2012.

<http://www.amm.org.br/amm/constitucional/documento.asp?iId=32850>. Acesso em: 10/12/2011.

<http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/imprime.php?cid=872&sid=54>. Acesso em: 25/07/2013.

CARLINI & CANIATO EDITORAL. **Catálogo 2013**. Disponível em: <http://carliniecaniatoeditorial.files.wordpress.com/2011/12/carlini-caniato-catalogo-20133.pdf>. Acesso em: 07 de setembro de 2013.

CARRION & CARRACEDO EDITORES ASSOCIADOS. **Catálogo**. Disponível em: http://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/sgp.asp?sgid=160&subgrupo=infantil_e_juvenil. Acessos em: 20/07/2012 e 21/07/2013.

Chartier, R.; LOPES, J. S. L. **Pierre Bourdieu e a história**. Rio de Janeiro, 2002. p. 139-182. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi4a5.pdf>. Acesso em: 10/05/2012.

CATHEDRAL PUBLICAÇÕES. **A editora**. Disponível em: <http://www.cathedral.edu.br/editora/>. Acesso em: 12/08/2013.

DIÁRIO DE CUIABÁ. **Literatura. Estação Leitura, parada obrigatória da literatura regional**. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=175340>. Acesso em: 04 de setembro de 2012.

DIÁRIO DE CUIABÁ. **Revista. Estação Leitura chega a sexta edição**. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=245405>. Acesso em: 21/07/2013.

DIÁRIO DE CUIABÁ. **Livros. Museu do Rio abre espaço para a literatura.** Disponível em: <http://67.210.115.11/detalhe.php?cod=109245>. Acesso em: 15/08/2013

ESTAÇÃO LEITURA. **Blog da Revista Estação Leitura.** Disponível em <http://estacao-leitura.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25/07/2013.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **O Pequeno Mensageiro - 1922 a 1932 - PR_SOR_00396_765619.** Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADE_R/DOCREADER.ASPX?bib=765619&PagFis=44. Acesso em: 20/07/2013.

IDEIAS. **Produtos.** Disponível em: <http://www.editoraideias.net/produto.php?prCodigo=545>. Acessos em: 10 /01 e 12/08 de 2013.

<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/62/materia/121153>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

YASMIN NADAF. **Textos.** Disponível em: http://www.yasminnadaf.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=4&Itemid=9. Acessos em: 10/06/2011, 04/02/2014 e 04/05/2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Revista Guavira Letras.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. N. 05, 01 jun. 2007. Ano III. Disponível em: <http://www.pgletras.ufms.br/revistaguavira/downloads/revguavira005.pdf>. Acesso em: 20/01/2012.

ANEXOS

Anexo 01 - Entrevista realizada em forma de questionário com a professora, pesquisadora e crítica literária Yasmin Nadaf, em 08 de junho de 2012.

1) Em que diferencia a história da literatura infanto-juvenil da outra voltada para o público adulto em Mato Grosso?

R= A história da literatura infanto-juvenil ainda não mereceu um estudo crítico ou historiográfico a seu respeito. O que temos são pequenos recortes falando de uma determinada obra infanto-juvenil ou de um determinado autor do gênero. Porém, um estudo sistemático e crítico bem elaborado ainda nos falta.

2) Qual a importância dos folhetins literários para a literatura produzida nesse Estado, no final do século XIX e primeira metade do século XX?

R= Tive a oportunidade de escrever em minha tese de doutorado, defendida em 2001 na Universidade Estadual Paulista/Campus de Assis, em um estudo, posteriormente impresso em livro com o título de *Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*, o trecho que transcrevo porque creio que ele responde a sua pergunta: “Alicerçado no discurso vinculado a uma campanha para a reestruturação da sociedade em nível cultural e de progresso material, e para a manutenção da ordem e da moral, donde a conformidade rígida com o passado, o orgulho nacional e regional, e a retidão moral e religiosa exacerbadas, o folhetim [da imprensa mato-grossense do período que se estendeu da 2ª metade do século XIX ao final da 1ª metade do século XX], contribuiu deliberadamente para o fortalecimento de uma “cruzada civilizatória” em prol da “isolada” e “esquecida” região [de Mato Grosso]. De saída, incentivou o refinamento cultural, publicando narrativas de autores estrangeiros e nacionais, conhecidos ou consagrados, dando ao leitor (ouvinte) da longínqua província, depois estado, a oportunidade de reciclar-se esteticamente. O mesmo incentivo ocorreu com a abertura do espaço à escrita local, quando a crônica folhetinesca surgiu e se consolidou de forma primorosa, seguida tardiamente pela ficção de autores regionais, que rompeu a partir da segunda década do novecentos. Correspondendo, ainda, ao ideal civilizatório, o rodapé em questão entreteve, informou, educou, criou hábitos de leitura, formou autores, refinou costumes, ditou regras sociais, morais e religiosas, e fortaleceu a identidade regional.” (p.208)

3) No processo de formação de leitores como você avaliaria o papel das escolas salesianas e das instituições culturais nos séculos XIX e XX, em Mato Grosso?

R= Foram fundamentais para a iniciação do processo de leitura, de vida e do diálogo literário, bem como do exercício de práticas culturais, entre elas o teatro desenvolvido pelas escolas salesianas.

4) Acredita haver alguma ressonância do teatro para o fortalecimento da leitura e da produção literária infantil e juvenil em Mato Grosso?

R= Acredito que o teatro fortaleceu o processo de letramento no século XIX, mas há um abismo cronológico muito grande entre essas ações e a produção literária infantil e juvenil contemporânea, o que nos impossibilita afirmar que uma prática foi responsável (ou desencadeadora) pela outra.

5) Qual sua avaliação sobre o mercado editorial de livros nessa região que, desde cedo, teve autores fundando selos para publicar suas obras?

R= A questão do mercado editorial no Brasil fora do eixo Rio-São Paulo sempre foi emblemática, e continua sendo apesar das facilidades que hoje dispomos de novas técnicas editoriais. Barateou-se o custo da impressão de um livro, contudo os escritores/e editores seguem enfrentando um antigo problema que é o de sua distribuição. Hoje temos em Cuiabá, a capital, editoras com qualidade gráfica de excelência, mas que raramente conseguem colocar um livro de um autor de Mato Grosso numa grande rede de livraria nacional. Isso faz com que um autor opte muitas vezes pela própria publicação, porque ele vai pensar da seguinte forma: se é para eu bancar a produção com o selo de uma editora e ter que assumir a distribuição é melhor fazer a publicação com a chamada “edição do autor”, pois o custo do livro sai mais em conta.

6) Como analisa a produção intensa de obras de infanto-juvenil em autores como Ivens Cuiabano Scaff e Antonio de Pádua e Silva ?

R= Vejo com muita alegria. São autores muito competentes que se consolidaram no mercado editorial como autores do gênero. O Pádua faleceu, mas se estivesse vivo certamente daria continuidade ao seu projeto de escrever obras para o público mirim. Ele era um escritor e jornalista bastante atuante. E o Ivens segue em sua tarefa de escrever obras infanto-juvenis somadas a sua poesia. Os livros dos dois autores são muito bem aceitos pela rede de escolas; as editoras conhecem esse fato e assim investem nas reedições.

Falando dos autores de excelência no gênero infanto-juvenil em Mato Grosso não posso deixar de destacar a produção de Lucinda Persona que publicou *Ele era de outro mundo* e *A cidade sem sol*. A Lucinda é uma escritora com vários títulos na área da poesia e por isso é mais conhecida como poeta, porém seus dois livros para os pequenos (e adultos também) ocupam lugar pleno em termos estéticos.

7) Qual sua avaliação sobre as primeiras obras destinadas a esse público como *Uma aventura em Mato Grosso* de Dunga Rodrigues e *As meninas e o sabiá* de Maria das Graças Campos?

R= Em que pese à ausência de um rigor estético mais elaborado quanto à forma, o conteúdo apresentado nestes livros é intrigante. Ambos dão relevo à questão ambiental, uma temática importante em uma região múltipla em biomas.

Por outro lado, não podemos deixar de registrar suas importâncias do ponto de vista historiográfico por serem os escritos pioneiros no gênero.

8) A presença forte da natureza nessas obras e em outras posteriores é natural em um Estado que tem parte do Pantanal e vários biomas em uma extensa área territorial?

R= Sim, muito natural. Eu particularmente não vejo essa escolha como um problema, e sim como uma opção feliz por se tratar de um tema coletivo que interessa não somente Mato Grosso ou o Brasil, mas o mundo todo.

9) Em face do culto à natureza a estética não ficaria um tanto comprometida? Como isso poderia ser mudado?

R= Se uma obra for bem construída de modo algum o culto da natureza fere a sua estética. Caso fosse o próprio cânone não indicaria ainda hoje como leitura obrigatória algumas obras de autores que trilham por esse caminho tempos atrás. Refiro-me aqui aos nossos romancistas e poetas românticos do século XIX que louvaram a natureza, tais como Chateaubriand, na literatura francesa, e Gonçalves Dias, e José de Alencar, na literatura brasileira.

10) A crítica literária de obras de infanto-juvenil é intermitente como as obras publicadas ou ela acontece no mesmo ritmo das obras voltadas a outros públicos?

R= A questão da crítica literária é intrínseca ao aparecimento dos escritos. A tradição reza – e concordo com ela – que à medida que os livros vão surgindo no cenário das letras a crítica cumpre o seu papel de dialogar com as obras, e divulgá-las ao público-leitor.

11) Será que o quadro dessa literatura seria diferente se não houvesse um número significativo de produções publicadas através de leis de incentivo à cultura ou patrocínios governamentais?

R= As leis existem o que ocorre é que elas são muito burocráticas, fato este que leva muitas vezes um autor a desistir de procurar esse caminho do patrocínio. Isto não ocorre somente em termos de Mato Grosso, mas em termos de Brasil. Temos muitos autores; é grande a demanda de obras inéditas a espera de uma publicação o que faz com que muitos dos patrocínios não apareçam.

12) Como se poderiam encurtar os caminhos para que a produção literária no Estado chegue as escolas em Mato Grosso? A implantação de um programa estadual de distribuição de livros seria o caminho mais viável?

R= Sim, mas o desenvolvimento do hábito de leitura também está no mesmo patamar de importância em relação a essa questão da distribuição dos livros nas escolas. É necessário que os dirigentes institucionais sejam sensíveis a leitura (refiro-me a literária), caso contrário os livros chegam as escolas mas ficarão esquecidos nas mesas ou prateleiras das bibliotecas.

Anexo 02 - Entrevista realizada em forma de questionário com a editora da Ideias Jociele Rosa, em 25 de julho de 2013.

- 1) Qual a sua função na editora?

R= Editora e Revisora

- 2) Como se encontra o mercado de livros infantis juvenis em Mato Grosso?
A partir de quando esse mercado passou a necessitar de um trabalho mais profissional?

R=Segundo dados de 2012 da ANL (Associação Nacional de Livrarias), no Brasil os livros infantis e juvenis estão em evidência, correspondendo a 74 e 71%, respectivamente, em relação a outros gêneros. Se falarmos do estado de Mato Grosso, não temos dados formalizados, mas, podemos afirmar que estamos dentro da mesma proporção nacional.

- 3) Como é o desafio de ter uma editora no interior do estado? Há concorrência com as que estão na capital ou o mercado acomoda bem essa situação?

R=Primeiramente, podemos falar da dificuldade que o escritor encontra para entrar em uma editora de porte nacional. Sabemos disso por experiência própria e por relatos de outros escritores. São centenas de títulos e escritores de todo Brasil concorrendo por uma oportunidade de terem seus trabalhos reconhecidos e publicados. Sendo assim, a Editora Ideias surge como uma oportunidade para divulgar e incentivar talentos que, provavelmente, não encontrariam outro meio e se perderiam com o tempo.

Depois, referindo-se à concorrência, sim, o mercado acomoda bem essa situação, pois ainda é pouco o número de editoras na capital ou em outras cidades do estado. A dificuldade maior ainda está na distribuição dos livros, sendo que as distribuidoras, muitas vezes, preferem trabalhar apenas com editoras nacionais, valorizando pouco o escritor local.

- 4) A linha editorial da Ideias dá preferência para obras com temáticas regionais ou não há essa preocupação?

R=Não há essa preocupação, os livros publicados pela Ideias são de diversos gêneros, podendo variar do livro biográfico ao livro técnico. E, até então, não recebemos muitas obras com temáticas regionais.

- 5) Há uma política geral de divulgação dos livros editados por esse selo ou depende da movimentação de cada autor?

R=A divulgação se dá, principalmente, por meio das redes sociais. Procuramos, também, confeccionar *folders* para distribuição, e divulgar em escolas e feiras que acontecem pelo estado. Ainda assim, o escritor possui autonomia para fazer sua divulgação pessoal.

- 6) A imprensa dá o devido destaque para o mercado editorial direcionado ao público infantil e juvenil?

R=Não somente a estes gêneros. Felizmente, na cidade de Tangará da Serra, onde está localizada a editora, temos boas parcerias com as TV's e jornais locais, que divulgam os lançamentos, como forma de apoio à cultura.

- 7) Qual é a importância das leis de incentivo cultural dentro do mercado editorial de Mato Grosso?

R=Infelizmente, o Estado de Mato Grosso possui uma das maiores cargas tributárias do país, isto implica em custos altos para a produção de livros. As leis de incentivo, neste caso, são de extrema importância para a publicação de escritores que não possuem condições financeiras suficientes. Porém, percebemos que há pouca divulgação sobre as possibilidades de inserção nos referidos programas.

- 8) Dentre os livros publicados pela Ideias, direcionados a crianças e jovens, a quem cabe a fatia maior de financiamento: editora, autor ou incentivos?

Na editora Ideias, a fatia maior tem sido da editora, conforme quadros abaixo:

Livros direcionados ao público infantil e Jovem financiados pela Ideias		
Título	Autor	Ano da publicação
<i>A última Surra</i>	Robson Rocha	2009
<i>Os katraias</i>	Robson Rocha	2009
<i>Para Katarina</i>	Joci Rosa	2009
<i>Escola: é proibido pensar</i>	Robson Rocha	2009
<i>O contra-ataque</i>	Robson Rocha	2009
<i>Olha o perigo</i>	Robson Rocha	2009
<i>Trânsito legal</i>	Joci Rosa	2009
<i>Agadoisó</i>	Robson Rocha	2010
<i>O menino que flutuava</i>	Joci Rosa	2010

<i>A árvore que chorou</i>	Robson Rocha	2010
<i>O buraco sem fundo</i>	Robson Rocha	2013
<i>O casamento do Lápis Mágico</i>	Robson Rocha	2013
<i>O Lápis Mágico (para colorir)</i>	Robson Rocha	2013
<i>O Ratinho Preguiçoso (para colorir)</i>	Robson Rocha	2013
<i>A formiguinha Ritinha (para colorir)</i>	Robson Rocha	2013
<i>O buraco sem fundo (para colorir)</i>	Robson Rocha	2013
<i>Lé e o elefante de Lata</i>	Marta Cocco	2013
<i>Elefa – a elefantinha que queria ser modelo</i>	Celso Antunes	2013

Livros direcionados ao público infantil e Jovem financiados pelo autor

Título	Autor	Ano da publicação
<i>Crimes perfeitos</i>	Simone Mattos	2012
<i>O Boi Babaçu</i>	Marcos dos Anjos	2013

Livros direcionados ao público infantil e Jovem financiados por incentivos

Título	Autor	Ano da publicação
<i>Hime's – o primeiro caminho</i>	Maria De Fátima Budnik Chinikoski	2013 (em andamento)

9) Poderia nos informar a tiragem e vendagem dos livros infantis e juvenis do autor Robson Rocha?

Livro	Gênero	Tiragem	Vendidos
<i>O Lápis Mágico</i>	Para colorir	2.000	1.903
<i>O Ratinho preguiçoso</i>	Para colorir	2.000	1.947
<i>A formiguinha Ritinha</i>	Para colorir	2.000	1.950
<i>O Buraco sem fundo</i>	Para colorir	2.000	1.876
<i>O casamento do Lápis Mágico</i>	Literatura infantil	1.000	290
<i>O buraco sem fundo</i>	Literatura infantil	1.000	628
<i>Agadoisó</i>	Literatura infantil	1.000	714
<i>A árvore que chorou</i>	Literatura infantil	1.000	819
<i>Os Katraias</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado
<i>Escola: é proibido pensar</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado
<i>A última Surra</i>	Literatura juvenil	1.000	esgotado
<i>O contra ataque</i>	História em quadrinhos	61.000	60.868
<i>Olha o perigo</i>	História em quadrinhos	21.000	20.857
<i>O ataque das cáries</i>	História em quadrinhos	10.000	esgotado

10) A venda dos livros restringe a Mato Grosso ou há um mercado emergente fora desse Estado?

R=Devido à falta de distribuidoras, atualmente restringe-se apenas ao estado.

- 11)** Vocês possuem uma política de recebimento de originais de autores para serem analisados com vista a uma publicação bancada pela editora?

R=A editora ainda é uma editora nova. Não divulgamos que recebemos originais para publicação, pois as publicações acontecem à medida que há fluxo. Mas, à medida que surgem as oportunidades, fazemos a proposta para determinados autores. Neste ano mesmo, fechamos contrato com um autor nacional, o Celso Antunes, autor de 220 livros e 15 milhões de livros vendidos em todo o Brasil. Ele acreditou na nossa editora, ao ver nosso trabalho, com o Salão do livro de Tangará da Serra. O lançamento do livro é no dia 06 de novembro, em Lucas do Rio Verde. Estamos descobrindo, aos poucos, alguns caminhos para distribuição nacional, via distribuidoras, via parcerias com a ANL, via parcerias com autores nacionais.

- 12)** Os lançamentos de livros de autores publicados costumam ter alguma parceria ou o custo é exclusivamente do contratante?

R=Disponibilizamos o espaço físico da Livraria Ideias e auxiliamos na organização do evento, na divulgação para garantir que o dia do lançamento seja um sucesso de público e venda. O próximo, do Celso Antunes, elaboramos cartaz, folder e ingressos de divulgação e fechamos parceria com outras empresas. (ver anexos). Resolvemos fazer o lançamento em duas cidades pólo: Lucas do Rio Verde e Juína.

- 13)** Qual a importância da venda de livros pela internet? Ela já superou a vendagem nas livrarias físicas ou isso se dará em médio prazo?

R=As expectativas são de que as vendas continuem aumentando. Apesar de não ter superado a livraria física, o índice de *e-commerce* é de 43%, segundo a ANL.

Anexo 03 - Entrevista realizada em forma de questionário com o autor Robson Rocha, em 11/07/2013.

1) Conte como começou sua carreira de escritor de livros infantis.

R=Dois fatores influenciaram o surgimento do Robson escritor: Em 1991, eu era professor alfabetizador em uma escola de zona rural, no município de Amambai, MS. Na ocasião, na escola não havia livros de histórias para as crianças, nem havia biblioteca. Então, comecei a inventar histórias para contar aos meus alunos. E, a criança, quando gosta de uma história, pede para ouvir novamente. Assim, eu recontava algumas das histórias criadas e, quando esquecia ou trocava alguma parte, as crianças me corrigiam. Assim, as primeiras histórias criadas foram orais, somente.

Nesta mesma época, eu estudava no curso do magistério. E, em um dos trabalhos da disciplina de didática, os alunos deveriam transformar a história de um livro em teatro de fantoches e apresentar para três turmas de alunos de uma escola. As crianças é que avaliariam a apresentação. O grupo de 5 alunos em que eu estava, pediu a mim que conseguisse uma história em que os personagens fossem feios, pois, as responsáveis pela confecção dos fantoches não possuíam habilidade em costura para conseguir fazer um fantoche ficar bonito. Então eu procurei em vários livros e não encontrei nenhum personagem que fosse “feio”. Então, para não falhar com o grupo, escrevi “O ataque das cáries”. Na época pensei “Nunca vi uma cárie, mas não deve ser algo bonito. Quanto mais feio ficar o fantoche, melhor”. No dia da apresentação, o texto do “Ataque das cáries” foi eleito como a melhor história, pelas crianças. A professora Loreni, perguntou quem era o autor daquela história, pois ela queria comprar o livro. Quando soube que o texto era meu, disse: “Não sei como te ajudar. Não entendo nada de editora. Nem sei para quem te encaminhar. Mas você é escritor. As crianças preferiram a sua história, dentre outras 5, já publicadas. Então você é escritor. Vá atrás disso.” Naquele dia, um sonho foi plantado na minha mente. Era uma professora muito séria e confiável. Se ela disse, é porque era possível. A partir de então, comecei a escrever todas as histórias que já estavam memorizadas, e todas as que eu contava para meus alunos. Depois de cinco anos tentando contatos com várias editoras, tive uma resposta positiva da Editora FAPI, de Belo Horizonte. Na época, eu encaminhei 36 histórias e a editora disse que eu poderia escolher 12, pois publicariam uma coleção. Assim, em outubro de 1997, foi publicada a primeira edição da Coleção Descobertas, com tiragem inicial de 120 mil exemplares.

2) Qual a maior dificuldade que você tem no processo de produção do texto literário?

R=Depois de definido um tema, penso nas informações relevantes que permeiarão o texto e começo a pesquisa. Penso no formato do livro, no público alvo, e procuro visualizar o livro pronto. Para mim, todo o processo é trabalhoso e cada detalhe pode ser muito decisivo para o livro vender ou não; para o leitor querer terminar a leitura do livro, para o leitor espontaneamente indicar o livro, para uma escola querer adotar o livro. A concorrência é muito grande, diariamente são publicadas dezenas de livros infantis e infanto-juvenis inéditos, por várias editoras em todo o Brasil. Além disso, a literatura estrangeira tem um espaço significativo no mercado de livros consumidos no Brasil, principalmente para adolescentes. Então, a grande dificuldade, é conseguir escrever um livro que se destaque de alguma forma entre tantos.

3) Qual a importância da sua formação de leitor na produção de suas obras literárias?

R=Cresci ouvindo histórias. Meu pai sempre lia para nós, meus irmãos e eu, antes de irmos dormir. E meu avô, era tão bom contador de histórias que, por várias vezes, eu presenciei rodas de adultos em silêncio, no garimpo, ouvindo meu avô contar os causos. Ele conseguia prender a

atenção de todos, e eu admirava isso. Conheci as histórias de Monteiro Lobato, primeiro pela TV, depois pelos livros. Meu pai sempre investiu em livros. Então tivemos acesso aos clássicos desde cedo. Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira e Ziraldo fui conhecer depois dos 18 anos. Mas minha primeira influência foi Monteiro Lobato. A meu ver, ele consegue captar as coisas, com um olhar de criança, de uma forma que dificilmente um adulto perceberia. Sou fã da Ruth Rocha. Acho incrível como ela consegue construir personagens tão compatíveis com o tipo de cidadão que as escolas em geral pretendem formar. Gosto de alguns textos da Ana Maria, do Pedro Bandeira e do Ziraldo. Mas na forma de escrever, prefiro a Ruth Rocha.

- 4) A partir de quando você começou a escrever com intenções literárias? Dos primeiros textos até a publicação deles quanto tempo levou?

R=Bom. Como já disse, meus primeiros textos surgiram com a intenção de contar histórias, somente. Na época, nem sabia que características faziam um texto literário ou não. Com o convívio com a academia, passei a perceber alguns discursos que separavam textos pedagógicos de literários, se referindo a livros para crianças. Foi nessa época que passei a querer observar isso nos meus textos. A partir daí, as minhas histórias passaram a ser influenciadas por este outro olhar. Penso que, no último livro publicado, “O casamento do Lápis mágico” há alguns elementos que utilizei conscientemente, pensando em garantir, por exemplo, múltiplos significados. Comecei a escrever em 1991, mas, nunca pensei em escrever com intenções literárias. A matéria prima principal, no caso do texto para crianças, é a história.

- 5) Qual veículo de comunicação você considera ideal para propagação de obras literárias?

R=A televisão é muito poderosa. Um autor que comece a aparecer nos programas de maior audiência logo tem o seu cachê valorizado. A internet é mais democrática e também tem um alcance interessante.

- 6) Em tempos atuais, a criança é apresentada a novas linguagens que, a partir dos recursos multimídias, revertem o objeto livro. No uso desses recursos, que pontos positivos e negativos você destacaria?

R=Para o autor, o importante é o texto chegar ao leitor. Não importa o suporte. Há quem prefira o livro, em papel, há quem prefira o livro digital. Cada suporte novo, a meu ver, multiplica as possibilidades de socialização e, inclusive, faz o livro chegar de uma forma, às vezes, mais sedutora às crianças mais inclinadas a determinados recursos.

- 7) Na produção de obras voltadas para o público infantil é importante o trabalho dos ilustradores. No seu caso, você escreve pensando nos traços, o ilustrador tem liberdade de criação ou vocês discutem a obra em conjunto?

R=As três coisas acontecem. Algumas vezes, a ideia surge primeiro pela imagem, e depois pela palavra. Por exemplo, no livro “O casamento do Lápis Mágico”, a história começou, com a imagem do planeta Terra servindo de apontador gigante para apontar o Lápis. Foi esta imagem que me fez dar vida à história. Geralmente, discuto o plano de ilustrações com o autor. E, em muitos casos, não consigo imaginar ilustração alguma para determinada ideia. Quando é discutido, antecipadamente, há um ganho significativo de tempo. Com o planejamento do livro, a possibilidade de ter que refazer determinada ilustração praticamente desaparece. Com a discussão, geralmente o livro fica definido na cabeça do ilustrador.

- 8) Você tem conhecimento de estudos críticos produzidos na academia sobre sua obra? Poderia nos falar de algum deles.

R=Sim. Conheço este: LITERATURA INFANTIL NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA UEMS DE PARANAÍBA, que pode ser acessado pelo endereço <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/217/150>

“Com a análise realizada nos livros *Lúcia Já-Vou-Indo* da escritora Maria Heloísa Penteado e *Deu a louca na Floresta* do escritor Robson Rocha, foi possível diagnosticar que conceito de literatura categoriza o acervo da Biblioteca. (...)”. Este é um fragmento das considerações finais: “Assim, com os livros analisados pode-se verificar que há os que favorecem o contato com o humor, despertam a imaginação e favorecem o contato com o lúdico e com a fruição estética, pela linguagem, enredo, ilustração, enfim, pela gama de informações que o texto nos proporciona, caso este do livro *Lúcia Já-Vou-Indo*, e, no entanto, há os que deixam a desejar e tendem a educar com pedagogismos e elementos utilitários com a moral explícita e situações que levam à não contestação, pois tudo está posto de forma dada; o leitor neste caso não pensa e não produz conhecimento e estratégias como num jogo, como no livro *Deu a louca na Floresta*. Assim, ele não joga e se frustra ao se colocar no lugar dos personagens, o que faz com que perca o hábito e gosto pela leitura. Como se viu, a literatura não tem a função de educar, mas sim tem o compromisso com a liberdade, assim, forma o ser humano, pois desperta sentimentos variados, como alegria, tristeza, raiva, amor, ódio etc. Neste caso, o livro *Deu a Louca na Floresta* não se encaixa neste padrão, pois visa apenas ao pedagógico, levando os leitores a serem oprimidos, pois se encaixa no sistema a que estamos habituados, ou seja, opressor/oprimido”.

Acho interessante. Mas outro leitor pode ver, nesta obra, exatamente o oposto do que propôs a analista. Inclusive, a própria editora censurou partes da história, inclusive o título, no original “A floresta alienada”, alegando que poderia suscitar discussões que poderiam induzir as crianças a questionarem certas coisas e que, por conta disso, poderia inibir as vendas para órgãos do governo. A editora colocou então “Deu a louca na floresta”. Além disso, onde hoje se lê “solução”, no original era a palavra “constituição”. Isso aconteceu em 1995, quando a coleção Descobertas estava sendo preparada para publicação. Na época, foi o único livro censurado. Inclusive eu tinha duas opções, aceitar a substituição do termo “constituição”, por outro, ou colocar outra história na coleção.

- 9) Tem conhecimento se suas obras foram adotadas em alguma escola do Estado de Mato Grosso ou em outro Estado?

R=Sim, em várias cidades e em todos os estados do Brasil. Somente a coleção Descobertas, já vendeu cerca um milhão e meio de livros em todo o Brasil, desde sua primeira edição em 1997. Não tenho um mapa de quantas escolas adotaram, mas, de vez em quando, fico sabendo pelos próprios leitores (estudantes e professores). Por exemplo, me mudei para Tangará da Serra em 2006, e uma professora do Colégio ATEC, trabalhava com o livro do Lápis Mágico desde 2004. Quando soube que eu estava morando aqui, fui convidado para ter um bate-papo com as crianças. Neste semestre, pelo face, fui encontrado por uma professora, a Divanir, de uma escola particular de São José da Tapera, no estado do Alagoas. Segundo a professora, eles trabalham com o livro “O destino de pingo”, há dois anos, e, em dezembro deste ano tenho agenda lá com eles, participando do fechamento do projeto de leitura. As demais obras, publicadas em editoras de Mato Grosso, têm uma circulação razoável, tanto é que todas as edições dos livros infantis e infanto-juvenis, por exemplo, publicadas até 2012 estão esgotadas. Existem alguns municípios de Mato Grosso que, pela proximidade da minha cidade, sempre me convidam para eventos relacionados à leitura, com destaque para Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Diamantino, Sapezal, Campo Novo do Parecis, Brasnorte, Campos de Júlio.

- 10) É possível um escritor ser divulgado fora do seu Estado publicando por uma editora regional?

R=Claro. A internet possibilita isso com muita facilidade. Outro meio é a participação em eventos, e também negociando com as distribuidoras que colocam os livros na malha de distribuição nacional.

- 11) Qual sua avaliação sobre o mercado editorial de livros infantis e infanto-juvenis nessa região e a entrada em outras regiões do país?

Os livros de literatura infantil vendem muito. Só perdem em venda para os livros didáticos. Estranhamente, o mercado editorial, do ponto de vista de publicação de obras infantis, aparentemente não percebe essa tendência. Nas editoras que conheço em Mato Grosso, por exemplo, os livros de literatura infantil publicados são quase todos pela Lei de Incentivo a Cultura. Ou seja, não parte de um investimento da editora e sim do governo. Pode ser um problema relacionado à distribuição.

- 12) Você já foi beneficiado com as leis de incentivo à cultura?

R=Em 2004, me inscrevi e fui beneficiado com a publicação de dois livros infantis. Depois disso, não tive mais interesse. Penso que a lei deva beneficiar quem não teve oportunidade de publicar de outras formas.

- 13) Será que o quadro da literatura produzida em Mato Grosso seria diferente se não houvesse um número significativo de produções publicadas através de leis de incentivo à cultura ou patrocínios governamentais?

R=Certamente. Os de literatura infantil mesmo seriam pouquíssimos. Teríamos muita poesia e muitas obras técnicas.

- 14) Como poderiam ser encurtados os caminhos para que a produção literária desse Estado chegue às escolas em Mato Grosso? A implantação de um programa estadual de distribuição de livros seria o caminho mais viável?

R=Ainda não pensei a respeito.

- 15) Você se considera um autor conhecido ou desconhecido do público local? A partir de sua resposta, comente sobre a sua vendagem de mais de um milhão e meio de livros.

R=Sou bastante conhecido. As crianças me chamam de Robson Rocha. Tenho alguns personagens bem conhecidos como o Lápis Mágico, o Ratinho preguiçoso, e a Formiguinha Ritinha. O Lápis Mágico até tem um boneco que utilizo nas visitas às escolas. Um milhão e meio foi somente a coleção Descobertas, publicada pela editora FAPI. Sobre a venda, atribuo a dois fatores: à capacidade de distribuição da editora, que vendeu em média 100 mil livros meus por ano, e pelas histórias terem caído no gosto do público. A mesma editora, já tinha outras coleções infantis, no mesmo formato (12 livros em uma caixa), antes de publicar a minha coleção. Algumas já saíram da linha de produção. E, a coleção Descobertas, foi a primeira coleção infantil da editora e recebeu o selo de 1 milhão de cópias vendidas. (em 2009, reformularam a coleção e imprimiram nas

contra-capas de todos os livros o selo). Eu atribuo muito ao critério utilizado para a escolha das 12 histórias que formariam a coleção. Eram 36 histórias, provadas para publicação. Na época, eu era professor alfabetizador e deixei que meus alunos escolhessem as histórias, sem que eles soubessem. As histórias que eles sempre pediam para contar novamente foram as escolhidas. Algumas histórias eram as minhas preferidas e ficaram de fora.

Anexo 04 - Entrevista realizada em forma de questionário com a Editora da Entrelinhas Maria Tereza Carrión Carracedo, em 03/10/2013.

- 1) Qual a sua função na editora?

R=Sou a editora dos selos Entrelinhas, Central de Texto e Aroe.

- 2) Como se encontra o mercado de livros infantis e juvenis em Mato Grosso? A partir de quando esse mercado passou a necessitar de um trabalho mais profissional?

R=Se eu considerar que a sua pergunta se refere a livros infanto-juvenis regionais, eu diria que não existe propriamente um mercado... Editoras e autores, desejosos de publicar nessa área, começaram a experimentar e lançar edições para tentar seduzir pequenos e grandes leitores. Até o presente momento as vendas ficam muito restritas ao momento do lançamento entre os amigos do autor e eventualmente uma que outra escola adota um livro para turmas pequenas, geralmente de 20 a 30 alunos. Após 20 anos de atuação em Cuiabá constatamos que pela falta de programas de incentivo à leitura e de valorização da produção editorial regional, não existe, ainda, um mercado consumidor. Esse mercado poderia ser bem significativo se as leis existentes no Estado fossem cumpridas. Refiro-me, por exemplo, a duas leis específicas: a Lei nº 4.570, de 30 de junho de 1983, que dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão da literatura mato-grossense nos currículos plenos das escolas de Ensino Fundamental e Médio do Estado de Mato Grosso, e a lei nº 5.573, de 6 de fevereiro de 1990, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino das disciplinas de História, Geografia e Literatura de Mato Grosso, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, públicas ou particulares que funcionem no Estado de Mato Grosso.

Os sistemas públicos (estadual e municipais) e particular de ensino, não cumprem essas leis e o Conselho Estadual de Educação não cobra o seu cumprimento. A LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais também estabelecem que as escolas contemplem em seus currículos o estudo da realidade regional. Mas, por falta de políticas públicas e interesse do Estado, quase nada é realizado neste segmento e as iniciativas são isoladas. Sobre a exigência de um trabalho mais profissional o que posso dizer é que sempre estivemos atentos aos avanços do mercado editorial nacional, acompanhando as edições, a tecnologia, recursos de impressão, as tendências do design gráfico, e independente de uma pressão mercadológica – uma vez que o mercado não tem nenhuma representatividade – sempre buscamos produzir as melhores edições que temos condição de publicar. Assim como um pintor precisa pintar, e um escritor precisa criar histórias, uma editora precisa publicar. Essa vontade incontida garantiu a existência da maioria das publicações literárias que lançamos no mercado.

- 3) A linha editorial da Entrelinhas dá preferência para obras com temáticas regionais?

R=Veja o que publiquei em nosso site, no link "Quem somos", sobre este assunto:

Produzimos conteúdo para alimentar o presente e o futuro. No mercado editorial mato-grossense desde 1993, Entrelinhas Editora e Central de Texto uniram suas estruturas e talentos humanos para formar a Carrión & Carracedo Editores Associados. Com centenas de publicações em seu portfólio, estes selos editoriais têm o suporte de profissionais especializados para elaborar a sua linha de publicações ou para assessorar clientes institucionais e autores, desde a concepção da publicação até a finalização da obra, seja em suporte tradicional, como o papel ou o digital,

com ebooks em formato ePub ou PDF. Nos seus primeiros anos estruturou-se como uma empresa prestadora de serviços editoriais e de comunicação a instituições, o que lhe permitiu aprimorar o processo de produção editorial com as novas tecnologias, em um mercado sem representatividade para o consumo de produção literária regional. Considerando a enorme riqueza cultural e ambiental mato-grossense e as necessidades de empreender pesquisas, organização e elaboração de conteúdos para que tenham condições de ser compartilhados em uma sociedade que se recria constantemente à luz das novas e revolucionárias tecnologias, escolhemos atuar predominantemente na região central da América do Sul e adotamos como nossa **missão** e razão de existir: "disseminar informações e conhecimentos de natureza ou interesse regional, contribuindo para a formação educacional e cultural da sociedade". Acreditamos que Mato Grosso pode ser um polo irradiador de cultura e conhecimento. A bússula que nos guia é a nossa **visão**: "ser uma organização editorial de referência na divulgação de informações que contribuam para o fortalecimento da identidade regional e a construção de uma sociedade alicerçada na liberdade, justiça, respeito às diferenças, solidariedade e sustentabilidade ambiental. Com o desejo de produzir e divulgar conteúdos importantes para a sociedade mato-grossense, no ano 2000 demos início à edição dos nossos primeiros livros voltados para o mercado educacional, com o lançamento de publicações que se tornaram uma referência para o Estado de Mato Grosso, como o *Atlas Geográfico de Mato Grosso*, kit de *Mapas Didáticos* em grande formato para professores e os livros *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*, *Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade, Ambiente, Diversidade Sociocultural em Mato Grosso e Cultura Mato-grossense: festas de santo e outras tradições*. Com edições bem cuidadas na elaboração de conteúdo por parte dos autores e no *design* gráfico, ricamente ilustradas, em policromia, estes livros permitiram o acesso da sociedade, comunidade escolar e acadêmica, a um rico leque de informações textuais e visuais como nunca antes havia sido reunido, estruturado e disponibilizado. Sempre com recursos muito limitados, investimos na produção de livros de arte e literatura – além das edições acadêmicas nas áreas de ciências sociais e humanas – que resgatem diversos aspectos da cultura mato-grossense, ou que discutam temas existenciais de interesse. As edições infanto-juvenis nasceram e seguem com a participação de autores, fotógrafos, ilustradores e artistas visuais mato-grossenses de grande talento. Quebrar a barreira de distribuição dos nossos livros, além da formação de um mercado consumidor para as nossa produções, foi e continua sendo um grande desafio. Como alternativas de enfrentamento às barreiras das distribuidoras nacionais, totalmente voltadas para os grandes centros do país e para grandes editoras, e das livrarias, inseridas na massacrante lógica do mercado onde as prateleiras apresentam apenas os *mais vendidos*, escolhemos lançar a nossa loja virtual para venda de livros impressos em todo o Brasil e disponibilizar livros digitais para venda em mais de 190 países. Em 2013, ano em que completamos 20 anos de fundação, lançamos os primeiros ePubs de autores e temas mato-grossense nos maiores *players* internacionais de venda de *eBooks*. Agora é possível comprar os nossos livros digitais na iTunes Store, loja da Apple, na Amazon e Kobo, em todos os países em que atuam, além de livrarias nacionais de ebooks, para leitura em computadores e em centenas de modelos de ereaders, tablets e smartphones nos sistemas iOS e Android. Acreditamos que o leitor merece a melhor experiência — tátil, visual, de linguagens e significados. Nos dedicamos ao trabalho de oferecer sempre o melhor conteúdo, para o presente e o futuro.

- 4) Há uma política geral de divulgação dos livros editados por esse selo ou depende da movimentação de cada autor?

R=Veja em nosso site (www.entrelinhaseditora.com.br) como divulgamos todos as edições comerciais e os autores. Este ano atualizamos a nossa Loja Virtual, disponibilizando a degustação das primeiras páginas dos livros, em formato PDF, para que o leitor possa analisar a obra e o seu conteúdo antes de adquiri-la. Essas informações estão abertas para mundo. Além disso damos suporte ao lançamento, à divulgação do mesmos e divulgação da obra ao longo de anos. Quando

a editora publica um autor, na verdade estabelece uma sociedade naquele título e trabalha a sua divulgação todo o tempo em que a relação contratual existir – e muito além dela. Mas é certo dizer que a parceria do autor na divulgação do seu livro é fundamental para o sucesso da publicação e vendas. Infelizmente a maioria considera que depois do livro publicado, o esforço sobre a obra já está feito e espera que a Editora seja capaz de transformar o livro em um *bestseller*. E isso não é possível. As vendas podem ser alavancadas pelo autor.

- 5) A imprensa dá o devido destaque para o mercado editorial direcionado ao público infantil e juvenil?

R=Em geral conseguimos divulgar, com maior ou menor espaço, no momento do lançamento. Depois disso, é mais difícil conseguir espaço na mídia.

- 6) Qual é a importância das leis de incentivo cultural dentro do mercado editorial de Mato Grosso?

R=Poderia ser importante para a nossa editora. Infelizmente, ao longo de anos, acabamos investindo recursos adicionais representativos para publicar uma que outra obra incentivada na qual escolhemos investir. Para exemplificar posso citar o caso do livro "Cuiabá: imagens da cidade", de Maria Auxiliadora de Freitas. Este livro recebeu um incentivo de R\$ 20 mil da Secretaria de Cultura. Para publicá-lo gastamos R\$ 180 mil e viabilizamos o restante dos recursos. O título "O menino órfão e o menino rei", de Ivens Scaff, também recebeu um valor de incentivo e precisamos dobrar os recursos para poder lançá-lo em tamanho adequado, todo em cores. Escolhemos produzir as imagens a partir de cenários encomendados, com quase 20 bonecos restaurados e vestidos com novos figurinos... Nunca escolhemos o caminho mais fácil, mais barato. Sempre queremos fazer o melhor, de forma a seduzir o pequeno leitor, valorizar o texto do autor e de todos os profissionais e artistas envolvidos no processo de produção editorial. Existe um outro problema nas leis de incentivo. Refiro-me às publicações, que acompanho mais de perto: os proponentes ficam livres para escolher com quem publicar e infelizmente muitos, em busca do menor preço, recorrem a gráficas, que publicam algo que se parece com um livro apenas no suporte tradicional (o papel)... Por não conhecer o rigor com que o processo de produção editorial deve se dar, muitos aventureiros são patrocinados pelo Estado para produzir "coisas" duvidosas – uma verdadeira afronta ao leitor, ao município e aos cidadãos que pagam os impostos utilizados para financiar esses trabalhos.

- 7) No catálogo da Entrelinhas, quais livros direcionados aos públicos infantil e juvenil o Estado costuma comprar para distribuir nas escolas?

R=Essa pergunta, se houvesse uma resposta a apresentar, soaria como música aos editores... Mas a resposta é "**nenhum**" título do nosso catálogo. Em 20 anos **nunca** o Estado comprou qualquer dos nossos títulos infanto-juvenis para a promoção da literatura nos sistemas públicos de Ensino, seja no município de Cuiabá, de outras cidades de Mato Grosso, ou em nível estadual. Este cenário onde o Estado é um agente de promoção da cultura e literatura regional nas escolas, é o sonho de todo editor... ver os alunos debruçados, aprendendo, devorando e criticando as suas obras.

- 8) Dentre os livros publicados pela Carrión & Carracedo Editores Associados, direcionados a crianças e jovens, a quem cabe a fatia maior de financiamento: editora, autor ou incentivos?

R=Cabe à editora. Mas se houvesse mercado para os nossos livros, não precisaríamos de financiamento algum.

9) Qual é o faturamento dos livros infantis juvenis publicados?

R=Até o presente momento não tem representatividade no faturamento da Editora.

10) Poderia nos informar a tiragem e vendagem dos livros infantis e juvenis de Ivens Scaff?

Título	Lançamento	Exemplares até dezembro de 2013	Doados	Vendidos
<i>Uma maneira simples de voar</i>	2006	4.100	1981	2020
<i>O menino órfão e o menino rei</i>	2008	2.000	552	393
<i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	2012	3.100	132	2.224

11) A venda dos livros restringe a Mato Grosso ou há um mercado emergente fora desse Estado?

R=O nosso principal canal de vendas fora do Estado é a nossa Loja Virtual. Mas as vendas não são significativas. Não temos distribuição física fora do Estado. Vendemos na rede da Livraria Cultura, em São Paulo e Livraria da Travessa, no Rio de Janeiro, mas é muito pouco e entre os títulos encomendados não estão os infanto-juvenis.

12) Vocês possuem uma política de recebimento de originais de autores para serem analisados com vista a uma publicação bancada pela editora?

R=Sim. Veja o que publicamos em nosso site, no link "Perguntas frequentes", entre outras informações sobre como publicar conosco: Posso enviar originais para avaliação da editora? Estamos recebendo originais para análise com temas referentes a Mato Grosso nos seguintes gêneros: literatura de ficção (contos, novela, romance), narrativa histórica, livro reportagem e história em quadrinhos. Os livros de texto devem ser enviados em cópia impressa com as páginas numeradas, preferencialmente em formato A4, fonte times, corpo 12, entrelinha 1,5. O original deve estar acompanhado de uma carta com dados pessoais, breve currículo e um resumo da obra em até 15 linhas. Somente recebemos originais pelo correio. Não emitimos parecer sobre os originais recebidos. O prazo de avaliação pode chegar a dois anos. Após a análise, a resposta será enviada por email. Se a obra for aprovada para publicação, entraremos em contato. Não devolvemos os originais, que depois do prazo de análise serão destruídos. Antes do envio sugerimos aos autores que realizem o registro dos direitos autorais do seu livro no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As informações e formulários podem ser obtidos no portal www.bn.br / Serviços profissionais / Escritório de Direitos Autorais /

Registro ou Averbação.

- 13) Os lançamentos de livros de autores publicados costumam ter alguma parceria ou o custo é exclusivamente do contratante?

R=Você se refere aos custos do evento do lançamento do livro? Se o livro é um investimento da editora, todos os custos de lançamento são nossos. Se o livro foi publicado como um serviço prestado a uma instituição, então o contratante faz o lançamento, sempre com a nossa parceria, onde alguns custos são absorvidos pela editora.

- 14) Qual a importância da venda de livros pela internet? Ela já superou a vendagem nas livrarias físicas ou isso se dará em médio prazo?

R=Embora o volume de vendas em nossa Loja Virtual seja muito pequeno, contribuindo muito pouco com a nossa receita, ao mesmo tempo em que pesa financeiramente a sua operacionalização, considero muito importante a manutenção da Loja Virtual e do site como divulgação dos nossos livros, dos temas, dos autores, ilustradores e todos os profissionais envolvidos no processo editorial... para um público ampliado e sem restrição territorial. Acredito que a tendência a médio prazo é o crescimento da sua participação em volume de vendas e faturamento. Não conheço nenhuma editora brasileira que tenha vendido pelo site um volume superior a 10% diante das suas vendas em canais tradicionais. Talvez a medio prazo isso venha a ocorrer, pois é impressionando a velocidade com que as tecnologias se superam hoje em dia. Esta semana, por exemplo, pudemos ver as pesquisas que a empresa de tecnologia Amazon está empreendendo para desenhar em sua logística processo de entrega de compras com utilização de Drones... Nos Estados Unidos já estão sendo experimentadas estações de impressão de livros em pontos de vendas nada usuais. O leitor escolhe o título e em alguns minutos o equipamento imprime e entrega o livro ao leitor. É o admirável mundo novo... Não sabemos quando ele vai chegar no Brasil, e depois, em Mato Grosso. Mas, certamente, chegará.

Anexo 05 - Entrevista realizada em forma de questionário com a poeta Lucinda Nogueira Persona em 05/10/2013.

- 1) Como escritor, você sente um tratamento diferente por escrever para o público infanto-juvenil?

R=Não, nunca percebi tratamento diferente, em qualquer sentido, por escrever para esse público tão ávido, estimulante e cheio de entusiasmo que é o infanto-juvenil. Cabe ressaltar que conto apenas com dois títulos publicados na área, número que pode parecer insuficiente para gerar ou determinar alguma variável no processo.

- 2) Qual a maior dificuldade que você tem no processo de produção do texto literário?

R=Tomo como ponto de partida um momento inicial de minha educação básica. Portanto, já na escola, nas redações (como fazíamos redações!), percebi que a escrita é exigente, tantas eram as correções e recomendações em vermelho ao longo do texto. Não bastava manifestar as impressões das “férias na fazenda”. Era necessário que essa forma de comunicação fosse bem trabalhada e que as palavras se ligassem por elos harmoniosos e benéficos. Tive um professor que advertia: “texto muito enfeitado perde a beleza”. Pude verificar, amiúde, que escrever não era fácil, embora eu sentisse imensa alegria com isso. Era importante a dedicação, o esforço, para chegar a um bom resultado. É o que tenho feito. Essa questão (impossível não referir) transporta-me também à escritora Clarice Lispector, cuja energia se concentrava na busca da simplicidade, sentenciando: “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho”. O meu grande e exaustivo trabalho é alcançar a simplicidade. Uma simplicidade com arte e beleza.

- 3) Qual a importância da sua formação de leitor na produção de suas obras literárias?

R=Eu diria que foi de capital importância. Transitar pelo universo dos livros, inicialmente os contos infantis, a poesia, e depois, na adolescência, os romances, mostrou-me como fantasia e vida se misturam, contribuindo para o amadurecimento das ricas sensações que a leitura pode provocar. Não há dúvidas, a leitura tem sido imprescindível para refinar os sentidos e para ampliar o meu campo da expressividade.

- 4) As suas narrativas parecem espelhar uma recuperação de memórias de infância, até que ponto essa afirmação se sustenta?

R=Tal afirmação se sustenta até o ponto em que memória e criação sempre caminharam juntas. Através da vida, queiramos ou não, incorporamos coisas, somos impregnados por tudo que nos toca viver a todo o momento e o resultado é uma bagagem de intensa mobilidade na mente. Às vezes, a sacola esquecida no fundo do armário é resgatada pelo sonho. Em suma, a vida é um todo, a infância nunca termina, fica dentro de nós. É quase impossível que memórias da infância não falem alto num processo narrativo destinado às crianças. Por oportuno, menciono um instante do conto “Ele era de outro mundo”, quando o extraterrestre, contrariando as leis cósmicas e vitais, vem para a Terra e cai serenamente no meio de crianças brincando de roda, o que era muito comum em minha meninice, na década de cinquenta. A

recuperação daquela experiência na narrativa adulta não foi, no caso, proposital. Ela aflorou naturalmente do duplo elo: invenção e memória.

5) A partir de quando você começou a escrever com intenções literárias?

R=Dos primeiros textos até a publicação deles quanto tempo levou?

Comecei a escrever com intenções literárias, acho que a partir da maturidade, não exatamente cronológica, mas cognitiva. Num momento em que me senti mais esclarecida sobre o que era um texto literário, num momento em que percebi mais consistência em minha escrita, quando as palavras se alinhavam de modo harmonioso e até vivo. Duas participações em concurso literário contribuíram para que a denominada intenção literária fosse reforçada. A primeira, em 1988, com o Prêmio Autor Mato-grossense de Poesia, da Fundação Cultural de Mato Grosso. A segunda, em 1993, trouxe-me o Prêmio Literário da Fundação de Cultura e Turismo de Mato Grosso, com o primeiro lugar em crônicas na “Carta para Cuiabá”. Logo após, em 1995, fiz minha primeira publicação concreta com o livro de poesia “Por imenso gosto”.

6) Qual veículo de comunicação você considera ideal para propagação de obras literárias?

R=Aquele que tenha maior alcance de público e provoque maior efeito pela combinação de ingredientes estimulantes. E bem sabemos, na atualidade, ser a TV o veículo a encabeçar a lista.

7) Em tempos atuais, a criança é apresentada a novas linguagens que, a partir dos recursos multimídias, reverterem o objeto do livro. No uso desses recursos, que pontos positivos e negativos você destacaria?

R=Quanto aos pontos positivos, é possível destacar que os recursos multimídias são mais práticos, dinâmicos e produtivos; estão mais de acordo com a realidade dos novos tempos; fazem jus ao espírito infantil em termos de ludicidade; são mais instigantes, inovadores. Sobre os pontos negativos, concordo com o tão falado poder de influência desses recursos. Quando incorretamente usados podem gerar comportamentos inadequados como: isolamento, sedentarismo. Com quanta frequência podemos observar, hoje em dia, crianças e até adultos totalmente concentrados nesse ou naquele aparelho, absorvidos, alheios à vida ao redor.

8) Para você vale o ditado de que é fácil escrever, difícil é vender livros?

R=Não, ao pé da letra, não vale, pois escrever “é difícil, difícilíssimo” (usando um jargão de atual personagem telefolhetinesca). E quando escrevo, vou por um universo particular, desligada do futuro comercial da obra.

9) As suas obras *Ele era de outro mundo* (1997) e *A cidade sem sol* (2000) são uma das únicas dentre as obras da literatura infanto-juvenil em Mato Grosso em que não há a presença de elementos regionais. Trata-se de uma opção estética tão somente?

R=Sim, trata-se de uma preferência estética tão somente. Os dois contos aconteceram sem quaisquer planos ou intencionalidades. A paisagem e o cenário foram aqueles que mais se ajustaram aos enredos em questão. A propósito, tanto na poesia quanto na prosa, sempre agi para atender ao que o sonho e a arte exigem. Achei interessante essa observação sobre a

ausência de traços regionais em relação aos meus dois títulos infanto-juvenis quando cotejados com as obras de outros autores de Mato Grosso. Talvez seja válido referir que embora eu ocupe fisicamente um determinado *locus* geográfico, meus outros “eus” sempre foram muito livres, sempre se deixaram levar pelos múltiplos caminhos da existência. Assim, o mais distante (*finis terrae*) e o mais próximo (meu quintal centro-oeste), estão no mesmo patamar de afeto, sendo referências igualmente valiosas, úteis e significativas, passíveis de uso ou não no processo criativo.

- 10) Na produção de obras voltadas para o público infantil é importante o trabalho dos ilustradores. No seu caso, você escreve pensando nos traços, o ilustrador tem liberdade de criação ou vocês discutem a obra em conjunto?

R=Concordo muito com essa preocupação relativa às ilustrações para as obras infanto-juvenis. As imagens constituem instrumento particular de estímulo, principalmente se usadas em harmonia com o texto, possibilitando um espetáculo visual e uma experiência desdobrada da obra. No meu caso, ao escrever, não me preocupo com as figuras ou traços no futuro objeto livro, embora eu elabore dentro de um campo pictórico particular. Nos dois livros que escrevi, os ilustradores ficaram com a liberdade de criação e puderam executar seus traços de acordo com a sensibilidade que os movia.

- 11) Você tem conhecimento de estudos críticos produzidos na academia sobre sua obra? Poderia nos falar de algum deles?

R=Tomando a obra como um todo (pode ser?), principalmente em relação à poesia, existem sim alguns estudos realizados em universidades, por acadêmicos de graduação e pós-graduação: trabalhos de conclusão de curso, dissertações, tese. Há também um ou outro estudo empreendido por profissionais das Letras (professores, jornalistas, pesquisadores literários), trabalhos esses levados a congressos e/ou publicados em revistas de literatura. Como o foco aqui é a literatura infanto-juvenil, o que me chegou ao conhecimento traduz-se em trabalhos de conclusão de curso de graduação, bem como resenhas a respeito das duas obras. Não tive acesso a todo esse material, mas certamente é importante saber que alguém se dedicou a ler e a opinar sobre meu trabalho.

- 12) Tem conhecimento se suas obras foram adotadas em alguma escola ou mesmo estudadas em algum curso de Letras ou Pedagogia no Estado de Mato Grosso?

R=Não, não tenho conhecimento sobre adoção de minhas obras infanto-juvenis em escolas de Mato Grosso. Entretanto, vez por outra, professores dão-me notícias sobre leitura realizada em sala de aula, seja de “Ele era de outro mundo” ou de “A cidade sem sol”. Há (não sei precisar) alguns trabalhos de conclusão do curso de Letras sobre A cidade sem sol. Vale mencionar que esse livro foi adaptado para o Teatro (2009 e 2013) pela Cia Thereza João de Teatro – Cuiabá, MT, num projeto do SESC/MT, o que me deixou bastante grata pelo teor de vida, cores, agilidade e ressonâncias que o texto granjeou.

- 13) É possível um escritor ser divulgado fora de seu Estado publicando por uma editora regional?

R=Sim, é bastante possível tal divulgação, considerando que estamos na era digital e os dispositivos eletrônicos chegam aos mais distantes cotidianos. O fato de a editora ser regional não é elemento restritivo para difusão de uma obra.

- 14) Qual sua avaliação sobre o mercado editorial de livros infantis e infanto-juvenis nessa região e a entrada em outras regiões do país?

R=É frequente encontrarmos no noticiário, seja local ou nacional, sem falar do estrangeiro, que o público infanto-juvenil é uma fatia do mercado que não para de crescer. E livros infantis e infanto-juvenis são sempre acolhidos com entusiasmo em qualquer parte. Por aqui, Mato Grosso, a produção é cuidadosa, séria e da melhor qualidade. Entretanto, sobre o mercado editorial em nossa região ou sobre o fluxo de livros para outros Estados, não tenho dados concretos. Tenho apenas observado que esse mercado editorial local não parece muito promissor em termos de vendagem. Não há absorção considerável das obras, seja aqui ou fora. Há um conflito entre oferta e procura. A mercadoria (o livro) não é adquirida em grande escala e não há um mecanismo eficiente para colocar a obra no mercado nacional. Ao que tudo indica, pesa a questão financeira. Os autores, ora solicitam subvenção de órgãos governamentais, ora bancam a própria edição. Não há investimento total das editoras locais num projeto de edição. Essas editoras (excelentes, por sinal) não bancam os altos preços cobrados pelos distribuidores e divulgadores do país. E a máquina fica travada. Um impasse.

- 15) Será que o quadro da literatura produzida em Mato Grosso seria diferente se não houvesse um número significativo de produções publicadas através de leis de incentivo à cultura ou patrocínios governamentais?

R=Isso, realmente, eu não sei dizer. E não me aventuro nesse bom tema para discussão. Entretanto, de quebra, sabemos que qualquer fato, se submetido a outra condição, será por si diferente.

- 16) Como se poderiam encurtar os caminhos para que a produção literária desse Estado chegue às escolas em Mato Grosso? A implantação de um programa estadual de distribuição de livros seria o caminho mais viável?

R=Vejo essa mencionada implantação de um programa estadual de distribuição de livros como um caminho bastante viável.

Anexo 06 - Entrevista realizada em forma de questionário com o artista plástico, professor e ilustrador Marcelo Velasco em 10/01/2014.

- 1) Como começou o seu interesse por artes plásticas, design gráfico e ilustração?

R=Meu interesse surgiu como uma consequência natural da minha criação. Meu pai foi professor de desenho geométrico, e desenhava artisticamente, mas não profissionalmente. Ele com certeza, foi uma influência muito forte no desenvolvimento do meu interesse. Por volta dos 15 anos ele me incentivou a praticar o desenho e pintura, com a temática de patrimônio histórico, que por mais de 20 anos pratiquei, registrando as ruas e casarios de Cuiabá. Aos 18 anos fui fazer a graduação na UnB, em Licenciatura em Educação Artística, abrindo em muito a minha percepção na área artística. A ilustração veio naturalmente devido também pelo contato com escritores, editores e pessoas do meio literário.

- 2) O universo dos livros infantis é porta de entrada para muitos amantes da leitura, o começo de uma paixão que pode durar pelo resto da vida. Como você entende a relação livro infantil e ilustração para a formação de leitores?

R=Eu entendo principalmente pela minha experiência de leitor. Nasci em uma casa com muitos livros e discos. E tenho muito forte na lembrança o envolvimento que tive com as primeiras leituras. Por exemplo, a primeira vez que li o Sítio do Pica-pau Amarelo do Monteiro Lobato, devia ter por volta dos 8 ou 9 anos; foi na casa de uma tia, e o livro não tinha nem as primeiras nem as últimas páginas. Entretanto me envolvi tanto na leitura, que não fez muita falta. Era um livro com poucas ilustrações, o que possibilitava a criação das imagens na imaginação. Por isso, sempre que faço uma ilustração para o público infantil, procuro fazer com que a imagem, juntamente com o texto, seja apenas a porta, ou janela, que dá acesso a um mundo de imagens criadas pelo leitor. Essa relação, se for trabalhada nas primeiras leituras, pode contribuir para a formação de um leitor para toda a vida.

- 3) Pode nos dizer sobre a importância das ilustrações para as obras de literatura infantil? Acha que elas podem ser tão ou mais importantes que o próprio texto?

R=O mundo hoje é muito diferente do mundo que vivi quando criança. A visualidade da minha infância tinha uma grande relação com a natureza – característica da região; atualmente a visualidade é fortemente impregnada de tecnologia. Por isso, as vezes, penso que o texto tenha um grau de importância maior que as ilustrações, mas na maior parte do tempo dou a mesma importância para as ilustrações. O texto é um elemento fundamental na caracterização da identidade cultural de um povo, por meio do idioma. A ilustração é um texto de caráter universal.

- 4) Poderia falar sobre o seu processo de criação? As inspirações vêm todas do próprio texto ou há um trabalho de pesquisa?

R=O processo de criação varia de acordo com o texto e com o momento que estou vivendo. Normalmente busco no próprio texto a criação das imagens, e invariavelmente surge a necessidade de pesquisa. Por exemplo se o texto pede a imagem de um cavalo, vou pesquisar sobre as raças de cavalo e depois crio um cavalo que acho que combine com o texto.

- 5) Na feitura de um trabalho, como é a sua relação com o autor do livro que está sendo ilustrado? Você possui liberdade de criação ou discutem a obra em conjunto?

R=Gosto de conversar com o autor, se for possível. Procuro sempre respeitar o sentido que o autor quis dar para o texto. Nunca me senti tolhido na criação, e aprecio a tentativa de materializar o desejo do autor. As vezes após as conversas o autor altera um trecho do texto, mas apenas para obter um sentido mais apropriado com o que ele havia pensado.

- 6) Quais técnicas você utiliza? Segue um padrão?

R=Trabalho com várias técnicas, a escolha depende do resultado que é buscado na criação das ilustrações. Pode ser um simples desenho com grafita, bico de pena, com aquarela, lápis de cor, acrílica, etc. O único padrão que reconheço, diz respeito ao tipo de traço na execução de personagens, é o chamado estilo.

- 7) Quais são seus trabalhos favoritos voltados para o público infanto-juvenil?

R=Como já citei, o Sítio do Pica Pau Amarelo marcou muito a minha formação. Os contos clássicos também tenho como referência como os de Andersen e dos irmãos Grimm.

- 8) Quais ilustradores inspiram você ou despertam sua admiração?

R=Jean Girard ou Moebius, Herge, Milo Manara, e um que esteve morando aqui em Cuiabá o Wander Antunes. Todos ligados as Histórias em quadrinhos. Fui um leitor aficionado dos quadrinhos.

- 9) Marcelo Velasco e Ivens Scaff possuem uma longa parceria. Você ilustrou a maior parte das obras infanto-juvenis desse autor. O que nos diz sobre essa união artística?

R=Antes da relação de autor ilustrador, veio a amizade. Daí veio a proposta de ilustrar alguns de seus trabalhos. O Ivens é um autor que demonstra uma sensibilidade muito grande com o olhar infantil, e isso eu admiro. Ilustrei apenas duas de suas obras. Uma terceira, Menino Orfão, apenas participei nos cenários. Espero ainda poder ilustrar mais outras, mas a minha produtividade é baixa para o sistema de produção, isto é, quando surge uma proposta de ilustração os prazos são curtos para o meu ritmo de produção, o que inviabiliza alguns projetos.

- 10) Que material você utilizou para fazer as ilustrações da 2ª edição de *Uma maneira simples de voar*, de Ivens Scaff?

R=Na verdade a 2ª edição foi a 1ª a ser feita. Por uma questão de possibilidade, a 1ª impressão foi feita em preto e branco – uma versão em bico de pena. A versão colorida foi feita sobre papel, mas cada uma teve um tratamento diferenciado: ora aquarela, ora lápis de cor, acrílica, aerografia... misturava também as técnicas entre si. Foi uma grande experiência pessoal.

- 11) Marcelo Velasco é considerado pela crítica local um atento observador da cultura da região. O seu gosto pelo registro das minúcias da cidade de Cuiabá e baixada cuiabana, dos becos, dos casarões vem desde os primeiros livros?

R=O gosto pelo registro em si, sim, veio dos livros. Mas o interesse pela cidade surgiu, porque vi a cidade passar por transformações muito rápidas. Nasci próximo ao centro histórico, e a visão da destruição da paisagem urbana me incomodava e como desenvolvi habilidade no registro de imagens, procurei retratar imagens que caracterizassem a cidade sob o ponto de vista histórico. Foi uma construção da história da cidade, uma vez que poucos desempenharam esse papel, até então.

Anexo 07 - Entrevista gravada na forma de áudio e vídeo com o autor Ivens Cuiabano Scaff, em junho de 2013.

A transcrição feita por nós segue as orientações metodológicas de Marcuschi (1986). Ao todo são quatorze sinais considerados mais frequentes e úteis para realizar uma transcrição. A parte da entrevista registrada na tese dá-se a partir do momento que iniciamos as perguntas. O bate papo inicial com o autor não está transcrito nesse anexo.

Renata Rolon: Qual a maior dificuldade que você tem no processo de produção do texto literário? há dificuldade?

Ivens Scaff: há dificuldade sim... por que... na literatura infantil... bom eu não tenho formação acadêmica:: em... em... letras *né*... é... mas o que eu vejo assim é que pra criança tem que ser tudo muito claro... mas ao mesmo tempo não pode ser completamente direto... sabe... então um das preocupações que eu tenho é que o texto fique claro como se fosse um roteirozinho... sabe? e:: se você reparar eu *tô* sempre falando de coisas daqui, porque uma das coisas que me levou a... a escrever foi que praticamente não tem quem escreva ou... ou não tinha *né*? agora tem uma... uma série de... de pessoas interessantes... até... o último que eu li é *dum*... eu esqueci o nome dele... é um alemão que escreveu é mundinho:: *o quati*

Renata Rolon: *O quati* curioso...

Ivens Scaff: isso eu achei lindo aquele livro... de vez em quando aparece um... mas todos eu acho que não tem mais de oito anos que começou... essa coisa *né*... tem lá atrás Dunga Rodrigues *né*, com uma história pra criança e... que eu não me recordo o nome agora e::... é qualquer coisa... tinha qualquer coisa com sobrinhos em Pantanal

Renata Rolon: *Uma aventura em Mato Grosso*

Ivens Scaff : sim *Uma aventura em Mato Grosso* e o roteiro das lendas dela que eu acho que não é infanto-juvenil. Ela guardou num baú tudo que ouviu da... Ozélia que era contadora de histórias... eu acho que ali tá o nosso grande baú... *né*... é::... eu já me perdi um pouco... qual que é a dificuldade de quê é o...

Renata Rolon: isso...de construção desse processo de texto literário.

Ivens Scaff: pois é, então... eu... eu... começo a construir as coisas longe da caneta e longe do computador... *tá*... eu *tô* fazendo uma coisa me vem uma ideia na cabeça... sabe? é::... e::... às vezes o final é muito complicado... como que você vai fechar a história *né*? eu agora terminei uma história sobre uma menina que vai ao shopping com a mãe e se perde... na realidade ela é... diminuída de tamanho... e colocada numa maquete de... aquelas maquetes de imobiliária... por uma fadinha... que como toda fada não tem memória *né*... então ela diminui as crianças. Ela diminuiu porque quer brincar com as crianças... então uma menina se encontra lá com uma... a cidade das crianças perdidas praticamente *né*... claro que eu *tô* roubando isso de várias histórias... Peter Pan... Sininho *né*... ou... é... a história da Alice, pensando no tamanho... aquelas coisas... que eu acho que... não é à toa que foi usado pelos clássicos porque a criança fica doida com isso e eu não sabia fechar essa história aí levei bastante tempo pra fechar e. O fechamento saiu na hora que eu já tava escrevendo sem saber onde ia dar sabe? eu tenho um outro conto que eu quero falar sobre corrupção. É a história de algumas crianças no Pantanal que encontram um... uns ovos... um bicho... antediluviano uma coisa dessa... e faz um mapa... e aí ela rasga o mapa e cada uma fica com um pedacinho do mapa... e aí elas vão sendo compradas por um... parece que é um empresário de Miami que quer levar o bicho... para uma apresentação lá e tal. Por exemplo a menina que gosta de... da planta do Pantanal e tal é... ela ganha uma bolsa de estudos de biologia...

o:: menino que gosta de pescar ganha um barco aquelas coisas *né*? E então eu vou falando sobre... as pessoas sendo compradas... corrompidas e passarem a ter raiva do menino que é o personagem principal que... ele não se corrompe já que *tá* atrapalhando o resto... essa eu não sei como terminar ainda sabe... essa *tá* ali faz horas, então acho que a grande dificuldade que eu tenho é no... no... roteiro... é no enredo... e... é uma coisa que eu não sei se consegui ainda... eu acho que ainda não consegui... eu acho que minha história tem pouca ação... aí eu fico vendo filmes é esses filmes que fazem muito sucesso de férias que é endereçado *pra* criança... e a ação é o tempo inteiro... então eu tenho medo de estar longe dessa realidade das crianças... acho que aí é a maior dificuldade...

Renata Rolon: As suas narrativas parecem espelhar uma recuperação de memórias de infância. Até que ponto essa afirmação se sustenta?

Ivens Scaff: é... acontece que... eu tive uma infância... Cuiabá cresceu muito... mas eu ainda tive uma infância muito ligada ao rio... *né*... é::... eu morava no porto *né*... naquela rua::... que é::... agora *tá* toda::... mudada *né*... mas era uma rua que tinha muito comércio e onde chegavam os barcos... e:: a gente tinha uma infância muito solta... a gente ia... pro rio sozinho... a gente ia e pescava sozinho... a gente é... remava sozinho... não tinha essa coisa de... essa preocupação que tem hoje... e não tinha os horários tão fixos como hoje... então eu uso realmente muito dessa... dessa vivência... embora eu tenha falado que não tem... violência... vivia tendo porque::... a coisa que eu::... os pais davam mais medo nas crianças era que:: eles podiam ser roubados por... é::... borracheiros... borracheiros eram seringueiros... ((tossiu)) que subiam *pra*... *pra*... tirar borracha e vinham vender aqui e quando eles vinham... eles vinham com o dinheiro... e:: bebiam... então tudo que tinha de confusão no porto era borracheiro que fazia... hoje em dia eu vejo que havia... eu acho até uma preocupação... de assédio sexual... mas naquela época não... O que a gente escuta era que o borracheiro pegava a criança *pra* fazer escravo... ou cigano ia roubar *pra* fazer sabão sabe... eu ainda não usei essa de fazer sabão...

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: ((risos)) [mas eu acho uma boa...

Renata Rolon: A partir de quando você começou a escrever com intenções literárias? Com a ideia de publicar? dos primeiros textos até a publicação deles quanto tempo levou?

Ivens Scaff: pois é::... é:: eu sempre li muito... e ficava meio assim de não ter... a paisagem não ser nossa... de não ter história daqui... sabe... e eu ia meio que bolando é:: lia as histórias e:: ia criando a paisagem minha... então tem muita história de Andersen que eu li... que na minha cabeça se passa por aqui... sabe... ((tossiu)) eu quase que identificaria a::s paisagens de cada história *né*... ma::s eu nunca tinha pensado em escrever... eu sentia essa coisa... mas eu achava que escrever era *pra* quem sabe escrever *né*... aquela coisa... não é *pra* gente *né* aí... teve um evento no se... SESC... não... na época não tinha o SESC Arsenal, que eles faziam qualquer coisa infantil e precisavam de um pequeno roteiro sobre a lenda da era... lembro que ela falou “ôh... olha quatro páginas” falei *tá* legal... então eu fui escrever isso... não consegui terminar a tempo... porque a história foi crescendo... *né*... então o que é:: o livro *Uma maneira simples de voar*... que eu criei uma menina que gostava muito de perguntar... e um velho que representava... o saber... da beira do ri::o... aquela coisa... então eles são encantados um com o outro porque um pergunta e o outro responde e tal... que eu assustei... eu senti que:: *tava* faltando personagens... então como a menina era muito... emocional... ela... ela chega na... na... ela chega nesse lugar mágico que é a::... a chácara do... do... velho... do sítio do velho... ela chega porque... ela sente o cheiro da... da floração das mangueiras... ela é muito ligada à isso... e aí eu criei um menino que ele é muito... muito racional... ele descobre que ela... que ela... sumiu *tá*... ele descobre que ela trouxe manga *pra* ele numa época que não era de manga e:: aí ele vai... atrás do... do... olha eu *tô* meio confundido mas... ele faz todo um raciocínio... *pra* tentar descobrir onde que ela foi... sabe... agora eu não me lembro se... ela vai pelo cheiro da banana frita e ele...

Renata Rolon: pelo cheiro da banana...

Ivens Scaff : [da banana frita é... e ele descobre... por causa da... da floração da... das mangueiras... na época eu tava lendo Yung né e eu... tava lendo aquelas coisas de yang e (angnus) tal e usei aquela coisa... é... me perdi de novo... qual é pergunta que nós estamos?

Renata Rolon: quais as suas intenções literárias dessa construção toda... quando isso virou publicação? quanto tempo demorou... de quando você começou a escrever a realmente publicar?

Ivens Scaff: olha foi... uma situação muito esquisita... esse *Uma maneira simples de voar*... e::le::... entrou num concurso que teve aqui... né... e::... ganhou o concurso... e o concurso... era do estado... da secretaria de cultura... e o prêmio era publicação... só que nunca saiu... e eu enrolado com outras coisas né... é... deixei aquilo de lado porque *num* saiu nada né... aí passado muito tempo é... alguém da secretaria falou e me disse “oh eu li um texto seu que eu gostei...” aí eu falei “ah eu sei”... ele falou “ele *tá* jogado no lixo lá da secretaria” ((risos))

Renata Rolon: nossa... ((risos))

Ivens Scaff: e aí eu fui me dar conta que... naquela época não tinha computador que eu não tinha cópia... aí... essa pessoa que eu não consigo me lembrar quem é que:: me conseguiu a cópia... e aí a gente fez uma diagramação manual... eu... a Maria Tereza e o Marcelo... que fez as ilustrações... que o Marcelo... ele levou bem uns oito anos ilustrando isso... sabe... o Marcelo é um... dos artistas... plásticos... que desenha os casarões cuiabanos... ele é muito meticoloso com a... com a produção dele... e::... ele é lento nessa coisa de criar mesmo... é o estilo dele mesmo né... então tudo isso levou muito tempo... eu acho que levaram bem uns seis a oito anos... até é::... eu conseguir publicar... e aí consegui publicar pela lei de incentivo cultural... que foi... que o Marcelo transformou tudo em colorido em preto e... em bico de pena... pra poder ficar barato... né... só a capa colorida... e aí nós publicamos dessa maneira... isso foi republicado mais tarde pela editora Entrelinhas... com o material original... sabe...

Renata Rolon: eu tenho os dois ((risos))

Ivens Scaff: ((risos)) tem os dois?

Renata Rolon: tenho os dois... ((risos))

Ivens Scaff: guarda um pra mim... que eu não sei onde que *tá* o primeiro ((risos))... ah e eu queria fazer um... aproveitar esse gancho... eu comecei publicar pra criança através da lei de incentivo... e numa época em que eu era ligado aos quadrinistas... Vander Antunes... (Aclise) Matos... Chico de Matos... é::... Montanha que não *tá* mais aqui sabe... e... o Vander tem uma ideia muito... o Vander é um agitador cultural... hoje ele *tá* publicado até na Bélgica né... é... ele tem ideia que... tinha que ser uma coisa pra população... então a gente fazia uma coisa barata... para ser... ser distribuído no... na estação de ônibus e tal... chamava... estação leitura qualquer coisa assim... estação bicho... sei lá qualquer coisa assim... é:: e::... quando eu fui com a Maria Tereza... a Maria Tereza insistiu... na... na forma... na embalagem... na... na editoração... e eu estranhei muito sabe?... eu falei “Maria Tereza não precisa disso quem gosta de ler lê até jornal... lê qualquer coisa assim né... hoje em dia eu mudei de ideia... porque... a produção daquela época... *tá O papagaio besteirento e a velha cabulosa*... *Uma maneira simples de voar*... um que eu... comecei a escrever com o Vander e depois ele terminou sozinho que é *Isso é coisa de pirata*... teve um livro da Lucinda também nessa época... é::... eles praticamente sumiram... porque eles não tinham aparência suficiente *pras* pessoas guardarem... esquisito isso... mas hoje em dia eu concordo com a Maria Tereza que essa... esse produto final tem que ter um... um... tem que ter... é a questão da aparência mesmo da... da sociedade... e a Maria Tereza da editora Entrelinhas ela é muito boa nisso.

Renata Rolon: Ivens... vou aproveitar então que você fez esse comentário... e uma das questões que eu tenho é justamente da sua relação com o ilustrador da sua obra... porque:: eu vejo ali um

trabalho em conjunto e é isso que eu quero saber de você... então uma das questões é... na produção de obras voltadas para o público infantil é importante o trabalho dos ilustradores... no seu caso você escreve pensando nos traços... o ilustrador tem liberdade de ilustração ou vocês discutem a obra em conjunto?

Ivens Scaff: eu acompanho... *tá?*... mas o ilustrador tem total liberdade... por exemplo... *Uma maneira simples de voar* a menina perguntadeira... eu tinha imaginado uma menina muito muito pequena... sabe?... e na... e na hora que o Marcelo me apresentou::u a versão dele... ela já era maior... sabe... mas aí eu gostei porque o Marcelo botou alguns traços... da população cuiabana::... é:: mais antiga e botou uma boca grande *pra* simbolizar que ela era perguntadeira... então eu acho que eu nunca interfeiri... sabe assim de... eu acompanhei sim... por exemplo tem uma... uma ilustração de carros de boi... que:: nós descobrimos que não tem mais carro de boi... *né*... então eu e o Marcelo passamos qua::se dois meses andando em fim de semana até achar carro de boi... ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: *pra*... e botarmos uma... dois... é... filhos de amigos sentados pra dar aquela proporção e tal e ele fotografou... claro que *num*... ele é um artista... não foi uma cópia da foto *né*... mas foi a proporção... aquela coisa... a ideia da... da criança balançando uma perna e tudo lá... sabe... eu gostaria de ser um ilustrador... eu... desenhava quando era criança... mas desenho... você tem que desenhar todo dia... então eu vi que naquele... eu ia *tá*... sempre em último lugar naquela corrida... sabe... então eu... meio que abandonei essa história...

Renata Rolon: é... eu... eu tenho... olhado *pras* ilustrações da sua obra porque são muito cuidadas.

Ivens Scaff: são... é... é uma parceria acho cinquenta por cento e cinquenta por cento... *tá*... uma mamãe loba e uma mãe das cavernas... esse eu interpelei um pouquinho o... o Marcelo falei “Marcelo tá muito intelectualizado esse negócio... tá muito... a criança não vai sacar isso”... ele falou “Ivens eu sou professor de arte e educação”... *tá*... porque eu tava cismado com essa história de num ter nenhuma... uma figura completa... uma figura fácil... sabe... aparecia só a boca da... da loba ou só o olhar da mãe... e parece que *tá* funcionando... tem uma criança que na hora que ela chega da... da... da boca da loba ela pede pra fechar o livro... ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: [uma mãe me falou isso...

Renata Rolon: Ivens, em tempos atuais... a criança é apresentada a novas linguagens... *né*... que a partir de... de... dos recursos multimídia reverterem o objeto livro... no uso desses recursos multimídia... que pontos positivos e negativos você destacaria?

Ivens Scaff: olha eu tenho me feito muito essa pergunta e *num* sei responder... umas dessas coisas é::... a::... a mídia... o cinema por exemplo... ele é muito ágil e muito barulhento... nas produções pra criança... *né*... e eu fico com medo por exemplo que meu livro como eu já falei... ficar como aquela coisa antiga então eu tenho procurado ver... ver essa::... essas produções *né* que vem em cada verão e tal... e::... mas o que eu vejo é que eles não tem muita história não... parece que as histórias... se esgotaram e eu acho que aí que tá o papel... da gente que escreve... inventar histórias mesmo sabe... parece que... a coisa é meio repetida *né*... agora... outro dia eu assisti uma coisa maravilhosa eu *num* vou lembrar o nome... *dum* velhinho cuja casa sobe com um balão... ah muito maravilhoso...

Renata Rolon: *up* altas aventuras...

Ivens Scaff: altas aventuras... é muito lindo sabe... o:: velho... velho rabugento que se vê numa casa... é... levada por um balão junto com um menino... quer dizer um encontro completamente

inesperado... sabe?... é:: se bem que essa coisa do velho rabugento com a criança que acaba ensinando bem... mas eles conseguem fazer aquilo de uma maneira fantástica... e:: gostei da... da... da menina::... que::... acho que ela chama valente qualquer coisa...

Renata Rolon: *pra* você vale o ditado de que é fácil escrever... difícil é vender livros?

Ivens Scaff: olha não é... é... eu demoro muito *pra* fazer uma história como eu te falei... por causa dessa questão que eu quero contar uma história... que seja interessante... que tenha algum movimento eu ainda não consegui isso... é::... que tenha um fecho interessante... e às vezes eu passo muito tempo procurando essa história... essa::... todas essas características... agora... eu *tô* tentando escrever *pra* adulto por exemplo e eu *tô* com um personagem lá que é um nordestino... que... ele vem *pro*... *pra* São Paulo e não consegue voltar... porque::... e é não consegue voltar... vinte anos que ele não consegue voltar *né*... ele junta o dinheiro... e ele no meio do caminho... *num* ônibus ele mata dois rapazes... é uma notícia de jornal que eu peguei... e::... o::: quando eu *tô* triste... ou *tô*... estressado ou *tô* *pra* baixo eu não consigo escrever... porque o personagem vai me irritando sabe... ele é muito... ele é muito::... ele é muito triste... ele é muito... o lado escuro... quando eu *tô* alegre eu não quero saber daquele cara na minha frente sabe... um cara que:: eu já chamei de Severino... agora eu e::u preferi chamar ele de Dirceu... uma brincadeira com (Odiceu) o que tenta voltar *pra* terra e tal... e *num* tem nada que ver com o político *né*... ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: então ah::... *pra* adulto eu *tô* tendo essa dificuldade e::... a outra dificuldade de escrever *pra* adulto... é que aí eu fico comparando com o que eu já escrevi... já li... porque eu não tenho formação em letras *né*... agora *pra* criança... apesar de:: toda aquela coisa que eu te falei é muito mais prazeroso... é um jogo que eu vou armando... até guiando aí tem vez em quando que eu paro tal coisa assim assim *pra* não esquecer ...

Renata Rolon: é::... a sua obra *O menino:: órfão e o menino rei*... é uma das únicas em que não há a presença de elementos regionais... trata-se de uma opção estética tão somente?

Ivens Scaff: é... é... tem a ver com minha infância também... a::: gente passou a infância... no cinema lá no porto e:: cine sanduíche que tinha um seriado que na minha cabeça durou um ano... que era os cavaleiros da tábua redonda... então... as nossas brincadeiras todas... envolviam faroe::ste e tal... mas envolviam os cavaleiros da tábua redonda... então tem essa ligação... eu sou meio... meio fanático... eu tenho uns trinta e oito livros sobre o::... o círculo artuniano sabe... e:: então tem essa história... por essa ligação... mas tem elemento regional lá sim viu... hora que o:: o merlim... viaja... no tempo e no espaço e traz uma pitanga *pro* menino... *tá*... eu tenho umas brincadeiras ((risos)) assim... tinha uma história *duma*... *duma* onça também que... pulava da água pro barranco... que (dava) o símbolo da Inglaterra... mas isso eu acabei pirando sabe... ma::s tem a ver com... uma fantasia da minha infância que é a história dos cavaleiros da tábua redonda...

Renata Rolon: Qual sua avaliação sobre o mercado editorial de livros infantis juvenis... na nossa região... e a entrada desses livros...

Ivens Scaff: eu... eu quero voltar um pouquinho agora...

Renata Rolon: sim...

Ivens Scaff: [naquela pergunta que você falou... aqui... cadê...

Renata Rolon: pode olhar...

Ivens Scaff: é... acho que é isso... “para você vale o ditado de que é fácil escrever difícil é vender livros”...

Renata Rolon: é... vender livros...

Ivens Scaff: [pois é... como é... eu.. eu tô escrevendo um livro que eu ainda... há outra dificuldade pra que faixa etária eu tô escrevendo... é:: *Uma maneira simples de voar* eu não me preocupei muito com isso... tá... é::... *O menino órfão e o menino rei*... eu acho que eu já pensei na faixa que é doze anos... ah... *A mamãe loba e uma mãe das cavernas*... eu pensei em mães lerem pra crianças... *O papagaio besteirente e a velha cabulosa*... apesar de tá bem (modelado) pra criança eu não tinha ainda... é:: claro que eu tinha que pensar nisso...

Renata Rolon: uhnrrum...

Ivens Scaff: [mas o que eu queria falar é que eu tô escrevendo agora... uma história sobre um soldado ra::so na guerra de troia que é outra:: fixação... ((risos)) minha sabe... então é um soldado que ele não sabe nada que tá acontecendo... ninguém fala com ele.... e o sonho de::le é conhecer Aquiles... e que como um... eu quero brincar com essa coisa que não tinha fotografia... que *num* tinha nada... então ele sabia que existia Aquiles no meio do exército... só que ele não sabia é::... a cara do Aquiles *né*... é... nas.. nas batalhas ele sempre tenta escapar pra ficar perto... é como se fosse... eu fico olhando o Neymar... pra ver essa adoração pelo Neymar... se eu quero botar isso na história... então esse livro eu tô muito com dificuldade... em decidir... pra que idade que eu vou escrever... eu acho que eu vou escrever dois... sabe... vou escrever um assim como eu quero...

Renata Rolon: Você tem conhecimento se suas obras foram adotadas em alguma escola? ou estudadas em cursos de letras por exemplo?

Ivens Scaff: escola é:: por incrível que pareça... as escolas públicas e de periferia elas adotam mais... meu livro *tá*... é::... que é uma coisa meio pessoal das professoras mesmo sabe... então eu... eu... aí eles me telefonam... geralmente assim eles leram o livro... mas leram assim quatro livros pra classe toda... e aí eles fazem perguntas pra eu responder na hora... tá... é::... eu já fui lá no jardim industrial que é lá no final da... da... da avenida das torres... na escola do Bradesco ali perto de chapada... sabe... Campo Verde... uma escola pública... mas tudo assim antes são coisas... pessoais das professoras...

Renata Rolon: das professoras...

Ivens Scaff: [que gostaram *né*... a::... a::... a::... escolas mais de... de faixa econômica:: melhor... eles... primeiro que tem aquela história de... da editora moderna que chega lá... *né*... e tem todo um esquema bem montado... uma vez é... até contratamos um cara que era da moderna no tempo dos quadrinhos com o Vander Antunes e tal *pra* eles botarem os livros nossos lá... o cara foi chamado imediatamente pela editora moderna e mandaram ele parar tá... então... é o quê... assim escola de nível mais alto que fez alguma coisa com meus livros... foi o... uma escola que:: fez uma... uma peça sobre:: *Uma maneira simples de voar* que eu fui até ver... e o que que aconteceu... cada vez que ele tinha uma dificuldade de cenário... de roupa eles tiravam... a hora que eu cheguei lá...

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: [eu descobri que a história era do patinho feio ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: [porque eu olhei e falei meu Deus eu escrevi o patinho feio... não foi intencional não sabe... ((risos)) que era... é:: procurando a sua própria personalidade... *tá*... então é:: agora quanto à... à estudos... é... tem de em academia e tal... tem a Vanda Melo que é poeta... que o trabalhou de fim de curso dela... foi a... foi me comparando::... ela botou eu... é::... Silvia Freire e Manoel de Barros... foi um trabalho de fim de curso... eu fui assistir... ainda foi uma coisa meio desagradável... que o chefe da banca falou assim “mas Ivens é um autor famoso porque ele é um médico famoso ou ele é um autor famoso porque ele é um médico famoso?” ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: ((risos)) eu até brinquei na hora... eu falei vou passar uma faca aqui no meio *pra* ver como que fica isso... sabe... é::... tem a... uma moça::... você vai achar o nome dela aí Lo::: Losanas se não me engano... que:: é também é::... fez um trabalho... e:: um trabalho que... é:: compara o meu personagem menina perguntadeira com o personagem no livro infantil do Manoel de Barros... fora isso eu não conheço... mais nada não...

Renata Rolon: será que o quadro da literatura infantil produzida em Mato Grosso seria diferente se não houvesse um número significativos de produções publicadas através das leis de incentivo à cultura?

Ivens Scaff: eu acho que no momento é o único caminho... sabe... é::... a lei de incentivo à cultura teve dois momentos... um momento quem que a gente ganhava o... o direito àquela a verba e saía atrás do patrocínio... então a gente fazia dois papéis... e eu conheço muita gente não só em literatura que:: *num* chegou lá na captação... aí tem esse outro momento que o dinheiro já vem... pronto *né*... é::... quanto à literatura... eu não sei quanto às outras áreas não é... quanto à literatura... não há uma assim... um direcionamento da lei... talvez porque tenha pouca produção... chegou passa.. sabe... então eu não sei te responder se seria muito diferente...

Renata Rolon: uhnrrum...

Ivens Scaff: [o que eu acho que deveria ter é um concurso de literatura infanto-juvenil... *tá*... então uma pessoa que seria o proponente... proporia um concurso... o dinheiro viria para... pagar a comissão julgadora... para é... imprimir o livro e para distribuição... aí eu acho que esse seria o melhor... o melhor dos mundos... sabe.. é:: eu tive um livro pela lei de incentivo... a Maria Tereza... bancou sozinha assim *Uma maneira simples* de voar porque eu acho que trazia um pouco da história dela... ela que... fez a primeira diagramação na caneta... nós somos amigos a muitos anos... e... o último... esse do rei Arthur eles... só me deram trinta e três por cento da verba... eu botei até aí atrás...((risos))

Renata Rolon: aham ((risos))

Ivens Scaff: é... e o... e:: o meu livro de poesia também foi a Maria Tereza que bancou sozinha... graças à Deus ele já *tá* se pagando... é porque eu fico meio constrangido claro com isso... e o pior é o seguinte... teve alguém que:: falou ou botou no jornal sei lá o quê... que meu livro *tava* muito bonito esse de... de poesias e tal que eu fiz com o Jonas Barros... ilustrador também... é:: que essa pequena dúvida se ele ilustrou minhas poesias ou eu fiz as poesias em cima das ilustrações dele... eu acho essa coisa muito bacana... *tá*... e::... alguém falou ah *tá* muito bonito e tal pena que só um médico rico ((risos)) possa fazer isso porque ele próprio se banca... primeiro que eu não sou médico rico... eu sou médico do SUS... ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Ivens Scaff: ((risos)) e segundo que eu não banquei sabe... mas também... eu acho que a saída... eu acho que poderia ser cada escola... fazer seu próprio concurso... é esse formato que eu falei... eu acho que esse seria um formato muito bom... sabe... ilustrações... das próprias crianças ou em alguns casos pra valorizar o texto... pegar um ilustrador profissional pra ter esse efeito que tem nas linhas... dos meus livros...

Renata Rolon: que é muito positivo *né*...

Ivens Scaff: é excelente... eu adoro sabe... eu adoro ver figuras sabe... eu sou tempo que a gente ganhava santinho... na missa... a gente fazia coleção de santinho na... porque eram bonitas as imagens do céu com aquela... aquela luz passando e tal... adoro fazer coleção... ((risos))

Renata Rolon: ((risos))

Renata Rolon: Ivens foi maravilhoso...

Ivens Scaff: ah que bom...

Renata Rolon: muito obrigada... mas eu tenho uma questão... posso?

Ivens Scaff: pode...

Renata Rolon: só pra encerrar... eu não tinha colocado aí... é:: você tem algum conhecimento... você como leitor... você já disse o quanto lê e tal... do teatro produzido pelos salesianos aqui em Mato Grosso? você teve contato de alguma forma com esse teatro?

Ivens Scaff: eu vi uma peça... uma pe::ça... que era... quem era o grande incentivador nessa época era o padre Raimundo Pombo... que é um padre de Corumbá... ele saiu pra poder concorrer ao governo do estado... que ele era um cara muito inteligente que:: se metia num bom sentido em todas as coisas da... da sociedade... na época que eu tava no ginásio... sei pouca coisa.

Renata Rolon: [você como habitante de Cuiabá... o quê que você viu disso?

Ivens Scaff: porque isso acabou logo que eu entrei na... no colégio... sabe... então é:: *vamo* falar... eu sai em sessenta e... sessenta e seis... sessenta e cinco... sessenta e quatro... sessenta e um *pra* sessenta e dois que eu entrei no... no colégio dos padres... não tive contato mesmo.

Renata Rolon: Obrigada, foi bom demais...

Ivens Scaff: *tá* joia...

Anexo 08: autores e obras catalogados no decorrer da pesquisa – 1984 a 2012

POESIA		
Autor	Título	Ano
Maria do Carmo Alves de Souza	<i>Covardia</i>	1995

	<i>O rio</i>	1995
Altair da Silva Moraes	<i>Brincar de ver em versos</i>	2004
Rosana Caldas	<i>Arco-Íris</i>	2010

PROSA		
Autor	Título	Ano
Maria Benedita Deschamps Rodrigues	<i>Uma aventura em Mato Grosso</i>	1984
Maria das Graças Campo	<i>As meninas e o sabiá</i>	1987
Fernando Antonio de Almeida	<i>O dia em que o caçador virou caça</i>	1989
Aclyse de Mattos	<i>Natal Tropical</i>	1990
Antônio de Pádua e Silva	<i>Guerra no Pantanal</i>	1991
	<i>Selva e chuva</i>	1992
	<i>Na terra da confusão</i>	1993
	<i>O gato que amava Girl</i>	1994
Flávio Ferreira	<i>Histórias da Vovó do Coxipó I</i>	1993
	<i>Histórias da Vovó do Coxipó II</i>	1998
Maria do Carmo Alves de Souza	<i>O emigrante</i>	1994
	<i>Amarelinhos</i>	2003
	<i>Uma chance para Margarida</i>	2003
	<i>Rio de sonhos</i>	2003
	<i>A árvore e a cidade</i>	2003
	<i>João Ninguém</i>	2005
Ivens Cuiabano Sacaff	<i>Mamãe, sonhei que era um menino de rua</i>	2005
	<i>A fábula do quase frito</i>	1996
	<i>Uma maneira simples de voar</i>	1997
	<i>O papagaio besteirente e a velha cabulosa</i>	1997 - 1ª ed. 1999

	<i>O menino órfão e o menino rei</i>	2008
	<i>A mamãe das cavernas e a mamãe loba</i>	2012
Wander Antunes	<i>Isso é coisa de pirata</i>	1996
Lucinda Nogueira Persona	<i>Ele era de outro mundo</i>	1997
	<i>A cidade sem sol</i>	2000
Antônio Soares Gomes	<i>Crescendo com as letras</i>	1999
Elizete Nunes	<i>Clarinha, a nuvenzinha sapeca</i>	2000
	<i>Pintou sujeira</i>	2001
	<i>Vovó NanCaa nana nina</i>	2003
Marlon Carvalho de Souza Rocha	<i>Gota d'água</i>	2000
	<i>Pantamons</i>	
	<i>A invasão dos Maya Jyns</i>	
Maria Auxiliadora de Paula Macieski	<i>Os Alegrinhos</i>	2000
	<i>O Grilo Poeta</i>	2002
	<i>A borboleta urbana</i>	2005
Zélia dos Santos Diniz	<i>O gato Mingau</i>	2002
Mirian Botelho dos Santos	<i>O aprendiz</i>	2002
Heliara Costa e Wander Antunes	<i>Candimba</i>	2002
Adelina Pontes Siqueira	<i>Linguiça</i>	2002
Richard Mason	<i>Coleção Mundinho</i>	2006
Sebastiana Moreira de Souza Alves	<i>O galo que pingava ouro</i>	2003
Rubens Gimenez Rodrigues Filho	<i>O peixinho sabido e a cadeia alimentar</i>	2004
Maria de Lourdes F. Bastos da Silva e Ramos	<i>A gata Bana visita o pantanal</i>	2005
Carlos Gabriel Zucher	<i>O menino que queria ser cientista</i>	2006

Olga Carvalho de Souza e Laís Maria da Cunha Fagundes	<i>Tonho da Onça</i>	2006
Cidinha Carvalho	<i>Anedotas que papai contou</i>	2006
Neuza Baptista Pinto	<i>Cabelo ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar</i>	2006
Dolores Cruz Roselli	<i>Cidadão, o cachorro feliz</i>	2006
Paulo Wagner	<i>As andorinhas</i>	2006
Gabriel de Matos	<i>Cuiabá: duas novelas</i>	2006
Marli Batista dos Reis Santos	<i>As aventuras de Zumbelha</i>	2007
Paulo Cesar Prince Ribeiro	<i>Uma inesquecível viagem – vivenciando o turismo rural</i>	2007
Scheila Couto	<i>As aventuras do robô Tagarela</i>	2008
Danuza Soares Lenzi	<i>Dona Treleleca e seu trelelequinho</i>	2008
Daniela Freire	<i>Burginho, que menino é esse</i>	2008
Durval de França e Cristina Campos	<i>Conferência no cerrado</i>	2008
Generino Oliveira Rocha	<i>Menina Pantanal</i>	2008
Joci Rosa	<i>O menino que flutuava</i>	2010
	<i>Para Caterina</i>	2009
Robson Rocha	<i>A árvore que chorou</i>	2010 - 3ª ed.
	<i>Agadoisó</i>	2010 - 2ª ed.
	<i>Os Katraias</i>	2009
	<i>Escola: é proibido pensar</i>	2009
	<i>A última surra</i>	2009
Luciano Dias de Lacerda	<i>O homem que sujou o céu</i>	2012